

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

AS CONSTRUÇÕES [VAI QUE] E [SUPONDO QUE] DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO: UMA ANÁLISE COGNITIVA-FUNCIONAL BASEADA NO USO

LEYLA ELY

Rio de Janeiro

2025

AS CONSTRUÇÕES [VAI QUE] E [SUPONDO QUE] DO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
UMA ANÁLISE COGNITIVA-FUNCIONAL BASEADA NO USO

POR
LEYLA ELY

Defesa da tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Maria Maura da Conceição Cezario.
Coorientador: Augusto Soares da Silva.

Rio de Janeiro
2025

CIP - Catalogação na Publicação

E52c Ely, Leyla
 As construções [vai que] e [supondo que] do
 português brasileiro: uma análise cognitiva
 funcional baseada no uso / Leyla Ely. -- Rio de
 Janeiro, 2025.
 173 f.

 Orientador: Maria Maura da Conceição Cezario.
 Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
 de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós
 Graduação em Linguística, 2025.

 1. Vai que . 2. Supondo que. 3. Construções. 4.
 Funcional-cognitiva. 5. Gramática de Construções
 Baseada no Uso. I. da Conceição Cezario, Maria
 Maura, orient. II. Título.

Leyla Ely

AS CONSTRUÇÕES [VAI QUE] E [SUPONDO QUE] DO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
UMA ANÁLISE COGNITIVA-FUNCIONAL BASEADA NO USO

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como
requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Aprovada em:

Presidente: Profa. Dra. Maria Maura da Conceição Cezario – UFRJ (Orientadora)

Prof. Dr. Diego Leite de Oliveira – UFRJ

Profa. Dra. Karen Sampaio Braga Alonso – UFRJ

Profa. Dra. Claudia Andrea Rost Snichelotto - UFFS

Prof. Dr. Gilberto Lourenço Gomes - UENF

Profa. Dra. Violeta Virginia Rodrigues – UFRJ (suplente interna)

Profa. Dra. Sanderleia Roberta Longhin – UNESP (suplente externa)

Rio de Janeiro
Outubro de 2025

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer à minha orientadora, Maria Maura Cezario, que, desde a primeira reunião via Meet, me acolheu e mostrou a grandeza de seu coração. Maura, além de suas qualidades profissionais, é alguém que inspira, incentiva e faz acontecer pelos seus. Muito amor e gratidão por ter sido sua orientanda nesses cinco anos de doutorado. Obrigada por tudo.

Também quero agradecer às minhas antigas orientadoras, Alessandra Bez e Cláudia Rost Snichelotto, que despertaram em mim o amor pela escrita acadêmica e pela análise linguística, além de darem bases sólidas para eu estar aqui hoje.

Agradeço ao professor Augusto, que me acolheu durante a estadia em Portugal. O amor pelo seu país e pelo nosso fez-me sentir em casa em terras portuguesas, onde pudemos apreciar um bom peixe e um bom vinho. Sou grata, também, pelas inúmeras horas de reuniões que tivemos para a discussão teórica e analítica do fenômeno. Lembro-me até hoje da minha empolgação após a primeira reunião: foram mais de quatro horas inteiras discutindo e pesquisando. Ali tive certeza do quanto seria — e foi — produtivo meu sanduíche.

Ao Rio e à Portugal, por tudo e tanto que me proporcionaram.

Agradeço, em especial, aos meus queridos alunos de IC, que se tornaram meus amigos: Manoela (Manuzita) e Juan de Paula (Juanito), que trabalharam comigo nesses anos todos e não mediram esforços para descrevermos e descobrirmos as tantas facetas de “vai que” e “supondo que”. Foram muitas reuniões, textos discutidos, mensagens trocadas, monografia escrita (o tanto de orgulho que tenho delas e dos autores), sempre com tanta dedicação, carinho e humor. Vocês brilham! Espero, meus queridos, que possamos trabalhar muito juntos ainda nesta vida. Vai que dá certo, né!?

Não posso deixar de agradecer ao meu querido amigo Fred, que, desde a entrevista para o doutorado, se aproximou e ficou. Vivemos conquistas, batalhas, lutos, terapias, risos e choros juntos. Obrigada por ser minha escuta todas as vezes que precisei. Levo-te para a vida.

Aos meus outros amigos feitos por conta do doutorado, que são verdadeiros presentes: Gabi, Marcos, Talita, Raissa, Cris, Ítalo, Moíra e Brendha. Sem vocês, com certeza, a trajetória teria sido muito mais árdua. Obrigada por cada risada, com ou sem cerveja, e por cada palavra de incentivo. Todo meu amor por vocês.

Aos meus amigos que conheci em Portugal. Quando estamos em terras estrangeiras, tudo se intensifica, inclusive os vínculos que se criam. Vocês se tornaram uma verdadeira família.

Dandy, Luly, Fefo, Bruna, Marina, Amanda, Tiago e Cris, obrigada por tanto: todas as noites de jogos, todos os finos tomados e pregos lanchados. Levo vocês comigo sempre!

Também aos amigos de longa data, àqueles que estão presentes muito antes do doutorado. Em especial, àqueles cujo laço foi feito e fortalecido por conta do estudo, seja no ensino médio ou na graduação: Tinho, Jio, Geh, Talita (amada) e Aghata. Vocês sabem que são luz em minha vida.

À Nicolý e ao Ronney, que foram e são minha família, meus irmãos, que me cuidam e apoiam desde a minha chegada. Obrigada, amo vocês!

Agradeço, ainda, à minha grata surpresa: Felipe, aliás, Doutor Felipe. Nós nos encontramos durante o sanduíche, compartilhamos angústias, alegrias, casa, Somersby, tentativa de churrasco brasileiro e tantas outras histórias. Agradeço por ter sido uma de minhas fortalezas em Portugal e, principalmente, por ser meu presente de vida.

Agradeço à minha família: ao meu pai, que sempre nos incentivou a estudar e a continuar trilhando esse caminho; à minha mãe, por ser a fortaleza de nossa família; e à minha irmã, por ser meu exemplo e estar sempre comigo, incentivando e apoiando, independentemente das circunstâncias.

Por fim, agradeço a mim mesma, por não ter desistido, por mais difícil que tenha sido. Nesses cinco anos, passei por algumas dificuldades, entre elas: pandemia, término, distância de casa, luto, transição da academia para o mercado de trabalho, falta de estabilidade financeira, entre outras. Apesar disso, foram cinco anos de muita saúde, aprendizado, desafios, amizades e conquistas. Tenho muito orgulho de quem sou hoje e da trajetória que trilhei. Obrigada.

Deixo registrado, ainda, meu agradecimento à minha tia e segunda mãe, Noélia, que sempre nos inspirou e cuidou, e que, durante o segundo ano de doutorado, tive de acompanhar em sua partida. Sinto muito pela minha perda, mas agradeço imensamente por ter tido 27 anos de minha vida ao seu lado. Por ela e com ela, agradeço a todas as mulheres que estão e passaram pela minha vida. Nós somos guerreiras, aguerridas, vencedoras!

RESUMO

Esta tese teve como objetivo a investigação das construções *vai que* e *supondo que* no português brasileiro contemporâneo escrito a partir de uma perspectiva cognitivo-funcional e construcional da língua, ancorada sobretudo na Gramática de Construções Baseada no Uso. Embora compartilhem o domínio da condicionalidade e epistemicidade, tratam-se de construções distintas, empregadas para sentidos e objetivos comunicativos específicos. Defendemos que elas exibem comportamentos multifuncionais e especificidades discursivo-pragmáticas que emergem do uso real da língua, variando inclusive conforme o suporte em que são empregadas. Para tanto, a análise mobiliza pressupostos teóricos que consideram os processos cognitivos e sociais como centrais e interdependentes, valendo-se de conceitos como criatividade, mescla conceitual, rede construcional, modalidade e intersubjetividade. Realizou-se uma investigação quali-quantitativa com vistas a descrever tanto a natureza do uso das construções quanto seus padrões construcionais. Os resultados demonstram que, embora possam compartilhar traços e a abertura de um espaço mental alternativo hipotético, *vai que* e *supondo que* diferem em aspectos sintáticos — como a integração de orações — e, sobretudo, nos papéis pragmático-discursivos que desempenham: *vai que* pode ser usado intersubjetivamente para precaução, alerta, ironia, suposição, justificação e contraste, enquanto *supondo que* assume usos mais neutros, sem aproximação direta do locutor-escritor com a proposição, funcionando como condicional lógico ou de suposição. Além disso, verificou-se que as construções apresentam diferentes propósitos comunicativos e ocupam posições distintas na rede construcional do português brasileiro, mas que, horizontalmente, estão relacionadas. Assim, a pesquisa contribui para uma compreensão mais abrangente dos mecanismos cognitivos e semântico-pragmáticos envolvidos no uso e na manipulação das construções, organizando-as na rede construcional e evidenciando que uma análise integrada permite lançar novas luzes sobre o funcionamento do português brasileiro contemporâneo.

Palavras-chave: Cognição. Gramática de construções baseada no uso. Vai que. Supondo que.

ABSTRACT

This thesis aims to describe and analyze the constructions *vai que* and *supondo que* in Brazilian Portuguese from a Usage-Based perspective, grounded primarily in Usage-Based Construction Grammar. Although they share, at their core, the semantic domain of conditionality, they are distinct constructions, employed for specific communicative purposes and meanings. We argue that they display multifunctional behaviors and discourse-pragmatic specificities that emerge from the actual use of the language, varying even according to the medium in which they occur. To this end, the analysis draws on theoretical assumptions that view cognitive and social processes as central and interdependent, relying on concepts such as creativity, blending, constructional network, modality, and intersubjectivity. A qualitative-quantitative investigation was carried out with the aim of describing both the nature of the constructions' usage and their constructional patterns. The results demonstrate that, although they may share features and the opening of a hypothetical counterfactual mental space, *vai que* and *supondo que* differ in syntactic aspects—such as clause integration—and, above all, in the discourse-pragmatic roles they fulfill: *vai que* may be used intersubjectively for precaution, warning, irony, supposition, justification, and contrast, whereas *supondo que* tends to assume more neutral uses, without direct alignment of the speaker with the proposition, functioning as a logical or hypothetical conditional. Furthermore, it was found that the constructions present different communicative purposes and occupy distinct positions and relations within the constructional network of Brazilian Portuguese. Thus, this research contributes to a broader understanding of the cognitive and semantic-pragmatic mechanisms involved in the use and manipulation of constructions, situating them within the language network and showing that an integrated analysis can shed new light on the functioning of contemporary Portuguese.

Keywords: Cognition. Usage-Based Construction Grammar. *Vai que*. *Supondo que*.

RESUMEN

Esta tesis tuvo como objetivo describir y analizar las construcciones *vai que* y *supondo que* en el portugués brasileño desde una perspectiva cognitivo-funcional, anclada principalmente en la Gramática de Construcciones Basada en el Uso. Aunque comparten, en su base, el dominio de la condicionalidad, se trata de construcciones distintas, empleadas con sentidos y objetivos comunicativos específicos. Defendemos que exhiben comportamientos multifuncionales y especificidades discursivo-pragmáticas que emergen del uso real de la lengua, variando incluso según el soporte en el que se empleen. Para ello, el análisis moviliza supuestos teóricos que consideran los procesos cognitivos y sociales como centrales e interdependientes, recurriendo a conceptos como creatividad, *blending*, red construccional, modalidad e intersubjetividad. Se realizó una investigación cuali-cuantitativa con el propósito de describir tanto la naturaleza del uso de las construcciones como sus patrones construccionales. Los resultados muestran que, aunque puedan compartir rasgos y la apertura de un espacio mental contrafactual hipotético, *vai que* y *supondo que* difieren en aspectos sintácticos —como la integración de oraciones— y, sobre todo, en los papeles pragmático-discursivos que desempeñan: *vai que* puede usarse intersubjetivamente para precaución, alerta, ironía, suposición, justificación y contraste, mientras que *supondo que* asume usos más neutros, sin una aproximación directa del hablante a la proposición, funcionando como condicional lógico o de suposición. Además, se verificó que las construcciones presentan diferentes propósitos comunicativos y ocupan posiciones y relaciones distintas en la red construccional del portugués brasileño. Así, la investigación contribuye a una comprensión más amplia de los mecanismos cognitivos y semántico-pragmáticos implicados en el uso y en la manipulación de las construcciones, organizándolas en la red de la lengua y evidenciando que un análisis integrado permite arrojar nueva luz sobre el funcionamiento del portugués contemporáneo.

Palabras clave: Cognición. Gramática de Construcciones Basada en el Uso. *Vai que*. *Supondo que*.

LISTA DE FIGURA

Figura 1 – Modelo de criatividade dos 5As	41
Figura 2 – Blending conceitual	44
Figura 3 – Esquema mobília	49
Figura 4 – Construção	51
Figura 5 – Rede esquemática da construção <i>até onde (eu) + VP</i>	57
Figura 6 – Rede de construções	58
Figura 7 – Blending <i>vai que</i>	95
Figura 8 – Significados emergentes de <i>vai que</i>	101
Figura 9 – Esquema construcional de <i>vai que</i>	102
Figura 10 – <i>Blending</i> conceitual para <i>supondo que</i>	108
Figura 11 – Representação do sentido de <i>supondo que</i>	109
Figura 12 – Rede construcional de <i>supondo que</i>	110
Figura 13 – <i>Vai que</i> e suas relações	115
Figura 14 – Relações de <i>supondo que</i>	116

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Integração de orações	118
Gráfico 2 – Tipo frasal nas construções <i>vai que</i> e <i>supondo que</i>	121
Gráfico 3 – Resultados da posição frasal de <i>vai que</i> e <i>supondo que</i>	123
Gráfico 4 – Corpora e posição frasal	124
Gráfico 5 – Marcação de negação da construção [<i>vai que X</i>]	127
Gráfico 6 – Marcação de negação C2	128
Gráfico 7 – Marcação de negação da construção <i>supondo que</i>	129
Gráfico 8 – Marcação de negação C2 para <i>supondo que</i>	129
Gráfico 9 – Modo das orações em [<i>vai que X</i>] e [<i>supondo que X</i>]	131
Gráfico 10 – Conteúdo informacional de <i>vai que</i>	133
Gráfico 11 – Conteúdo informacional de <i>supondo que</i>	134
Gráfico 12 – Papéis discursivo-pragmáticos de <i>vai que</i>	139
Gráfico 13 – Papéis discursivo-pragmáticos conforme corpora	140
Gráfico 14 – Papéis pragmático-discursivos de [<i>supondo que X</i>]	142
Gráfico 15 – Postura epistêmica de [<i>vai que X</i>]	142
Gráfico 16 – Postura epistêmica de [<i>supondo que X</i>]	143
Gráfico 17 – Avaliação do escritor-locutor sobre o contexto anterior de [<i>vai que X</i>]	144
Gráfico 18 – Avaliação do escritor-locutor sobre o contexto anterior de [<i>supondo que X</i>] ..	145

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Continuum de dependência e encaixamento	33
Quadro 2 – Papéis discursivos de <i>vai que</i>	99
Quadro 3 – Vai que e <i>In case</i>	101
Quadro 4 – Papéis discursivos de <i>supondo que</i>	111
Quadro 5 – Diferenças entre <i>Vai que</i> e <i>Supondo que</i>	115
Quadro 6 – [<i>vai que X</i>] e [<i>supondo que X</i>]	153

Sumário

INTRODUÇÃO	14
2. ESTADO DA ARTE	19
2.1 Domínio condicional	21
2.2 Construções condicionais	26
2.3 Vai que.....	28
2.4 Supondo que	31
2.5 Integração de orações	34
2.6 Considerações ao capítulo – Avanço científico.....	38
3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	40
3.1 Herança Biológica e Cultural: particularidades humanas.....	40
3.2 Explorando conceitos sobre a capacidade (linguística) criativa humana: o que se sabe sobre criatividade humana?	42
3.3 Mesclagem Conceitual	45
3.4 O uso da linguagem segundo os modelos cognitivistas baseados no uso	48
3.5 Gramática de Construções Baseada no Uso	54
3.5.1 Rede construcional e suas relações.....	59
3.5.2 Construcionalização e mudança construcional.....	64
2.5.3 Estrutura da informação/conteúdo informacional	66
3.5.4 Inter(subjetividade).....	70
3.5.5 Modalidade	72
3.5.6 Postura epistêmica – uma releitura	76
3.6 Considerações ao capítulo.	81
4. METODOLOGIA.....	84
4.1 Fatores de Análise	86
4.1.1 Tipo de Corpus	86
4.1.2 Posição frásica	87

4.1.3 Tipo de frase	87
4.1.4 Integração de oração	87
4.1.5 Marcadores de negação	88
4.1.6 Modo.....	88
4.1.7 Conteúdo informacional (informação dada vs. nova)	89
4.1.8 Papel pragmático-discursivo.....	90
4.1.9 Postura epistêmica	90
4.1.10 Avaliação do falante sobre o contexto.....	91
5. ANÁLISE E RESULTADOS.....	92
5.1 Análise qualitativa de <i>vai que</i> e <i>supondo que</i>	92
5.1.1 Vai que.....	92
5.1.2 Supondo que	110
5.1.3 <i>Vai que</i> e <i>Supondo que</i>	119
5.2 Análise quantitativa	124
5.2.1 Integração de oração	125
5.2.2 Tipo de frase	127
5.2.3 Posição frásica	130
5.2.4 Marcação de negação.....	134
5.2.5 Modo.....	139
5.2.6 Conteúdo informacional	140
5.2.7 Papel pragmático-discursivo.....	143
5.2.8 Postura Epistêmica	150
5.2.9 Avaliação do falante sobre o evento anterior	154
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	158
Referências	163

INTRODUÇÃO

Esta tese visa a investigação das construções *vai que* e *supondo que* em uma amostra sincrônica do português brasileiro escrito (PB), com foco nos aspectos formais e funcionais emergentes de seus usos, à luz da perspectiva cognitivo-funcional e construcional da língua, com foco na Gramática de Construções Baseada no Uso (doravante GCBU).

Um dos propósitos da GCBU, talvez o mais significativo, é o reconhecimento de padrões que preencham o conhecimento linguístico do indivíduo. Esses padrões são armazenados na mente dos falantes (Diessel, 2019), e produzidos a partir de construções, que possuem relações com outras, como no âmbito formal, semântico, sequencial etc. No caso desta tese, propomo-nos descrever os padrões de uso de *vai que* e *supondo que*, estabelecidos a partir dos parâmetros de condicionalidade e outros acrescentados às especificidades de cada construção. Essas construções serão tratadas aqui de *[vai que X]* e *[supondo que X]*¹, em que *X* é uma oração.

Vai que e *supondo que* são compreendidos na literatura de forma estrita como conectores condicionais e/ou marcadores de modalidade (Longhin-Thomazi, 2010; Neves, 2011; Andrade, 2012; Oliveira 2019; Rech e Ferreira, 2024), sem aprofundamento sobre a natureza própria do fenômeno ou em suas interseções com outros significados relacionados (Sweetser e Dancyngier, 2005), o que faz com que a classificação existente na literatura simplifique demasiadamente os comportamentos e as funções discursivas das construções.

Considere, por exemplo, as seguintes ocorrências:

- (1) Já marquei meu retoque da definitiva na tassy pra dezembro já tem vários horários preenchidos **vai que** eu fique sem o meu né (Twitter, 2023).
- (2) Se eu lançasse um álbum inteiro, vocês escutariam? (**Supondo que** o gênero fosse pop e um pouquinho de cada coisa menos funk) (Twitter, 2023).

Embora ambas as construções estabeleçam relações hipotéticas e de modalidade epistêmica, nota-se que *vai que* é disruptivo, porque introduz uma preocupação ou projeção futura que não era imediatamente prevista no fluxo inicial do discurso. O locutor-escritor cria contraste entre a certeza implícita acerca do retoque (já marquei) e a incerteza de não conseguir realizá-lo (fique sem o meu). Essa estratégia obriga o interlocutor-leitor a reavaliar o que foi dito anteriormente e a considerar o risco implícito de o locutor-escritor ficar sem sua vaga, o que gera

¹ Podendo ser intercambiáveis as representações de *[vai que X]* e *vai que* e *[supondo que X]* e *supondo que*, já que *X* é uma forma de destacar a construção em sua completude, visto que os fenômenos estudados introduzem orações.

uma quebra no fluxo discursivo; enquanto *supondo que* cria um cenário hipotético (de suposição) que complementa diretamente o discurso anterior, ou seja, amplia e especifica o contexto da hipótese apresentada anteriormente. Logo, observa-se que *vai que* e *supondo que*, apesar de abrirem espaço mental de hipótese, evocam nuances discursivo-pragmáticas que desafiam uma descrição categórica e generalizada de significarem condicionalidade ou epistemicidade exclusivamente.

Levando em conta tais ponderações, nossa tese é a de que as construções *vai que* e *supondo que*, embora tradicionalmente classificadas na literatura linguística como conectores condicionais ou de modalidade epistêmica, não podem ser plenamente compreendidas a partir de categorizações estanques, uma vez que sua interpretação pode envolver sobreposição e saliência de sentido. Sustentamos que tais construções apresentam comportamentos multifuncionais e especificidades discursivo-pragmáticas que emergem do uso real da língua, variando inclusive conforme o suporte em que são empregadas. Nesse sentido, uma descrição adequada demanda uma abordagem cognitivo-funcional e construcional baseada no uso, capaz de considerar a perspectivização de cada construção e de apreender a complexidade de seus sentidos, os diferentes graus de mudança, as variações sintático-discursivas e seus lugares na rede construcional do PB.

A fim de confirmar nossa tese, a questão central que se impõe é: até que ponto o enquadramento dessas construções em categorias isoladas consegue captar integralmente suas dinâmicas de uso e suas contribuições para a constituição do significado na interação linguística? Argumentamos, assim como Mancinas-Chávez (2016), que os fenômenos linguísticos não operam isoladamente, mas sim em redes complexas de inter-relações, nas quais elementos singulares coexistem e interagem com padrões mais amplos. Essa perspectiva reforça a ideia de que a descrição de um fenômeno implica não apenas analisar suas particularidades, mas também compreender como ele se insere em uma estrutura maior, na qual se conecta e dialoga com outras construções.

Considerando a complexidade do nosso objeto de estudo, outras questões motivam esta pesquisa, sendo elas:

- 1) Como ocorre o funcionamento das construções [*vai que X*] e [*supondo que X*] no PB?
- 2) Como a seleção dessas construções se reflete nos objetivos comunicativos dos indivíduos?
Ou seja, o que leva locutor-escritor optar por uma das construções para criar hipótese sobre eventos?
- 3) As ocorrências de [*vai que X*] e [*supondo que X*] são variações de um mesmo padrão construcional? Quais as diferenças em termos de forma e/ou significado?
- 4) Até que ponto [*vai que X*] e [*supondo que X*] se afastam ou se aproximam do padrão condicional prototípico?
- 5) Como é possível que construções diferentes partilhem uma mesma área de interpretação?

- 6) Quais são as especificidades pragmáticas dessas construções?
- 7) Como *vai que* e *supondo que* estão organizadas na rede construcional?

Para responder tais perguntas, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- a. Compreender o funcionamento das construções [*vai que X*] e [*supondo que X*] no PB contemporâneo, a partir de uma abordagem cognitivo-funcional, observando aspectos sintático-semânticos, discursivos e pragmáticos.
- b. Verificar se as ocorrências de [*vai que X*] e [*supondo que X*] são empregadas como variantes da mesma variável e pertencentes a um mesmo padrão construcional, considerando a escolha do escritor-locutor no uso de tais construções.
- c. Entender de que forma essas construções operam em diferentes contextos, delineando suas funções na interação linguística, e como se afastam (ou se aproximam) do condicional prototípico, isto é, quanto da semântica de *vai que* e *supondo que* é inteiramente previsível a partir de sua estrutura formal e dos significados dos componentes.
- d. Analisar os contextos de uso frequentes das construções [*vai que X*] e [*supondo que X*], com foco nas particularidades de formalidade, modalidade e intencionalidade.
- e. Explorar como essas construções refletem crenças, suposições e estados mentais dos indivíduos a partir da atitude e intersubjetividade, contribuindo para uma análise mais rica das nuances pragmáticas.
- f. Propor uma análise construcional que integre *vai que* e *supondo que* a um modelo de rede de construções condicionais, levando em consideração seus comportamentos emergentes e multifuncionais.

Nossa perspectiva busca não apenas descrever as particularidades de cada fenômeno, mas também evidenciar os pontos de convergência e divergência que contribuem para o entendimento sobre as construções e sobre o domínio condicional no PB. Com referência às hipóteses, apresentamos, a seguir, as que julgamos serem as principais. Contudo, na seção metodológica, as especificamos de acordo com os fatores linguísticos a serem analisados quantitativamente:

1. Embora a categoria da condicionalidade seja central para a análise das construções em foco, ela não é suficiente para abarcar a complexidade de *vai que* e *supondo que*. Sustentamos que essas construções mobilizam outros valores e/ou estabelecem relações semânticas adicionais que ultrapassam a função condicional, especialmente no campo da

modalidade, em que determinados traços podem assumir proeminência a depender do contexto. Esses significados são acionados pela perspectivização e vinculam-se, por exemplo, à imprevisibilidade, à ironia, à cautela e à (inter)subjetividade, refletindo aspectos mais amplos da natureza e do uso de cada construção.

2. Consideramos que as construções [*vai que X*] e [*supondo que X*] estão relacionadas, mas são distintas, ou seja, não se alternam. Dessa forma, *vai que* apresentaria alta variabilidade discursivo-pragmática, assumindo nuances de sentidos conforme o contexto, que pode expressar imprevisibilidade ou surpresa diante de um elemento inesperado, manifestando-se como possibilidade remota, esperança, ironia, entre outros valores; enquanto *supondo que* manteria valor mais estável, centrado numa hipótese lógica e argumentativa. Essa diferença indicaria que *vai que* possui maior flexibilidade interpretativa, enquanto *supondo que* atuaria predominantemente em contextos formais e lógicos, com variações mais restritas ao plano pragmático, a depender do suporte analisado.

3. A construção *vai que* deve exibir forte carga de intersubjetividade e envolvimento do escritor-locutor, o que reflete em sua multifuncionalidade discursiva. Diferentemente de *supondo que*, que deve atuar de forma mais neutra e impessoal, *vai que* seria um operador que expressa a atitude e a expectativa do indivíduo de modo mais proeminente.

4. *Vai que* e *supondo que* devem diferir significativamente em termos de integração sintática: enquanto *supondo que* manteria seu status de hipotaxe, *vai que* assumiria formas de parataxe ou insubordinação. Essa independência sintática pode indicar associação à construcionalização em curso, no qual *vai que* assumiria papel mais forte de marcador discursivo-pragmático.

Hirata-Vale (2005) aponta que a leitura condicional de expressões não prototípicas é frequentemente mediada por inferências pragmáticas e processos de (inter)subjetivação. Neste sentido, sugerimos que, tanto para *vai que* quanto para *supondo que*, a interação entre condicionalidade e modalidade epistêmica, juntamente com outros elementos semântico-pragmáticos, é central para a compreensão das construções.

Quanto à metodologia, os dados foram analisados qualitativa e quantitativamente, conforme a natureza dos objetivos da pesquisa. A abordagem qualitativa é central para o propósito de compreender as funções semântica e discursivo-pragmáticas das construções investigadas, especialmente no que tange às hipóteses de que *vai que* apresenta maior flexibilidade semântica e multifuncionalidade discursiva, enquanto *supondo que* tenderia a usos mais delimitados. Por meio desta abordagem, buscou-se explorar os sentidos emergentes nos contextos reais de uso ao indivíduo empregar tais construções.

Com referência à análise quantitativa, especificamente, esta é utilizada para verificar a frequência e distribuição das construções [*vai que X*] e [*supondo que X*] em diferentes contextos, o que se relaciona especialmente aos objetivos de: observar padrões de uso, identificar contextos recorrentes e investigar se as construções compartilham ou não um mesmo padrão construcional. No âmbito da GCBU, a frequência é considerada um indício importante para a compreensão do grau de convencionalização e da produtividade de uma construção. Assim, a frequência não é tomada como valor absoluto, mas como sinalizador de regularidade e emergência de padrões construcionais. A integração entre os dois vieses fornece uma perspectiva multifacetada para o exame das construções *vai que* e *supondo que*, permitindo articulá-las tanto em termos de padrões gerais de uso (quantitativos) quanto em relação a seus significados e efeitos pragmáticos situados (qualitativos). Ainda, este trabalho configura-se como a primeira análise linguística abrangente a estabelecer comparação entre *vai que* e *supondo que* como parte da rede construcional do PB.

Os dados, portanto, são provenientes de diferentes gêneros da escrita, extraídos do *Corpus do Português* – abas *Web* e *Now* – e do *Twitter*. Essa seleção visa garantir uma amostra representativa tanto em termos de uso espontâneo da língua quanto de diversidade contextual. Com isso e ao integrar as construções [*vai que X*] e [*supondo que X*] em uma rede construcional mais ampla, nossa análise contribui para um modelo mais robusto de descrição linguística, capaz de captar a complexidade e a diversidade do uso da língua em contextos reais de interação. Importante destacar, ainda, que esta pesquisa está inserida no projeto “Variação e Mudança numa Perspectiva Construcional” (UFRJ), sob orientação da Prof^a Dra. Maria Maura da Conceição Cezario, em parceria com outras Universidades, como a Universidade Católica Portuguesa (UCP), onde realizei doutorado sanduíche sob a supervisão do Professor Dr. Augusto Soares da Silva.

A estrutura desta tese está organizada em seis capítulos, além desta introdução e das referências. O Capítulo 2 é dedicado a uma revisão crítica da literatura sobre construções condicionais, discutindo diferentes abordagens teóricas e evidências empíricas relevantes para o estudo. Já o Capítulo 3 apresenta o arcabouço teórico que fundamenta a pesquisa, com foco na GCBU e nos conceitos essenciais para a análise proposta. No Capítulo 4, detalhamos a metodologia adotada, especificando os critérios de seleção dos dados, os procedimentos de coleta e análise, bem como os fatores linguísticos considerados. No Capítulo 5, apresentamos a análise dos dados e a discussão dos resultados preliminares, com ênfase na interpretação dos fenômenos observados à luz do referencial teórico adotado. E, para finalizar, no Capítulo 6, tecemos algumas considerações finais.

2. ESTADO DA ARTE

Como mencionado na introdução desta tese, nosso objetivo é analisar as construções [*vai que X*] e [*supondo que X*]², tendo como base desta investigação o domínio condicional numa abordagem cognitivo-funcional e construcional da língua. A condicionalidade tem se revelado um campo de estudo fecundo, o qual suscita significativo interesse acadêmico. No entanto, observa-se predominância de trabalhos voltados à construção [*Se p, (então) q*] (Neves, 1999; Ferrari, 2011; Ely, 2019; etc.).

Apesar disso, outras estruturas de hipóteses que ativam espaços alternativos – diferentes do espaço base da realidade – emergem no discurso, como as de [*vai que X*] e de [*supondo que X*], estabelecendo conexões com padrões já consolidados na língua por meio de vínculos formais e/ou funcionais. Conforme argumentam Longhin-Thomazi (2010), Neves (2011) e Ely e Cezario (2023a e b), essas construções estão interligadas e compartilham, em maior ou menor grau, o mesmo domínio semântico: o da condicionalidade. Assim, esta pesquisa explora questões relacionadas a esse domínio e revisita a literatura existente sobre os fenômenos analisados.

Neste viés, buscamos levar o leitor à reflexão sobre o emprego dessas construções, bem como compartilhar nossa curiosidade científica acerca de seus usos (ver perguntas abaixo). Para tanto, apresentamos três exemplos, com base no dado (3) retirado do Twitter:

(3) **se** eu ficar sem celular eu vou surtaaaa (Twitter, 2022).

(3a) **supondo que** eu fique sem celular (então) eu vou surtaaaa.

(3b) **vai que** eu fico sem celular (aí) eu vou surtaaaa³.

Os três exemplos tratam de um mesmo evento, mesma situação referencial: o locutor-escritor ser privado de usar o celular e a respectiva consequência de, então, ele surtar. Em (3), estamos em frente a uma condição *stricto sensu*; em (3a), a substituição de *se* por *supondo que* revela diferenças sutis, neste caso, o locutor-escritor abre um espaço de suposição e a consequência dada caso o evento se confirme; e, em (3b), *vai que* abre para uma hipótese com maior envolvimento emocional do escritor sobre a possibilidade de ele ficar sem o celular. Ao

² Representamos as construções desta forma porque [*vai que X*] e [*supondo que X*] podem ser equivalentes a *vai que p, q*, *vai que p e supondo que p, q* ou *supondo q*, respectivamente, independente da ordem, inclusive.

³ A primeira ocorrência (3) é um dado empírico, coletado do Twitter. Por outro lado, 3(a) e 3(b) são substituições testadas para promover a reflexão de quão aceitável são tais possibilidade a partir de uma ocorrência real e prototípica.

que parece, portanto, os exemplos poderiam ser considerados intercambiáveis do ponto de vista sintático e referencial, apesar de apresentarem diferenças de perspectiva quanto à atitude enunciativa do locutor-escritor diante da hipótese apresentada. Além disso, há distinções quanto aos elementos selecionados pelas construções, já que *vai que* parece coocorrer naturalmente com *aí*, enquanto *supondo que* favorece o uso de *então*, o que acreditamos reforçar nuances distintas na organização discursiva e na progressão argumentativa.

Conforme argumentaremos neste capítulo, autoras como Thomazi (2010), Neves (2011) e Oliveira (2019) classificam as construções como condicionais. Por outro lado, estudiosos como Andrade (2010) e Ferreira e Rech (2024) argumentam que *vai que*, especificamente, é uma expressão de modalidade epistêmica. No entanto, defendemos que a restringir exclusivamente a uma dessas categorias não captura plenamente a riqueza semântico-pragmática que esta apresenta nos diversos contextos de uso. Nesse cenário, emergem as questões que orientam nossa investigação:

- (i) Como podemos descrever as construções [*vai que X*] e [*supondo que X*] com base em dados reais para dar conta de toda riqueza de significado que ambas carregam?
- (ii) Essas construções, em algum momento, podem ser intercambiáveis entre si ou por outra estrutura condicional? Em quais contextos podem o ser?
- (iii) Ou seriam elas apenas conectadas por compartilharem o mesmo domínio semântico, o da condicionalidade? Dessa forma, como se dá o tratamento de construções distintas, mas que pertencem a um mesmo domínio semântico?

Vale destacar que, em um primeiro momento, acreditávamos que *vai que* era unicamente condicional, já que a substituição de *se* por *vai que* em alguns casos é possível, como vimos acima. Contudo, à medida que analisamos os dados reais coletados, percebemos que *vai que* é uma expressão rica de significado, a qual extrapola o domínio condicional (e, por vezes, se afasta do mesmo). Todavia, por defendermos a ligação de *vai que e supondo que* com a condicionalidade, realizamos revisão sobre tal domínio semântico, com o intuito de comprovar posteriormente que as construções em questão atendem aos critérios característicos das estruturas condicionais.

Primeiramente, apresentamos uma síntese da literatura sobre o domínio condicional, com base em um levantamento teórico à luz da perspectiva cognitivo-funcional e construcional da língua, explorando as análises já realizadas acerca das relações sintático-semânticas que caracterizam tais estruturas. Na sequência, voltamo-nos para os estudos realizados até o

momento sobre *vai que* e *supondo que*, abordando também a questão da integração oracional, uma vez que construções condicionais podem manifestar-se tanto por meio de estruturas hipotáticas quanto paratáticas e insubordinadas.

2.1 Domínio condicional

Estudiosos têm proposto parâmetros para o reconhecimento de construções condicionais, aplicáveis a qualquer língua (Sweetser, 1990; Athanasiadou & Dirven, 1997; Dancygier, 1999 e Dancygier & Sweetser, 2005). Esses parâmetros demonstram que o significado condicional é determinado por diferentes critérios semântico-pragmáticos, como também enfatizam Júnior e Clemente (2020). O preenchimento ou não de tais critérios é o que, para nós, determina o grau de prototipicidade ou perifericidade das construções, essenciais para o posterior *continuum* de caracterização da condicionalidade. A identificação da prototipicidade semântica das palavras ou das construções, segundo Geeraerts (1989), deve ser feita a partir da presença de efeitos de prototipia. Neste sentido, a prototipicidade se dá por meio de um *continuum* de referências, e não a partir de critérios isolados.

Sweetser (1990) apresenta classificação baseada em domínios cognitivos, distinguindo três tipos de domínios: os de conteúdo, os epistêmicos e os de atos de fala. As construções *condicionais de conteúdo* referem-se a eventos no mundo real e apresentam uma relação causal direta entre a prótase (cláusula condicional) e a apódose (cláusula principal). Conforme Sweetser (1990, p. 114, tradução nossa), “no domínio do conteúdo, então, a conjunção condicional *if-then* indica que a realização do evento ou estado de coisas descrito na prótase é uma condição suficiente para a realização do evento ou estado de coisas descrito na apódose”⁴. Um exemplo desse tipo de condicional é: “Se chover, o chão ficará molhado”, em que o chão ficar molhado depende do fato de chover. Por outro lado, *condicionais epistêmicas* refletem processos de raciocínio, também chamados de inferência. Nesse tipo de condicional, a prótase funciona como premissa do conhecimento do falante para determinada conclusão, como em: “Se João saiu ao meio-dia, já deve estar em casa agora”, em que a conclusão sobre *João estar em casa agora* parte do conhecimento do locutor sobre a rotina e o tempo de deslocamento que João leva para chegar em casa, por exemplo. Nas palavras da autora (p.117, tradução nossa),

⁴ No original: *in the content domain, then, conditional if-the conjunction indicates that the realization of the event or state of affairs described in the protasis is a suficiente condition for the realization of the event or state of affairs described in the apodosis,*

Condicionais epistêmicos são, sem surpresa, os mais próximos em uso da estrutura formal-lógica if-then; eles expressam nossa compreensão de nossos processos de raciocínio lógico e, portanto, refletem até certo ponto as mesmas estruturas inerentes a uma compreensão mais formal-matemática da lógica.⁵

O terceiro tipo diz respeito às condicionais que emitem a realização de um ato comunicativo, chamadas de *atos de fala*, por exemplo: "Se me permite dizer, você fez um excelente trabalho", em que a prótase introduz um ato de permissão (Austin, 1970). Como se pode ver, essas condicionais não estabelecem relação de causa-consequência e, tampouco, há inferência lógica sobre determinada situação.

Athanasiadou & Dirven (1997) expandem a análise das construções condicionais ao introduzir três categorias principais: *condicionais factuais*, *hipotéticas* e *pragmáticas* (*Course of Events Conditionals*), as quais se aproximam, mas também se diferem, das contempladas no modelo de Sweetser (1990). As *condicionais factuais* expressam relação de coocorrência de eventos, indicando realidades observáveis ou generalizações válidas. Nesses casos, a prótase descreve uma condição que, sempre que satisfeita, resulta no evento expresso na apódose. Elas se referem a regularidades naturais ou leis gerais, como em: "Se você aquece a água a 100°C, ela ferve". Esse tipo de estrutura condicional não envolve especulação ou possibilidade, mas sim relação direta e verificável no mundo real. Além disso, podem apresentar caráter instrucional ou descritivo, como em: "Se você apertar este botão, a máquina liga".

As *condicionais hipotéticas* representam relações de causa e efeito, previsões ou suposições. Diferentemente das *factuais*, essas condicionais refletem um cenário possível ou imaginado. Elas podem se referir a situações futuras incertas (condicionais preditivos⁶), como em: "Se chover amanhã, ficaremos em casa", ou a situações contrafactuais, que descrevem eventos passados que não ocorreram, como em: "Se eu tivesse estudado, teria passado na prova". Essas condicionais são marcadas pela possibilidade ou impossibilidade de o evento ocorrer, dependendo do contexto enunciativo e, também, da escolha do tempo verbal. E, por fim, *condicionais pragmáticas* estabelecem as condições sob as quais o ato de fala expresso na

⁵ No original: *Epistemic conditionals are, not surprisingly, the ones closest in usage to the formal-logical if-then structure; they express our understanding of four logical reasoning processes, and hence reflect to some extent the same structure inherent in a more formal-mathematical understanding of logic.*

⁶ Segundo Dancyngier (2003, p. 69), "a predictive construction encodes the kind of reasoning in which states of affairs can be predicted via assumptions which are not themselves predicted, yet have to be true prior to the state of affairs being predicted.", sendo a sequencialidade e causalidade fatores importantes para esse tipo de condicional.

apódose é relevante ou pode ser realizado. Essas condicionais não se concentram na relação causal entre p e q , mas na função interacional do enunciado.

Athanasiadou & Dirven (1997) subdividem as condicionais pragmáticas em dois grupos principais:

(i) *Condicionais lógicos* – Funcionam como mecanismos de conclusão ou inferência, em que a prótase fornece uma base para deduzir a apódose. Por exemplo: “Se as luzes estão apagadas, eles devem estar dormindo”. Nesse caso, a prótase apresenta um indício que conduz a uma conclusão lógica na apódose, sem necessariamente haver uma relação causal direta entre os eventos. Esse tipo de condicional é também abordado por Dancygier (2003) sob a denominação de *condicionais epistêmicas ou inferenciais*, em que a prótase funciona como uma premissa a partir da qual a apódose é inferida. Um exemplo clássico desse tipo é: “Se eles saíram às nove, devem ter chegado agora”. Em ambos os casos, a prótase não descreve uma causa direta, mas um ponto de partida para uma inferência lógica.

(ii) *Condicionais conversacionais* – Estão relacionados a *atos de fala*, como pedidos, sugestões, permissões ou advertências. Nessas estruturas condicionais, a prótase estabelece as condições sob as quais o ato de fala expresso na apódose é válido ou apropriado. Por exemplo: “Se me permite sugerir, devemos sair cedo”. Nesse enunciado, a prótase funciona como um enquadramento pragmático que legitima a execução do ato de fala na apódose. Dancygier (2003) também discute essa relação sob a perspectiva das *relações de ato de fala*, em que a prótase não se vincula diretamente ao conteúdo proposicional, mas à própria realização do ato comunicativo, condicionando sua aceitabilidade e relevância. A autora ainda acrescenta as *condicionais metatextuais*, que funcionam como comentários reflexivos sobre o próprio enunciado. Essas condicionais indicam dúvidas ou incertezas do falante em relação à forma, à adequação ou à interpretação de uma parte do discurso. Ao contrário das condicionais de ato de fala, que justificam a execução de um ato comunicativo, as metatextuais questionam aspectos formais ou semânticos da linguagem utilizada na apódose.

Dancygier (1999) efetua a análise da relação entre p (prótese) e q (apódose) e estabelece cinco critérios para a identificação da condicionalidade:

(i) O primeiro critério apresentado é a *causalidade*, que se refere à relação de causa e consequência implícita entre as proposições. Esse critério está associado a dois aspectos principais: à *sequencialidade* e à *causalidade* propriamente dita. A *sequencialidade* diz respeito à ordem temporal entre as cláusulas, enquanto a *causalidade* se refere à conexão de causa e efeito entre p e q . Segundo a autora, nas condicionais preditivas, o evento expresso na prótase

ocorre antes do evento na apódose, refletindo uma relação causal direta e uma progressão temporal linear. Por outro lado, nas condicionais não-preditivas⁷, essa ordem temporal não é rígida, permitindo inversões ou sobreposição entre os eventos sem comprometer a interpretação do enunciado.

(ii) O segundo critério é a *não-assertividade*, ou seja, as construções condicionais baseiam-se em suposições e/ou hipóteses, já que seu conteúdo não está num espaço mental real (Dancygier, 1999). Oliveira (2019), por exemplo, destaca que os conectores condicionais precisam, por si só, ser capazes de criar uma moldura hipotética, enquanto a interação com outros elementos da construção adiciona nuances de significado condicional.

(iii) O terceiro critério é a *predição*, descrita por Dancygier (1999) como a capacidade de as construções gerarem situações hipotéticas em um tempo futuro. De acordo com Oliveira (2017, p. 300), essa situação “é concluída a partir de uma condição também não realizada e diferente do contexto de enunciação”.

(iv) O quarto critério é a *distância epistêmica*, central para Fillmore (1990), que aborda o posicionamento do falante em relação ao enunciado. Essa distância pode variar entre aceitação (positividade), associada a maior factualidade da proposição; incerteza (neutralidade), quando o falante não expressa crença nem descrença; e rejeição (negatividade), que indica não-factualidade, ou seja, a percepção da falsidade (não-veracidade) do conteúdo enunciado (Gomes e Monken, 2011). Esse critério está relacionado às *condicionais hipotéticas* de Athanasiadou e Dirven (1997).

(v) O quinto critério refere-se à criação de novos *espaços mentais*, nos quais o conector condicional gera espaços alternativos – hipotéticos – no discurso. Esses espaços diferem do espaço base, ou seja, da realidade, permitindo que uma proposição seja validada ou reavaliada em um contexto alternativo (Oliveira, 2017). Segundo Dancygier e Sweetser (2005), espaços mentais se distinguem de mundos possíveis em vários aspectos, especialmente porque não são objetivos por natureza, não podem ser descritos necessariamente em termos de condições de verdade e são locais, não globais – ou seja, sem multiplicidade de cenários; há apenas o cenário X, e este se mantém inalterado.

A seguir, apresentamos uma ocorrência da construção prototípica para verificação dos parâmetros discutidos:

⁷ Segundo Dancygier (2003, p.121), os condicionais não-preditivos são normalmente inferenciais e são “ones present the content of their *p*'s from the hearer's perspective, using the contextual resources shared by the participants”.

(4) Se tivesse passado na faculdade não estaria com esse problema (Twitter, 2020).

Nesse exemplo, a relação causal entre as proposições p (ter passado na faculdade) e q (não estar com esse problema) é estabelecida de forma contrafactual (não-factual). O evento descrito na apódose (não estar com esse problema) é apresentado como consequência hipotética e irreal do evento expresso na prótase (ter passado na faculdade). Esse caráter contrafactual é reforçado pela estrutura verbal utilizada: o pretérito do subjuntivo em “tivesse passado” indica uma condição não realizada, enquanto “não estaria” expressa um resultado que, em um cenário alternativo, seria diferente do real. Esses elementos situam o enunciado no domínio da condicionalidade contrafactual.

Outro aspecto relevante é a criação de um espaço mental alternativo. O conector "se" introduz uma realidade hipotética em que o falante imagina as consequências caso tivesse passado na faculdade. Esse espaço mental contrasta com o espaço base (a realidade atual), no qual o falante não passou na faculdade e, por isso, enfrenta o problema mencionado. Assim, a construção cumpre sua função de articular um cenário alternativo para análise, permitindo ao falante explorar uma possibilidade hipotética que difere do estado factual reconhecido.

De acordo com a classificação de Dancygier (1999), essa seria uma condicional preditiva, pois, mesmo que na forma temporal passada, há predição sobre um evento que poderia ter acontecido. A construção se refere a um cenário passado irrealizado, sem relação com um desdobramento temporal futuro (condicional hipotético contrafactual, nos termos de Athanasiadou & Dirven (1997)). Já com base no modelo de Sweetser (1990), a construção se enquadra como *condicional epistêmica*, já que descreve uma relação causal hipotética entre dois eventos no mundo real com base na crença do falante.

A partir dessas importantes contribuições sobre a natureza das construções condicionais, entendemos que é possível, por conta delas, identificar quais construções integram a rede do domínio condicional. Com base em tais critérios, propomos estabelecer um *continuum* de condicionalidade, analisando o pareamento forma-significado das construções *supondo que* e *vai que*. Nosso objetivo, portanto, é verificar o grau de prototipicidade ou de perifericidade dessas construções no domínio condicional. Ressaltamos que, embora esses critérios sejam específicos ao domínio condicional, no caso de *vai que*, outras propriedades semânticas emergem da construção, as quais serão exploradas detalhadamente na seção 5 (*Análise E Resultados*) desta tese como parte da análise qualitativa.

2.2 Construções condicionais

Dancygier e Sweetser (2005) oferecem uma visão inovadora sobre as construções condicionais, situando-as predominantemente no domínio cognitivo alternativo⁸. As autoras contrastam essa abordagem com interpretações tradicionais, que tendem a associar as condicionais ao raciocínio lógico-linear do tipo “X causa Y”. Em vez disso, propõem compreender essas construções — como o padrão *what if* — a partir de sua capacidade de expandir o domínio cognitivo da hipótese, revelando aspectos mais amplos da construção de sentido no discurso.

A construção *what-if* é utilizada como exemplo de um uso não prototípico para demonstrar que as condicionais frequentemente transcendem relações causais diretas, explorando cenários hipotéticos e especulativos. Esse tipo de análise permite uma abordagem voltada para o entendimento do significado condicional, não mais apenas uma descrição lógica e estrita.

Além disso, Dancygier e Sweetser questionam quão composicional é o significado das construções condicionais, ou seja, até que ponto suas propriedades semânticas podem ser previstas com base na estrutura formal e nos significados dos componentes individuais. No caso da construção *what-if*, as autoras afirmam que parte do significado é previsível, mas outra parte precisa ser entendida como intrínseca e específica à construção em si. Isso pode ser aplicável aos nossos fenômenos de estudo, já que *vai que* tem como parte de seu significado a futuridade de o evento poder ocorrer (isso por conta do verbo *ir* em sua forma imperativa), ainda que este não seja factual, e *supondo que* de o evento ser uma suposição (por conta da origem do verbo *supor*).

Hirata-Vale (2005) afirma que a interpretação condicional das construções é resultado do processo inferencial da implicatura da incerteza, além de preencherem outros critérios para a validação da leitura condicional (Dancygier, 1999), como a relação de causa-consequência (Neves, 1999). Especificamente, as construções não-prototípicas *supondo que* e *vai que* passam por um processo de (inter)subjetivação para a expressão do valor condicional, sendo seus

⁸ Também chamado de contrafactual por Andrade (2010). Repare que domínio cognitivo da contrafactualidade é diferente da postura epistêmica assumida pelo falante, que pode ser factual, hipotética ou contrafactual. Os termos não devem confundir-se. Assim, o domínio cognitivo contrafactual é pautado na construção mental do falante sobre a condição/hipótese, o qual abre um espaço imagético, contrafactual, distinto do espaço base, que se refere ao espaço da realidade. Em outras palavras, é "contrafactual" apenas no sentido de que não é o espaço-base (o mundo real do discurso), mas um espaço derivado, construído para fins de raciocínio, planejamento, especulação, etc.

significados voltados à atitude do falante, e indicam uma situação cognitiva que é hipotetizada pelo esquema que nelas emerge (Oliveira; Hirata Vale, 2017).

Dancygier (1998) propõe uma definição expandida da construção *se p, q*, que abarca variações dentro do padrão – como orações independentes –, evidenciando como elementos formais adicionais podem interferir na interpretação global da construção. A autora caracteriza os condicionais como sentenças complexas compostas por duas orações: a oração subordinada condicional e a oração principal, cuja relação semântica é construída a partir do contexto e das marcas linguísticas envolvidas.

A autora também afirma que as cláusulas introduzidas por *se* ocorrem, mais comumente, na posição inicial. Assim, a ordem das cláusulas torna-se um parâmetro relevante para sua descrição. Dancygier e Sweetser (2005) exemplificam as propriedades sintático-semânticas das orações condicionais, destacando, em primeiro lugar, a abertura de espaços mentais. As autoras mostram como marcadores linguísticos — como o tempo verbal, a escolha da conjunção — interagem de maneira complexa para estimular a formação cognitiva de espaços mentais igualmente complexos. A natureza da relação entre *p* e *q* é assumida como um dos aspectos essenciais do significado construcional.

Nesse cenário, é relevante destacar que há outras construções com valor condicional, embora assumam formas distintas — como as construções coordenadas com imperativos, exemplificadas por sentenças do tipo: *Diga mais uma palavra e eu vou te matar*. Dancygier (1998) as classifica como construções independentes. Partindo dessa observação, levantamos a possibilidade de que construções coordenadas com imperativo possam ter impulsionado a mudança semântica de *vai que*. Isso porque supomos que, inicialmente, *vai que* era empregado apenas em contextos nos quais o verbo *ir* aparecia na forma imperativa, seguido de oração coordenada introduzida por *que*: [Vai [que você consegue]]. Logo, nossa argumentação vai ao encontro dos pressupostos de outros autores cognitivistas e construcionalistas que descrevem estruturas condicionais não prototípicas, da mesma forma que propomos a análise de *vai que* e *supondo que* nesta tese, portanto.

Assim, a perspectiva teórica aqui discutida permite compreender as construções condicionais como fenômenos multifacetados, que operam em um espectro contínuo entre o previsível e o idiossincrático. Tal abordagem amplia a análise da condicionalidade ao reconhecê-la não apenas como uma relação lógica ou causal, mas como um mecanismo linguístico que viabiliza a exploração de possibilidades, cenários hipotéticos e raciocínios alternativos.

2.3 Vai que

De acordo com Longhin-Thomazi (2010) e Andrade (2012; 2014)⁹, *vai que* passou por um processo de gramaticalização, envolvendo mudanças tanto na forma quanto na função do item. Nesse processo, o verbo *ir* perdeu suas características lexicais e passou a desempenhar uma função gramatical, atuando como conjunção. Longhin-Thomazi (2010) classifica *vai que* como uma perífrase pertencente ao grupo das conjunções do tipo [X que], considerando-a de natureza condicional. Da mesma forma, Neves (2011) descreve *vai que* como um conector que estabelece uma relação entre condicionante e condicionado, ainda que não configure formalmente uma construção condicional típica do tipo *Se p, então q*. Andrade (2012) vai além, identificando *vai que* como um operador argumentativo que introduz orações e abre um espaço mental alternativo.

Segundo Andrade (2012; 2014), o verbo *ir* originalmente denota deslocamento espacial, mas, após a construcionalização, passou a ser empregado também para expressar a subjetividade e a atitude do falante, remetendo à ideia de possibilidade ou do *vir a ser*. Essa mudança decorre de uma transferência metafórica: o movimento corporal para frente, inerente ao significado de *ir*, é reinterpretado como projeção temporal futura. Andrade (2014, p. 3) destaca que, ao se unir ao pronome relativo *que*, o verbo forma uma nova unidade de sentido, um *chunk* (unidade fixa e convencionalizada na língua).

Sob essa perspectiva, *vai que* é entendida como uma construção que reflete uma projeção futura abstrata do falante, cognitivamente motivada. Neste sentido, Andrade (2014, p. 7) argumenta que o falante associa a ideia de deslocamento físico para frente ao conceito abstrato de futuro, utilizando-o para manifestar crenças e expectativas. Essa construção, marcada pela (inter)subjetividade, é frequentemente empregada para persuadir o interlocutor, como ilustrado no exemplo abaixo:

- (5) [...] "A indústria cinematográfica é um grande cassino ou uma bolsa de valores. Eles estão apostando muito dinheiro ou investindo em ações em baixa. **Vai que** no futuro eu me transforme em um diretor mundialmente conhecido." (Andrade, 2012, p. 10, grifos nossos).

⁹ Ambos os trabalhos referem-se a análises sincrônicas sobre o fenômeno.

Na ocorrência acima, vemos que a construção estabelece sentido de possibilidade, o qual recupera significado condicional, já que apresenta hipótese passível de concretização, como menciona Longhin-Thomazi (2010). Neves (2011) argumenta que *vai que* poderia ser parafraseado pela conjunção *e se* – conectivo condicional – por exemplo: “*E se* no futuro eu me transformar em um diretor mundialmente conhecido”.

Longhin-Thomazi (2010) identifica que *vai que* é empregado em diferentes configurações estruturais, com base nos dados por ela analisados: *X, vai que Y, (então Z) e vai que X (então) Y*. Abaixo, exemplos desses tipos de estrutura:

- (6) [...] Darei sinal até mesmo para o ônibus parar no ponto final, apenas por precaução, **vai que** o motorista também esteja viajando na maionese... <http://my.opera.com/bgc/blog/> (28 de janeiro de 2008). (Longhin-Thomazi, 2010, p. 142, grifos nossos).
- (7) **Vai que** no lugar dos rockets saem 3 redeemers, ia ser o sonho dos pedreiros. <http://forum.hardmob.com.br> (28 de janeiro de 2008). (Longhin-Thomazi, 2010, p. 143, grifos nossos).

No exemplo (8), a variável *Z* não é preenchida; ela estaria presente caso houvesse material linguístico adicional após a oração com *vai que*. Segundo Longhin-Thomazi (2010), esse tipo de construção é altamente pragmático, pois convida o interlocutor a inferir possíveis implicações ao enunciado. Já na ocorrência (9), embora a construção também desempenhe função pragmática, sua posição anteposta reorganiza o fluxo discursivo, funcionando como ponto de partida para o discurso subsequente.

Segundo Longhin-Thomazi (2010, p. 144), tais padrões revelariam que *vai que* é

um articulador textual que flutua na fronteira instável entre hipotaxe e parataxe – embora seja preferencialmente hipotática – e que, a depender da construção, pode estabelecer entre os segmentos articulados relações semânticas e discursivas sutilmente diferenciadas.

Isso aponta para a relação entre estrutura e significado, apesar de acreditarmos que *vai que* está cada vez mais assumindo as formas de parataxe e insubordinação, como veremos na seção das análises desta tese (seção 5). A autora ainda argumenta que *vai que* se afasta da conjunção condicional prototípica *se*, carregando consigo atitude epistêmica de avaliação do falante sobre o enunciado.

Longhin-Thomazi (2010, p. 144) destaca que *vai que* funciona como

juntor que realiza movimentos anafóricos e/ou catafóricos, operando sempre o acréscimo de uma circunstância nova – uma hipótese passível de concretização – que, a depender do contexto, será suficiente para validar uma asserção prévia, ou para emoldurar o conteúdo subsequente ou ainda para estimular a produção de inferências por parte do interlocutor, quando deixa em aberto as conclusões.

Retomando Andrade (2014), *vai que* exerce função modalizadora, pois, ao utilizar a construção, o falante expressa suas crenças e expectativas, situando-se em contextos contrafactuais (espaço não-realidade). Esses contextos localizam-se no campo do pensamento, relacionados a eventos que ainda não ocorreram, mas que são possíveis, improváveis ou impossíveis de acontecerem, conforme Downing e Locke (2006). Neste sentido, *vai que* é frequentemente empregado como uma forma de o locutor proteger sua face em relação à argumentação apresentada (Andrade, 2017). Andrade também caracteriza as marcas interativas associadas ao uso de *vai que* como "marcadores discursivos".

Com base nos estudos apresentados, pode-se afirmar que *vai que* passou por um processo de construcionalização, que lhe confere características únicas ao português brasileiro e a diferencia significativamente das conjunções condicionais prototípicas. No entanto, apesar das contribuições de Longhin-Thomazi (2010) e Andrade (2014), as análises realizadas são ainda preliminares, baseando-se em um número limitado de dados e abordagens qualitativas, o que restringe generalizações teóricas mais amplas sobre a construção. De todo modo, Longhin-Thomazi (2010) analisa um número mais expressivo de ocorrências, totalizando 74 exemplos extraídos de textos escritos.

Em Ely e Cezario (2023a), a construção *vai que* é investigada a partir de sua relação com a modalidade epistêmica, sendo descrita como estratégia de flexibilização argumentativa, de projeção de hipóteses e de preservação de face, já que o falante reduz seu grau de comprometimento com a proposição enunciada. Em Ely e Cezario (2023b), as autoras aprofundam a análise qualitativa com base em dados do *Corpus do Português* (Web-dialetos)¹⁰, evidenciando tanto usos mais fixos, associados ao domínio da condicionalidade e à conexão de orações, quanto usos mais livres, próximos a marcadores epistêmicos. Além disso, mostram que a frequência de determinados contextos favorece a lexicalização em expressões cristalizadas, como *vai que cola* e *vai que dá*, o que reforça a produtividade e a multifuncionalidade da construção no PB contemporâneo.

Mais recentemente, Ferreira e Rech (2024) propõem uma análise formalista de *vai que* a partir de uma abordagem cartográfica. Os autores argumentam que a construção não deve ser classificada como condicional ou contrafactual, contrariando as interpretações de Andrade

¹⁰ Ver: < <https://www.corpusdoportugues.org/> >

(2012, 2014, 2019) e Ely e Cezario (2023a, 2023b). Em vez disso, defendem que *vai que* opera apenas como um modal epistêmico fraco, próximo a "pode ser que", responsável por expressar possibilidade. A análise baseia-se em testes semânticos de paráfrase e de contradição (Von Fintel e Heim, 2011) e destaca duas características principais para *vai que*: (i) a construção não é assertiva, sugerindo que o falante não possui evidências suficientes para se comprometer plenamente com a verdade da proposição; (ii) *vai que* é restrito ao evento de fala e funciona como uma justificativa para outra proposição no *common ground*, o que o diferencia de modais assertivos como "dever".

Vale destacar que o trabalho de Ferreira e Rech (2024), ao que pudemos compreender, também não se apropria de uma metodologia quantitativa e limita-se a dados reducionistas de *vai que*. É neste sentido que, embora concordemos que a construção apresenta traços epistêmicos – como já argumentado em Ely e Cezario (2023a, 2023b) –, defendemos que ela mantém vínculos com o domínio condicional e que sua função discursiva vai além da simples expressão de possibilidade, como demonstraremos na análise da seção 5.

A diversidade de contextos de uso de *vai que* e sua complexidade demandam estudos mais amplos e sistemáticos, que considerem critérios de análise mais robustos, com maior representatividade de dados, para que se possa compreender plenamente as funções dessa construção no sistema linguístico e no uso discursivo. É disso que pretendemos dar conta nesta tese.

2.4 Supondo que

Estudos têm argumentado que *supondo que* atua como um conector condicional, estabelecendo uma relação de causalidade hipotética entre uma oração condicional e a oração principal (Hirata-Vale, 2012; Bueno, 2015; Oliveira, 2019). Esse comportamento é ilustrado em exemplos como:

- (8) Devem-se separar os poemas impudicos, e explicar os outros com todo o cuidado e diligência. Mas, **supondo que** o Mestre não tem os ditos livros, direi o que deve fazer depois da leitura de Fredo e Terêncio. (1765 – Verdadeiro Método de Estudar – Luís António Vernei – CdP) (Hirata-Vale, 2012, p. 393, grifos nossos).

Nesse caso, *supondo que* é interpretado como um conectivo que constrói sentido condicional entre as proposições, envolvendo dois eventos vinculados por uma relação de circunstância que remete à causalidade não preenchida (Hirata-Vale, 2012).

Visconti (2008), ao discorrer sobre *supposing that*, no inglês, e *supponendo che*, no italiano, verificou o caminho de mudança percorrido por tais construções, que, originalmente, encontrava-se em um núcleo lexical (verbo *supor*) para assumir função gramatical (conjunção) e de codificação da atitude do falante (valor modal). Esse mecanismo de mudança passou por um processo de (i) reanálise, isto é, dos contextos de suposição como verbo para o emprego de conjunção (sendo os contextos adjuntivos e interrogativos antepostos causadores da mudança, permitindo aumento de escopo e afrouxamento de controle entre o sujeito da oração matriz e o sujeito do adjunto), e (ii) de subjetivação (já que há mudança na fonte de avaliação do enunciado: no emprego de *supor*, a avaliação recai sobre o sujeito do verbo (Quirk et. al. 2015); e no uso de *supondo que* como conectivo, a avaliação incide sobre o falante/escritor do enunciado, isto é, o controle de pessoa fica indisponível, pois “perde-se” a fonte do processo mental expresso por *supor*, que passa a ser “preenchido” pelo falante. Outro fator importante para a mudança linguística diz respeito à motivação, que estaria atrelada ao recrutamento de *supondo que* em contextos argumentativos. Assim, evidenciou-se que as mudanças estrutural e semântica estão interligadas, assim como os contextos que propiciam ambos os fenômenos.

Hirata-Vale (2012) concorda com a autora ao dizer que há processo de subjetivação envolvido no uso de *supondo que* no PB, uma vez que a fonte de avaliação passa a ser o falante/escritor, isto é, há uma avaliação como algo hipotético, em que se verifica a expressão da atitude do falante em relação à proposição. Para Oliveira (2019), o conector passa a atuar como conector adverbial, além de instaurar a não-assertividade das proposições envolvidas, em que a construção assume um significado procedural e mais abstrato, capaz de orientar o ouvinte (ou leitor) sobre a natureza não-real dessas construções, bem como da relação de causalidade não-preenchida que se propaga entre elas.

Todavia, embora *supondo que* esteja em processo de mudança, não se pode considerá-lo completamente gramaticalizado, segundo Hirata-Vale (2012). Isso porque ainda há intervenções lexicais entre as partes da construção, como em:

- (9) **Supondo**, para simplificar, **que** os 91,8 milhões de lares são uniformemente divididos no globo (isto não corresponde à verdade, mas o cálculo exato levaria a horas de simulação) isto nos dá 1,25 quilômetros por lar a visitar, totalizando uma viagem de 120 milhões de quilômetros. (Hirata-Vale, 2014, p.19).

Como pode-se ver, em (11), há intervenção lexical entre o conector, o que indicaria que o falante ainda não faz a compreensão de *supondo que* como sendo um *chunk*. De acordo com Hirata-Vale, casos como esse mostram que há uma mudança gradual do significado do verbo *supor* para um elemento funcional de conectivo condicional, mas o processo de construcionalização ainda não foi findado.

Sobre o processo de mudança de *supondo que*, Oliveira (2019) argumenta que a emergência de [*supondo que X*] está atrelada aos contextos de uso da forma não-finita do verbo *supor* em construções de gerúndio circunstanciais, em que, ainda ligado ao significado fonte verbo, seu uso nesse tipo de construção é referencial e se associa esquematicamente à categoria verbal. Neste sentido, *supondo que* tem valor modal, com significado próximo a de outros verbos gramaticalizados como *acho que* e *acredito que*, os quais indicam que o referente do sujeito faz uma avaliação subjetiva do conteúdo da oração encaixada e revela sua crença em relação ao conteúdo apresentado.

Quanto à função semântica, Oliveira (2019, p. 371) defende que as orações iniciadas por *supondo que* indicam “a causa hipotética que serve como contingente da validação da consequência enunciada pela oração núcleo”. Tal conector teria sido originado de “um verbo de percepção mental que designa estado cognitivo, que, originalmente, indica ‘admitir hipoteticamente’”. Assim, semelhante às condicionais prototípicas, constrói espaço cognitivo a partir do qual se projeta um espaço expandido. A autora explica os padrões de transferência e as regularidades envolvidas na organização estrutural e conceitual da condicionalidade do *supondo que*:

- (10) as recompensas pecuniárias não deixam de ser uma instituição das mais felizes, **supondo que** sua distribuição seja feita com discernimento e justiça. (ateus.net) (Oliveira, 2019, p.371).
- (11) **Supondo que** ocorra um aumento não antecipado da demanda do varejo, os estoques irão sofrer uma redução maior do que a esperada, mas os preços ao varejo e ao produtor permanecerão inalterados. (19Ac:Br:Lac:Thes) (Oliveira, 2019, p.371).

Nas ocorrências acima, as orações iniciadas por *supondo que*, segundo Oliveira (2019), indicam a causa hipotética que propicia a validação do que está enunciado na oração principal (relação de causa-consequência). Além disso, *supondo que* constrói um espaço cognitivo a

partir do qual é projetado um espaço expansão, assim como ocorre em condicionais prototípicas. É, portanto, por fatores semânticos e cognitivos que podemos considerar *supondo que* um conector condicional.

Pensando na rede construcional dos conectores condicionais, Oliveira (2019) apresenta o subesquema [V_que]_{CONNECT} como estando na emergência de *supondo que*. *V* é o *slot* que pode ser ocupado pela categoria derivada de verbos, como *posto que*, *dado que*, sendo *supondo que* o membro mais antigo e mais produtivo desse subesquema (Clemente, 2021).

Como vimos neste capítulo, entende-se que *vai que* e *supondo que* referem-se a operadores argumentativos que conectam orações. Os estudos aqui apresentados foram de grande importância para a nossa reflexão sobre os dados, sendo que no caso de *vai que*, as pesquisas demonstram uma relação única com o domínio condicional ou com a modalidade epistêmica, da qual não concordamos totalmente, e da qual escapa especificações de sentido da construção (as quais serão exploradas no capítulo sobre as análises). Pontuamos, ainda, que apesar de *vai que* marcar modalidade, discordamos de Andrade ao denominar as marcas interativas no uso de *vai que* como “marcadores discursivos” unicamente, visto que nem todos os casos são aplicáveis a essa generalização. Quanto à revisão de literatura sobre *supondo que*, que se apresenta como um estudo mais aprofundado, discordamos de Hirata-Vale (2012), quando argumenta que o conector ainda não está gramaticalizado, mesmo que haja casos de materiais intervenientes.

2.5 Integração de orações

Como discutido anteriormente, as construções condicionais têm sido frequentemente interpretadas como orações hipotáticas. Nesse contexto, analisamos o processo sintático de integração dessas orações sob a perspectiva cognitivo-funcional, o que exige uma revisão crítica da dicotomia entre subordinação e coordenação conforme concebida pela tradição gramatical.

Oliveira (2014) argumenta que, na perspectiva normativa, as construções condicionais – bem como suas conjunções e locuções conjuntivas adverbiais – são geralmente definidas com base na dependência sintática que estabelecem em relação à oração adverbial. Nas gramáticas normativas, os conectivos são tratados como os elementos gramaticais que definem o vínculo sintático-semântico entre a oração principal e a subordinada (Rocha Lima, 2011). Contudo, tal definição enfrenta limitações, sobretudo ao considerarmos a língua em uso interativo, já que o estabelecimento de (in)dependência nem sempre se dá de forma clara.

Hopper e Traugott (1993) argumentam que a vinculação entre orações, na verdade, ocorre por meio de um *continuum*, como pode ser visto no Quadro 1, abaixo.

Quadro 1: Continuum de dependência e encaixamento.

Grau de Vinculação	Dependência Sintática	Encaixamento
Parataxe	Baixa	Baixo
Hipotaxe	Moderada	Baixo
Subordinação	Alta	Alto

Fonte: autora, adaptado de Hopper e Traugott (1993)

De acordo com esse esquema, as construções baseadas em parataxe se caracterizam por estabelecer uma relação de maior independência e menor grau de encaixamento entre as orações, situando-se no domínio das construções tradicionalmente conhecidas como coordenadas. Em contrapartida, as construções baseadas em hipotaxe denotam interdependência e um baixo nível de encaixamento, embora mantenham certa autonomia entre as cláusulas. Finalmente, a subordinação implica alto nível de dependência sintática e de encaixamento, configurando uma relação hierárquica entre as orações. Essa gradação permite observar que o vínculo sintático entre as orações não é estático, mas dinâmico e multifacetado. Logo, o conceito de integração sintática, sugerido por Hopper e Traugott (1993), oferece uma perspectiva mais abrangente sobre os vários graus de dependência e encaixamento existentes nas construções complexas, ampliando nossa compreensão sobre o funcionamento da gramática no uso efetivo da língua.

Entre os processos derivados da subordinação e hipotaxe, acrescentamos ainda a insubordinação (Evans, 2007), considerando as orações suspensas (Béjar, 2022). Evans (2007) realizou uma análise diacrônica sobre orações independentes e concluiu que estas se originam da elipse da oração principal em construções subordinadas, que passam a atuar de forma autônoma. Um exemplo trazido pelo autor é:

- (12) *If you could give me a couple of 39c stamps, please. (I'd be most grateful)* (Evans, 2007, p. 380). Se você pudesse me dar alguns selos de 39 centavos, por favor. (Eu ficaria grato) (tradução nossa).

Rodrigues e Baroni (2021) propõem que a elipse ocorre porque o material omitido é comunicativamente periférico, sendo recuperável no cotexto ou no contexto. Nesse cenário, a frequência de uso desempenha papel relevante, uma vez que permite aos ouvintes inferirem o

significado com base no contexto em que a construção ocorre. Bybee (2010), assim, destaca que a frequência de uso das construções permite que inferências se cristalizem em seu significado, favorecendo a elipse de partes do material linguístico.

Sob uma perspectiva sincrônica, Decat (2009, 2011) argumenta que tais construções já nascem independentes e desempenham função focalizadora no enunciado, reforçando a argumentação do falante. Com base nisso, o processo de insubordinação seria explicado por duas frentes: (i) padrão sincrônico, em que cláusulas independentes são estruturalmente semelhantes às subordinadas; (ii) padrão diacrônico, o qual dá origem ao status de independência (Rodrigues e Baroni, 2021). A partir de ambos os pontos de vista, as autoras caracterizam a insubordinação como

uma cláusula que funciona como unidade informacional, cuja interpretação é feita inferencialmente, com base no conhecimento de mundo dos falantes na situação comunicativa e na frequência de uso da cláusula, já que não há material linguístico a ser recuperado antes dela. (Rodrigues e Baroni, 2021, p. 142).

Quanto às construções suspensas, conforme Béjar (2022), permitem reconsiderar a descrição de construções bipolares, como as causais e condicionais. Essas construções se distanciam dos padrões sintáticos tradicionais e se constituem a partir de uma combinação particular de elementos, associados a sentidos concretos, como as estruturas do tipo *e se*. Além disso, são características da oralidade, possuindo forte aspecto interativo.

De acordo com o autor,

al ser construcciones constituidas por un rasgo prosódico, se considera que son estructuras propias de la oralidad y de la conversación coloquial. Su uso con una marca de final abierto suele invitar al interlocutor a participar también en la construcción del discurso y permite inducir su carácter interactivo. (Béjar, 2022, p. 195).

Béjar (2022) também destaca que “*con las condicionales suspendidas existe cierto peligro de confusión con otro tipo de construcciones con si que también se suele incluir entre las insubordinadas: las construcciones con si refutativo o de réplica del tipo ¡si yo no he hecho nada!*”. Entretanto, essas construções refutativas diferem substancialmente das suspensas, pois não compartilham valores discursivos semelhantes e não expressam a não factualidade característica das condicionais.

Mais especificamente,

Las estructuras suspendidas suelen expresar el argumento de una conclusión no explicitada, y que podría servir como reposición de la apódoxis. El funcionamiento argumentativo de estas construcciones se basa, precisamente, en que el emisor llegue

*por sí mismo a la conclusión y se solicita su colaboración en la construcción del sentido global de la conversación. De esta manera, se genera una estrategia encubierta de realización del acto de habla con la que se persigue que el receptor acepte mejor su conclusión y quede atenuada cualquier posible amenaza. De este hecho puede derivarse que este tipo de estructuras suspendidas pueda considerarse un recurso de atenuación cortés.*¹¹ (Béjar, 2022, p. 196-197).

Neste sentido, as estruturas suspensas implicam questões na argumentação do discurso, podendo afetar tanto a orientação argumentativa como a força dos argumentos. “*Las causales y condicionales suspendidas suelen introducir argumentos coorientados a una determinada conclusión, pues suelen presentar una causa real o hipotética de un hecho o premisa que se quiere defender*”¹² (Béjar, 2022, p. 196).

Dado o exposto, é essencial reconhecer que as construções condicionais e suas variações não se limitam a categorias fixas. Os graus de dependência semântica e encaixamento sintático variam conforme o contexto comunicativo e os propósitos pragmáticos do falante. Por questões metodológicas, trabalhamos com os conceitos de parataxe, hipotaxe e insubordinação, incluindo as orações suspensas na categoria de insubordinação, apesar de reconhecermos suas especificidades.

Tendo em vista o objeto deste estudo, consideramos as construções condicionais como construções complexas – normalmente do tipo hipotática [[CONNECT] (Y) (VP) (C) < > (Y) (VP) (C)]_{HIP} –, que envolvem um conjunto de padrões rotinizados, uma vez que o esquema geral pode instanciar outros, como as construções causais, condicionais, temporais, concessivas etc. Logo, a descrição das construções envolve “uma explicação de como suas características lexicais e estruturais são mapeadas em aspectos de interpretação de um modo que é específico daquela construção” (Ferrari, 2001, p. 144). A condicionalidade pode ser verificada, portanto, por diferentes traços formais da construção, mas que compartilham aspectos semânticos e pragmáticos.

Quanto aos fenômenos de nosso estudo, *vai que* e *supondo que*, estes podem ocorrer tanto em orações hipotáticas, paratáticas ou insubordinadas, como veremos na seção de análise. Esse comportamento evidencia a natureza flexível das construções, que não se restringem a um

¹¹ Tradução: As estruturas suspensas geralmente expressam o argumento de uma conclusão não explicitada, e que poderia servir como reposição da apódose. O funcionamento argumentativo dessas construções é baseado, precisamente, no fato de que o emissor chega por si mesmo à conclusão e se pede sua colaboração na construção do sentido global da conversa. Desta forma, gera-se uma estratégia disfarçada de realização do ato de fala com a qual se persegue que o receptor aceite melhor sua conclusão e seja atenuada qualquer possível ameaça. Deste fato pode-se inferir que este tipo de estruturas suspensas pode ser considerado um recurso de atenuação cortês.

¹² Tradução: as causais e condicionais suspensas costumam introduzir argumentos coorientados a uma determinada conclusão, pois costumam apresentar uma causa real ou hipotética de um evento ou premissa que se quer defender.

único padrão de vinculação sintática, mas transitam entre diferentes formas de articulação oracional. No caso da hipotaxe, estabelecem uma relação de dependência entre cláusulas, aproximando-se de conectores prototípicos da condicionalidade; na parataxe, podem funcionar como elementos que mantêm a autonomia estrutural das orações, mas sugerem uma relação inferencial ou hipotética entre elas; já na insubordinação, aparecem em enunciados isolados, cujo valor semântico se sustenta na força ilocucionária do marcador, funcionando de modo mais pragmático e epistêmico. Essa versatilidade confirma o caráter multifuncional das construções em estudo e reforça a relevância de observá-las em diferentes gêneros e contextos de uso.

2.6 Considerações ao capítulo – Avanço científico

Como discutido neste capítulo, os trabalhos apresentam abordagens distintas sobre os fenômenos em estudo. Andrade (2012; 2014) e Ferreira e Rech (2024) caracterizam *vai que* como conector modal epistêmico, enquanto Longhin-Thomazi (2010) o classifica como conector condicional/hipotético. Andrade foca principalmente em aspectos semântico-pragmáticos, enquanto Longhin-Thomazi descreve as propriedades formais e funcionais da construção, ambas numa visão funcionalista. Por outro lado, Ferreira e Rech centram-se em uma abordagem formalista para a descrição do fenômeno. Todavia, nos três trabalhos citados, escapa a análise quantitativa que considere a diversidade de contextos e de usos do *vai que*, o que acaba por deixar lacunas na compreensão da natureza e da complexidade do fenômeno.

Em relação à *supondo que*, os estudos brasileiros (e internacionais para *supposing that*) investigam tanto o processo de construcionalização quanto à descrição dos usos desse conector, o que atribui status mais aprofundado e detalhado da construção. Para os estudos (Hirata-Vale, 2012; Bueno, 2015; Oliveira, 2019), *supondo que* exerce papel de conector condicional no PB.

Tais estudos são relevantes para esta tese porque fornecem a base teórica e o suporte necessários à análise empreendida. Além disso, o entendimento do domínio condicional, por exemplo, mostra-se fundamental, uma vez que consideramos que os fenômenos investigados enquanto conectores que ligam orações têm origem nesse domínio. Do mesmo modo, o estudo sobre a integração de orações é essencial, pois representa uma das particularidades (neste caso, sintática) dos fenômenos em foco. Quanto ao diferencial desta tese, entendemos que reside na abordagem inovadora ao tratar as construções [*vai que X*] e [*supondo que X*] de forma integrada, por meio da compreensão sintática e semântico-cognitiva. Esta pesquisa inova, portanto, ao:

- (i) Expandir o foco analítico para construções relativamente novas que têm função condicional, mas que não se enquadram completamente nos moldes da condicional prototípica. As análises dessas construções partem de vínculos formais e funcionais com o protótipo, mas reconhecem suas especificidades semântico-pragmáticas.
- (ii) Adotar uma abordagem comparativa baseada no *continuum* de prototipicidade, que possibilita examinar o grau de pertencimento dessas construções ao domínio condicional. Esse modelo permite identificar não apenas semelhanças, mas também pontos de tensão e distinções conceituais, considerando critérios como causalidade, não-assertividade, predição e criação de espaços mentais.
- (iii) Propor novas interpretações funcionais e pragmáticas, explorando como [*Vai que X*] e [*Supondo que X*] mobilizam expectativas e crenças dos falantes, expandindo os limites da condicionalidade para além de projeções hipotéticas.
- (iv) Articular novas perguntas de pesquisa que buscam compreender até que ponto essas construções se aproximam ou se distanciam, destacando as fronteiras entre condicionalidade estrita e outras categorias de significado, como precaução, suposição ou expectativa.
- (v) Aprofundar os estudos de [*Vai que X*], utilizando critérios de análise que descrevam quali-quantitativamente a construção e seu funcionamento, indo além das categorias tradicionais, portanto.
- (vi) Contribuir para a descrição da rede linguística relativa ao domínio da condicionalidade, observando os *links* entre construções com traços semântico-pragmáticos e/ou formais em comum.

Assim, esta tese não apenas expande a descrição do domínio condicional, mas também contribui teoricamente ao demonstrar como construções linguísticas aparentemente periféricas dialogam com estruturas centrais, revelando a plasticidade do sistema linguístico e a complexidade das interações semânticas e pragmáticas no uso interativo da língua. Além disso, defendemos que uma perspectiva mais integrada sobre domínios semânticos pode ser fundamental para o entendimento de construções não prototípicas, como o da condicionalidade e da modalidade, que abordamos na subção 3.5.5.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A capacidade de o indivíduo adquirir e empregar língua é própria da espécie humana e está diretamente ligada à sua capacidade mental. Todo indivíduo que preserva aptidão intelectual será capaz de adquirir e produzir língua, basta que tenha contato com o ambiente linguístico. A experiência faz com que o falante desenvolva sua língua por meio de mecanismos cognitivos de domínio geral, ou seja, não exclusivos à linguagem, como a capacidade de categorizar e de fazer analogia (Bybee, 2010).

Como a linguagem é muito complexa, diferentes vertentes teóricas buscam explicações para os mecanismos envolvidos na capacidade linguística dos humanos que levam a caminhos distintos, por exemplo, a acreditar que a mente é ou não modular e que a língua tem ou não mecanismo específico para a aquisição da linguagem. Apesar de ambas as perspectivas serem válidas, a que nos apropriamos para o desenvolvimento desta tese é a GCBU, que aposta no uso da língua como derivado dos mesmos processos cognitivos que habilitam o indivíduo a entender e a conceptualizar o mundo.

Vale ressaltar que, buscamos fazer uma integração entre a GCBU (Goldberg (1995), Traugott e Trousdale (2013), Diessel (2015), Perek (2015) e Bybee (2016)) e autores da da Linguística Cognitiva (LC), como Tomasello (1999), Evans e Green (2006), Langacker (2008) e Soares da Silva (2010), para abordar questões referentes à sistematicidade, à estrutura (paramento simbólico) e à conceptualização. Dessa forma, caracterizamos esta tese como sendo de cunho construcionista e cognitivista.

3.1 Herança Biológica e Cultural: particularidades humanas.

De acordo com Tomasello (1999), o desenvolvimento humano depende crucialmente da herança biológica e da herança cultural (Teoria da Dupla Herança), diferenciando-nos de outros primatas. Essa diferença envolve a capacidade de identificação dos seres humanos para com seus coespecíficos, ou seja, humanos compreendem “os outros como agentes intencionais (ou mentais) como a si mesmo.” (Tomasello, 1999, p.13), sendo isso somente possível pelo aspecto cultural por nós herdado.

Nesse viés, o que está em pauta para Tomasello (1999) – e concordamos com ele, nesta tese – não é, necessariamente, termos ou não um dispositivo inato para a linguagem, como argumenta Chomsky, mas sim estamos interessados nos mecanismos cognitivos (e nos demais

processos) envolvidos no uso da linguagem. Nas palavras do autor (1999, p. 50), “o objetivo não é decidir se alguma estrutura é ou não “inata”, mas sim determinar os processos envolvidos em seu desenvolvimento”.

Como vimos, Tomasello (1999 p.62) propõe uma dicotomia entre herança biológica e herança cultural, que reflete o desdobramento individual e social do ser humano, respectivamente. O autor argumenta que o desenvolvimento cognitivo se dá em duas linhas: a individual, relacionada ao que o organismo aprende de forma autônoma, “sem influência direta de outras pessoas ou artefatos”; e a cultural, que abrange o conhecimento adquirido por meio da perspectiva de outros, envolvendo fenômenos intencionais e a adaptação ao ponto de vista alheio em relação a um terceiro elemento. Assim, compreende-se que os seres humanos possuem uma capacidade biologicamente herdada para viver em um contexto cultural. Neste sentido, defendemos que essa reconhecimento faz com que, por exemplo, entendamos o turno certo de fala de cada um, ou sejamos capazes de dizer algo a partir da projeção feita sobre a compreensão do outro. Esse processo é essencial, pois a aquisição e o uso da linguagem dependem diretamente da habilidade de reconhecer a intencionalidade do outro.

Para Soares da Silva (2008, p.52), a integração sistemática dos aspectos sociais no contexto cognitivo envolve “o nível interacional do uso linguístico ou contexto situacional e o ambiente sociocultural da língua ou contexto social”. Logo, a natureza e a interação dos processos cognitivos voltados à linguagem são configuradas por meio da cognição social e da atenção conjunta (Tomasello, 1999; Diessel, 2019). Diessel (2019, p.23) divide esses princípios em três tipos básicos, sendo eles: (i) cognição social, (ii) conceptualização e (iii) memória.

A cognição social (cognição situada, nas palavras de Soares da Silva (2008)¹³) refere-se basicamente à capacidade de interação entre o falante e o ouvinte. Assim sendo, no ato comunicativo, os interlocutores devem levar em consideração o estado mental atual do outro, compartilhando a atenção e o conhecimento comum. Em outras palavras, é necessário que haja o mesmo foco de atenção, em que falante e ouvinte precisam dividir a mesma experiência, seja

¹³ Como explica o autor, o conceito de cognição social é central e se insere no âmbito das ciências cognitivas de “terceira geração”, as quais incorporam o aspecto contextual e interacional em seus estudos. Essa abordagem supera a antiga primazia de perspectivas que privilegiavam ora o individual em detrimento do social, ora o social em detrimento do individual, ao integrar ambas as dimensões. Trata-se, portanto, de um conceito denso e mais complexo do que o recorte adotado aqui, resultado de um significativo alargamento do campo da cognição: “desde uma perspectiva puramente interna, com a primeira geração das ciências cognitivas, à perspectiva corporizada (VARELA, THOMPSON & ROSCH, 1991; EDELMAN, 1992; DAMÁSIO, 1995, 2000; LAKOFF & JOHNSON, 1999; GIBBS, 2006) aberta ao exterior e, mais recentemente, à inclusão da situação, atividade ou interação na cognição e, assim, à noção de cognição situada ou cognição social (ZLATEV, 1997, 1999; TOMASELLO, 1999; BERNÁRDEZ, 2004, 2005; e, particularmente, as obras coletivas organizadas por ZIEMKE, ZLATEV & FRANK e FRANK, DIRVEN, ZIEMKE & BERNÁRDEZ, ambas ainda no prelo)” (Da Silva, 2008, p. 55). É nesse recorte específico — a cognição social — que nos concentramos nesta tese.

sobre um evento ou objeto. Por outro lado, a conceptualização envolve a manipulação dos estados mentais dos ouvintes pelos falantes para evocar um significado particular, o que configura processos conceituais gerais, como dêixis, metáfora e figura-fundo¹⁴. Essa dimensão envolve a maneira com a qual perspectivamos o mundo, ou seja, o modo com o qual a situação e/ou a entidade é entendida na realidade (Langacker, 2008). E, por fim, os processos de memória, que confluem no armazenamento, na recuperação e no processamento de informações (Diessel, 2019)¹⁵. Dessa forma, a relação entre língua, uso e cognição é retroalimentada.

Em suma, a compreensão do desenvolvimento da linguagem humana reside não em um dispositivo inato, mas na interação entre herança biológica e cultural, com papel fundamental dos processos cognitivos que emergem dessa integração. A abordagem proposta por Tomasello (1999), e complementada por Diessel (2019), destaca a importância da cognição social, da conceptualização e dos processos de memória no desenvolvimento linguístico, evidenciando que a nossa capacidade de viver e de se comunicar culturalmente está profundamente enraizada tanto na biologia quanto na cultura, e é através dessa combinação única que o ser humano desenvolve sua linguagem e, por extensão, sua identidade social e individual. Tais características, portanto, são exclusivas dos seres humanos e representam o conhecimento geral, isto é, conhecimento de mundo dos mesmos, os quais não são exclusivos da linguagem, como melhor dissertamos na seção 3.4.

A seguir, discorreremos sobre a capacidade de criatividade humana, que é outro aspecto a ser discutido, e que complementa a relação biológica e cultural para o uso da linguagem.

3.2 Explorando conceitos sobre a capacidade (linguística) criativa humana: o que se sabe sobre criatividade humana?

¹⁴ A dêixis é um processo derivado do movimento de apontar para a localização de algo/objeto/pessoa em um tempo e espaço, o qual pode ser marcado pelos elementos linguísticos de esse, este, aquilo, aqui, ali, lá etc. Já a metáfora é o mecanismo cognitivo que permite o indivíduo transpor significados, em que se traça analogias entre os domínios concretos que os falantes conhecem a partir de suas experiências sensório-motoras e os domínios mais abstratos da interação social e da vida mental dos mesmos. E, por fim, figura e fundo que diz respeito à a ideia de que, ao processarmos eventos ou informações, nossa mente prioriza certos elementos (figura) e os destaca sobre um pano de fundo (fundo) que é menos relevante naquele momento. Isso é aplicado tanto na percepção visual quanto em outros aspectos cognitivos e comunicativos, incluindo a linguagem, como quando escolhemos destacar certos detalhes de um evento para construir uma narrativa ou interpretação específica (Tomasello, 1999).

¹⁵ Outros processos, como a automatização e a analogia, fazem parte da memória, na perspectiva de Diessel (2019). Estes serão melhores descritos na subseção 3.4.

É inegável a capacidade que o ser humano tem em resolver problemas de forma inovadora. Nossa espécie é capaz de criar e recriar como nenhuma outra. Tal habilidade ocorre de forma intuitiva, contudo, é somente possível pelo desenvolvimento cognitivo e social ao qual estamos expostos. Conforme Hoffmann (2022), o conceito de criatividade, na psicologia, refere-se à combinação entre originalidade/novidade e adequação, isso quer dizer que para algo ser considerado criativo precisa ser original e apropriado ao contexto (Simonton, 2012), sendo este traço ativado somente a partir da interação com o(s) outro(s).

Podemos pensar em diferentes exemplos que comprovem que somos seres criativos, um deles é a invenção da *aeronave*. Frente a um novo contexto de crescimento global e a necessidade de encurtar as distâncias geográficas, percebeu-se que os meios de transporte existentes, como navios, trens e outros automóveis, já não eram suficientes para atender à demanda de velocidade e de eficiência. Sentiu-se, então, a necessidade de adequação ao que já era existente — o conceito de veículos e máquinas motorizadas — com novas tecnologias, da qual se valeu de princípios científicos inspirados no voo dos pássaros (De Melo e Júnior, 2018). A partir daí, a criatividade humana possibilitou o desenvolvimento da primeira aeronave, transformando e inovando o transporte e a comunicação mundial.

Importante destacar que a criatividade exige a convergência entre novidade e adequação. Dessa forma, ao considerarmos a modalidade de trabalho *home office* no contexto da COVID-19, percebe-se que ela não pode ser considerada um exemplo de uso criativo. Isso porque, antes mesmo da pandemia, já existiam modelos similares, e a prática, embora pouco comum ou conhecida, já era aplicada em algumas empresas. O que ocorreu, na verdade, foi uma adaptação, por conta do momento inesperado que foi experienciado mundialmente, inclusive no sistema laboral (e, consequentemente, no social e no econômico), e não uma inovação.

Quanto ao desenvolvimento linguístico, a criatividade humana também se aplica à linguagem (também é explorada na seção 3.5). Na Figura 1, Hoffmann (2022) exemplifica como o modelo de criatividade dos 5As¹⁶, desenvolvido por Glăveanu (2013), interage durante um ato criativo, e a quais elementos cognitivos linguísticos eles correspondem durante os atos verbais de criatividade.

¹⁶ Segundo o autor, todo ato criativo envolve: • atores, isto é, a pessoa que cria algo, • audiência, que são as pessoas com quem os atores interagem ou para quem inovam, • os artefatos, que se referem aos produtos/resultados do ato criativo, • ações, ou seja, os processos que levam ao produto criativo, e • os objetos materiais e o ambiente que fazem parte do processo criativo.

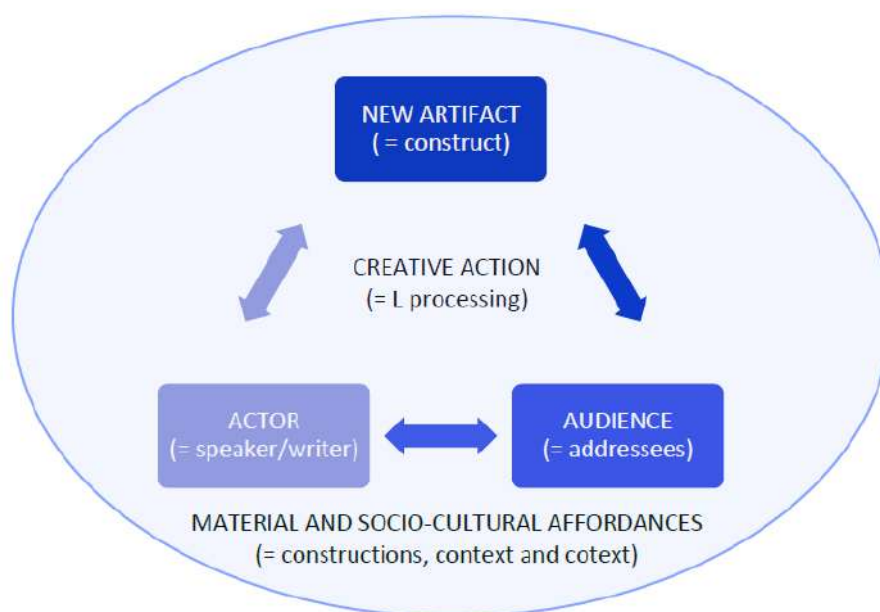


Figura 1: Modelo de criatividade dos 5As

Fonte: Hoffmann (2022, p.260)

Na ilustração, Hoffmann mostra que qualquer ato criativo linguístico envolve (i) um ator e um destinatário, (ii) possibilidades materiais e socioculturais, as quais são recrutadas num ato criativo verbal e incluem o conjunto de construções que os falantes de uma comunidade de fala compartilham, abrangendo contexto e cotexto em que um enunciado é produzido, e, por fim, (iii) a ação e os atos criativos verbais, nos quais processos mentais são acionados para a execução de enunciados criativos, correspondentes aos processamentos dinâmicos do conhecimento linguístico na memória de trabalho (Hoffmann, 2017c). Assim, os artefatos, no domínio da linguagem, são os enunciados específicos: os construtos. Os atores que produzem a linguagem criativa são, obviamente, os falantes e/ou os escritores dessas expressões verbais criativas, que se comunicam com o destinatário (ouvintes e leitores).

Nesta perspectiva, um exemplo de criatividade linguística é a formação da palavra “Twitter” do inglês, FORMA: /'twɪtər/ ↔ SIGNIFICADO: ‘nome de um serviço de rede social’ (Hoffmann, 2022). Corroborando com o autor, podemos citar outros usos formados por meio do substantivo “Twitter”. O falante, não satisfeito, inovou ainda mais e criou novas formas, como a palavra “Tweet” no inglês: FORMA: /'twɪt/ ↔ SIGNIFICADO: ‘a publicação feita na rede social’; ou adaptando-a a outra classe gramatical, a de verbo, em português: FORMA: /'twɪtar/ ↔ SIGNIFICADO: ‘ato de escrever/publicar nesta rede social’, neste último caso, a transformação decorreria de um processo de analogia, já que outras palavras, advindas do inglês, como *delete*, *surf*, *stalker* etc., foram enquadradas e transformadas em verbo de primeira

conjugação, *deletar, surfar, stalkear*; aqui, portanto, já não teríamos um processo criativo e sim uma adaptação.

Outro exemplo de criatividade linguística, agora do português brasileiro, é *vai que*, expressão inovadora, criativa e riquíssima, diga-se de passagem. Nossa hipótese, baseada na literatura linguística sobre formação de construções a partir do modo imperativo (Bybee e Fleischman, 1995; Teixeira, 2015; Oliveira & Teixeira, 2015) é que *Vai que* tenha como origem duas orações, uma no imperativo e a outra coordenada explicativa, como em: *[vai sem medo] [que dá para passar nessa ponte]* – uso fonte; *[vai] que dá para passar* – uso de *vai* próximo ao *que*; e *[vai que ele faltou.]* – uso epistêmico. *Vai que*, grosso modo, é uma construção utilizada para gerar sentido de possibilidade (Ely e Cezario, 2023a) – *Eu não vou nem tentar falar nada, vai que piora* (Twitter, 2023). Consideramos tal uso criativo porque é gerado um novo significado, até então jamais visto e pronunciado, que dá espaço à uma adaptação contextual, neste caso: FORMA: /'vai k/ ↔ SIGNIFICADO: ‘expectativa positiva e/ou negativa do falante sobre a hipótese de um possível acontecimento’.

Sobre a formação de construções inovadoras, Boas 2021; Bybee 2006, 2013; Croft 2001; Goldberg 2003, 2006 e Lakoff, 1987 argumentam que o "*constructicon*" mental¹⁷ dos falantes é moldado pela exposição repetida a enunciados específicos (os chamados "*constructos*"), sendo os processos cognitivos gerais, como categorização, chunking ou associação transmodal¹⁸, os que desempenham papel crucial no fortalecimento mental das construções. Assim, construtos criativos são o resultado da mistura de construções (*blending*)¹⁹, os quais são acompanhados por processos complexos de interpretação, guiados pela rede construcional até sua automatização (Diessel, 2023).

3.3 Mesclagem Conceitual

Segundo Fauconnier (1998), mesclagem conceitual é uma operação mental essencial que permite a criação de novos significados, *insights* globais e integrações conceituais,

¹⁷ *Constructicon* é a rede linguística (mais abstrata) formada e armazenada na nossa mente, a qual é flexível, ampliável e modelável. Veremos com mais detalhes adiante.

¹⁸ Chunking é o processo que faz duas unidades separadas se tornarem uma construção, como no caso de “vai” e “que” e “supondo” e “que”, que, ao se juntarem e passarem pelo processo de construcionalização, tornaram-se um chunk, isto é, uma unidade de sentido indissociável. Referente à associação transmodal, esta é a capacidade de ligar uma forma ao seu significado, depreendendo assim o sentido das construções.

¹⁹ O processo de *blending*, isto é, a criação de novas construções, ocorre por meio da memória de trabalho.

facilitando o trabalho da memória na manipulação de vastos campos de significado. Essa capacidade sustenta a flexibilidade e a criatividade humana, tanto na linguagem quanto em outros aspectos da comunicação, evidenciando o poder imaginativo da mente dos indivíduos (Pascual, 2012). Sugere-se que a habilidade sobre a realização de mesclagem conceitual complexo (integração de "duplo escopo") é uma competência fundamental para o pensamento e a linguagem humana (Fauconnier e Turner, 2002), sendo onipresente (Fauconnier, 1998).

Assim como outras capacidades, a mesclagem conceitual desempenha um papel central na construção de significados cotidianos e nas ciências, especialmente, sociais e do comportamento. O princípio básico dessa operação é o estabelecimento da correspondência parcial entre duas entradas, projetando seletivamente ambas para um novo espaço mental "mesclado", o qual cria a nova estrutura emergente (Fauconnier 1998). Em outras palavras, a mescla conceitual ocorre através da integração de dois ou mais espaços mentais distintos (Pascual, 2012). Segundo Fauconnier (1998, f.1, tradução nossa),

Uma rede básica de integração conceitual contém quatro espaços mentais. Dois deles são chamados de espaços de entrada, entre os quais se estabelece um mapeamento interespacial. Esse mapeamento interespacial cria ou reflete uma estrutura mais esquemática comum aos espaços de entrada. Essa estrutura é construída em um terceiro espaço, chamado de genérico. Um quarto espaço, chamado de mescla, surge por meio da projeção seletiva dos espaços de entrada. Ele desenvolve uma estrutura emergente de diferentes maneiras e pode projetar essa estrutura de volta para o restante da rede..²⁰

Para compreendermos melhor esse conceito, pensemos em *Saussure*. Quando nós, linguistas, falamos sobre Saussure e suas contribuições, automaticamente, o associamos à figura de *pai* desta ciência, uma vez que ao iniciarmos o curso de Letras, ele nos é assim apresentado. A razão pela qual atribuímos a ele esse título é porque Saussure foi quem forneceu os fundamentos para a sistematização da língua, o que permitiu o desenvolvimento da linguística enquanto ciência. Na realidade, Saussure era um estudioso e professor dedicado à reflexão sobre a língua, como muitos de nós também somos. Contudo, a metáfora de “pai” é usada (e apenas funciona, neste caso, para Saussure) porque associamos a paternidade à criação (espaço mental e entrada 1), especificamente, à criação de uma nova ciência (espaço mental e entrada 2). O que ambos os espaços têm em comum é o conceito de pai, armazenado na entrada

²⁰ Original: *A basic conceptual integration network contains four mental spaces. Two of these are called the input spaces, and a cross-space mapping is established between them. The cross-space mapping creates, or reflects, more schematic structure common to the inputs. This structure is constructed in a third space, called the generic. A fourth space, called the blend, arises by selective projection from the inputs. It develops emergent structure in various ways, and can project structure back to the rest of the network.*

3. Essa transposição de conceitos somente é possível através do *blending* conceitual. Abaixo, tem-se a representação, na Figura 2:

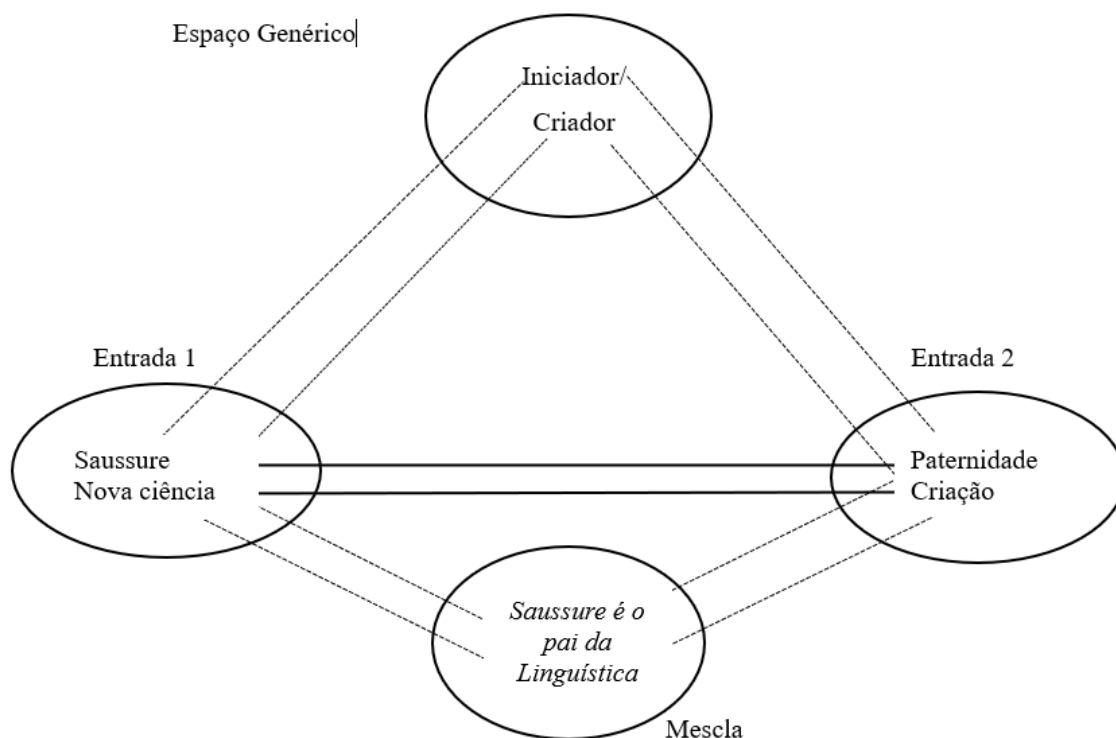


Figura 2: mesclagem conceitual

Fonte: autora baseada em Fauconnier (1998).

Na língua, tal operação gera novos significados. Um exemplo é a construção “pegar ranço”. O verbo “pegar”, originalmente, utilizado de forma concreta, como em: “Eu peguei o livro”, o qual aciona o sentido físico de tomar ou agarrar algo com a mão, com o tempo, tornou-se mais abstrato (processo de mudança construcional), como em: “Eu peguei uma gripe”. Atualmente, há usos ainda mais abstratos e idiomáticos, como: “pegar ranço”. A construção [pegar SN_{abstrato}]_{METAF} é o resultado de um processo de mesclagem, no qual combinações de significados de diferentes domínios semânticos geram novas expressões.

Nas palavras de Barczewska (2017), mesclagem conceitual refere-se à integração de elementos de diferentes espaços mentais, permitindo a criação e a compreensão de novos significados. Esses elementos se misturam por meio de conexões vitais, gerando expressões emergentes. Voltando à construção “pegar ranço”, como dissemos, esta resulta da combinação do verbo “pegar”, que originalmente se refere a uma ação física, e o substantivo "ranço", que é

uma metáfora para algo indesejável ou desagradável²¹. O verbo acaba sendo reinterpretado em um contexto emocional, expandindo seu significado original para a inclusão de sentimentos negativos: “pegar ódio”, “pegar nojo” ou “pegar raiva”. Esse fenômeno reflete a capacidade da língua de adaptação e de criação de novos sentidos a partir de estruturas preexistentes.

Outro exemplo que trago para discussão é a expressão “tomar (um) gelo”, que, a depender da região do Brasil, pode se referir ao ato de beber (RJ) ou pode ter o mesmo significado que “levar um bolo” ou “levar um vácuo” de alguém (SC). Esse exemplo é muito curioso, porque evidencia a importância do contexto e da experiência para o discurso, já que a mesclagem, que gera o sentido A ou B, somente vai ocorrer se a outra pessoa tiver a mesma referência de quem fala (Hoffmann, 2024)²². Certamente, se eu falar com meus amigos catarinenses que “eu tomei um gelo ontem”, eles irão compreender que eu passei por uma situação desconfortável com alguém; já se eu contar aos meus amigos cariocas que “eu tomei um gelo ontem”, eles entenderão que eu sai para beber²³.

Assim, como argumenta Hoffmann (2022), a mesclagem é um processo altamente seletivo e não a unificação computacional ou satisfação de restrições de todas as características de ambos os espaços de entrada. O autor sugere que, ao combinarmos construções linguísticas, dependemos da mesclagem conceitual. Neste sentido, a linguagem humana não possui um mecanismo combinatório específico de domínio (como o “merge”; Bolhuis et al., 2014) ou puramente computacional (como a unificação). Em vez disso, Hoffmann afirma que “a maneira como combinamos frases reflete a maneira como pensamos” (Hoffmann, 2022, p.8). Essa abordagem não só explica o uso da linguagem por adultos, mas também fornece uma perspectiva sobre a evolução filogenética da linguagem e sua aquisição ao longo do desenvolvimento humano.

3.4 O uso da linguagem segundo os modelos cognitivistas baseados no uso

²¹ Esse *insight* surgiu a partir de uma discussão com os orientandos de Cezário, mais especificamente, a partir do exemplo trazido por Rannier sobre a expressão “pegar ranço”.

²² Esse pensamento surgiu da apresentação de Hoffmann sobre a importância da referência e do contexto para o *blending*, no evento Discurso e Gramática em 28 de novembro de 2024.

²³ Utilizo a primeira pessoa do singular porque este é um exemplo de experiência pessoal, já que sou uma catarinense que vive no rio, o que faz com que eu tenha duas referências distintas a dois *blendings* sobre a mesma construção. Logo, sou capaz de aceitar ambas as referências e rejeitar uma ou outra conforme o contexto em que estou inserida (Simonton, 2010).

De acordo com os modelos cognitivistas baseados no uso, a linguagem é parte integrante da cognição, e não um sistema isolado e independente dentro do funcionamento cognitivo (Langacker, 2008). Em outras palavras, o domínio cognitivo é essencial para (e inseparável da) a capacidade linguística do ser humano.

Langacker (2008) argumenta que a estrutura linguística recorre a outros sistemas e habilidades mais básicas, por exemplo: a associação, a percepção, a automatização e a categorização – dos quais não pode ser segregada. Mais especificamente, a associação refere-se às “conexões psicológicas com o potencial de influenciar o processamento subsequente” (Langacker, 2008, p. 16). No âmbito linguístico, essa associação manifesta-se, por exemplo, quando ouvimos ou pensamos em um termo como "lua" e automaticamente estabelecemos conexões com palavras ou conceitos relacionados, como "noite", "céu" ou "sol". Esse fenômeno está diretamente relacionado ao *priming*, um processo cognitivo no qual a exposição a um estímulo facilita a ativação de informações associadas, influenciando o processamento subsequente (Diessel, 2019).

Quanto à percepção, esta fornece a base para a construção do significado mesmo antes de ser mediada pela linguagem. A percepção nos permite o reconhecimento de padrões, a identificação de formas no ambiente e a distinção dos estímulos como cores, sons e texturas. Esses processos, embora não linguísticos em sua essência, são indispensáveis para a estruturação do pensamento e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da linguagem (Langacker, 2008). Um exemplo prático é a percepção visual: a identificação de objetos como “cadeira” ou “árvore” não depende diretamente da linguagem, mas da associação entre a experiência sensorial e a categorização mental que, posteriormente, pode ser expressa linguisticamente. Assim, mesmo fenômenos aparentemente não linguísticos, como movimento e som, contribuem para a formação de esquemas mentais que sustentam a linguagem.

Sobre o papel da percepção na linguagem, especificamente, ela está intimamente ligada à maneira como interpretamos e atribuímos significados ao nosso redor. A percepção é um dos sistemas fundamentais que sustenta a estrutura linguística, já que ela permite que os indivíduos processem informações sensoriais e estabeleçam conexões com conceitos linguísticos (Langacker, 2008; Hoffmann, 2024), como é o caso da corporificação²⁴. Outro exemplo interessante a se pensar é como cada cultura percebe determinadas coisas e como isso se reflete

²⁴ A corporificação é um mecanismo que utilizamos para nomear objetos a partir da associação que fizemos com o corpo humano. Para exemplificar, podemos pensar na transposição do sistema corporal a estados psicológicos (uma personalidade equilibrada), julgamentos (uma opinião equilibrada), situações financeiras (um orçamento equilibrado), etc. (Silva, 2011).

na língua. A ideia de amor, em árabe, é dada pela palavra *ta'aburnee*, que significa "se enterra", traduzida literalmente como "que você me enterre" e expressa a ideia de que não se pode viver sem a pessoa amada. Diferente do PB que concebe jamais utilizaria essa metáfora para amor, já que percebe a morte como algo triste, como sendo o fim²⁵.

Ainda, é a partir da percepção que conseguimos identificar desde crianças uma série de elementos na comunicação com os pais, os quais podem fazer parte, por exemplo, do conjunto *repreensão*, seja pela expressão facial, pelo olhar, pelo sinal rápido com o dedo, pelo som do tipo [‘nã] ou por uma frase como “Não, não faça isso”. Nas palavras de Mancinas-Chávez (2016), a percepção é a captação de uma série de elementos em seu conjunto, os quais são relacionados e, assim, compõem tal conjunto²⁶. Logo, o indivíduo é capaz de perceber, a partir da sua percepção sobre mundo, quais elementos linguísticos estão relacionados entre si e quais deles pertencem a um mesmo conjunto. Assim, a linguagem não opera de forma isolada, mas está profundamente enraizada nas formas como percebemos e categorizamos espaço-situação. Isso evidencia a integração da percepção com a cognição humana em um nível básico, primário (Langacker, 2008).

Outra habilidade importante é a automatização, que corresponde a um processo de memória, da qual é treinável, pois, com o tempo, à medida que se experiencia coisas, atividades e eventos, eles se tornam mais espontâneos e fluídos. Para compreender melhor esse mecanismo, podemos pensar o custo de tempo e o esforço cognitivo que levamos para a realização de determinadas situações que são feitas pela primeira vez, como cozinhar um prato ainda não experienciado ou dar aula em outro idioma. À medida que você pratica/repete tal ação, ela se torna menos custosa e, portanto, mais rotineira e automática. Da mesma maneira, na representação linguística, quando introduzimos uma nova estrutura (equivalente à nova atividade não necessariamente linguística), o esquema é fortalecido conforme seu uso recorrente, e a construção passa a ser acessível instantânea e espontaneamente (Diessel, 2019).

Ainda sobre a automatização, conforme argumenta Langacker (2008), uma estrutura linguística vai gradualmente se solidificando até se firmar como uma unidade linguística

²⁵ Esse exemplo foi pensado e utilizado a partir da peça de teatro “O céu da Língua” de Gregorio Duviver (2025). Meu agradecimento em especial à minha querida amiga Laura que me proporcionou esse prazer linguístico e cultural, com tantas boas referências.

²⁶ A afirmação de Chavez (2016) é feita com base no experimento feito pelo Gestalten Köhler que desenvolveu um estudo em 1915 referente a uma série de experimentos sobre a aprendizagem e a conduta de chimpanzés antropóides de forma inteligente. O que o estudioso observou foi que tais primatas, por meio do condicionamento prova-erro, depois de algumas tentativas de obterem alimentos colocados fora do seu alcance, foram capazes de captar a situação com um todo e, assim, solucionar o problema mediante objetos, como caixas e outros matérias, que os fizessem alcançar a comida.

reconhecida pela comunidade de fala, o que ocorre pela repetição e expansão de seu uso. Tomemos a palavra "lacre", que originalmente se referia ao selo usado para fechar cartas ou documentos, especialmente com cera derretida, ou ainda à peça de metal ou plástico utilizada para selar embalagens. Esse uso concreto de "lacre" está associado à ideia de "fechar" ou "selar" algo de forma segura e autêntica. A partir dessa associação inicial, o termo foi ressignificado na linguagem popular para denotar algo que está "fechado com perfeição" ou é "impactante".

Nas redes sociais, o verbo "lacrar" passou a significar “fazer ou dizer algo tão expressivo e bem feito – como se tivesse *fechado* uma discussão ou uma atividade de forma exemplar – que impressionou a todos”, ou seja, *lacrou*. Gradualmente, o uso dessa palavra se expandiu, deixando de ser restrito a determinados contextos e sendo amplamente adotado em conversas informais e, especialmente, no ambiente digital e entre os mais jovens. Essa mudança de significado reflete como o uso figurado pode surgir de uma metáfora baseada no uso concreto original de uma palavra. Logo, o termo "lacre", que inicialmente carregava um sentido de segurança e autenticidade, passou a ser associado a uma nova expressão (significando, portanto, excelência ou perfeição) no discurso, evidenciando o dinamismo e a criatividade da linguagem.

Já por esquematização entende-se o processo de similaridade compartilhada entre experiências aproximadas que geram uma concepção mais abstrata (Bybee, 2010). Esse processo é fundamental para a aquisição de unidades lexicais, uma vez que as formas e significados convencionais de tais unidades são mais gerais (e abstratas) do que as ocorrências concretas que as originam. Desse modo, certos sentidos são mais “esquemáticos” em relação a outros, e alguns representam “extensões” de outros (ou seja, há algum conflito nas especificações) (Langacker, 1990). Por exemplo, o significado básico de "cadeira" — algo como ‘móvel com assento e encosto para uma pessoa sentar’ — é esquemático em relação a diferentes concepções de cadeiras específicas em contextos variados, que podem diferir em aspectos como material, cor, design e finalidade. Num nível ainda mais abstrato, "cadeira" é entendida como “móvel”, fazendo parte da mesma rede esquemática que *sofá*, *estante*, *mesa*, *pufe* e outros. A seguir, na Figura 3, demonstramos sua esquematização.

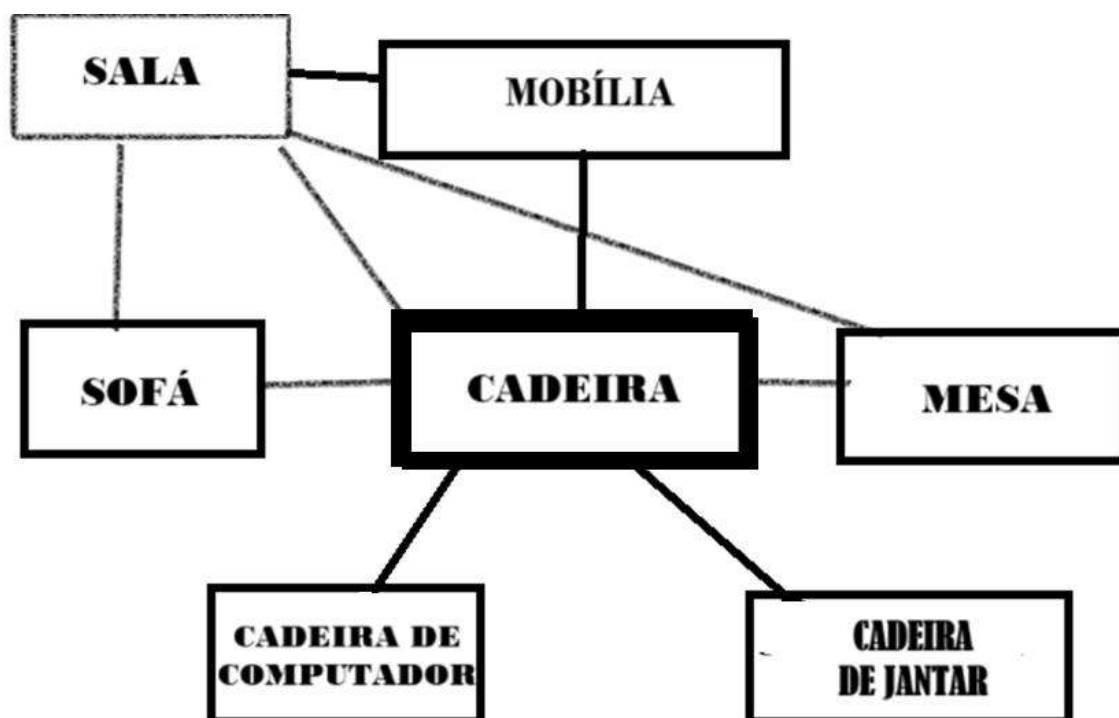


Figura 3: Esquema móvel
 Fonte: autora com base em Langacker (1990).

Conforme Langacker (1990), os nós e os vínculos da rede estabelecidos pela categorização diferem em seu grau de entrenchamento e saliência cognitiva – por exemplo, na Figura 3, a caixa em que a linha está mais marcada corresponde ao protótipo de categoria, em que se estabelece vínculos mais fortes e, portanto, mais entrenchados (como com cadeira de computador e cadeira de jantar) e outros menos salientes (como com sofá e mesa).

Tal processo está fortemente ligado à categorização, contudo, esta pode ser descrita, de forma mais ampla, como a interpretação da experiência em relação a estruturas previamente existentes (Langacker, 1990; Diessel, 2019). Uma categoria é um conjunto de elementos julgados equivalentes para algum propósito, sendo, portanto, *mobília de casa* um exemplo, uma vez que compartilham características comuns e podem ser organizados de acordo com certos critérios, como ser um objeto de uso comum e essencial ao espaço doméstico.

Quanto às categorias linguísticas, segundo Langacker (2008, p.17, tradução nossa), são constituídas por sentidos alternativos de um item lexical equivalentes,

Se a estrutura A pertence a uma categoria, ela pode ser usada para categorizar outra estrutura, B, que pode então se tornar um membro da categoria. A categorização é mais simples quando A é esquemática para B, de modo que B elabora ou instancia A.

Para isso, uso uma seta sólida: $A \rightarrow B$. A seta indica que B é totalmente compatível com as especificações de A, mas é caracterizado com maior precisão e detalhe²⁷.

Conforme observa Diessel (2021), a categorização é o processo pelo qual novas experiências são classificadas como instâncias de categorias ou esquemas já existentes, sendo guiada não apenas por abstrações gerais, mas também pela semelhança com exemplares previamente armazenados na memória. Em uma perspectiva baseada no uso, cada ocorrência linguística deixa um rastro cognitivo, e ocorrências semelhantes se reforçam mutuamente, formando agrupamentos de exemplares que servem como pontos de referência cognitivos para a classificação de novos usos. Assim, as categorias emergem de múltiplas experiências linguísticas parcialmente sobrepostas, e não de regras abstratas pré-estabelecidas. Desse modo, a frequência e o contexto de uso desempenham papel central na formação e manutenção das categorias linguísticas, reforçando certos padrões e tornando-os mais acessíveis cognitivamente.

Nesta perspectiva, a categorização não se configura como um processo binário (pertence/não pertence), mas como um fenômeno gradiente, fundamentado em semelhanças de família e na prototipicidade. Ao aplicar essa noção a uma categoria linguística — como “condicional”, “hipótese” ou “expressão de possibilidade” —, compreende-se que seus membros se organizam em torno de um núcleo prototípico, distribuindo-se segundo diferentes graus de centralidade de acordo com sua proximidade ao protótipo.

O protótipo corresponde ao membro mais representativo da categoria: aquele que exibe o maior número de características compartilhadas, mantém vínculos mais entrincheirados (isto é, mais frequentemente ativados na cognição) e, por isso, apresenta maior saliência cognitiva, sendo centrais. Já os membros periféricos compartilham apenas algumas propriedades com o protótipo e podem parecer marginais, mas ainda assim integram a categoria por relações de similaridade indireta ou por encadeamento (Diessel, 2021).

Por exemplo, ao ouvir “*Se chover, ficamos em casa*”, o falante reconhece imediatamente uma condicional prototípica: antecedente no presente do indicativo, consequência plausível e postura epistêmica neutra. Em contraste, uma construção como “*Vai que chove...*”, na qual a apódoxe sequer é explicitada — cabendo ao interlocutor inferi-la —, pode ser classificada como membro periférico da categoria “condicional” ou “estrutura hipotética”, pois: (i) não utiliza o

²⁷ Original: *If structure A belongs to a category, it can be used to categorize another structure, B, which may then become a category member. Categorization is most straightforward when A is schematic for B, so that B elaborates or instantiates A. For this I use a solid arrow: $A \rightarrow B$. The arrow indicates that B is fully compatible with A's specifications but is characterized with greater precision and detail.*

conectivo *se*; (ii) apresenta a forma *imperativo + que*; (iii) expressa uma possibilidade fortemente avaliada; e (iv) não segue o esquema canônico [*se P, então Q*]. Ainda assim, o falante a reconhece como pertencente à mesma categoria cognitiva, já que mantém a função básica de projetar um espaço mental alternativo fundado em uma possibilidade. A diferença, portanto, reside no grau de aproximação ao protótipo, o que resulta em uma estrutura radial da categoria, composta por um centro estável e uma periferia flexível.

Esse processo é dinâmico e orientado pelo uso: quanto mais uma construção é empregada em contextos semelhantes, mais entrincheirada se torna sua ligação com a categoria — exatamente como propõe Diessel ao descrever o fortalecimento das representações por meio da repetição e da similaridade entre exemplares. Assim, *supondo que* e *vai que*, embora não sejam condicionais canônicas, podem aproximar-se do protótipo em determinados registros (como o coloquial ou o digital), justamente em razão de sua alta frequência e funcionalidade pragmática.

Desse modo, a categorização revela-se uma operação cognitiva ativa do falante, que não apenas reconhece estruturas existentes, mas reconfigura continuamente os limites das categorias a partir da experiência discursiva. É essa dinâmica que possibilita que construções aparentemente marginais — como as analisadas nesta tese — sejam integradas de forma coerente ao sistema linguístico, ocupando posições específicas em um espaço categorial gradiente, situado entre o prototípico e o periférico.

3.5 Gramática de Construções Baseada no Uso

A GCBU entende que a língua exerce função interativa, sendo o contato e a experiência do falante com o mundo essenciais para o desenvolvimento e uso da língua. A representação do conhecimento linguístico (e não-linguístico) dos indivíduos, como a organização dos conceitos e do significado, é constituída por processos cognitivos²⁸ de domínio geral intrínsecos aos mesmos (Evans; Green, 2006; Bybee, 2010). Neste sentido, assume-se, a partir da perspectiva cognitivista – e também a do uso –, dois compromissos básicos acerca do conhecimento linguístico do falante: o cognitivo e o da categorização.

²⁸ Além dos que explicamos nesta seção, há processos cognitivos de domínio geral (comuns a todos os humanos) que governam o conhecimento linguístico; estes são ativados no processamento e na produção efetiva da língua. Ver Bybee (2016).

Segundo Evans e Green (2006), o compromisso cognitivo diz respeito aos mecanismos cognitivos envolvidos no processamento e na manipulação linguística. Ou seja, a linguagem e sua organização refletem princípios cognitivos gerais e não específicos da linguagem, como a cognição social, a memória e outros, já discutidos. O compromisso da categorização, especificamente, refere-se à forma com a qual vemos e organizamos o mundo, como as classificações que fazemos aos animais; todo animal que tem quatro patas e late é categorizado como estando no grupo prototípico de “cachorros”; ou quando agrupamos os mais variados lexemas terminados em *r* na categoria de verbos infinitivos. Nesse caso, somos capazes, por exemplo, de criar, por analogia, novos verbos, como “sextar”, que passou de substantivo a verbo, sendo motivado por outros usos da mesma categoria, como “falar”, “beijar”, “festar” etc.

Nesse viés, percebe-se a língua como algo estruturado – sistemática e mentalmente –, e organizado para a expressão do significado e para a realização de funções simbólicas e interativas. Logo, entende-se que uma das formas cruciais de expressar linguagem é usando símbolos (Evans e Green, 2006). Os símbolos, neste caso, consistem em formas que podem ser: falada, escrita ou sinalizada, sendo os significados socialmente convencionalizados. Tais conjuntos simbólicos são entendidos enquanto emparelhamento parcialmente convencional de forma-significado (Traugott e Trousdale, 2013; Hilpert, 2014), o que implica os falantes reconhecerem e estarem de acordo com o(s) sentido(s) dado(s) para cada construção linguística.

A Figura 4 ilustra a correspondência entre construções.

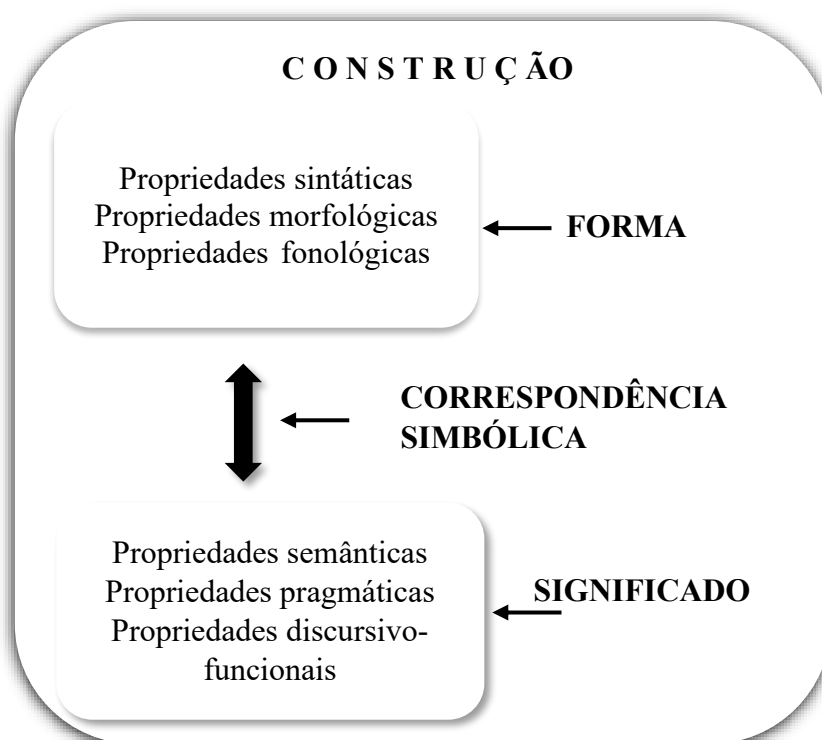


Figura 4 – Construção

Fonte: adaptado de Croft (2001, p.18)

Croft (2001) detalha o pareamento construcional por meio da Figura 4. Observemos que, no plano da forma, encontram-se as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, e, no plano do significado, estão as propriedades semânticas, pragmáticas e discurso-funcionais, havendo *link* simbólico entre esses planos. Essa noção expandida do signo saussuriano é conhecida como "construção" e abrange morfemas, palavras, expressões idiomáticas, sentenças e/ou padrões frasais abstratos (Hoffmann, 2022).

Como pontua Hoffmann (2022), a GCBU vai um passo além ao afirmar que associações (parcialmente) arbitrárias de forma-significado não são apenas um conceito útil para a descrição de palavras, mas que todos os níveis de descrição gramatical envolvem tais associações convencionais de forma e de significado. Neste sentido, podemos aplicar o conceito de estrutura de Mancinas-Chávez (2016, p. 12) ao conceito de construção, “*para citar en que no concebimos la estructura más que como un conjunto, un todo, formado por fenómenos solidarios, de tal forma que cada uno depende de los otros y no puede ser lo que es, más que por su relación con los demás*”²⁹. Arrisco dizer, portanto, que a estrutura linguística nada mais é do que as relações entre construções.

Nos termos de Langacker (2008), uma estrutura simbólica reside em um vínculo entre uma estrutura semântica e uma estrutura fonológica, de modo que uma pode evocar a outra. Logo, tal estrutura é bivalente, em que: [S] equivale ao polo semântico, e [P] ao polo fonológico. O lexema “balde”, por exemplo, pode ser concebido da seguinte maneira: [[BALDE]/[bawdi]], em que [BALDE] é a conceptualização complexa da qual representa seu polo semântico, e [bawdi] em letras minúsculas compõe seu polo fonológico. *Balde* é um exemplo de representação simbólica simples, contudo, a partir dele, pode-se formar construções mais complexas (ou utilizar-se dele para este fim), que estão num nível superior da rede, como o famoso exemplo de Goldberg (1995): “Chutar o balde” (*kick the bucket*), esquematicamente representado por [Chutar NP].

Sobre expressões linguísticas idiomáticas, isto é, mais fixas na língua³⁰, Tomasello (2005) chama a atenção para o fato de que esse tipo de estrutura complexa não se baseia

²⁹ Tradução: para citar que não concebemos a estrutura mais que como um conjunto, um todo, formado por fenômenos solidários, de tal forma que cada um depende dos outros e não pode ser o que é, mais que por sua relação com os demais.

³⁰ Mais fixas no sentido de permitirem pouca variação de itens no preenchimento do *slot*, como em [Chutar NP], em que poucos lexemas podem ser usados no slot NP, como “balde” ou “pau-da-barraca”.

totalmente em categorias abstratas, mas sim em itens linguísticos particulares (Fillmore, 1988, 1989; Fillmore, Kaye e O’Conner, 1988; Croft, 2001). Diessel (2019, p. 66, tradução nossa) acrescenta que “tradicionalmente, as expressões idiomáticas são consideradas como uma pequena classe de expressões irregulares que são armazenadas ao lado de palavras no léxico mental, enquanto a vasta maioria de frases e sentenças são derivadas por meio de regras totalmente produtivas”³¹, sendo aquelas que possibilitam a criação de novas formas linguísticas de maneira sistemática e previsível — ou seja, tratam-se de estruturas generalizáveis, que podem ser combinadas livremente em diversos contextos. Assim, sugere que “idiomaticidade é um continuum que diz respeito a uma gama muito mais ampla de expressões do que comumente se supõe (Fillmore et al. 1988; Nunberg et al. 1994; Taylor 2012)”³² Diessel (2019, p. 66, tradução nossa).

Quanto às construções mais produtivas e abstratas, portanto, estas são altamente esquemáticas, mas ainda assim simbólicas, pois possuem um significado em relativa independência dos itens lexicais envolvidos (Tomasello, 2005), como no caso das declarativas simples [S V O]. Segundo o autor, “o ponto mais importante é que as construções não são nada mais, nada menos, do que padrões de uso, os quais podem, portanto, tornar-se relativamente abstratos se esses padrões incluírem muitos tipos diferentes de símbolos linguísticos específicos.”³³ (Tomasello, 2005, p. 100, tradução nossa). Importante mencionar que tais padrões sempre têm/terão alguma função comunicativa, sendo gerados a partir do uso que se faz da língua.

Nesse contexto, torna-se pertinente discutir sobre o conceito de composicionalidade — central na Gramática de GCBU —, fundamental para a compreensão de como os significados emergem das combinações linguísticas. De acordo com Goldberg (1995), o significado de uma expressão complexa é determinado tanto pelo significado de suas partes constituintes quanto pelas regras que organizam essas partes em construções maiores. A interação entre esquemas abstratos e elementos específicos dá origem a diferentes graus de composicionalidade, que variam conforme o nível de previsibilidade semântica da construção. Em construções como [S V O], por exemplo, na frase *João comeu maçã*, é possível depreender o sentido da expressão a

³¹ Original: *traditionally, idioms are thought to form a small class of irregular expressions that are stored alongside words in the mental lexicon, whereas the vast majority of phrases and sentences are derived by means of fully productive rules.*

³² Original: *idiomaticity is a continuum that concerns a much wider range of expressions than commonly assumed* (Fillmore et al. 1988; Nunberg et al. 1994; ver também Wulff 2008; Taylor 2012).

³³ Original: *the most important point is that constructions are nothing more or less than patterns of usage, which may therefore become relatively abstract if these patterns include many different kinds of specific linguistic symbols.*

partir da combinação dos elementos, o que indica um grau mais elevado de composicionalidade. Por outro lado, em expressões idiomáticas — como *chutar o balde* ou *pagar o pato* —, a soma das partes não revela diretamente o significado da construção, o que evidencia um grau menor de composicionalidade. Em outras palavras, ainda que conheçamos o significado das palavras individualmente e reconheçamos a estrutura da frase, o sentido global pode não ser totalmente derivado de seus constituintes.

Nesta perspectiva, Tomasello (2003) argumenta que a composicionalidade é construída gradualmente, à medida que os falantes generalizam a partir de usos concretos, estabelecendo padrões de combinação que se tornam produtivos com o tempo. Langacker corrobora com esse pressuposto ao afirmar que o significado das expressões linguística puramente composicional implicaria a desconsideração da complexidade dos processos mentais envolvidos na linguagem. Para o autor, a combinação de significados não se dá por regras formais arbitrárias, mas por meio de operações cognitivas, como a metáfora e a metonímia, por exemplo. Assim, o significado de uma sentença emerge da integração de esquemas conceituais — estruturas cognitivas pré-existentes na experiência do falante (Langacker, 1987).

Vale mencionar, portanto, que o pareamento entre forma-significado ocorre por meio da percepção e da conceptualização que o falante faz de determinada construção linguística (Evans e Green, 2006). Desse modo, o conhecimento linguístico é entendido como inventário de construções gramaticais, que constitui uma rede na qual lexemas e construções são associados uns aos outros por vários tipos de conexões que refletem a experiência dos usuários da língua com padrões de ocorrência particulares (Goldberg, 1995; Barlow; Kemmer, 2000; Traugott; Trousdale, 2013; Hilpert, 2014). Para Diessel (2014), é justamente nessa rede de associações que emerge a possibilidade de inovação: as conexões estabelecidas entre construções se fortalecem entre si, mas também fornecem a base sobre a qual os falantes podem projetar novos usos e reorganizar padrões existentes.

Neste viés, a criatividade, discutida em 3.2, manifesta-se no preenchimento de estruturas linguísticas esquemáticas com novos itens. Quanto mais genérica for a construção, maior será o seu potencial de produtividade. Em outras palavras, a criatividade está ligada à capacidade dos falantes de expandir tais estruturas com base em experiências anteriores (Cezario e Furtado da Cunha, 2023). Um papel central nesse processo é desempenhado pela analogia, entendida, em modelos baseados no uso, como a incorporação de novos elementos em padrões previamente estabelecidos. Diferentemente da noção chomskiana de regras abstratas, a analogia depende da semelhança com construções já armazenadas na memória. Desse modo, os

enunciados inovadores são, em grande medida, moldados a partir de construções existentes, tanto na aquisição da linguagem quanto no uso cotidiano.

3.5.1 Rede construcional e suas relações

Conforme argumenta Diessel (2014), tanto as construções morfológicas quanto as sintáticas estão interligadas por conexões associativas que refletem a experiência dos usuários da língua com padrões gramaticais holísticos. Essas construções linguísticas são representadas por esquemas cognitivos abstratos, e o conhecimento linguístico é adquirido ou modificado com base nas vivências individuais e sociais com o mundo (Bybee, 2010). Assim, as crianças desenvolvem redes hierárquicas abstratas de maneira fragmentada e ascendente, construindo gradualmente representações cada vez mais esquemáticas. Essas representações permitem que, inclusive, os falantes maduros da língua produzam novas construções e variações (Diessel, 2014).

Um exemplo de construções armazenadas no *construction* das crianças são as orações declarativas simples, como “*Eu quero*” ou “*Ele pegou a bola*”, que seguem o esquema abstrato [Suj + Verb (+ Obj)]. Com o tempo, essas estruturas evoluem para construções mais complexas, como orações coordenadas e subordinadas: “*Eu quero o suco e ele quer a água*” e “*Ele disse que vai viajar amanhã*”, respectivamente. Nesse processo, as crianças começam a usar conjunções coordenativas e subordinativas para relacionar ideias de forma mais sofisticada, demonstrando evolução na capacidade de organizar informações abstratamente. Isso reflete a transição de estruturas simples e diretas para padrões mais complexos e hierárquicos.

Em uma comunidade de fala adulta, por outro lado, mesmo com a rede linguística já consolidada, novos usos continuam a emergir. À medida que as categorias linguísticas são empregadas, surgem inovações que, com o tempo, se convencionalizam nas comunidades de fala, tornando-se mais produtivas na língua (Traugott e Trousdale, 2013). Neste sentido, para Tomasello (2005, p. 99, tradução nossa)

quando as pessoas usam repetidamente os mesmos símbolos linguísticos particulares e concretos para fazer declarações umas às outras em situações “semelhantes”, o que pode surgir ao longo do tempo é um padrão de uso da linguagem, esquematizado nas mentes dos usuários como um ou outro tipo de categoria ou construção linguística.³⁴

³⁴ Original: *When people repeatedly use the same particular and concrete linguistic symbols to make utterances to one another in “similar” situations, what may emerge over time is a pattern of language use, schematized in the minds of users as one or another kind of linguistic category or construction.*

De acordo com Diessel (2019, p.44, tradução nossa), os esquemas construcionais (mentais)

representam generalizações sobre sequências lexicais com formas e significados semelhantes. Eles permitem que os usuários da linguagem produzam e categorizem elementos linguísticos que nunca ouviram ou usaram antes. A extração de esquemas é influenciada por muitos fatores, mas de particular importância é a experiência dos usuários da linguagem com lexemas e construções particulares.³⁵

A alta frequência e a produtividade dessas inovações são fatores cruciais para que padrões construcionais licenciem novos usos e se incorporem ao sistema linguístico. Por exemplo, o esquema “PREPLOC ADVLOC (SUJ) VP” licencia construções como “*até onde (eu) + VP*”, em que o slot de VP pode ser preenchido por verbos como *saber, ouvir, lembrar*, entre outros, dependendo do contexto discursivo (Ely e Ludugerio, inédito). A frequência de uso e a automatização dessas construções promovem sua consolidação e expansão na língua.

Nesse viés, o estudo dos fenômenos linguísticos deve estar ancorado nas diversas situações de interação comunicativa (Barlow; Kammer, 2000; Bybee, 2010), entendendo gramática como rede de construções linguísticas, a qual é complexa e multidimensional — “com muita variabilidade quanto ao grau de conexão entre determinadas unidades linguísticas e outras.”³⁶ (Tomasello, 2005, p. 106, tradução nossa).

Em linhas gerais, Traugott e Trousdale (2013) defendem a visão de língua enquanto sistema organizado em redes de construções interligadas, suscetível a mudanças. De acordo com os autores, as construções são ligadas entre si a partir de *links* de semelhanças, que podem ser visualizadas na rede esquemática, a qual reflete a natureza taxonômica (e sequenciais) das relações linguísticas, como na Figura 5, a seguir.

³⁵ Original: *They represent generalizations over lexical sequences with similar forms and meanings. They enable language users to produce and categorize linguistic elements they have never heard or used before. Schema extraction is influenced by many factors but of particular importance is language users' experience with particular lexemes and constructions.*

³⁶ Original: *with much variability in how richly particular linguistic units are connected to others.*

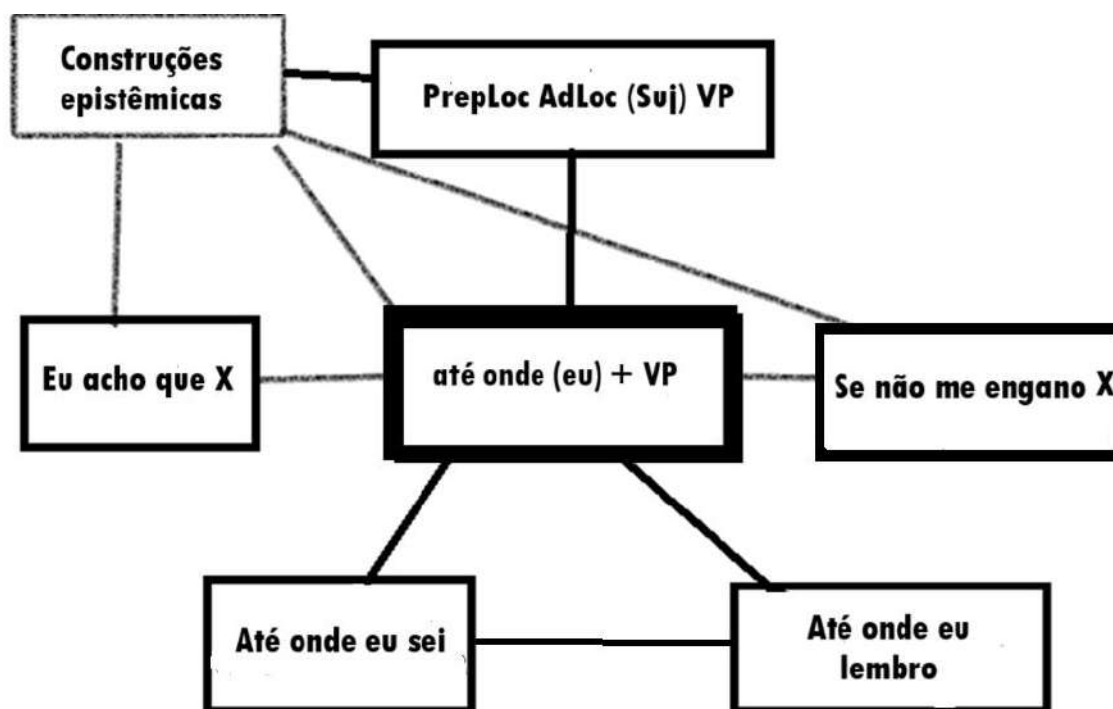


Figura 5: Rede esquemática da construção *até onde (eu) + VP*
 Fonte: autora (2025).

Na rede esquemática de *até onde (eu) + VP*, o advérbio locativo (*até onde*) é o delimitador do escopo do conhecimento epistêmico, enquanto o verbo (*saber, lembrar*) é a ancoragem epistêmica (Ely e Ludugério, inédito). Da mesma forma, há outras construções (*se não me engano X, eu acho que X*) que estabelecem *links* mais enfraquecidos com *até onde (eu) + VP*, sendo consideradas construções vizinhas (Diessel, 2023), pois estabelecem relação num mesmo nível, neste caso, no semântico, já que carregam sentido modal epistêmico. Tais construções apresentam padrões de julgamentos, de opiniões ou de limitações epistêmicas do falante. Assim, construções semelhantes podem variar em termos de estrutura sintática ou de significado (o que denominamos de mudança construcional), ou em ambas, quando estabelecem diferentes funções e atribuem nova forma para determinada construção.

Outro tipo de relação que pode ser visualizada na rede construcional é a sequencial. Sobre ela, Diessel (2019, p.63, tradução nossa) afirma que

fatores semânticos e pragmáticos podem influenciar a escolha de uma ordem sequencial específica por parte dos falantes, mas, frequentemente, as seqüências linguísticas tornam-se fixas (e convencionalizadas) como resultado da automatização (e da cognição social) (§3.5.4). Se a mesma seqüência de elementos linguísticos for processada repetidamente, a automatização cria links sequenciais entre eles.³⁷

³⁷ Original: *Semantic and pragmatic factors can influence speakers' choice of a particular sequential order, but very often linguistic sequences are fixed (and conventionalized) as a result of automatization (and social cognition)*

Um exemplo ilustrativo é a expressão *até onde eu sei*, que segue uma sequência fixa e automatizada, portanto, não posta aleatoriamente. A preposição locativa *até* estabelece um ponto de referência sobre um “lugar” metafórico que delimita o conhecimento do falante. Essa linearidade reflete o mesmo princípio aplicado em construções não metafóricas, como *até onde você foi* ou *até onde você chegou*. Dessa forma, observa-se uma associação sistemática entre construções, demonstrando que a organização sequencial não é arbitrária, mas motivada por princípios semânticos, pragmáticos e processuais (Bybee, 2015). Além disso, nos links horizontais, *até onde eu sei* estabelece relação com outros construtos, como *até onde eu lembro*.

Essa associação sistemática entre construções, evidenciada pela linearidade e convencionalização de sequências como *até onde eu sei*, conecta-se à proposta de Traugott e Trousdale (2013) de que as construções linguísticas se organizam mentalmente em gradientes hierárquicos. Na Figura 6, apresentada pelos autores, visualiza-se como formas linguísticas específicas podem evoluir para esquemas mais complexos e abstratos. Assim, as relações sequenciais e os processos de automatização descritos por Diessel (2019) são parte do mesmo mecanismo que, segundo Traugott e Trousdale, sustentam a formação e a evolução das construções na língua.

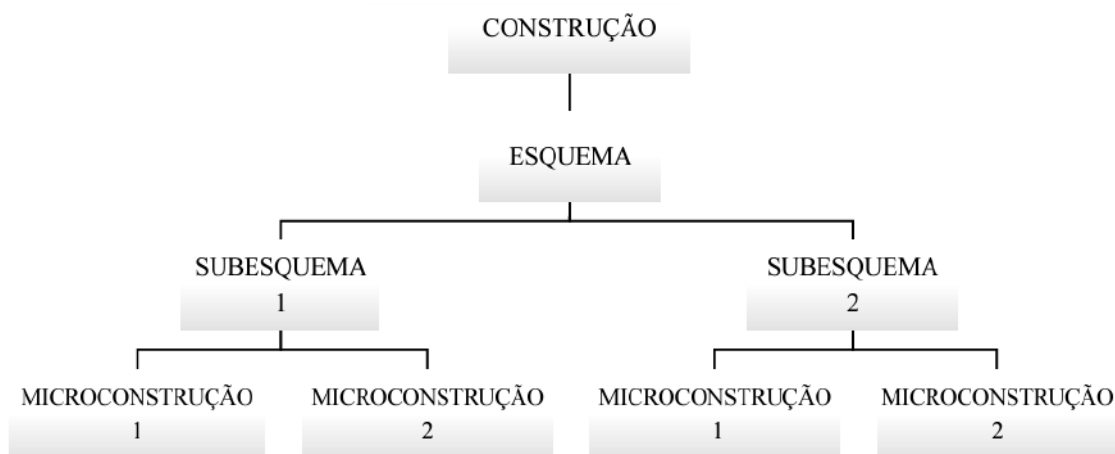


Figura 6: Rede de construções

Fonte: adaptado de Traugott e Trousdale (2013).

(§3.5.4). *If the same string of linguistic elements is repeatedly processed, automatization creates sequential links between them.*

Conforme a figura, uma construção linguística pode ser organizada em diferentes níveis hierárquicos, nos quais o esquema mais geral ocupa o topo da hierarquia, enquanto as construções mais específicas se distribuem nos níveis inferiores do diagrama.

De forma importante e radical, nas abordagens baseadas no uso, uma dada estrutura linguística pode existir psicologicamente para o falante tanto como uma expressão concreta por si só — na base da hierarquia estrutural, por assim dizer — e, ao mesmo tempo, como um exemplar de alguma construção ou construções mais abstratas (Bybee, 1985, 1995; Langacker, 1987a, 2000). (Tomasello, 2005, p. 106, tradução nossa)³⁸

Já as ramificações que emergem de um esquema geral são determinadas por variações de sentido e/ou propriedades formais específicas de cada construção. Nesse contexto, o esquema geral serve como base para a instanciação de subesquemas, que, por sua vez, são gerados por microconstruções nos níveis mais baixos (Traugott e Trousdale, 2013). A estrutura linguística, portanto, estaria na base da hierarquia, representada como “microconstrução”, na Figura 6, acima.

Segundo Langacker (2008), essa representação abstrata reflete nosso conhecimento mental sobre as construções e sua organização. Essa estrutura faz parte do *constructicon* do falante, ou seja, o arcabouço de conhecimento linguístico armazenado na memória. Como dito, as relações entre construções são organizadas de forma taxonômica, dispostas verticalmente — englobando esquemas gerais, subesquemas e microconstruções —, bem como sequenciais (Diessel, 2019), organizadas horizontalmente, por meio de associações baseadas em semelhança e contraste entre construções, como ilustrado na Figura 5.

Outro ponto importante a ser dissertado é sobre frequência *token* (que está na base da rede) e a frequência *type* (de tipo). A frequência *token* refere-se ao número de vezes que aquela mesma microconstrução aparece na língua (Bybee, 2010). Por outro lado, a frequência *type* corresponde ao número de formas diferentes nas quais o falante experimenta a expressão ou algum elemento da expressão. Para Tomasello (2005), seria a frequência *type* que determina a abstração ou a esquematicidade da construção resultante — a qual atua na produtividade da construção (Diessel, 2019), no sentido das possibilidades de preenchimento do *slot*.

Segundo Tomasello (2005, p. 107, tradução nossa),

³⁸ Original: *Importantly, and radically, in usage-based approaches a given linguistic structure may exist psychologically for the speaker both as a concrete expression on its own—at the bottom of the structural hierarchy, as it were—and, at the same time, as an exemplar of some more abstract construction or constructions (Bybee, 1985, 1995; Langacker, 1987a, 2000).*

Juntos, a frequência de token e de tipo — juntamente com os processos cognitivos de aprendizagem e categorização que eles implicam — explicam as maneiras pelas quais os usuários da linguagem (1) adquirem o uso de expressões linguísticas específicas em contextos comunicativos específicos e (2) em alguns casos generalizam essas expressões para novos contextos com base em vários tipos de variações de tipo que ouvem, incluindo tudo, desde a variação de tipo em um único slot até a variação de tipo em todos os constituintes de uma construção..³⁹

Retomando o exemplo da construção até onde (eu) + VP, teríamos como representações desse *type* estruturas como [até onde eu sei], [até onde eu lembro], passíveis de mensuração por meio da frequência *token*. Nesse caso, a representação até onde (eu) + VP configura-se como subesquema do esquema mais geral PrepLoc + AdLoc (subj) + VP. Tal organização evidencia que a gramática se constitui em redes de construções interconectadas, em que padrões de forma e significado são convencionalizados a partir da experiência dos falantes (Diessel, 2014). Nessa perspectiva, a contribuição de Traugott e Trousdale (2013) é central, pois ao conceberem a mudança construcional como processo de expansão, adaptação ou perda de elementos em esquemas, apontam-na como mecanismo fundamental para a emergência de novas microconstruções e, conseqüentemente, para o enriquecimento e a reconfiguração do sistema linguístico.

3.5.2 Construcionalização e mudança construcional

Segundo Croft (2000, p. 5), a mudança linguística ocorre por meio de dois processos fundamentais: inovação e propagação. Lopes (2022) destaca que a inovação representa potencial de mudança, pois, para se consolidar como tal, precisa passar pelo processo de convencionalização. Neste sentido, a replicação da inovação entre uma comunidade de falantes é essencial para que a mudança se estabeleça.

Em termos linguísticos, uma construção pode passar por alterações em sua forma, significado ou em ambos. Essas mudanças são perceptíveis quando convencionalizadas em um grupo de falantes, o que impacta a rede esquemática (Figura 6) da construção. A *mudança construcional* ocorre quando há alterações formais ou funcionais. Essas alterações são verificadas a partir de microinovações, que ocorrem de forma gradual e não discreta (Traugott & Trousdale, 2013). Por outro lado, quando as mudanças resultam na criação de um novo nó,

³⁹ Original: *Together, token and type frequency—along with the cognitive processes of learning and categorization that they imply—explain the ways in which language users both (1) acquire the use of specific linguistic expressions in specific communicative contexts and (2) in some instances generalize these expressions to new contexts based on various kinds of type variations they hear, including everything from type variation in a single slot to type variation in all the constituents of a construction.*

tem-se o processo de *construcionalização* (Traugott & Trousdale, 2013), ou seja, um pareamento outro entre uma nova forma e um novo significado.

Nas palavras de Traugott e Trousdale (2013, p. 22, tradução nossa), a construcionalização é

[...] a criação de (combinações de) pareamentos formanova – significado novo. Ela forma novos nós linguísticos que têm sintaxe e morfologia novas, bem como um novo sentido codificado, na rede linguística de uma comunidade de falantes. É acompanhada por mudanças no grau de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos, sendo, portanto, gradual.

Exemplos de expressões do PB construcionalizadas são: “pegar ranço”, “até onde eu sei” e “tomar um gelo”, já discutidas anteriormente.

A construcionalização pode ser seguida por *mudanças construcionais*, isto é, modificações restritas à forma ou à função, resultando na expansão de novas microconstruções — processo que se caracteriza como *pós-construcionalização*. Segundo Lacerda (2019), esse fenômeno geralmente envolve a ampliação de colocações, reorganizando-se em subesquemas (Traugott & Trousdale, 2013). Nesse contexto, expressões como “*até onde eu VP*” (*lembro, ouvi etc.*) representam extensões da construção original, sem, contudo, formar novo nó na rede. A reestruturação, portanto, ocorre quando há diferentes formas competindo na rede, sendo elas conectadas por *links* que se relacionam a partir de cada novo nó (lê-se construções).

Tomando como exemplo os fenômenos em análise — *vai que* e *supondo que* —, é possível afirmar que ambos passaram por um processo de construcionalização. Isso se deve a mudanças significativas tanto na forma quanto na função dessas expressões. O segmento *vai que* evoluiu de uma estrutura composta por um verbo pleno no imperativo seguido de uma oração coordenada explicativa introduzida por “que” ([*Vai*][*que a ponte está liberada*]) — ou seja, vá porque a ponte está liberada), para um conector que introduz uma hipótese (Ely e Cezario, 2024). Já *supondo que* se desenvolveu a partir de uma construção formada por um verbo no gerúndio seguido de oração completiva ([*Ele voltou*], [*supondo*] [*que seria perdoado*]). — ou seja, supondo o quê? Que seria perdoado, para assumir a função de conector condicional, marcando a pressuposição de uma hipótese.

Essa mudança reflete também a construcionalização dessas formas em construções com alto grau de esquematização, frequência e produtividade, conforme argumentado por Bybee (2010) e Hilpert (2013), que destacam a importância das noções de frequência token e frequência type no fortalecimento e fixação de padrões construcionais. Assim, o fortalecimento de uma nova construção se dá por meio da frequência e da representação de elementos

linguísticos na memória, ela facilita a ativação e o processamento de palavras, categorias e construções, o que, por sua vez, pode ter efeitos duradouros na organização do conhecimento linguístico na rede de idiomas (Diessel, 2014).

2.5.3 Estrutura da informação/conteúdo informacional

A estrutura da informação (EI), segundo a GCBU, é um dos fenômenos linguísticos que mais têm sido estudados, especialmente por sua relevância pragmática. A EI está intrinsicamente ligada à maneira como as estruturas linguísticas organizam e apresentam a informação em enunciados, refletindo as relações cognitivas e discursivas entre falante e ouvinte. Uma das principais referências sobre o tema é Lambrecht (1994), que investigou extensivamente a EI em estruturas clivadas e deslocadas, bem como suas funções no discurso.

De acordo com o autor, a estrutura da informação pode ser definida como

componente da gramática de frases em que proposições como representações conceituais de estados de coisas são pareadas com estruturas léxico-gramáticas de acordo com os estados mentais dos interlocutores que usam e interpretam essas estruturas como unidades de informação em determinados contextos de discurso . (Lambrecht 1994, p.5, tradução nossa)⁴⁰

Ou seja, a EI diz respeito ao modo como as sentenças são organizadas para atender ao processamento cognitivo dos interlocutores, levando em conta aquilo que é afirmação dada ou nova no contexto discursivo. Segundo Oliveira (2008), EI faz parte da gramática da sentença e segue um padrão que pareia forma e significado. No plano formal, há estruturas léxico-gramaticais que, no plano do significado, refletem a representação mental tanto de proposições quanto de referentes, além das relações entre eles. Enquanto estado mental, a EI refere-se, portanto, à maneira como a informação é estruturada cognitivamente pelos falantes, e de como isso impacta o conteúdo enunciado.

Lambrecht (1994) propõe o reconhecimento da EI a partir de três níveis complementares: (i) pressuposição e asserção, que diz respeito à estruturação de proposições em partes que um falante assume que um destinatário já conhece ou ainda não conhece – referente à dimensão proposicional; (ii) identificabilidade e ativação, que têm a ver com as suposições do falante sobre o status das representações mentais dos referentes do discurso na mente do destinatário no momento de uma declaração – referida à dimensão da ativação dos

⁴⁰ Original: *the component of sentence grammar in which propositions as conceptual representations of states of affairs are paired with lexicogrammatical structures in accordance with the mental states of interlocutors who use and interpret these structures as units of information in given discourse contexts.:*

referentes na sentença; e (iii) tópico e foco, que mobiliza a avaliação do falante sobre a previsibilidade relativa *versus* imprevisibilidade das relações entre proposições e seus elementos em determinadas situações de discurso – relativo à dimensão da relação entre proposições e referentes.

Na primeira dimensão, como dito, Lambrecht distingue dois componentes fundamentais da estrutura informacional: a pressuposição e a asserção pragmática. A pressuposição refere-se às informações linguística e cognitivamente evocadas pelo falante, que são apresentadas como já conhecidas ou acessíveis ao interlocutor no momento da enunciação. Trata-se, portanto, de conteúdos que o falante considera compartilhados ou facilmente reconhecíveis no contexto comunicativo. Já a asserção corresponde à informação que o falante deseja introduzir ou enfatizar como nova, esperando que o interlocutor a interprete como a principal contribuição informativa do enunciado.

Sobre a segunda dimensão, tem-se a identificabilidade, que, segundo Lambrecht (1994), diz respeito à existência de uma representação mental compartilhada entre falante e ouvinte — ou seja, se o interlocutor é capaz de reconhecer ou recuperar o referente mencionado. Em contrapartida, o estado de ativação relaciona-se ao grau de acessibilidade desse referente na mente do ouvinte no momento da enunciação. Assim, referentes não identificáveis, para os quais não há uma representação compartilhada, encontram-se necessariamente fora do escopo de ativação. O autor ainda argumenta que, ao introduzir um novo referente no discurso, o falante precisa criar uma representação linguística que permita ao interlocutor incorporá-lo como entidade discursiva, funcionando como um “novo arquivo referencial”. Além disso, ele associa essas categorias cognitivas à distinção pragmática entre pressuposição e asserção: enquanto as proposições pressupostas são compartilhadas entre os interlocutores, as asserções são apresentadas como novas informações que apenas o falante possui (Oliveira, 2017).

De acordo com Lepadat (2025), elementos já evocados no discurso anterior tendem a ser linguística e cognitivamente tratados como conteúdo dado, ou seja, como informação presumivelmente compartilhada entre os interlocutores. Em contraste, referentes que não estão atualmente ativados na memória discursiva ou no contexto comunicativo imediato — isto é, inativos — tendem a ser introduzidos como informação nova. Entre esses dois extremos, há ainda os referentes acessíveis: unidades discursivas que, embora não estejam ativamente presentes na mente dos participantes, podem ser recuperadas a partir do contexto situacional, de ativações semânticas associadas ou por reativação de menções anteriores (Chafe, 1987). Tais referentes, por sua vez, admitem codificação linguística variável, oscilando entre os polos de dado e novo.

Quanto à terceira dimensão, Lambrecht explica que o tópico pode ser definido como “o assunto de interesse atual sobre o qual uma afirmação trata e com relação ao qual uma proposição deve ser interpretada como relevante.”⁴¹ (Lambrecht, 1994, p. 119, tradução nossa), enquanto foco seria a parte do conteúdo informacional imprevisível ou não recuperável do enunciado (Lambrecht, 1994, p. 206–207). Como observa Lepadat (2025), a dicotomia tópico/foco pode frequentemente confluir com outras distinções informacionais, como dado/novo e asserção/pressuposição. A primeira está relacionada ao grau de ativação mental dos referentes no processamento discursivo (Chafe, 1987), enquanto a segunda diz respeito ao nível de conhecimento que o falante pressupõe estar presente na mente do ouvinte (Lombardi Vallauri, 2014).

Como esclarece Oliveira, é na primeira dimensão que Lambrecht emprega as noções de informação velha vs. nova — amplamente utilizadas em estudos sobre estrutura informacional — sendo essa a dimensão que nos interessa de forma particular, já que no domínio dos referentes, por exemplo, a questão não se coloca. A análise que proporemos, portanto, recai sobre o nível proposicional, e não sobre elementos lexicais ou sintáticos isoladamente. Conforme argumenta Leino (2013), enquanto pressuposição e asserção se relacionam com proposições; identificabilidade e ativação se relacionam com referentes e suas propriedades discursivas.

Nesta perspectiva, Leino (2013) destaca que as investigações sobre a estrutura da informação realçam, sobretudo, a distinção entre informação dada e informação nova, assim como a forma como esses conteúdos são distribuídos e organizados nas sentenças e no encadeamento discursivo. O autor apresenta, ainda, um exemplo que permite refletir sobre essa oposição informacional de maneira concreta, do qual adaptamos à nossa leitura:

A – “João parou de fumar.”

B – “Não, João não parou de fumar. Ele só disse que queria parar.”

Independentemente da veracidade da afirmação inicial — isto é, se João efetivamente parou de fumar ou não —, o que se evidencia é que o conteúdo proposicional “João fuma” é pressuposto por ambos os interlocutores. Trata-se, portanto, de uma informação dada, ativada cognitivamente e presumida como conhecida ou acessível no contexto da interação. Essa base informacional compartilhada permite a progressão do discurso e sustenta a coerência da troca

⁴¹ Original: *the matter of current interest which a statement is about and with respect to which a proposition is to be interpreted as relevant*

comunicativa. A resposta do falante B, por sua vez, introduz uma informação nova, ainda não assumida como parte do conhecimento mútuo: “João apenas disse que queria parar de fumar”. Essa adição não apenas nega parcialmente a proposição anterior, mas também reconfigura a estrutura da informação, deslocando o foco para um dado inesperado, que altera a projeção discursiva e amplia o conteúdo do enunciado inicial (Leino, 2013).

É importante destacar que a estrutura informacional exerce influência significativa na interpretação de construções condicionais (Lambrecht, 1994), uma vez que essas construções organizam o conteúdo enunciativo com base em relações entre pressuposição, projeção e relevância pragmática. Tais relações afetam diretamente a forma como a informação é distribuída e compreendida no fluxo discursivo, contribuindo para a construção do sentido a partir da ativação ou introdução de elementos no espaço cognitivo compartilhado. Considerando que os fenômenos analisados neste trabalho se inscrevem nesse domínio, apresentamos, a seguir, uma construção condicional prototípica para exemplificação:

(13) Se João parasse de fumar, ele se sentiria melhor.

A prótase (*se João parasse de fumar*) estabelece um cenário hipotético, funcionando como informação condicional que precisa ser considerada para que a apódose (*ele se sentiria melhor*) seja interpretada corretamente. A informação presente na prótase frequentemente corresponde a uma pressuposição, ou seja, afirmação já ativada no discurso, enquanto a apódose introduz uma inferência ou uma consequência possível, alinhando-se à estrutura de asserção. Neste caso, a condição de João parar de fumar é assumida como informação dada, porque há pressuposição de que João fuma e ainda não parou de fumar; a informação nova está na consequência dada à pressuposição (sentir-se melhor). Embora a oração introduzida por *se* e outros condicionais são pressuposições informacionais, a EI pode variar de acordo com a construção e/ou contexto discursivo, conforme veremos mais adiante (seção 5).

Nesta tese, estamos utilizando da estrutura da informação para a identificação do conteúdo informacional como dado ou novo, entendendo que essa distinção pode impactar diretamente a compreensão dos fenômenos investigados. Acreditamos que esta abordagem permite uma análise mais refinada das ocorrências e contribui para explicitar as diferenças de funcionamento entre *supondo que* e *vai que*. Em outras palavras, apostamos que essa investigação revelará aspectos relevantes dos contextos de uso desses marcadores, especialmente no que se refere ao modo como *vai que* pode operar ora como forma de justificação ou contraste em relação a uma proposição anterior, ora como âncora para uma nova proposição que se segue no discurso.

3.5.4 Inter(subjetividade)

Gardenförs (2007) argumenta que a (inter)subjetividade é uma manifestação da consciência, sendo a subjetividade sua forma mais imediata e a intersubjetividade a “consciência da consciência do outro”. Segundo o autor, nosso mundo subjetivo é composto por vivências repletas de experiências sensoriais, perceptivas e imaginativas, que, por sua vez, dão origem às representações utilizadas pelo pensamento. No campo da linguagem, Traugott (1995) define a subjetividade como “o desenvolvimento de uma expressão gramaticalmente identificável da crença do falante ou da atitude do falante em relação ao que é dito” (Traugott, 1995, p. 32, tradução nossa), ou seja, um valor semântico e/ou pragmático que indexa a perspectiva, crença ou posicionamento do falante. Já a intersubjetividade, nas palavras de Tantucci (2021), refere-se à intencionalidade partilhada, ou seja, à capacidade de participação do pensamento alheio por meio da atenção conjunta, da comunicação convencional e da aprendizagem instruída.

Para Nuyts (2016), a distinção entre subjetividade e intersubjetividade pode ser analisada a partir da responsabilidade pelo julgamento modal (cf. Nuyts 1992, 2001a: 33–39, 2001b, 2012). Um julgamento modal subjetivo é aquele que é apresentado como sendo exclusivamente responsabilidade do emissor, enquanto um julgamento modal intersubjetivo é aquele que é compartilhado por um grupo mais amplo de pessoas, possivelmente incluindo o ouvinte, mas também o próprio emissor.

Especificamente sobre a intersubjetividade, esta envolve a intencionalidade partilhada, ou seja, a capacidade de interação com o pensamento do outro por meio da atenção conjunta (Tantucci, 2021). Essa relação interpessoal pode ocorrer em diferentes níveis, abrangendo emoções, desejos, atenção, interação e a representação de crenças e conhecimentos alheios (Gardenförs, 2007). Tomasello (1999) categoriza esses níveis em três dimensões: perceber o outro como agente, como agente intencional e como agente mental. Em outras palavras, o reconhecimento do outro como um ser compreensível, capaz de compartilhar conhecimento e atenção conjunta, é o que possibilita a intersubjetividade nas relações. Essa dinâmica se manifesta, de maneira central, na própria expressão linguística.

De acordo com Verhagen (2008), a comunicação verbal entre falante e ouvinte é orientada pela tentativa de influenciar os pensamentos e atitudes do outro. Como argumentam Anscombre e Ducrot (1989), a língua nunca é apenas informativa, mas essencialmente argumentativa. Nesse contexto, Traugott (2010) define a intersubjetividade como a atenção do

falante ao seu interlocutor durante o evento de fala, ou seja, a inclusão explícita do ouvinte na construção linguística. Essa inclusão pode ser manifestada por meio de pronomes pessoais, dêiticos e outros recursos discursivos. Assim, quando alguém responde à pergunta “Onde está o ponto de ônibus?” com o dêitico “lá”, por exemplo, a interação não se limita a fornecer uma localização, mas envolve também o impacto da resposta na decisão do interlocutor sobre ir ou não até aquele local.

Segundo Soares da Silva (2011, p.273), a intersubjetividade se fundamenta em um processo de coordenação cognitiva, ou seja, em uma “cognição conjunta de conhecimento mutuamente partilhado por locutor e alocutário, que está na própria base do discurso”. Isso significa que a comunicação não se resume à transmissão de informações, mas ao compartilhamento de um conteúdo experiencial-conceitual, que pode ser parcialmente divergente entre os participantes. O locutor, portanto, busca influenciar as referências e interpretações do ouvinte, havendo maior saliência na relação entre ambos.

Em outras palavras, a intersubjetividade está diretamente relacionada à autoimagem do destinatário e à consciência que o locutor tem das atitudes e da “face” do interlocutor. Construções altamente intersubjetivas, por sua vez, tendem a apresentar elementos de dêixis social explícita, bem como marcadores linguísticos que evidenciam a atenção do falante ao ouvinte. Além disso, pode estar ligada à asserção dos enunciados linguísticos, isto é, à forma como o falante introduz uma informação nova e orienta o interlocutor quanto à sua relevância dentro da estrutura discursiva. Por exemplo, em um diálogo sobre o clima, um falante pode dizer “Parece que uma frente fria vai chegar amanhã”, introduzindo uma informação nova sobre a previsão do tempo. Nesse caso, a asserção não apenas transmite um novo dado, mas também convida o ouvinte a interpretá-lo dentro do contexto compartilhado.

Dessa forma, a intersubjetividade emerge como um elemento fundamental na comunicação, influenciando não apenas a construção do significado, mas também a dinâmica social da interação verbal. Como argumenta Traugott (2003), a intersubjetivação está diretamente ligada ao desenvolvimento de significados que codificam a atenção do falante para as posturas cognitivas e identidades sociais do interlocutor, refletindo uma constante negociação entre o que é subjetivo e o que é compartilhado.

Além disso, a distinção proposta por Nuyts (2021) entre subjetividade e intersubjetividade reforça a ideia de que a comunicação não se restringe à expressão de crenças individuais, mas também envolve a sinalização daquilo que é mutuamente reconhecido. Quando um falante utiliza expressões como *eu acho* ou *na minha opinião*, ele demarca uma posição subjetiva; já ao recorrer a estruturas que pressupõem um conhecimento compartilhado – como

todos sabemos que ou *é evidente que* —, ele reforça a intersubjetividade, incluindo o interlocutor na construção discursiva.

Nesse sentido, a intersubjetividade pode ser compreendida como um processo dinâmico que não apenas orienta a maneira como enunciados são formulados e interpretados, mas também reflete os graus de envolvimento social e cognitivo entre os participantes da interação. Seja na linguagem cotidiana, na argumentação acadêmica ou em contextos institucionais, a intersubjetividade atua como um mecanismo essencial para a coordenação de significados, permitindo que a comunicação vá além da transmissão de informações e se torne um espaço de construção coletiva do sentido.

3.5.5 Modalidade

A modalidade constitui categoria central na linguagem humana e pode ser abordada por distintas perspectivas teóricas: como categoria linguística propriamente dita (Palmer, 2001; Lyons, 1977; Bybee et al., 1994) ou como domínio de natureza semântico-pragmática (Nuyts, 2001; Narrog, 2012). Enquanto Palmer (2001) enfatiza seu estatuto gramatical (tempo-aspecto-modalidade), analisando modalidade como domínio complexo junto ao tempo e ao aspecto, Nuyts (2001) propõe compreendê-la como dimensão que remete a estados e processos mentais, o que lhe confere uma ancoragem diretamente relacionada à cognição.

Para o autor, a modalidade constitui um subdomínio semântico das categorias qualificativas — que englobam tempo, aspecto e modalidade (TAM). Nesse quadro, a modalidade é concebida como um tipo de *qualificação de estado de coisas*, relacionada à maneira como o falante conceptualiza a realidade e expressa avaliações subjetivas e/ou intersubjetivas da factualidade sobre os eventos ou estados descritos (Nuyts, 2001; 2016). Esse subdomínio, para o autor, estaria em um nível mais alto de abstração comparado às categorias de tempo e (tipos de) aspectos. Por outro lado, Palmer (2001), dentro de uma abordagem tipológica, compreende a modalidade como uma categoria gramatical ligada ao status epistêmico ou deôntico da proposição. Para ele, modalidade, tempo e aspecto são categorias da oração geralmente marcadas no complexo verbal, por meio de verbos modais, partículas, modos verbais, entre outros mecanismos morfossintáticos. Assim, ao expressarem fatos, suposições ou desejos, os falantes recorrem a diferentes dispositivos linguísticos que refletem seus julgamentos e atitudes em relação às proposições enunciadas — sejam esses julgamentos subjetivos ou intersubjetivos.

De acordo com Nuyts (2016), a distinção entre modalidade subjetiva e intersubjetiva está ligada a quem é responsável pelo julgamento modal (cf. Nuyts, 1992; 2001a, p. 33–39; 2001b; 2012). Uma avaliação modal subjetiva é aquela que é apresentada como sendo de responsabilidade exclusiva do falante; já uma avaliação intersubjetiva é apresentada como compartilhada por um grupo mais amplo de pessoas — possivelmente incluindo o ouvinte, mas também o próprio emissor.

Tendo isso em vista, Nuyts (2021) observa que construções linguísticas, em diversas línguas, tendem a evoluir de um significado “objetivo” para formas que expressam avaliações associadas ao falante. Esse processo envolve a referência a estados ou processos mentais, denominados predicados de status mental (Thompson e Mulac, 1991; Brinton, 1996, 2008; Nuyts, 2001a, 2001b;). Tal mudança semântica é conhecida como subjetivação e se caracteriza pela transição de significados objetivos para significados mais subjetivos. Essa dinâmica envolve diretamente o domínio da modalidade, na medida em que reflete como os falantes passam a expressar, por meio de estruturas linguísticas, atitudes, crenças ou graus de comprometimento com o conteúdo proposicional.

Além da subjetivação, algumas mudanças semânticas podem evoluir para a intersubjetivação, ou seja, a expressão não apenas das atitudes ou crenças do falante, mas também da consideração pelo ponto de vista do interlocutor (Traugott e Dasher, 2002). No campo da modalidade, isso se manifesta quando os enunciadores usam marcas linguísticas para alinhar sua avaliação com a do interlocutor, suavizar imposições ou reforçar consensos. Narrog (2012) destaca que a intersubjetividade representa um estágio avançado no processo de gramaticalização de certas marcas modais, uma vez que o foco passa da perspectiva interna do falante para uma orientação discursiva mais voltada à interação.

Ainda, como apontam Palmer e Narrog (2005), geralmente se faz uma distinção entre modalidade e modo. Embora a modalidade seja semanticamente definida, o termo *modo* refere-se a formas linguísticas específicas ou a paradigmas morfológicos — tipicamente na flexão verbal — cuja função primária é expressar a modalidade (Declerck, 1992; Frawley, 1992; Palmer, 2001). No entanto, modalidade e modo não são necessariamente coextensivos, como argumenta Narrog (2005). Para ele, nem todas as funções dos marcadores de modo expressam, de fato, modalidade e, por outro lado, elementos pertencentes a outras categorias gramaticais também podem servir para expressar noções modais.

De uma perspectiva linguística, a modalidade tem sido definida principalmente de três maneiras distintas: (1) como a expressão da atitude do falante — ou seja, da subjetividade, das opiniões e emoções do enunciador (Lyons, 1968, 1977; Palmer, 1986; Bybee et al., 1994); (2)

como um domínio que compreende toda a expressão linguística situada fora da proposição (Fillmore, 1968; Gerstenkorn, 1976); e (3) como a expressão de distinções entre *realis* e *irrealis*, ou seja, da factualidade (Givón, 1995; Palmer, 1998, 2001; Narrog, 2005; Nuyts, 2001). Como observa Narrog (2005, p. 168), esses três enfoques não são mutuamente excludentes, sendo possível combiná-los em análises mais abrangentes. O autor defende, em particular, a definição baseada na factualidade, entendendo a modalidade como a marcação de estados de coisas indeterminados em termos de sua realização factual.

Quanto ao tratamento da factualidade, Narrog (2012, tradução nossa) concorda com Nuyts (2001) ao afirmar que a

modalidade é uma categoria linguística que se refere ao status factual de uma proposição. Uma proposição é modalizada se for marcada por ser indeterminada em relação ao seu status factual, ou seja, não é factual nem positiva nem negativamente.⁴²

Narrog explica que uma proposição é considerada “modalizada” quando não se assume, de forma explícita, nem sua realização como fato (positivo) nem sua negação como fato (negativo). Trata-se, portanto, de um estado intermediário de indeterminação — algo que pode vir a ocorrer, ser possível, provável, necessário etc., mas que ainda não se inscreve no domínio do que é factual com certeza. Essa indeterminação é em relação ao mundo de conhecimento e crenças do falante (Narrog, 2005). O autor parte do princípio de que a modalidade não expressa diretamente a realidade objetiva, mas sim o status da proposição dentro da perspectiva linguística e cognitiva do falante.

Nesse contexto, Givón propõe que a categoria da modalidade seja subdividida com base em duas atitudes fundamentais do falante: a modalidade deôntica e a modalidade epistêmica. A essa classificação, Nuyts (2016) acrescenta ainda a modalidade dinâmica. A modalidade deôntica está relacionada a valores como desejo, obrigação, intenção, manipulação ou preferência do falante. É comumente expressa por verbos modais como *dever* ou *precisar*, os quais podem tanto indicar imposição (“Você deve fazer isso imediatamente”) quanto probabilidade (“Ela deve estar lá agora”), com o valor modal variando conforme o contexto. Já a modalidade epistêmica situa-se no domínio do conhecimento e diz respeito ao grau de (des)comprometimento do falante em relação à veracidade de determinada proposição (Lyons, 1977; Palmer, 1990; Givón, 2002). Por fim, a modalidade dinâmica refere-se à atribuição de capacidade, possibilidade ou disposição ao participante principal (geralmente o agente) do

⁴² Original: *Modality is a linguistic category referring to the factual status of a proposition. A proposition is modalized if it is marked for being undetermined with respect to its factual status, i.e. is neither positively nor negatively factual.*

evento descrito (“Difícil, mas ele consegue resolver o problema). Apesar de tradicionalmente associada à habilidade, essa categoria, como observa Palmer (1990), não se limita a esse valor. Importante destacar que, nesta tese, nosso foco recai exclusivamente sobre a modalidade epistêmica, uma vez que entendemos que o uso de *vai que* e *supondo que* inserem-se nesse campo.

Mais especificamente, segundo Narrog (2016), na modalidade epistêmica, a proposição é indeterminada quanto à sua factualidade no âmbito do conhecimento e das crenças do falante. Ou seja, o falante não assume explicitamente que a proposição seja um fato certo ou falso, mas expressa um grau variável de comprometimento em relação à sua realidade, que pode incluir possibilidades, probabilidades, dúvidas ou incertezas. Essa noção de factualidade permite compreender a modalidade epistêmica como categoria que articula o conhecimento, a crença e a avaliação subjetiva do falante em relação ao conteúdo proposicional.

De forma semelhante, Lyons (1977) e Palmer (1990) enfatizam que a modalidade epistêmica envolve o grau de certeza ou dúvida do falante diante da proposição, distinguindo polaridades como certeza, probabilidade e possibilidade. Givón (2002) reforça essa perspectiva ao destacar que a modalidade epistêmica expressa justamente as atitudes do falante quanto à verdade da proposição, sendo fundamental para o entendimento da subjetividade linguística.

Nuyts (2016) amplia essa visão ao propor uma abordagem escalar da modalidade epistêmica, que varia desde a certeza absoluta, passando pela probabilidade, até uma possibilidade neutra de que o estado de coisas seja real. Além disso, ele ressalta que essa escala também pode ser invertida, abrangendo a improbabilidade até a certeza absoluta da não factualidade da proposição. Essa perspectiva escalar tem ampla aceitação, especialmente no campo da linguística funcional, por fornecer modelo flexível e detalhado para analisar a expressão da factualidade e do comprometimento do falante nas línguas.

Sobre os marcadores de modalidade ou modalizadores, Vion (2012) argumenta que eles expressam um certo envolvimento do falante em relação a uma afirmação da qual se distancia. O efeito de distanciamento, causado pelo comentário, convida, portanto, o interlocutor a não atribuir significado diretamente à afirmação, ilustrando assim essa opacidade da semântica. Essa opacidade também viria dessa relativa indecisão dos discursos convocados, discursos que funcionam como um conjunto de recursos discursivos nos quais esses diferentes comentários reflexivos são ancorados.

Outra contribuição importante é de Neves (2011). A autora aponta que, no âmbito da modalidade epistêmica, é possível identificar dois polos principais: os enunciados asseverativos, que expressam certeza, e os quase-asseverativos, que sinalizam possibilidade,

englobando julgamentos como crença, opinião e dúvida. Essa gradação de comprometimento do falante é também discutida por Castilho e Castilho (2002), que destacam o papel do tempo e do modo verbal na expressão de maior ou menor certeza em relação à proposição enunciada. Para esses autores, a proposição P é avaliada como uma possibilidade, o que implica um baixo grau de comprometimento do falante em relação à sua veracidade. Nesse sentido, tais construções funcionam como estratégias argumentativo-pragmáticas que permitem ao locutor posicionar-se de forma mais cautelosa diante do conteúdo expresso, resguardando sua imagem e promovendo uma forma de “proteção de face” (Nascimento e Silva, 2012). Quando empregadas com a função de regular a interação comunicativa, essas estruturas podem surgir como respostas ou confirmações ao que foi dito pelo interlocutor, ou ainda como recursos de persuasão, operando como estratégias de atenuação (Carrascossi, 2011). Com base nesse panorama, entendemos que as construções *[vai que X]* e *[supondo que X]* se inserem nesse domínio e podem ser interpretadas como predicados de status mental, refletindo a incerteza do locutor-escritor em relação à proposição expressa.

Dessa forma, acompanhamos a proposta de Nuyts e Narrog (2005), segundo a qual uma definição semanticamente orientada constitui uma base mais apropriada para a validade interlinguística. Parte-se do pressuposto de que, mesmo entre falantes de línguas estruturalmente muito distintas, há processos cognitivos fundamentais compartilhados, os quais sustentam e regulam a categorização linguística, independentemente das estruturas sintático-morfológicas utilizadas para expressá-los (Heine, 1997, p. 3-14). Neste sentido, busca-se contemplar tanto a dimensão cognitiva quanto a funcional das expressões modais, analisando de que modo essas construções são cognitivamente ativadas e pragmaticamente empregadas pelos falantes em situações comunicativas concretas.

3.5.6 Postura epistêmica – uma releitura

Fillmore (1990a, 1990b) propõe que a postura epistêmica constitui um parâmetro central na análise da forma e do significado de construções ligadas ao domínio da condicionalidade. De acordo com Declerck e Reed (2001), essa postura diz respeito ao tipo de mundo possível evocado pela condicionalidade, o que influencia significativamente a escolha dos tempos verbais e dos auxiliares modais. Para esses autores, em uma construção do tipo *X p, q* é a proposição P (condição) que especifica o cenário ou o mundo possível em que Q (consequência) deve ser interpretada. Nesse sentido, segundo Fillmore (1990), a postura epistêmica diz respeito à associação ou dissociação mental do falante em relação ao mundo da proposição introduzida

pelo conector condicional. Abaixo, segue alguns exemplos retirados de Dancyngier e Sweetser (2005, p.46, tradução nossa):

(14) Quando ele decidir entrar com a ação, os advogados do hospital poderão entrevistá-lo para a descoberta dos fatos.

(15) Se ele decide entrar com a ação, os advogados do hospital terão permissão para entrevistá-lo para descobrir fatos. . . (SP.HT.316)

(16) Caso ele decidisse entrar com a ação, os advogados poderiam descobrir fatos.⁴³

A diferença entre as sentenças (14), (15) e (16), no que se refere à postura epistêmica, está na relação do falante com a possibilidade expressa na prótase (P). Em (14), o falante se alinha a P como uma descrição do real estado das coisas. Há identificação sobre a veracidade da proposição de que a pessoa irá entrar com a ação, mas ainda não se sabe quando. No caso de (15), não há comprometimento direto com P ou com $\sim P$, refletindo postura neutra, típica de construções condicionais. A possibilidade de que P ocorra é considerada plausível, mas não se pode ter a certeza de que o evento irá acontecer. Em (16), ocorre a identificação com $\sim P$. A forma verbal “passada” marca uma dissociação epistêmica, projetando a ação como negada, isto é, não ocorrida. Como aponta Fillmore, embora não seja possível acessar as crenças internas do falante, as construções revelam atitudes, assim, em (16), o falante demonstra ceticismo ou convicção de que P é falso, alinhando-se com $\sim P$.

O contraste entre (14) e (15) mostra que *quando* implica uma identificação com a suposição de que P ocorrerá, enquanto *se* não gera tal identificação. Já a forma verbal de (16) reforça a distância epistêmica em relação ao conteúdo condicional, projetando $\sim P$ como mais provável. Com base nos exemplos apresentados, portanto, percebe-se que há três tipos de posturas epistêmicas, a positiva (14), a neutra (15), e a negativa (16).

Gomes (2008) também trabalha com postura epistêmica em condicionais, neste caso, do PB, e parte de um ponto de vista semelhante; para ele, a postura positiva (fato aceito, na sua própria terminologia) diz respeito à veracidade da realidade de P. Ou seja, condicionais do tipo “Se ele fez o que fez, merece punição” (p. 2876) seriam de fato-aceito porque “parece óbvio que o falante acredita na verdade do antecedente, ou pelo menos está falando como se nela

⁴³ “If he decides to file the suit, the hospital’s lawyers will be allowed to interview him for discovery . . .” (SP.HT.316)

(When he decides to file the suit, the hospital’s lawyers will be allowed to interview him for discovery. If it rained tomorrow, they’d cancel the game.)

acreditasse”. Esses casos diferem-se significativamente de condicionais como “Se ele fez o que dizem que ele fez, merece punição” porque, nesses casos, o falante já não sabe sobre a veracidade da proposição, referindo-se, portanto, à postura epistêmica de fato incerto. Condicionais do tipo *caso*, *supondo que* e *vai que* sempre estariam linkadas ao fato incerto ou contrafactual (postura epistêmica negativa) por conta da semântica do próprio conector.

A proposta de tais autores é interessante porque difere do que é uma crença do falante sobre um fato acontecer ou não e do que de fato acontece no mundo real (ou, ao menos, do que se acredita ser verdade), o que estaria ligado ao conteúdo proposicional, neste último caso. Contudo, essa abordagem parece-nos escapar uma diferença importante que diz respeito justamente à aceitabilidade do falante, isto é, sua crença e/ou expectativa sobre um evento acontecer ou não, em relação ao espaço mental que por ele é aberto. Na nossa visão, a qual difere (ou acrescenta) da dos autores, propomos uma leitura sobre a postura epistêmica de acordo com a aceitabilidade ao observar nuances na atitude do falante frente à possibilidade expressa sobre o evento (e não necessariamente sobre a verdade da proposição). Por exemplo:

(17) Se tiver descoberto cê tá fu*

Agora se tiver a cobertura da call vc vai ter que entregar pelo valor do strike.

Supondo que o strike é 30,00 e nesse seu exemplo a ação "explode para 100 reais" você deixaria de ganhar 70,00 por ação. (Twitter, 2022).

(18) Em lugar de um túnel, o espaço existe dobrado, e uma passagem em forma de fenda pode ser criada para permitir viagens a uma velocidade superior a a de a luz entre dois pontos. Um de os efeitos colaterais é que o motor de dobra funciona também como máquina de o tempo. Essa proposta implica em algo muito maior: **Supondo que** a humanidade consiga esse feito, toda a sua História teria que ser revista. (Corpus do português, 2023).

No primeiro exemplo, percebemos que, no espaço mental de suposição, o falante toma como certa a informação de que o strike tem o valor de 30,00R\$. O que está em jogo, para nós, não é a verdade da proposição, necessariamente, mas sim o encadeamento entre P e Q e a crença do falante ao fazer suas escolhas linguística. Ou seja, contrariamente ao que uma leitura superficial poderia sugerir, consideramos o exemplo (17) como manifestação de postura aceitável, pois, embora hipotético, o cenário descrito — variação de preço de ações e exercício de opções — é plenamente compatível com a realidade do mercado financeiro e orienta decisões

concretas dos agentes. O falante, ao usá-lo como base de cálculo, demonstra aceitação acerca da possibilidade, como sendo algo mais plausível.

Por outro lado, o segundo exemplo (18) nos gera outra leitura, visto que, dentro do espaço de suposição, há uma eventualidade em que o falante não consegue considerar a informação como plausível, porque a humanidade ainda não conseguiu esse feito e porque não se sabe se de fato conseguirá. Ou seja, a hipótese — viagem mais rápida que a luz e manipulação do tempo — não encontra respaldo no estado atual do conhecimento científico e é tratada como especulação mais incerta. Trata-se, portanto, de uma postura incerta, em que a possibilidade é mantida em suspenso, sem endosso do que é aceitável pelo locutor-escritor. Neste sentido, nosso argumento é de que há distinção entre ambos os usos, de modo que classificá-los igualmente – como postura neutra (Fillmore, 1990) – escaparia, portanto, a diferença aqui apresentada.

Dito isso, nesta tese, propomos uma classificação original de posturas epistêmico-axiológicas do falante frente ao evento antecedente em construções condicionais. Nosso modelo distingue quatro posturas:

- (i) Postura fática: o falante trata o antecedente como verdadeiro ou factualmente dado (ex.: *Se ele fez o que fez, merece punição*), reconhecida na literatura como postura epistêmica positiva;
- (ii) Postura aceita: o falante acolhe a possibilidade como desejável, plausível ou digna de consideração positiva, ou seja, compatível com o que se considera realmente possível de acontecer (ex.: *Vai que ele de fato é o amor da sua vida!*);
- (iii) Postura incerta: o falante suspende o juízo, tratando o antecedente como uma hipótese aberta, sem valoração clara (ex.: *Vai que chove amanhã* — entendida como postura neutra por Fillmore);
- (iv) Postura não aceita: o falante rejeita, ironiza ou apresenta a possibilidade como absurda, indesejável ou manifestamente improvável, muitas vezes com função retórica (ex.: *vai que numa dessas tivesse acontecido algo com os atores nesse tempo, ai o filme ia para o ralo*), são os casos de postura epistêmica contrafactuais.

Embora esse quadro teórico contemple as quatro posturas, nossas construções-alvo (como *vai que* e *supondo que*) operam exclusivamente no domínio da não veracidade, ou seja, não realizam a postura fática. Isso se deve à própria natureza dessas estruturas, que introduzem cenários hipotéticos, não assumidos como factuais. Assim, nossa análise empírica se concentra nas posturas aceita, incerta e não aceita, entendidas como variações pragmáticas dentro do

espaço mental da possibilidade. A releitura aqui proposta denominamos de “modelo quadripartite de postura epistêmico-axiológica”, já que estamos considerando os valores e julgamentos assumidos pelo falante.

Neste viés, propomos um novo (ou um acréscimo do) entendimento de postura epistêmica, centrado não apenas na verdade objetiva dos eventos, mas na atitude do falante frente à proposição expressa no antecedente P. Para nós, há uma diferença fundamental entre o status ontológico do evento no mundo (acesso ao qual a linguagem não tem diretamente) e o tratamento que o falante lhe atribui no discurso. Assim, o que determina a postura epistêmica é como o falante posiciona P: se como assumido como verdadeiro (postura fática), como possibilidade aceita e plausível (postura aceita), como hipótese aberta (postura incerta) ou como possibilidade rejeitada ou negada (postura não aceita). Trata-se, portanto, não de um “grau de veracidade”, mas de um grau de compromisso epistêmico e orientação axiológica em relação à possibilidade expressa — ou seja, até que ponto o falante acolhe, suspende ou rejeita a proposição como plausível, desejável ou digna de consideração.

Considere os exemplos abaixo:

- (19) Se a direita acha que poderá aprontar novamente aquele movimento FASCISTA disfarçado de indignação contra a corrupissum, ela que se prepare, porque desta vez não será fácil. Da outra vez a esquerda estava perdida e se sentia culpada, hoje a situação é bem diferente. Que venha! Se eu quiser, eu consigo. (Twitter, 2023).
- (20) Se tu der um elenco com 1 BILHÃO DE EUROS, o Ancelotti também monta uma seleção e é campeão. (Twitter, 2023).
- (21) Ancelotti se eu fosse vc vinha treinar a seleção brasileira. (Twitter, 2023).

Nessas ocorrências de construções condicionais prototípicas, o locutor-escritor julga de diferentes formas o conteúdo da proposição. Em (19), quem fala aceita plausível e/ou palpável o conteúdo enunciado, ou seja, a direita de fato achar que está no direito de “aprontar”; em (20), tem-se um fato incerto, porque não se sabe se é verdade que a pessoa dará ou não um elenco com 1 bilhão de euros; e, em (21), considera-se como não-aceita a proposição enunciada em “se eu fosse você”, entendendo o conteúdo como falso – visto que não há como eu ser você. Diferente, portanto, de ser um fato real.

Outro ponto importante que argumentamos nesta tese é o de que, apesar da postura epistêmica estar mais fortemente expressa em P, faz-se necessário olhar para o contexto

discursivo de forma mais ampla, porque pode haver elementos que corroborem para a aceitabilidade/plausabilidade ou não do locutor-escritor. Como em:

(22) Cheiro p / vc 's! Bom, como agora vcs são formadoras de opinião, melhor eu NÃO ler o post todo. Não vi o filme, vai que vc influencia a minha opinião sobre o filme ou sobre o tema de o post? rs....

Neste caso, apesar de *vai que* abrir para um evento hipotético, o locutor-escritor marca a aceitabilidade⁴⁴ dele quanto ao fato de o interlocutor-leitor influenciar ele ou não, visto que afirma que de fato não lerá o post, porque a possibilidade de o interlocutor-leitor influenciar sua opinião é aceita, ou seja, plausível. O locutor-escritor aceita que o interlocutor pode de fato influenciar (postura aceita), tanto é que afirma que não vai ler o post para não ser influenciado. Assim, quando o falante se utiliza desse tipo de estratégia, assume-se que ele “não apenas constrói mentalmente a realidade física externa, mas também os estados mentais de conhecimento, crença e intenção de seus interlocutores” (Ferrari, 2011, p. 44).

3.6 Considerações ao capítulo.

Chamamos a atenção do leitor para dois principais pontos discutidos neste capítulo, sendo eles: cognição e construção. Como discutido, língua e cognição são conceitos inseparáveis para a GCBU. Apesar disso, não são reflexo um do outro, na verdade, funcionam como sistemas que se retroalimentam, sendo mantido por várias engrenagens que trabalham de forma conjunta. Metaforicamente, a máquina, como um todo, seria a cognição, em que determinada engrenagem poderia atuar em e para diferentes funções, como para a produção linguística ou não-linguística, a partir da categorização, por exemplo.

Outra engrenagem pertencente a essa máquina refere-se ao sistema cognitivo, o qual armazena representações que são acionadas à medida que se produz língua. Essas representações possuem abstratização e estão linkadas (horizontalmente) umas às outras por meio das associações, sejam elas de herança ou de semelhança. Entendemos, portanto, a língua como totalidade organizada e constituída de unidade dotadas de leis próprias que interagem entre si, sendo a natureza de suas partes determinada pelo todo, regida pelos mecanismos

⁴⁴ Entendendo como: qualidade, condição ou caráter do que é aceitável, razoável, admissível.

cognitivos. Para isso, utilizamos o conceito de Mancinas-Chávez sobre estrutura, “*para citar en que no concebimos la estructura más que como un conjunto, un todo, formado por fenómenos solidarios, de tal forma que cada uno depende de los otros y no puede ser lo que es, más que por su relación con los demás*” (2016, p. 12). Argumentamos, portanto, que a estrutura linguística é formada pela relação entre construções (Diessel, 2019).

Neste sentido, um dos processos cognitivos discutidos foi *blending*, primordial para a formação de novos conceitos e para a integração das associações que fazemos conforme experienciamos o mundo. Essa capacidade de combinar domínios distintos permite ao falante construir significados complexos, atualizando representações mentais de forma criativa e dinâmica (capacidade linguística humana).

No entanto, como já dissemos, a linguagem não é apenas produto da cognição individual, mas se realiza em interação, exigindo do falante um posicionamento em relação ao ouvinte. Assim, os sentidos enunciados são modulados por atitudes do falante que envolvem modalidade — ao marcar graus de certeza, possibilidade ou desejo —, postura epistêmica — ao assumir ou delegar responsabilidade pelo conhecimento — e intersubjetividade, à medida que se pressupõe uma partilha de saberes e percepções entre os interlocutores. Esses elementos se articulam ainda à estrutura da informação, responsável por organizar o fluxo informativo da sentença, distribuindo entre o que se assume como conhecido ou dado e o que se introduz como novo ou focal. Desse modo, compreendemos a linguagem como fenômeno cognitivo-funcional emergente do uso, construído em camadas que articulam o funcionamento mental à interação social e às condições enunciativas do ato comunicativo.

Assim, ao retomarmos os fenômenos em análise, percebemos que os pressupostos teóricos aqui mobilizados se articulam de forma complementar em prol de nossa investigação. A perspectiva cognitivista, ao conceber a linguagem como parte integrante da cognição e da experiência humana, e a GCBU permitem compreender como construções emergem a partir de padrões recorrentes no discurso. Ambas reforçam a percepção de que a criatividade se manifesta no uso linguístico, tanto no preenchimento quanto na expansão dos esquemas e subesquemas das construções investigadas. Nesses processos cognitivos (e sociais), o mecanismo de *blending*, por exemplo, contribui para explicar a formação de novas construções por meio da integração conceptual. Além disso, a noção de intersubjetividade evidencia a dimensão interativa dessas construções, já que seu uso envolve necessariamente a negociação de sentidos entre falante e interlocutor. Ainda, a modalidade epistêmica mostra-se central, pois as construções estudadas se inscrevem nesse domínio, refletindo graus de (in)certeza e de avaliação do falante. Finalmente, a postura epistêmica revela-se decisiva, uma vez que orienta

a interpretação das construções, permitindo compreender não apenas a posição do falante diante do conteúdo enunciado, mas também o modo como ele se projeta na interação comunicativa, ao empregar as construções *vai que* e *supondo que*.

4. METODOLOGIA

Esta tese visa a investigação das construções *vai que* e *supondo que* em uma amostra sincrônica do português brasileiro escrito, com foco nos aspectos formais e funcionais emergentes de seus usos. Para tanto, foram analisadas 804 ocorrências no total, sendo 402 de cada construção, distribuídas em dois contextos: Corpus do Português (abas *Web* e *Now*) e Twitter.

A metodologia organiza-se em dois eixos principais: (i) as decisões metodológicas e os procedimentos de análise; e (ii) os grupos de fatores linguísticos observados. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e quantitativa, de base empírica, fundamentada nos pressupostos da Linguística cognitivo-funcional e construcionista da gramática.

No que se refere à coleta dos dados, as ocorrências do *Twitter* (atualmente plataforma *X*) foram obtidas por meio da plataforma *Netlytic*, que realiza a extração automática com base nas expressões buscadas, totalizando 314 casos de *supondo que* e 206 de *vai que*. Já no Corpus do Português, a coleta foi realizada manualmente, respeitando a ordem de apresentação da ferramenta, e resultou em 87 ocorrências de *supondo que* e 196 de *vai que*⁴⁵.

No caso de *vai que*, buscamos manter um número de dados mais equilibrado entre os dois suportes, uma vez que nosso interesse era compreender como a construção se manifesta em contextos distintos. Por outro lado, em relação a *supondo que*, apesar de termos coletado dados em ambos os suportes, houve predominância de ocorrências retiradas do *Twitter*. Isso se deve ao fato de que, durante a coleta no *Corpus* do Português, verificamos que muitos dados estavam associados a contextos matemáticos, que acreditávamos serem divergentes dos contextos observados no *Twitter*.

Assim, de forma geral, a escolha por dois suportes distintos justifica-se pela intenção de observar possíveis contrastes nos usos das construções em tais suportes e de registros de diferentes graus de formalidade. Os textos do *Twitter* se aproximam de contextos oralizados e espontâneos, sendo, portanto, mais informais. Já as abas *Web* e *Now* do *Corpus* do Português trazem textos de graus de formalidade variados, assim, de forma comparativa, seriam mais formais do que o *Twitter*, já que podem se referir a textos jornalísticos, blogs, comentários de

⁴⁵ A coleta foi realizada em 2022, com atualizações pontuais nos dados do Twitter em maio de 2023, a fim de manter a representatividade sincrônica da amostra. No caso do Corpus do Português, as ocorrências compreendem registros de 2019 a 2024, cobrindo diferentes meses e gêneros textuais, em sua maioria blogs ou textos jornalísticos. Os dados foram coletados com apoio dos orientandos de Iniciação Científica: Manoela Amstald e Juan Lima de Paula. Este último também colaborou na revisão das ocorrências e na validação dos procedimentos estatísticos.

reportagem e dos blogs etc. Buscou-se, assim, compreender se a diferença entre esses registros influencia os padrões de uso e os valores pragmáticos associados a cada construção.

Quanto à análise qualitativa, esta concentrou-se na descrição dos fenômenos com ênfase nos fatores semântico-pragmáticos, sendo conduzida de modo interpretativo com base no referencial teórico adotado e nas leituras acumuladas ao longo da pesquisa. Alguns fatores inicialmente considerados — como modalidade (epistêmica, avaliativa, deôntica), marcadores adicionais de indicativo e subjuntivo (delimitação no tempo, efeito não controlável, expressão impessoal, expressão indefinida, negação possível), e intersubjetividade, — foram posteriormente excluídos da análise quantitativa, por não apresentarem relevância estatística significativa ($p = \text{value}$ maior que 0,05). Ainda assim, tais aspectos foram discutidos na análise qualitativa, uma vez que fornecem *insights* relevantes sobre os contextos de uso.

Por outro lado, com referência à análise quantitativa, esta contemplou variáveis formais e funcionais, como: tipo de corpus, posição frásica, tipo de construção oracional, tipo de oração, presença de negação, tempo e modo verbal, estatuto informacional, papel discursivo, postura epistêmica e avaliação do falante sobre a situação anterior, que são apresentados com detalhes a seguir. Para esta análise, utilizamos o programa estatístico *RStudio* e a ferramenta *Qwen* para os scripts dos cruzamentos que necessitávamos⁴⁶. Os dados foram inicialmente organizados em planilhas do Excel e depois rodados no RStudio, todas as rodadas foram submetidas ao teste do qui-quadrado e/ou ao teste de Fisher. Assim, a análise quantitativa baseou-se em contagens de frequência e em cruzamentos entre variáveis linguísticas. A significância estatística foi verificada por meio do teste do qui-quadrado, sendo considerados relevantes os resultados com $p < 0,05$.

Importante mencionar, ainda, que, para garantir a adequação dos dados ao escopo da pesquisa, foram incluídas apenas as ocorrências em que *vai que* e *supondo que* funcionavam como conectores e marcadores interacionais, isto é, introduzindo orações. Ocorrências em que *vai* e *supondo* apareciam como verbos plenos (ex., “vai, vai que você consegue” ou “estou supondo que ele vem”) foram excluídas, por não corresponderem ao fenômeno gramatical em análise. Além disso, nossa amostra não se refere a possíveis variações dos marcadores, como *suponhamos que*, *supunha que*, *vá que* etc.

⁴⁶ O RStudio é o programa estatístico utilizado para obter os resultados quantitativos referentes aos fatores analisados. Já o Qwen é um modelo de Inteligência Artificial, semelhante ao ChatGPT, que forneceu os *scripts* (ou *prompts*) necessários para a linguagem R. Em outras palavras, quando foi necessário cruzar, por exemplo, dados dos corpora com o tipo de oração, recorria ao Qwen para solicitar o *script* correspondente, e ele gerava o comando adequado para execução no RStudio. Contudo, é necessário utilizar a ferramenta de forma inteligente e controlada, além de ética, claro, porque as Inteligências Artificiais trazem preocupação à sociedade, visto seu alto consumo de água, por exemplo, na geração de respostas via *data centers*.

Assim, consideramos que as abordagens qualitativa e quantitativa sejam complementares, uma vez que a descrição interpretativa revela nuances contextuais e funcionais das construções, enquanto os resultados estatísticos auxiliam na validação de hipóteses levantadas, como a associação do *vai que* a conteúdos informacionais novos e inesperados — padrão que se distingue significativamente do comportamento do *supondo que*, mais frequentemente associado a contextos hipotéticos previsíveis.

4.1 Fatores de Análise

Com relação aos fatores de análise, eles tendem a dialogar entre si, sendo que buscamos esclarecer os pontos convergentes e divergentes na descrição das construções. Todavia, a fim de explicar o porquê de tais fatores em específico serem selecionados, apresentamos um a um abaixo.

4.1.1 Tipo de Corpus

Um dos fatores controlados na análise foi o *Tipo de corpus*, considerando dois contextos distintos de uso do português brasileiro escrito: o *Corpus do Português* (abas *Web* e *Now*) e o Twitter. A inclusão desse fator se justifica porque cada *corpus* apresenta características próprias que podem impactar diretamente os padrões de uso das construções em estudo.

O *Corpus do Português* reúne textos mais próximos da escrita formal, ainda que inclua registros diversos, como canais de entrevistas, revistas, jornais, comentários e blogs, o que permite observar como as construções se manifestam em contextos de maior elaboração textual. Já o Twitter, por sua vez, constitui um espaço de escrita altamente interacional, marcado fortemente por traços de oralidade, informalidade e espontaneidade. Assim, a distribuição por suporte foi a seguinte: *vai que* apresentou 196 ocorrências no Corpus do Português e 206 no Twitter; *supondo que* registrou 87 ocorrências no Corpus do Português e 314 no Twitter. No caso de *supondo que*, a distribuição não ficou equilibrada, uma vez que o Corpus do Português apresentou predominância de dados ligados a contextos de cálculo, e optamos por ampliar a coleta no Twitter a fim de contemplar usos mais variados da construção.

Por fim, o controle do fator *tipo de corpus* tem como objetivo permitir a verificação de como as construções *vai que* e *supondo que* se distribuem num *continuum* entre estilos de escrita de média formalidade a maior informalidade. Esse controle possibilita identificar possíveis

tendências e/ou contrastes sintáticos e/ou semântico-pragmáticos em cada suporte. No entanto, esse fator, em nossas análises, aparece sobretudo em cruzamentos com outras variáveis que se mostraram relevantes do ponto de vista quantitativo.

4.1.2 Posição frásica

Outro fator controlado foi a *Posição frásica* das construções com *vai que* e *supondo que*. Esse critério permitiu verificar se tais construções atuam na abertura de tópicos discursivos (posição interfrásica) ou se funcionam como estratégia de retomada e/ou conclusão de uma ideia, estabelecendo continuidade com o contexto precedente (posição intrafrásica).

Nossa hipótese é que *vai que* ocorra com maior frequência na posição intrafrásica, considerando que funciona frequentemente como um recurso disruptivo que carrega valor de justificação e/ou contraste em relação ao que está sendo dito. Por outro lado, consideramos que *supondo que* seja mais recorrente na posição interfrásica, iniciando nova frase, embora permaneça ancorada na informação antecedente.

4.1.3 Tipo de frase

Neste fator, controlamos se a construção *vai que* e *supondo que* estava na forma (i) *declarativa* (ii) *exclamativa* (iii) *interrogativa* (iv) *comentário* (v) *reportada*. Consideramos relevante controlar o tipo de frase porque, sobretudo no caso da construção *vai que*, o falante tende a empregá-la com um tom de especulação, o que, nos dados escritos, pode se manifestar na forma de pergunta.

Nossa hipótese é de que tanto *vai que* quanto *supondo que* ocorrem mais significativamente em frases declarativas, já que é a forma menos marcada, mas que há número significativo de *vai que* na forma interrogativa, justamente por conta das nuances pragmáticas, que carrega mais valor intersubjetivo e de especulação, em comparação ao *supondo que*, por exemplo.

4.1.4 Integração de oração

O fator *Integração de oração* corresponde ao grau de vinculação sintática entre as proposições, sendo os seguintes critérios selecionados: (i) hipotática (ii) paratática ou (iii)

insubordinada. Esse fator foi controlado devido à observação de que *vai que* frequentemente ocorre como oração independente, assim como em alguns casos *supondo que* também adquire grau de independência sintática.

Nossa hipótese é que *vai que*, quando precedido de *mas* ou *porque*, tende a funcionar como uma oração sintaticamente mais dependente semanticamente – caracterizada como oração coordenada/paratática. Em contrapartida, na ausência desses marcadores, consideramos que *vai que* assume o status de uma oração insubordinada. Essa análise diverge de nossas expectativas iniciais baseadas em contextos hipotéticos criados, onde *vai que* parecia preferir construções hipotáticas. Presumimos, nesse caso, que o uso hipotático corresponde ao emprego primário e original da construção.

Essa caracterização ressalta a flexibilidade funcional de *vai que*, variando entre níveis de dependência sintática, e abre caminho para análises mais aprofundadas sobre a evolução semântica e pragmática da expressão em diferentes contextos.

4.1.5 Marcadores de negação

Esse fator foi controlado devido ao comportamento disruptivo observado em *vai que*. Nosso objetivo foi verificar se essa disrupção ocorre em função do contraste entre negação e positividade. Para isso, consideramos dois critérios: (i) presença e (ii) ausência de marcadores de negação, como *não*, *nunca*, *nada*, *ninguém*, entre outros em [Vai que X] e [Supondo que X].

Nossa hipótese é que, quando houver marcadores de negação, eles estejam presentes na oração ligada ao *vai que* e não na proposição iniciada pelo conector. Além disso, postulamos que esse contraste de polaridade pode ser uma das razões que justificam a disrupção frequentemente associada ao *vai que*.

4.1.6 Modo

O fator *Modo* foi controlado para investigar a relação entre a escolha verbal e a postura epistêmica associada às construções com *vai que* e *supondo que*. O objetivo foi identificar se os modos verbais empregados nas proposições influenciam a interpretação epistêmica e o grau de certeza ou incerteza expresso nas sentenças.

Foram considerados os seguintes critérios:

(i) Presença do modo *indicativo*, associado a fatos assumidos como reais ou mais prováveis;

(ii) Presença do modo *subjuntivo*, frequentemente relacionado à incerteza, hipótese ou menor comprometimento com a realidade;

Nossa hipótese inicial é de que *vai que* ocorre predominantemente com o indicativo, reforçando seu caráter de justificação ou projeção de possibilidades desejáveis e aceitáveis, enquanto *supondo que* tende a ser empregado com o subjuntivo, marcando cenários mais neutros ou menos prováveis de ocorrer. Essa diferença reflete as funções discursivas distintas de cada construção: *vai que* parece operar com expectativa positiva de o evento acontecer ou com eventos já assumidos no discurso, enquanto *supondo que* estabelece hipóteses mais distantes ou incertas.

Essa análise buscou, ainda, avaliar se há variações significativas na relação entre modo verbal e os contextos interfrásicos e intrafrásicos, considerando que a posição frásica pode influenciar o grau de certeza ou suposição expressos pelo falante. Adicionalmente, explorou-se se o presente do indicativo se mantém como padrão em ambas as construções, visto que é a forma menos marcada no português brasileiro.

4.1.7 Conteúdo informacional (informação dada vs. nova)

Esse fator analisa se a informação expressa pelas construções *vai que* e *supondo que* é (i) *dada* ou (ii) *nova*. Por *informação nova*, entendemos elementos que introduzem algo inédito ao discurso, enquanto *informação dada* refere-se a elementos já mencionados ou implícitos no contexto anterior. Esse critério é analisado a partir do nível proposicional de Lambrecht (1994), discutido na subseção 3.5.3. Centremo-nos nele porque nossas hipóteses é de que *vai que* introduz informação nova, sendo esta uma diferença interessante entre outras construções condicionais, como *supondo que*, que mais frequentemente apresentam informação dada.

Embora nossa hipótese seja de que *vai que* tenda a introduzir predominantemente informação nova ou parcialmente nova (categorizada como nova), reconhecemos que a construção pode funcionar de forma diferente em contextos justificativos ou contrastivos. Nesses casos, mesmo que o tópico já tenha sido mencionado anteriormente, a construção ainda pode trazer um desdobramento informacional novo, ainda que esteja dentro do mesmo tema.

4.1.8 Papel pragmático-discursivo

Esse fator corresponde ao papel pragmático-discursivo que foi mapeado a partir da análise qualitativa dos dados. Percebemos, ao olhar para os dados, que as construções *vai que* e *supondo que* apresentavam papéis discursivos específicos, sendo eles: (i) precaução (ii) expectativa positiva (iii) alerta (iv) dúvida/suposição (v) ironia (vi) comentário (v) especulação lógica.

Partindo desses critérios, formulamos a hipótese de que ambas as construções divergem, demonstrando suas especificidades conforme a natureza da construção, como precaução e expectativa positiva para *vai que* e suposição e especulação lógica para *supondo que*.

4.1.9 Postura epistêmica

Esse fator foi controlado devido à relação estreita entre o paradigma condicional e a postura epistêmica, amplamente discutida na literatura (Leão, 1961; Fillmore, 1990; Ferrari, 2005; Gomes e Monken, 2011). Ao criar um espaço mental de um mundo possível, o falante expressa sua crença em relação ao evento projetado (Fillmore, 1990), sendo aqui classificamos como: (i) fática, (ii) aceita, (ii) incerta ou (iii) não aceita. Nesse contexto, construções que introduzem espaços mentais, como as condicionais, diferem no tipo de instrução que fornecem para o acompanhamento das informações em relação à postura epistêmica adotada pelo falante (Ferrari, 2011).

Considerando essa premissa, controlamos o fator de postura epistêmica, partindo da hipótese de que *vai que* está predominantemente associado à postura aceita, enquanto *supondo que* estaria mais relacionado à incerta, ambos no campo da possibilidade – em que não há dado referente à postura fática, visto que é uma postura que condiz à factualidade/veracidade da proposição. Nossa hipótese se baseia no uso pragmático das construções: *vai que* é frequentemente utilizado para introduzir cenários onde o locutor-escritor demonstra acreditar na possibilidade concreta de que o evento P ocorra. Por outro lado, *supondo que* aparece em contextos onde o locutor-escritor explora uma hipótese menos comprometida com a realidade, indicando um cenário considerado mais incerto e neutro.

Vale destacar que, embora a postura epistêmica esteja fortemente vinculada ao modo verbal – sendo o indicativo frequentemente associado a fatos aceitos e o subjuntivo a fatos incertos –, postulamos que a classificação não pode ser reduzida exclusivamente à escolha do

modo verbal. Isso ocorre porque há outras marcas linguísticas que também podem sinalizar as diferentes posturas adotadas pelo falante, como advérbios: de fato, realmente, etc.

4.1.10 Avaliação do falante sobre o contexto

Nesse fator, analisamos a avaliação do falante sobre o contexto ao qual as construções se vinculam, ou seja, se é (i) positiva, (ii) negativa ou (iii) neutra. Consideramos importante o controle da avaliação do falante porque queremos entender melhor a disrupção de *vai que*, que pode ter a ver com esse fator.

Nossa hipótese é de que o falante faça uma avaliação majoritariamente negativa e/ou neutra da situação anterior, isto é, antes de introduzir o *vai que*. Para *supondo que*, diferentemente, consideramos que a avaliação seja neutra, o que faz com que *supondo que* abra o espaço mental de suposição com grau menor de intersubjetividade e juízo de valor.

A seguir, expomos nossas análises e os resultados relativos a cada um desses fatores.

5. ANÁLISE E RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos a análise e a discussão dos resultados referentes às construções *vai que* e *supondo que*, considerando os fatores investigados. Para maior clareza didática, organizamos a exposição em duas grandes subseções: seção 5.1 em que efetuamos a análise qualitativa das construções; em seguida, na seção 5.2, discorremos sobre os fatores apresentados na metodologia, de forma individual, e exibimos os resultados quantitativos referente a eles.

5.1 Análise qualitativa de *vai que* e *supondo que*

Nesta subseção, analisamos qualitativamente as construções *vai que* e *supondo que*, com o objetivo de entender o pareamento entre forma e significado de cada microconstrução. Por questões metodológicas, decidimos descrever primeiramente uma construção e, na sequência, a outra, já que consideramos cada uma como construções particulares, com links formais e funcionais próprios.

5.1.1 Vai que

Abaixo, apresentamos dois dados de *vai que* para a comprovação dos critérios de condicionalidade, discutidos na seção 2.12.1:

(01) # ⁴⁷Que bom para você que o filme mexeu contigo de uma forma de entrar no seu coração..., comigo foi a o contrário, não me diverti e nem me fez pensar na vida, não acho que o filme seja ruim, mas muito longe de ser filme para ganhar Oscar, mas o fato de ter dado um trabalhão para gravar ele em 12 anos (**vai que** numa dessas tivesse acontecido algo com os atores nesse tempo, ai o filme ia para o ralo), mas a vida de o menino não acontece nada e nem sofrida ela é, achei fraco em

⁴⁷ Mantivemos a escrita original dos dados dos corpora, sem correção ortográfica ou gramatical. Observa-se que um dos corpora não apresenta contrações preposicionais (por exemplo, “do” aparece como “de o”), característica decorrente da própria estrutura sintática dos textos coletados. Além disso, esclarecemos que o uso do sinal jogo da velha (#) indica o início de um comentário, já que os dados coletados são de jornais digitais, blogs, entrevistas etc. e os interlocutores tecem comentários sobre a matéria e/ou o conteúdo disponibilizado. Ainda, a abertura de aspas (“”) indica discurso reportado direto.

roteiro, como disse não é filme de Oscar, mas se ganhar não ficaria surpreso pois realmente tem muita gente gostando [...] (Corpus do português, 2023).

- (02) Eu tinha brigado com meu amigo dai hj ele pegou um avião e falei “vou te perdoar pq **vai que** seu avião caia, eu ficaria arrependida pro resto da vida” kkkkkkkkkkkk (Twitter, 2022).

Nas ocorrências acima, podemos verificar maior aproximação com a condicional prototípica do tipo *Se p, então q*. Essa proximidade se dá porque *vai que* (i) introduz uma *oração hipotática* vinculada à oração principal com valor de *p então q*, (ii) possui relação sintático-semântica de *causa-consequência* entre as orações – em que *vai que* é a causa de o filme ir para o ralo (01) e do arrependimento do interlocutor (02) –, (iii) apresenta combinação de tempo-modo verbal características de condicionais – como o pretérito imperfeito do subjuntivo (*P*) e pretérito imperfeito do indicativo (*Q*), em (01), e o presente do subjuntivo (*P*) e o futuro do pretérito do indicativo (*Q*), em (02) –, e (iv) preenche os demais critérios estabelecidos por Dancyngier: *não-assertividade*, *predição* (no sentido de futuridade), *distância epistêmica* e *abertura de espaço mental hipotético/alternativo*.

Mais especificamente, em (01), compreende-se que a consequência de o *filme ir para o ralo* depende da condição-hipótese de algo ter acontecido com os autores; em (02), o locutor-escritor *ficar arrependido* depende da afirmação sobre a hipótese de o *avião cair*, sendo esta uma condição para o seu arrependimento. Vale destacar que, em (02), há dependência sintática e semântica tanto da proposição *q*, quanto da que está à esquerda de *vai que*, o que sinaliza para uma das particularidades da construção, isto é, poder ter sentido retrospectivo. Neste caso, *vai que* é utilizada em contexto de justificativa sobre o que está sendo dito anteriormente, cuja marcação ocorre por meio do conector *porque*. Assim, o *avião cair* seria a causa para o arrependimento do locutor-escritor e, também, o motivo de *ele perdoar seu amigo*.

Vale destacar que outras ocorrências do tipo *vai que p, q* foram encontradas na nossa amostra de 402 dados, estando mais próximas à centralidade da categoria condicional, apesar de não serem tão recorrentes quanto as que se vê com orações mais independentes (*vai que p*). Abaixo, outros dados que demonstram proximidade maior com a construção prototípica do tipo *Se p, então q*:

- (03) Mousasi, Cormier, Vitor, Rashad, Davis, Sonnen... tanta luta pra ele e vão torrar o cara já! Tb acho, mas eh o que o camarada acima falou, vão queimar o cara e fim de fila pra ele. Enquanto isso o negão de o calção rosa fica sendo posto de lado tb.

Ah, **vai que** o Sonnen vence o Rashad, vai pedir revanche contra o Jones logo apos a luta ainda em o 8. Hahahaha [...] (Corpus do português, 2025).

(04) Antigamente, Isso era crime de ESTELIONATO... O engraçado é que o poderoso pode tudo, pode ate mudar sua idade em a certidão, depois é só contar uma historinha de a carochinha, e a justicinha aceita. Agora, **vai que** o cartório por engano altere minha idade em a certidão, até que eu prove que foi FALHA de o cartório, com certeza irei ficar preso e apanhando em a cadeia por um bom tempo... Ainda bem que não espero nada de essa política falida de o brasil, mais espero tudo de o Senhor Jesus, pois só ele mesmo. (Corpus do português, 2025).

(05) Pessoal, tenho uma sugestão, todos caminhões com eixos elevados parem de frequentar o posto de a família de ele, o Santa rosa de itajai, vamos ser conscientes e não oferecer risco a ele, rs, vocês vão ver que ja ja ele para de se preocupar com os outros e pense em os problemas de ele. ou como diz aquele ditado, "« deus lhe deu uma vida, cuide bem de ela, que de a minha cuido eu. " E se insistir em continuar que tal uma manifestacaozinha contra esses "« preocupados com os outros "» em as redes sociais. Vamos começar por o site de o cawbois de o asfalto, **vai que** o pessoal de o site passe a nos apoiar, rsss. tudibão rss. (Corpus do português, 2025).

Como se pode ver, em (03), (04) e (05), *vai que* introduz uma proposição *p*, que está ligada a outra proposição *q*. Em (03), *Sonnen vencer o Rashad* abre para a consequência de o interlocutor-leitor *pedir a revanche*; em (04), o *engano no registro da idade do locutor-escritor* leva a consequência de o mesmo *ficar detido enquanto a alteração não seja feita*; e, em (05), essa relação ocorre de uma forma distinta, porque projeta uma possibilidade desejável como justificativa para uma ação coletiva, numa leitura de “façamos *Q* para que *P* aconteça”, com uso menos central da categoria. Nos dados acima, é possível notar sentido prospectivo da construção *vai que*, em que há abertura temática para um evento *X*.

Embora as três ocorrências com *vai que* compartilhem certos traços associados à condicionalidade — como a projeção de um evento futuro incerto, a não-assertividade e a criação de espaços mentais alternativos ao espaço-base (Fauconnier, 1985; Dancygier, 1999) —, elas não ocupam a mesma posição na estrutura categorial dessa construção. Pelo contrário, revelam uma organização radial, em que o grau de pertencimento ao domínio da condicionalidade epistêmica (Sweetser, 1990) varia conforme a função pragmática assumida. Nessa perspectiva, as ocorrências (03) e (04) estariam mais próximas ao núcleo prototípico, comparado à (05): em (03), a possibilidade de vitória de Sonnen é tratada como uma hipótese

aberta, ainda que improvável; em (04), a falha do cartório é apresentada como remota, mas logicamente possível; já em (05), a função principal é instigar uma ação coletiva com base na projeção de um desfecho favorável. Trata-se, portanto, de um ato de fala apelativo (Sweetser, 1990), em que a possibilidade serve como recurso motivacional, não como premissa lógica. A substituição por *se*, neste caso, resultaria em agramaticalidade ou mudança de sentido, o que indica um afastamento do domínio da condicionalidade no sentido estrito.

A gradiência categorial, observável do exemplo (01) ao (05) – e que segue nas demais ocorrências –, revela que as construções relacionadas ao domínio condicional não são homogêneas: no caso de *vai que* ora se aproxima do protótipo — com hipóteses sobre eventos —, ora se desloca em direção à periferia, assumindo funções mais epistêmicas e pragmáticas, como a de instigar ações ou suavizar propostas por meio da projeção de cenários com expectativa positiva, por exemplo. Assim, embora todas as ocorrências criem espaços mentais alternativos ao espaço-base (Fauconnier, 1985), flutuam em domínios cognitivos-pragmáticos distintos. Esse espectro de usos reforça a necessidade de conceber a condicionalidade não como uma categoria estanque, mas como um espaço radial de variação funcional. Em outras palavras, a organização dessa categoria se expande a partir de um núcleo prototípico por meio de extensões funcionais, mantendo sua coesão não por traços formais fixos, mas por continuidade pragmática e encadeamento contextual (Lakoff, 1987; Taylor, 2003).

A seguir, discutimos dados em que há maior afastamento da prototipicidade do domínio da condicionalidade:

(06) Concordo com a "« solução "» por você proposta, é o máximo que pode ser feito em o curto prazo seguindo as "« regras "» (apesar de o lado de lá nunca seguir, mas, enfim...) e trabalhar em a direção de um partido NOVO é exatamente o que penso, porém, quais seriam os nomes, na sua opinião, para a confecção de esse partido?! Já queria saber quem apoiar... ler as propostas e afins... **vai que** é possível trazer esse partido à luz do dia ANTES das eleições de 2014, não?! (Corpus do português, 2025).

(07) O personagem de o menino é um dos melhores que vi até hoje no cinema. Não vou contar o motivo -- **vai que** vocês se entusiasmam e decidem assistir-lo, né? (Twitter, 2023).

Em (06) e (07), a construção *vai que* apresenta maior afastamento do modelo prototípico, já que não apresenta oração hipotática do tipo *p-q* e, tampouco, sentido prospectivo,

mas sim retrospectivo. Apesar disso, é possível notar que há causa hipotética sobre o evento ou premissa que o locutor-escritor quer defender, sendo tais argumentos orientados à determinada conclusão (em (06) *saber quem apoiar* e em (07) *não contar o motivo*), contudo, sem condicionar explicitamente um evento a outro. De forma mais detalhada, (06) expressa possibilidade incerta sobre trazer determinado partido político à luz antes das eleições de 2014. Neste caso, a *não-assertividade* está presente e leva um tom de especulação. Logo, há o componente *pragmático conversacional* (Athanasiadou & Dirven, 1997), visto que a construção é empregada com tom especulativo e como forma de suavizar a afirmação feita pelo locutor-escritor. O *espaço mental* gerado é hipotético, contrastando com a realidade atual em que o partido ainda não foi criado.

Em (07), a construção *vai que* introduz um cenário alternativo em que o interlocutor-leitor se entusiasmaria e, por isso, decidiria assistir ao filme. Novamente, há valor hipotético embutido, mas ele se apresenta mais como uma eventualidade do que como uma condicional clássica, denominada aqui como *expectativa positiva* (ver Quadro 1, abaixo). *Vai que* funciona como *estratégia discursiva* para incentivar a audiência a tomar uma ação (Bejar, 2022). A *não-assertividade* se manifesta na incerteza sobre a reação do interlocutor (se irá ou não se entusiasmar). O *espaço mental* criado é de condição hipotética em que a reação positiva dos interlocutores (entusiasmar-se) levaria à ação desejada (assistir ao filme). Esse uso aproxima-se do que Athanasiadou e Dirven (1997) classificam de *pragmático conversacional*, já que há ato de fala envolvido, mais especificamente, *ato diretivo indireto* (Searle, 1975). Ou seja, embora o locutor-escritor não dê uma ordem explícita, há sugestão/incentivo implícito para que o interlocutor-leitor assista ao filme.

Como comentamos anteriormente, tanto em (06) quanto em (07), *vai que* é retrospectivo, ou seja, retoma ou conclui o que está sendo dito na proposição anterior (Bejar, 2022). Esse tipo de construção, a nosso ver, se assemelha ao que Bejar (2022, p. 196) chama de oração de *estrutura condicional suspendida* (discutido na subseção 2.5 desta tese) (como *Y se* do espanhol). Assim, argumentamos que, embora as construções com *vai que* nem sempre se apresentem em estruturas hipotáticas tradicionais com orações principais, isso **não** invalida sua vinculação ao domínio condicional⁴⁸. Mais uma vez, observamos que a construção opera nos diferentes estratos de sua categoria radial, deslocando-se entre o núcleo prototípico e suas extensões periféricas.

⁴⁸ Em contraponto com o que Ferreira e Rech (2024) argumentam. Ver Sweetser e Dancyngier (2012).

Nesta perspectiva, entendemos que a semântica básica de *vai que* mantém relação – mesmo que, muitas vezes, periférica – com a condicionalidade, uma vez que a construção expressa e introduz cenários hipotéticos, especulativos ou possíveis, configurando relação de (inter)dependência entre um estado de coisas (prótase) e uma consequência potencial (apódose implícita, explícita ou inexistente). Essa conexão com o domínio condicional é evidenciada pelo fato de *vai que* cumprir funções semânticas típicas de construções condicionais, como a não-assertividade, a predição e a projeção de um espaço mental alternativo (Dancygier, 1999), bem como a formulação de hipóteses (Sweetser, 1990). Além disso, ao criar enquadramento hipotético, permite ao falante sugerir, especular, justificar ou contrapor um argumento, reforçando sua ligação com a causalidade condicional implícita. Diríamos, então, que o que está em jogo é uma questão de saliência semântica, em que ora sobressai a condicionalidade, ora se destaca a modalidade epistêmica — ou ainda outras funções, como a apelativa ou a irônica, que podem adquirir maior proeminência conforme o contexto.

Todavia, defendemos que *vai que* não apenas se origina do domínio condicional, mas continua operando dentro desse campo semântico, mesmo em suas formas mais pragmáticas/modais. O que observamos é um processo em curso de construcionalização, no qual *vai que* está se tornando cada vez mais marcador modal epistêmico independente, que não só corrobora, justifica ou contrasta com o discurso anterior, mas também preserva sua base condicional ao estruturar possibilidades e relações hipotéticas, como discutimos a seguir. Dessa forma, *vai que* vincula-se a outros domínios para além da condicionalidade – o que torna esse operador ainda mais rico e de difícil descrição –, como o da *modalidade epistêmica*, se aproximando de outros modais, como *pode ser que*, *talvez*, *quem sabe* etc. *Vai que*, como argumentam Ferreira e Rech (2024), é um modal mais fraco, já que transmite possibilidade⁴⁹. Essa ligação já foi por nós discutida em Ely e Cezario (2023b).

Abaixo, discorremos sobre a epistemicidade intrínseca ao *vai que*:

(08) Mas apesar de todas as indicações, meu conselho é: seja curiosa! Viu uma loja ou marca que nunca ouviu falar? Entre, pegue em a mão, teste em a pele, seja cara de pau mesmo. **Vai que** encontra seu novo queridinho! A grande maioria de os produtos mostrados aqui já foram resenhados em o blog. (Corpus do português, 2023).

⁴⁹ De acordo com os autores, “um item modal é considerado forte se transmite necessidade e fraco se transmite possibilidade”.

- (09) Não pode faltar em uma festa de casamento kits para imprevistos. Que tal deixar em os banheiros cestinhas com chicletes, antiácidos, linha e agulha, analgésicos, absorventes (para as mulheres), curativos (**vai que** o sapato aperta) e até mesmo preservativos? Caso alguém precise, está logo ali! (Corpus do português, 2023).
- (10) @Fepoofepoo2 **Vai que** é sua alma gêmea. (Twitter, 2022).

Nos dados acima, assim como em qualquer ocorrência com *vai que*, podemos perceber o traço semântico da modalidade, intrínseco à construção. Em (08), (09) e (10), *vai que* é utilizado como argumento da oração anterior, marcando a epistemicidade, no sentido de apresentar possibilidade quase-asseverativa, uma vez que não se compromete com a veracidade da proposição. Em (08), o locutor-escritor emprega *vai que* para convencer o interlocutor-leitor *a entrar na loja e provar os produtos*, porque há a possibilidade de, se a pessoa seguir o conselho, encontrar o seu produto favorito. Em (09), faz uso da construção para reforçar o argumento da necessidade de *levar curativos*, porque *o sapato pode vir a apertar*. E, em (10), apresenta a crença do locutor sobre a possibilidade de *alguém ser a alma gêmea do @*. Interessante notar que *vai que* aproxima-se do valor semântico de *pode ser que, talvez, quem sabe*, contudo, diferente desses modais, pois em *vai que* há, normalmente, caráter avaliativo sobre as proposições enunciadas, bem como de especulação, por parte do falante, sobre algum evento/situação.

Vai que estabelece fortemente vinculação com o segmento anterior, que pode ser mais bem visualizada nos seguintes dados:

- (11)# Um primo de a vítima, Roberto Silva Júnior contou que o rapaz era honesto e trabalhador, mas que era' namorador' e comentou que essa poderia ter sido a motivação de o crime." Ele namorava tudo quanto é mulher, **vai que** namorou com mulher casada ", explica. (Corpus do português, 2023).
- (12) Quarta-feira tem Grêmio x Cruzeiro, a as 21h45, em a nossa Arena. É dia de passar por cima de os problemas de lesão e buscar mais três pontos, porque **vai que** acontece um negócio muito bizarro e o Nacional cai em o nosso colo, hein? Seguiremos apoiando! (Corpus do português, 2023, grifo da autora).
- (13) O meu gosto por dançar não mudou, mas agora só de pensar em a situação festa, gente bebendo (pelo menos atualmente não se sai mais de a balada fedendo a cigarro), pegação geral, homens sem noção e tudo mais, já me desanimo e guardo minha animação para as animações e shows católicos (evidentemente não na missa

-- isso era óbvio, mas **vai que** o povo interpreta mal... hehehe). (Corpus do português, 2025).

Embora (11), (12) e (13) não sigam a estrutura *Vai que p, q*, observa-se vinculação sintático-semântica entre *vai que* e a oração anterior, o que coloca esses usos em uma zona mais periférica do *continuum* de prototipicidade condicional. A estrutura formal dessas construções pode ser representada, portanto, como *X, vai que p*. Do ponto de vista sintático, analisamos (11) como uma oração insubordinada, enquanto (12) e (13) configuram-se como orações paratáticas.

De forma mais detalhada, em (11), podemos recuperar a semântica condicional, porque, além de *vai que* preencher os critérios descritos por Dancyngier: causalidade, não-assertividade, futuridade e abertura de espaço mental, a leitura implicacional da construção é: *Como ele namorava tudo quanto é mulher, é possível/provável que namorou com mulher casada*, estabelecendo-se uma relação causal. A substituição por *e se*⁵⁰, nesse caso, é pragmaticamente deficiente, porque o entendimento de *que é possível/provável que a pessoa tenha namorado com uma mulher casada* não é gerado. Neste sentido, diferente de *e se*, que apenas levanta uma hipótese sem indicar probabilidade, *vai que* sugere que essa hipótese deve ser considerada como plausível. Essa construção carrega uma expectativa pragmática, que pode reforçar a ideia de que a possibilidade mencionada tem certo grau de probabilidade ou que é relevante para justificar determinada interpretação dos fatos. Acrescentamos, ainda, que *vai que* também sugere caso de moldura aberta, no sentido de o interlocutor poder inferir, pelo contexto, algo do tipo *vai que namorou mulher casada, então o marido acabou se vingando* (como estratégia que contribui para a construção de uma explicação possível para o crime, sem que o locutor afirme categoricamente qual foi o motivo).

Outra aproximação semântica é com a construção *pode ser que* (em (12) e (13)), que também gera sentido de possibilidade, apesar de não ter, ao nosso ver, pragmática de expectativa positiva e/ou negativa acerca da proposição⁵¹, e, tampouco, de hipótese. Neste sentido, *vai que* introduz a possibilidade de maneira especulativa e, também, estrategicamente relevante dentro do contexto discursivo. Esse efeito distingue *vai que* de *pode ser que*, que expressa possibilidade de forma mais neutra, sem necessariamente sugerir expectativa avaliativa.

⁵⁰ Esse foi um dos questionamentos da banca na apresentação de minha qualificação. Quanto a esse ponto, acredito que *vai que* tem forte carga de expectativa positiva e/ou negativa sobre o que está sendo dito; que *e se* não tem. De qualquer modo, essa é apenas uma hipótese que poderá ser explorada em trabalhos futuros.

⁵¹ Para trabalhos futuros, pensamos em realizar testes experimentais para ver se o falante de PB aceita a substituição sem perda de sentido ou sem identificação das nuances pragmáticas.

Ainda sobre os dados acima, pode-se observar que *vai que* está inserido em contextos com traços semântico-pragmáticos diversos, como os de avaliação, de justificação e de contraste. Mais precisamente, de avaliação (11), de justificação (12), e de contraste (13), já que o locutor-escritor avalia os motivos possíveis para justificar o crime (11), justifica a necessidade de se buscar mais três pontos (12), e contrapõe uma situação que é avaliada de forma negativa, normalmente atenuando o que está sendo dito (13). Neste último caso, percebe-se que há um problema sobre a situação apresentada, em que *vai que* faz parte de uma solução parcial, como relação retórica de contraste (Ford Cecilia, 2000, p. 297). Segundo a autora (2000, p. 287, tradução nossa), os contrastes parecem ser expressões textuais comuns de situações que vão contra as expectativas⁵².

Na terminologia de Sweetser (1990), as três ocorrências se encaixam no domínio dos *condicionais epistêmicos*, pois (11) reflete um processo de raciocínio no qual *vai que* apresenta premissa que permite ao falante inferir uma possível causa para o crime; (12) introduz uma possibilidade futura improvável, mas que justificaria a importância de se *continuar apoiando o time*; e (13) funciona como comentário reflexivo sobre a adequação do próprio enunciado. O locutor-escritor expressa preocupação em relação à possível interpretação equivocada do que foi dito, utilizando a construção *vai que* como estratégia de proteção de face (Andrade, 2010), atenuando a força argumentativa do seu discurso. Além disso, em todos os usos de *vai que* (para além dos de (11), (12) e (13)), o locutor-escritor chama a atenção da situação para o interlocutor-leitor, o que demonstra alto teor de intersubjetividade.

Sobre a intersubjetividade, é interessante notar que esta é uma característica presente nos diferentes contextos de uso de *vai que*, pois atua no gerenciamento da comunicação e de informações inter-sujeitos (Sousa e Pinheiro, 2023), como em:

- (14) Poncho: Nossa... (virando p / o lado e avistando Anahy chegando com Kaká e Estefânia) Pollito: Nossa mesmo! O maluco é de a pesada!! Temos que ficar amigos dele né... **Vai que** um dia a gente precise de proteção?? (falando c/ Poncho que nem o ouvia). (Twitter, 2022).
- (15) Continua dizendo isso pra vc mesma **vai que** um dia vc acredita. (Twitter, 2022).
- (16) Ia postar no meu status do insta, mas **vai que** a gente volta .. kkkk só que não!!! (Twitter, 2022).

⁵² Original: *contrasts appear to be common textual expressions of situations that go against expectations.*

Tomando como exemplo as ocorrências acima, percebe-se que o escritor-locutor se dirige ao leitor-interlocutor com a intenção de chamar a sua atenção. Em (14), *vai que* funciona como aviso/alerta sobre o fato de o falante e o interlocutor precisarem, possivelmente, de proteção. Esse alerta, apesar de marcar uma hipótese possível de acontecer, parece ser *imprevisível*⁵³. No caso de (15), o locutor-escritor coloca a responsabilidade a quem ele se dirige, com tom *de ironia*. Em ambos os casos, o contexto parece ser de justificação. Por outro lado, em (16), *vai que* sinaliza confronto de pontos de vista "incompatíveis", reforçado pela ideia de contraste (*mas*) e marcado pela *ironia* do locutor-escritor; a expectativa por parte do falante sobre a situação enunciada refere-se à possível volta do casal. Nos casos em que há ironia envolvida, percebe-se que o locutor-escritor introduz (antes de usar o *vai que*) uma visão que se mostra de alguma forma inadequada (a visão ironizada) e então se ajusta a um novo ponto de vista (irônico), em que *vai que* se encaixa (Dancyngier e Sweetser, 2012).

Quanto ao confronto de pontos de vista (exemplo (16)), este pode ser marcado por construções de contraste. Para Schwenter (2000, p. 261), contraste

apresenta uma "réplica" (Montolio 1999) a outro falante/ponto de vista, e tem um valor pragmático "refutável" (Schwenter 1998), indicando a relevância exclusiva do ponto de vista do falante. Como uma réplica, o ponto de vista do falante é apresentado no contexto de outro ponto de vista concorrente (frequentemente a declaração imediatamente anterior de um interlocutor) e, por meio de inferência, exclui o ponto de vista concorrente de consideração posterior no discurso.⁵⁴

O contraste, segundo o autor, não é uma noção estritamente linguística, mas sim uma capacidade cognitiva geral ligada a estruturas de expectativa. Como apontam Ely e Cezario (2023a), essa expectativa marca a opinião do falante acerca da proposição, que, normalmente, é atenuada por *vai que* e é disruptiva. Logo, nos casos de *vai que* em contextos contrastivos, o falante apresenta contra argumento sobre a proposição anterior – normalmente pressuposta e prototipicamente negativa –, que pode vir ou não antecedido pela partícula ‘mas’, como em:

⁵³ Dentro da imprevisibilidade, há dados como: “juro que to tentando não gastar meu dinheiro atoa já resisti uns 59 surtos querendo gastar tudo de uma vez com algo que vai me satisfazer por meia horinha dizendo fds trabalho pra isso mesmo **vai que** eu morra amanhã tb” (Twitter, 2023), em que caracterizamos de *contextos inesperados*. Assim, categorizamos os dados referindo-se a contextos de (i) imprevisível, (ii) inesperado e (ii) ironia, em que a atenuação sempre está presente, em maior ou menor grau.

⁵⁴ Original: *presents a "retort" (Montolio 1999) to another speaker/viewpoint, and has a "refutational" (Schwenter 1998) pragmatic value, indicating the exclusive relevance of the speaker viewpoint. As a retort, the speaker's viewpoint is presented in the context of another, competing viewpoint (often the immediately preceding utterance of an interlocutor), and via inference excludes the competing viewpoint from further consideration in the discourse.*

- (17) Em maior ou menor grau, todo mundo tem um certo receio de se desfazer de coisas que podem, posteriormente, dar falta. **Vai que** eu jogo fora e depois preciso? Não precisei em os últimos cinco anos, mas **vai que** preciso bem agora? (Corpus do português, 2022).
- (18) Pensei em parar com o remédio da ansiedade mas **vai que** me acontece tudo de novo até o miss. (Twitter, 2022).

Nesses casos, nota-se que *vai que* contradiz a expectativa da ideia enunciada anteriormente, reforçando o sentido contrastivo com o emprego de *mas*, em (17) e (18). Em (17), tem-se duas construções com *vai que*, a primeira serve de justificação para o argumento apresentado, isto é, sobre o receio em se desfazer dos bens materiais, e a segunda contrapõe a ideia enunciada sobre não ter utilizado determinado bem nos últimos cinco anos. E, em (18), o sentido disruptivo está na factualidade/aceitabilidade de “tudo de novo” acontecer outra vez, sendo que o esperado seria que o falante não pensasse em interromper com a medicação contra sua ansiedade.

Além do sentido contrastivo, *vai que* pode aparecer em contextos de justificação, como em:

- (19) O valor deve ser negociado antes de vocês entrarem em o táxi. Imaginamos que, para algumas horas, algo em torno de US\$ 100 está justo. Se forem 4 pessoas custará US\$ 25 para cada uma, que é muito barato. NUNCA pague o táxi antecipadamente. Por quê? **Vai que** o motorista resolve ir embora e te deixar em a mão? É algo improvável, mas é bom se prevenir. (Corpus do português, 2022).
- (20) ser mulher eh uma merda né... saí de white castle às 21h, depois de beber, e tenho que compartilhar viagem com irmão e namorado, pois **vai que** acontece algo? (Twitter, 2023).

Nesses casos, *vai que* introduz um raciocínio justificador, como também evidenciado pelos conectores *por quê* e *pois*, que introduzem explicações para a recomendação dada no discurso. Em (19), a construção justifica a orientação de não pagar o táxi antecipadamente, sugerindo um cenário *inesperado* e indesejado – a possibilidade de o motorista ir embora sem cumprir a corrida, o que valida o valor de disrupção. O próprio falante reconhece que essa possibilidade contraria o curso esperado dos eventos, o que se reforça pela expressão *é algo improvável, mas é bom se prevenir*. Em (20), *vai que* opera de forma semelhante ao projetar

um evento hipotético e negativo para justificar uma atitude preventiva. O risco não é explicitado, mas se sustenta em um conhecimento compartilhado sobre a vulnerabilidade feminina no espaço público. Assim, a estrutura *vai que* não apenas constrói argumento preventivo, mas também funciona como mecanismo de justificação, legitimando a precaução da falante. Nos dois exemplos, observa-se um processo de motivação/justificação para o enunciado anterior, conforme discutido por Schwenter (2000).

Para exemplificação do cenário *inesperado* e/ou *imprevisível* como base do espaço genérico para a formação da construção, apresentamos um diagrama, que pode ser percebido a partir do *blending* criado, conforme Figura 7:

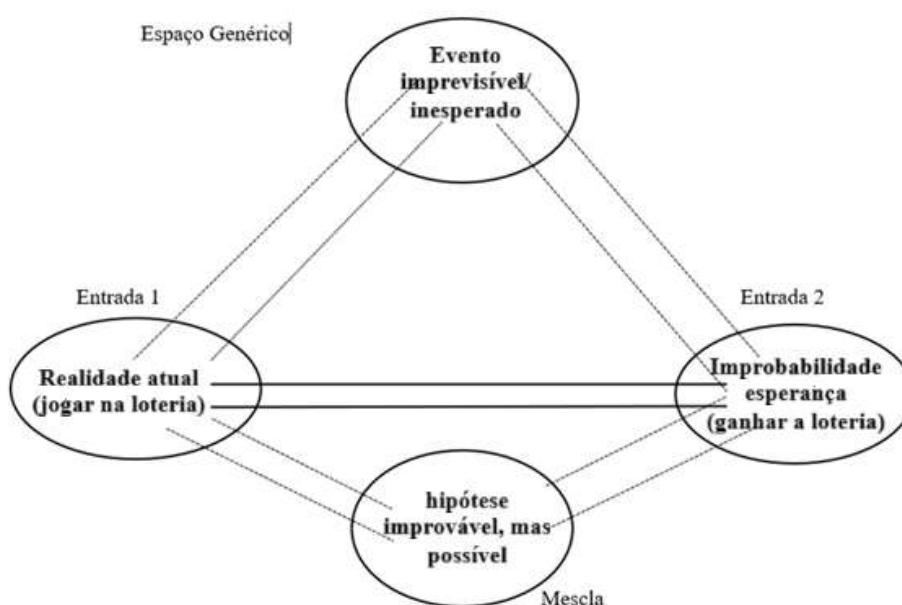


Figura 7 – Blending *vai que*

Fonte: autora.

Ainda, como já mencionado, *vai que* pode atuar como *protetor de face*:

- (21)E depois nos conte o pq da cesárea, o que está acontecendo. **Vai que** tem alguém nessa mesma situação e vc pode ajudar? Ou não, não sei. Conte se vc quiser tbm! (Corpus do português, 2021).
- (22)Não que não se deva, mas o conselho para iniciantes é começar pelo mais simples, mas **vai que** você é super talentosa e já sai dando show de produtividade não é? (Corpus do português, 2021).
- (23)@vicllb !!!!! nossa, foi podre ela chamando atenção de toda a loja e querendo impor uma regra DELA.

Ai uma caixa falou “mas **vai que** ela seja diabética ne?” e quase me meti dizendo “moça, eu estudo essa área faz anos e falta de educação não é um sintoma da diabetes kkk”. (Twitter, 2022).

Como se vê, *vai que* introduz uma hipótese manifestada pelo locutor: de alguém também estar vivenciando a cesárea, em (21), ser talentosa, em (22), e ser diabética, em (23), atuando como justificativa para a conjuntura expressa na oração antecedente (contar sobre a cesárea, em (21), dar conselho para iniciantes, em (22), e impor uma regra a outra pessoa, em (23)). Nesses casos, *vai que* atua como protetor de face, sendo a face protegida a do próprio falante, visto que, em (21), o locutor-escritor tenta convencer o interlocutor-leitor a contar sobre sua experiência de parto; em (22), porque o locutor dá um conselho, mas se preserva supondo que a interlocutora seja super talentosa; e, em (23), a proteção é recuperada da fala de outra pessoa que estava na situação, sendo que a locutora claramente não concorda com o que foi suposto/sugerido. Assim, o locutor-escritor busca se isentar da responsabilidade do que foi enunciado, utilizando *vai que* para flexibilizar o conteúdo da proposição.

Chamamos a atenção do nosso leitor que, apesar de termos separado a explicação semântica-pragmática de *vai que*, é possível identificar a maioria dos critérios em todas as construções. Para fins de esclarecimento, entretanto, ressaltamos que há distinções relevantes a depender do contexto de uso, pois *vai que* pode, ora sinalizar justificação, ora estabelecer contraste, sendo normalmente acompanhado de conjunções prototípicas, como *pois*, *porque*, *mas*. Sobre isso, Schwenter (2000) argumenta que marcadores como *si* no espanhol podem apresentar valores causais ou adversativos, em que os DMs adversativos apresentam, dentro de um diálogo, uma “retórica” dialógica dirigida ao enunciado de um interlocutor, enquanto os DMs causais introduzem uma afirmação que fornece motivação/justificação para um enunciado anterior do mesmo locutor, segundo nosso entendimento, isso é aplicável ao *vai que* do PB. Neste sentido, Seguindo Schifffrin (1987), que compreende os marcadores discursivos como elementos que contribuem para a coesão e para o gerenciamento da interação, *vai que* pode ser entendido como marcador que expressa posicionamentos do falante diante da incerteza.

Além dessa distinção, identificamos nuances pragmáticas e intersubjetivas, importantes na descrição do fenômeno. Tais funções estão diretamente associadas a diferentes valores discursivos assumidos pela expressão, que podem incluir: (i) precaução, ao sugerir um cuidado diante de uma possibilidade; (ii) esperança, quando há desejo por um resultado positivo improvável; (iii) alerta, para indicar um risco ou consequência indesejada; (iv) dúvida, ao lançar

incerteza sobre a veracidade de uma informação; (v) ironia, ao introduzir uma crítica velada ou uma leitura cética. Esses valores são fluidos e, portanto, podem sobrepor-se em diferentes contextos.

Para melhor visualização, criamos o Quadro 2, abaixo.

Quadro 2 – Papéis discursivos de *vai que*

Papel Discursivo	Funções Comunicativas Associadas	Explicação
Precaução	- Expressar aviso ou alerta, que pode estar ligado a comandos ou orientações ao interlocutor.	<i>Vai que</i> antecipa uma possibilidade negativa e sugere que o interlocutor tome uma atitude. Ex.: “Leva o casaco, vai que esfria.”
Expectativa positiva/ motivação	- Expressar expectativa, um impulso, motivação positiva sobre si mesmo ou sobre/para o interlocutor.	Indica desejo por um resultado positivo improvável; sugere ou justifica uma ação com base em expectativa. Ex.: “Se inscreve, vai que você passa.”
Alerta	- Expressar aviso ou alerta, podendo marcar dêixis social	Traz à tona um risco ou consequência negativa, muitas vezes com tom de advertência. Ex.: “Não fala isso, vai que alguém escuta.”
Dúvida/suposição	- Atenuar uma informação, as quais podem trazer negações ou confirmações implícitas	Introduz uma possibilidade alternativa que questiona o dito anterior, suavizando afirmações ou negando pressupostos. Ex.: “Ela disse que terminou, vai que é mentira...”
Ironia	- Atenuar de forma irônica uma informação, podendo utilizar uma forma mais sarcástica ou não.	<i>Vai que</i> pode ser usado com entonação irônica, sugerindo distanciamento ou crítica. Ex.: “Ah, claro, ele mudou — vai que agora virou santo...”
Comentário reflexivo	- Atuar como reforço/adendo sobre o discurso anterior.	O falante distancia-se da própria afirmação, provocando uma opacidade semântica, exprimindo incerteza em forma de comentário (Schiffrin, 1987). Ex: Curativo (vai que aperta) ⁵⁵

Fonte: autora

⁵⁵ Os exemplos do quadro foram retirados dos nossos corpora.

Conforme o quadro, a mesma função comunicativa pode servir a diferentes valores discursivos, dependendo do contexto (por exemplo, “introduzir comandos” pode expressar tanto precaução quanto expectativa positiva). Esses valores estão ligados diretamente à intersubjetividade, entendida aqui como a forma como os enunciadores constroem e modulam sua relação com os interlocutores no discurso (Gardenförs, 2007). Importante mencionar que o mapeamento de tais valores decorreu da análise apurada que realizamos ao decorrer do doutoramento; em um segundo momento, contudo, encontramos o estudo de Declerck e Reed (2001), que apresenta significados muito próximos para a construção com sentido condicional *In case* do inglês (ver Quadro 3, abaixo). De todo modo, esses achados corroboram para a nossa tese de que *[vai que X]* possui semântica de condicionalidade.

Como argumentamos que há outros sentidos emergindo no pareamento da construção *vai que*, além da condicionalidade, buscamos estabelecer, a partir da análise qualitativa (e quantitativa), parâmetros semântico-pragmáticos de reconhecimento da construção *vai que*. *Vai que*, além de ser de difícil classificação formal – status gramatical da cláusula –, não parece se encaixar facilmente em nenhuma categoria gramatical tradicional. O problema pode residir, conforme aponta Tomasello (2005), no fato de que essa construção — assim como outras — não é nem uma palavra propriamente dita nem uma regra pura, já que suas “regras” abrangem tanto formas regulares quanto irregulares. Assim, os parâmetros para identificação da construção são:

- (i) Condicionalidade: seguindo os critérios já estabelecido por Dancyngier.
- (ii) Modalidade epistêmica quase-asseverativa: o falante avalia com base em suas crenças a possibilidade de algo vir a acontecer ou não, sendo o traço semântico mais forte o de avaliação.
- (iii) Intersubjetividade: a construção atua no gerenciamento da comunicação entre inter-sujeitos, pois chama a atenção do interlocutor sobre determinada proposição, que, normalmente, tem uma avaliação (irônica ou não), podendo funcionar como aviso/alerta para o ouvinte.
- (iv) Proteção de face: esse critério relaciona-se com a modalidade quase-asseverativa e refere-se ao não comprometimento do falante sobre a proposição enunciado, protegendo, portanto, sua face.
- (v) Justificação ou contraste: expressa uma justificação ou contraste da situação disruptiva expressa no segmento anterior, o qual apresenta efeito/consequência para

essa situação, prototipicamente, negativa. Esse parâmetro vincula-se à causalidade preenchida.

Quanto aos contextos de justificação e contraste, elaboramos um quadro (Quadro 3) referente aos valores semântico-pragmáticos de *vai que*, tendo como base a análise realizada, bem como os estudos de Declerck e Reed (2001) sobre condicionais e sobre a construção *In case*, que pode assumir valor condicional no inglês.

Quadro 3 – Vai que, *In case* e *What if*

Valor semântico-pragmático de “vai que”	Descrição	Equivalentes em inglês	Exemplo em português	Tradução sugerida
Valor preventivo (justificativo)	Expressa uma precaução frente a uma possibilidade remota; é comumente introduzido por “porque”.	<i>In case / just in case</i>	Nem vou tirar um cochilo, porque vai que eu não acordo para a tutoria.	<i>I better not take a nap, you know, just in case I don't wake up on time.</i>
Valor de precaução/ medo antecipado (justificativo)	Indica preocupação com algo que pode acontecer e serve como motivação para uma ação presente	<i>In case</i> (com valor emocional) / <i>because maybe / in fear that</i>	Vou te perdoar, porque vai que seu avião caia.	<i>I'm forgiving you, in case your plane crashes. / because what if it crashes?</i>
Alerta, que pode vir como forma de sugestão ou conselho velado (justificativo)	Induz o interlocutor a considerar uma possibilidade imprevista, com tom de alerta ou persuasão	<i>What if / you never know</i>	Não fala isso, vai que alguém escuta..	<i>Don't said this, what if somebody hearly? / you never know.</i>
Valor irônico (justificativo)	Utilizado de forma hiperbólica ou sarcástica.	<i>What if</i> , com tom irônico / <i>imagine if</i>	Uma hora o cansaço vem né kk tá brabo... Mas pelo menos sextouu. Mas nem vou me animar muito vai que amanhã eu tenho que trabalhar	<i>At some point the tiredness hits, right? lol It's rough... But hey, at least it's Friday! Still, I won't get too excited — what if I have to work again tomorrow? 😊</i>

			novamente 	
Valor contrastivo-condicional	Introduz um cenário hipotético alternativo, geralmente com "mas", rompendo expectativas	<i>But what if... / suppose... / just imagine if...</i>	Li tudo com atenção, mas vai que aparece um texto novo.	<i>I read everything carefully, but what if a new text comes up?</i>

Fonte: autora

A partir do Quadro apresentado, chegamos à hipótese⁵⁶ de que *vai que* se aproxima de “e se” ou “*what if*” (do inglês) quando a intenção do falante é criar tensão discursiva (especialmente com “mas...”); fazer o ouvinte considerar o inesperado; inserir contraste, ironia ou medo; e marcar uma condicionalidade argumentativa e subjetiva, por exemplo “*Mas vai que aparece um texto novo...*” ou “*Mas vai que dá certo...*”; por outro lado, quando se aproxima da semântica de “*in case*” do inglês, a intenção do falante parece ser de justificar uma ação presente baseada em possibilidade; mostrar cautela prática ou planejamento; e explicar um comportamento preventivo, por exemplo “*Leve o casaco, vai que esfria*” ou “*Vou te perdoar, pq vai que seu avião caia*”. Importante esclarecer que, com este quadro, não estamos dizendo que ambas as construções são iguais e, tampouco, que seriam sinônimas. Na verdade, acreditamos que elas podem servir a papéis semântico-discursivos semelhantes já que, na nossa visão, aproximam-se semântica e pragmaticamente.

Na Figura 8, abaixo, buscamos ilustrar tais fatores, com os significados que emergem das construções com *vai que*.

⁵⁶ Reforçamos que essa é uma hipótese ainda a ser verificada, em trabalhos futuros, visto que demanda testes experimentais de avaliação e/ou julgamento linguístico.

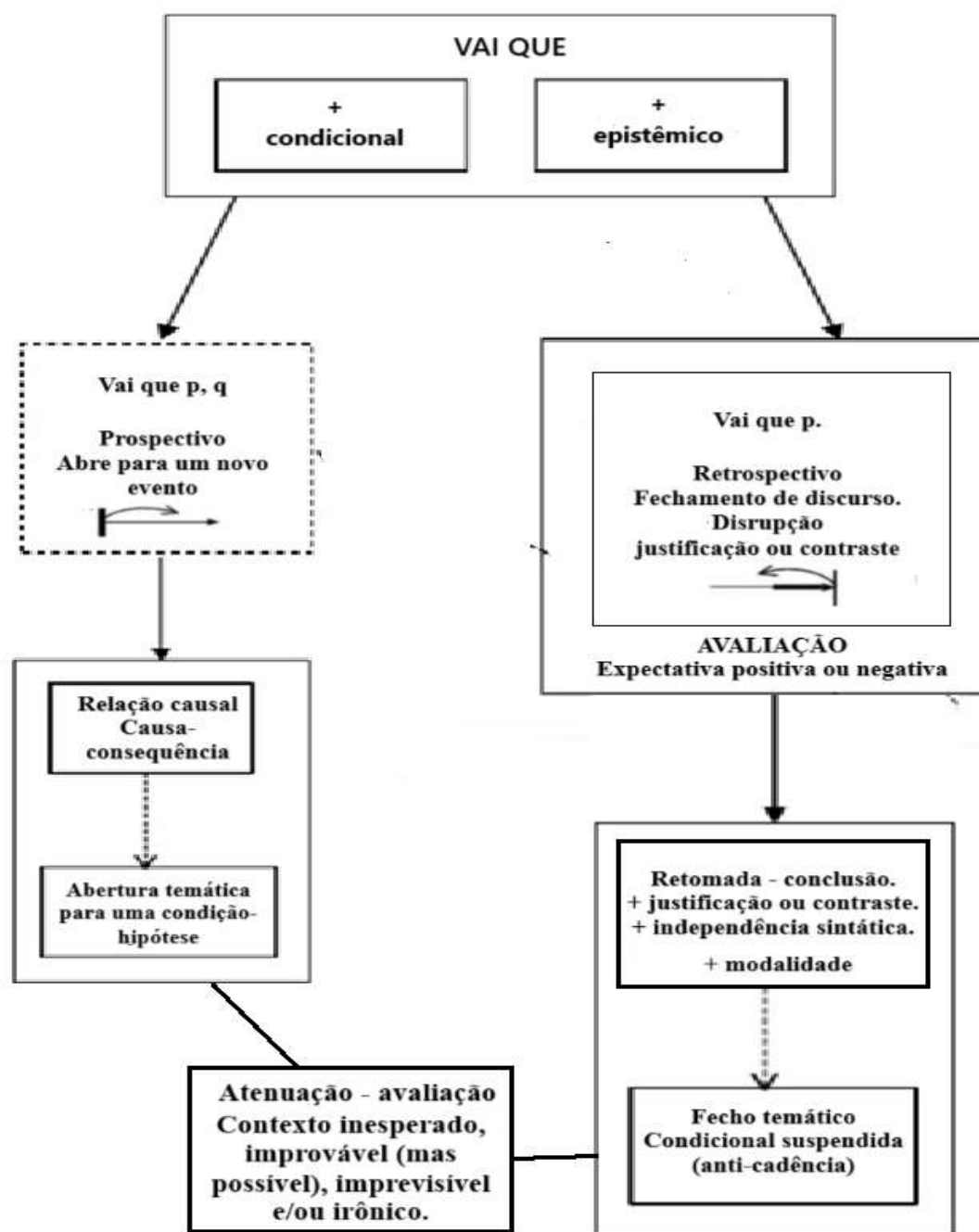


Figura 8 – Significados emergentes de *vai que*
 Fonte: criado com base em uma representação de Soares da Silva (2006)

Como pode ser visualizado na figura, *vai que* aparece em dois sentidos oracionais: prospectivo e retrospectivo. No primeiro, abre para um novo evento que é causa de determinada consequência, estabelecendo, portanto, uma relação causal a partir de um espaço condição-hipótese. No segundo, retoma ou conclui o enunciado/argumentação anterior, funciona, dessa forma, como fechamento temático, o qual justifica e/ou contrasta com o que está sendo dito, tendo maior peso avaliativo positivo e/ou negativo por parte do locutor-escritor. Nesses casos,

tende a aparecer de forma mais independente sintaticamente, o que faz com que perca um pouco da propriedade conectiva e se fortaleça como marcador de modalidade. Apesar disso, consideramos ambos os contextos pertencentes a mesma construção (*vai que*), tendo ora vínculo mais fortalecido com o domínio condicional ora com a modalidade epistêmica.

Esquemáticamente, entendemos *vai que* a partir dos seguintes *links* (Figura 9):

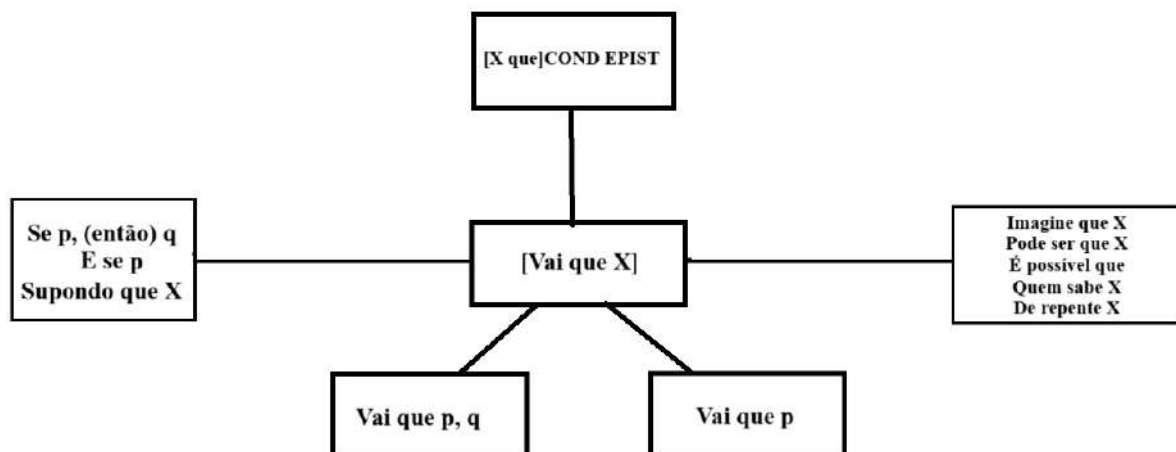


Figura 9 – Esquema construcional de *vai que*

Fonte: autora

Na imagem, buscamos apresentar um diagrama que relaciona a construção [*vai que X*] com diferentes tipos de construções linguísticas, como as condicionais e as epistêmicas. Logo, sugerimos que [*vai que X*] pode ser entendido como um ponto de interseção entre essas construções, estabelecendo conexões com expressões como *E se*, *talvez*, *de repente* e *quem sabe*. Além disso, a estrutura evidencia que [*vai que X*] pode ter um caráter tanto hipotético quanto epistêmico, aproximando-se de construções condicionais (exemplo: "Se p, então q") e de marcadores de possibilidade (exemplo: "Pode ser que X"). Neste sentido, argumentamos não se deve desvincular [*vai que X*] da sua natureza condicional e, também, epistêmica.

5.1.2 Supondo que

Supondo que, assim como *vai que*, preenche os critérios de condicionalidade estabelecidos por Dancyngier (1998) e Sweetser (2005).

- (24) **Supondo que** o site foi normalizado por volta de 14:00h, já foram vendidos cerca de 30 mil ingressos em 30 minutos. Sul e Leste Inferior esgotados. (Twitter, 2022).

- (25) [...] @nomedoarroba **Supondo que** o Bêr n soubesse como vcs dizem, supondo... vcs acham mesmo que um homem adulto ficaria chateado com a sua mulher por causa disso? Hahaha o máximo que ele fez foi ter ligado pra ela para dar amor, apoio, carinho e atenção. (Twitter, 2022).

Nas ocorrências acima, *supondo que* atende ao critério de *causalidade*, pois estabelece relação causal entre *p-q*, em que a hipótese expressa serve de base para determinada consequência — em (24), a normalização do site justificaria a venda acelerada de ingressos; em (25), a dúvida sobre a validade de um efeito, visto que se questiona a veracidade do desconhecimento atribuído a Bêr. Ademais as ocorrências são *não-assertivas*, uma vez que se baseiam na suposição de que o site foi, de fato, normalizado (24), e na especulação sobre o grau de conhecimento do interlocutor (25). Ainda, há traços evidentes de predição – mais nítidos em (24) –, já que a hipótese conduz a uma expectativa ou inferência sobre um estado atual. Em ambos os casos, observa-se a *criação de espaços mentais* alternativos, os quais possibilitam tanto a formulação de inferências sobre as vendas (24) quanto o questionamento da plausibilidade da reação do interlocutor (25).

Nos termos de Sweetser (1990), (24) refere-se à *condicional epistêmica*, já que a suposição fundamenta inferência lógica de acordo com o conhecimento do falante sobre a *venda de ingressos* — se a normalização ocorreu em determinado momento, então um número específico de ingressos já foi vendido; e (25) diz respeito à *condicional discursiva*, em que a construção condicional atua retoricamente para fragilizar ou colocar em xeque a posição argumentativa do interlocutor.

A partir desses exemplos, destacamos a marcação da *não-factuality* em *supondo que*, a qual sinaliza para a atitude do locutor-escritor como não-real, isto é, um mundo possível, assim como ocorre com *vai que*. Abaixo, outros dados para a discussão deste critério:

- (26) **Supondo que** todo o Universo seja dotado de movimento de expansão, todas as radiações eletromagnéticas são afetadas de modo a terem sua energia intrínseca reduzida.. (Corpus do português, 2022).
- (27) **Supondo que** tudo aconteceu como está sendo dito, impressiona o ambiente criado no serviço público. (Twitter, 2022).
- (28) **supondo que** eu queira aprender a tocar baixo, alguém sabe algum pra recomendar pra iniciante?? (Twitter, 2022).

Nesses dados, *supondo que* introduz um cenário hipotético e convida o interlocutor a imaginar o que aconteceria nesse espaço, a pensar nas possíveis consequências. Esse espaço é marcado pelo critério de *não-assertividade*, nos termos de Dancyngier (1990) — central na definição das construções condicionais. Além disso, há vinculação inferencial e causal entre as proposições *p* e *q*: o conteúdo da oração hipotática *p* serve de base para a projeção do conteúdo da oração principal *q*. *Supondo que*, nesses casos, também cumpre o critério da orientação discursiva prospectiva: projeta-se um efeito, uma consequência ou uma reação diante da possibilidade expressa na oração condicional. Trata-se, portanto, de uma situação (atual, passada ou futura) inferida a partir de uma condição não realizada e distinta do contexto de enunciação, como já discutido por Oliveira (2019).

Mais especificamente, em (26), o locutor-escritor elabora suposição sobre o universo ser dotado de movimento de expansão, tendo como consequência a energia das radiações eletromagnéticas intrínsecas reduzidas. Em (27), o espaço hipotético aberto refere-se ao momento passado, que gera a surpresa sobre o ambiente posto no serviço público. E, em (28), a eventualidade (fato incerto) sobre a suposição de o locutor-escritor querer tocar um instrumento musical o implica solicitar recomendações para iniciantes.

A construção *supondo que* também possui valor modal, inserindo-se na classificação da *modalidade epistêmica quase-asseverativa*, assim como *vai que*:

(29) @rafaelbboa **Supondo que** essa pesquisa seja o real senario! Eu digo! O blindado sem freio tá chegando. (Twitter, 2022).

(30) @tgsftd @oocbrsaoQuem está falando de torcida? Vc bebeu já de manhã? Provocação/deboche depois que apanha ã é inteligência, é coisa de cara frouxo. Talvez seja o tipo de cara q vc gosta. Aquele que frouxo q vê um cara chegando em vc e não faz nada pra te defender. **Supondo que** vc é mulher mesmo. (Twitter, 2022).

Observa-se que a construção *supondo que* também assume valor *modal epistêmico quase-asseverativo*, pois não lida com certezas, mas com incertezas fundamentadas em suposições. Nas ocorrências analisadas, *supondo que* introduz orações que, apesar de não estarem subordinadas a uma oração principal de maneira explícita, mantêm vínculo semântico-discursivo com o restante do enunciado, funcionando como orações insubordinadas. Apesar dessa autonomia sintática, há base condicional subentendida que ancora a construção: parte-se

de uma hipótese para inferir uma consequência ou justificar uma atitude discursiva, ainda que de forma implícita.

Com referência aos dados acima, o locutor-escritor elabora suposição com base no contexto da conversa do tweet, de que a pesquisa seria o real cenário, em (29), e de que a identidade da pessoa seja da figura feminina mesmo, em (30). Repare que, em (30), o falante não tem certeza da identidade da pessoa, mas toma sua postura como mais fática (postura epistêmica) a proposição. De certa forma, ambas as construções expressam a incerteza do falante sobre o evento enunciado e marcam seu descomprometimento com o conteúdo da proposição, referindo-se à modalidade quase-assertividade, portanto.

Nesse sentido, a construção *supondo que* preenche os principais critérios da condicionalidade, como: (i) *Não-assertividade (não-factuality)*: as hipóteses formuladas não são tomadas como fatos estabelecidos, mas como possibilidades; (ii) *Relação causal (e inferencial)* entre *p* e *q*: mesmo sem a presença formal da oração consequente, seu conteúdo é inferido pelo contexto, orientando o valor argumentativo do enunciado; (iii) *Distância epistêmica*: o falante estabelece distanciamento sobre a realidade e marca seu posicionamento frente ao enunciado, seja ele *aceito*, *incerto* ou *não-aceito*; e (iv) *Abertura de espaço mental*: em que abre espaço mental distinto da realidade, criando um mundo possível. Interessante notar que, independentemente da integração da oração (se subordinada ou insubordinada), mantém-se a *orientação prospectiva* da construção – diferente de *vai que*. Neste caso, as suposições funcionam como disparadores para projeções sobre eventos, julgamentos ou atitudes subsequentes, evidenciando uma lógica condicional implícita.

Ainda, é interessante notar que a construção carrega consigo, normalmente, valor mais subjetivo, aproximando-se da construção condicional prototípica, como em:

(31) EX: @LulaOficial Leu? OK... **Supondo que** você saiba ler e interpretar textos, o que eu acho difícil de acreditar, a fonte de informação é o Paulo Freire? No que depender de vocês, o Brasil está lascado... (Twitter, 2022).

(32) Sei, mas isso não é o suficiente, e por um simples motivo, continua sem deixar um comprovante físico, **supondo que** nessa etapa realmente ocorra tudo dentro da lei, ainda tem a transmissão dos dados, depois de apurados, caso o candidato peça recontagem, qual a comprovação física? (Twitter, 2022).

Em ambas as ocorrências, *supondo que* introduz uma proposição hipotética marcada por forte subjetividade e julgamento pessoal, com valor modal epistêmico. Em (31), o locutor-

escritor coloca em dúvida a capacidade de leitura e interpretação do interlocutor-leitor, usando a suposição como base para desacreditar a fala ou posição alheia. A estrutura abre espaço mental hipotético — *você saber ler e interpretar textos* — que funciona como condição causal para a crítica subsequente, embora a condição seja ironicamente negada pelo comentário seguinte (*o que eu acho difícil de acreditar*). Há, portanto, *não-assertividade e predição inferencial*: parte-se de uma hipótese para justificar o que está sendo dito.

Já em (32), *supondo que* introduz uma hipótese que, embora formulada de maneira condicional, carrega um tom de dúvida e desconfiança. O locutor admite, por suposição, a legalidade do processo eleitoral em uma de suas etapas, mas apenas para, em seguida, levantar questionamentos sobre a confiabilidade da transmissão dos dados e a ausência de comprovação física. Essa estrutura ativa espaço mental alternativo, no qual se parte de uma condição supostamente favorável (*ocorrer tudo dentro da lei*) para, ironicamente, apontar que mesmo assim haveria falhas no sistema.

Em ambas as ocorrências, todavia, o locutor-escritor está empregando *supondo que* para introduzir sua perspectiva pessoal sobre o assunto. Essas construções permitem o locutor projetar um cenário alternativo — divergente da realidade factual — no qual opera sua argumentação. Ao criar esse espaço não-real, o locutor-escritor expõe sua perspectiva avaliativa com maior liberdade, sem a necessidade de firmar um compromisso pleno com a veracidade do conteúdo.

Seguindo com a descrição do fenômeno, é importante ressaltar que há casos em que *supondo que* diverge de sua estrutura prototípica, apresentando orações insubordinadas:

(33) Entendo... Só tome cuidado para o outro não dominar o espaço que é seu (**supondo que** seja relacionamento). Compartilhar a vida com o outro é diferente de viver a vida do outro ou ser uma extensão do outro. (Twitter, 2022).

(34) Se o Santos trouxer esse uruguaio, e na teoria se livrar de Ângulo e Júlio, a cota de estrangeiro ficaria: Sanchez, Mario Fernandez, Rodri e Brian (**Supondo que** dê certo). (Twitter, 2022).

Esses casos estariam mais à margem do *continuum* de condicionalidade, visto que adquirem maior autonomia (independência sintática) ao serem usadas como um comentário, ou seja, um esclarecimento que interrompe o fluxo do discurso principal sem estar subordinado a ele. Além disso, percebe-se uma conclusão do assunto discutido, atuando como um recurso metadiscursivo que reavalia ou reformula o conteúdo anteriormente dito à luz de uma hipótese,

abrindo um espaço mental alternativo. Nesses contextos, *supondo que* funciona mais como uma estratégia discursiva de modalização epistêmica, mantendo traços da condicionalidade (como a não-factualidade e a relação de causa/consequência implícita), mas afastando-se da estrutura típica de $p \rightarrow q$. Assim, reforça-se a ideia de que a construção opera em uma zona limítrofe entre subordinação sintática e independência pragmática, sem, contudo, perder sua base condicional.

Em (33), *supondo que seja relacionamento* não está subordinado a uma oração principal explícita. Em vez disso, funciona como um comentário do falante, interpretando ou esclarecendo o enunciado anterior. Quanto à função discursiva de *supondo que*, esta tem valor epistêmico, já que indica que o falante considera a possibilidade de o contexto em questão ser um relacionamento. Além disso, funciona como uma estratégia interpretativa para limitar ou especificar a situação discutida, orientando a interpretação do interlocutor. Já em (34), *supondo que dê certo* expressa uma avaliação condicional do falante em relação à hipótese levantada (a contratação do jogador). Trata-se de uma cautela argumentativa, em que o falante antecipa a possibilidade de a situação não se concretizar, o que está ligado “ao nível de conhecimento e certeza do falante sobre a proposição, o que se torna possível pela fluidez das aceções mais abstratas” (Barbosa Santos, 2019, p. 61).

Tais dados foram extraídos de um contexto mais informal, especificamente do Twitter. Esse suporte contrasta com o *Corpus do Português*, onde predominam ocorrências inseridas em contextos mais formais, como textos acadêmicos, discussões científicas, problemas matemáticos e finanças, isso referente aos dados de *supondo que*. Essa diferença no registro sugere que *supondo que* pode ter usos distintos conforme o grau de formalidade e a natureza da interação comunicativa.

Para representação da ideia cognitiva e a mescla feita pelo falante em *supondo que*, elaboramos a Figura 10, abaixo.

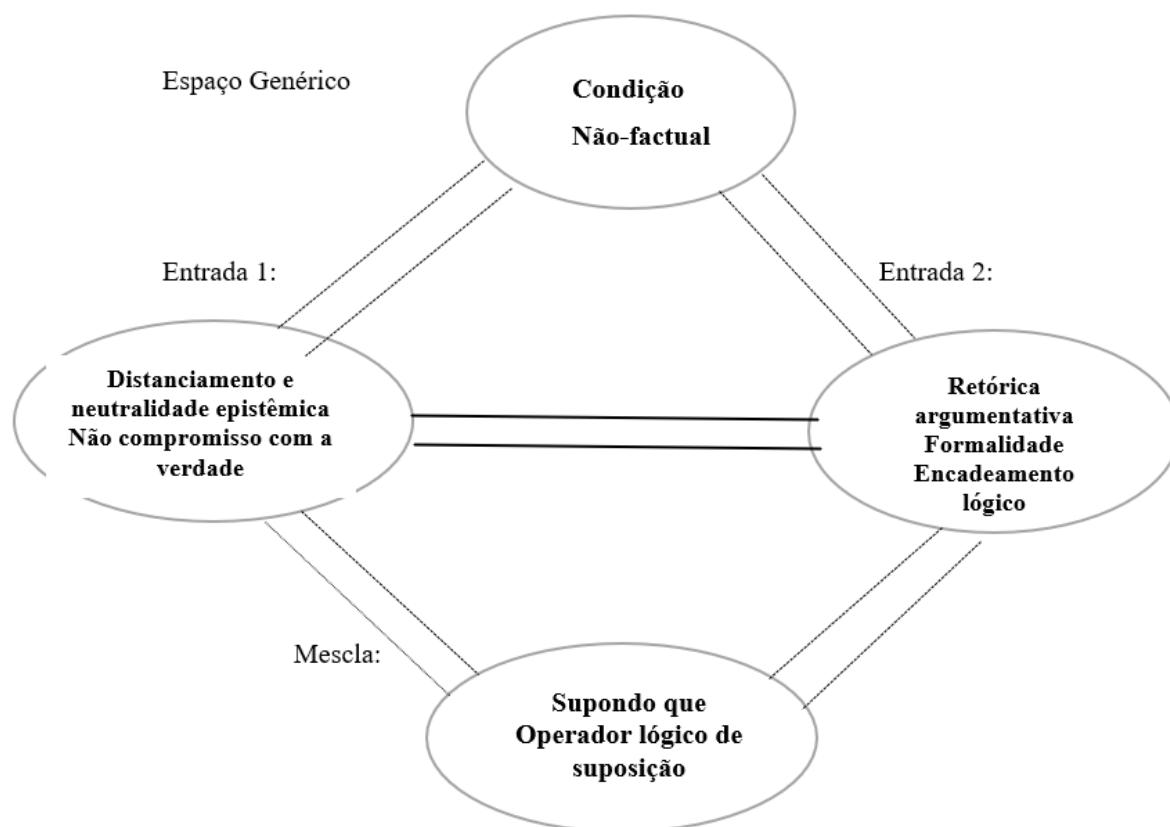


Figura 10 – *Blending* conceitual para *supondo que*

Fonte: autora

O intuito da representação de *[supondo que X]*, é entender, onomasiologicamente, como se dá a mescla em *supondo que*. Dessa forma, partimos do conceito de condição para diferentes entradas que geram a construção *supondo que* como um operador lógico de suposição.

Assim como em *vai que*, elaboramos um quadro (Quadro 4) com as funções comunicativas de *supondo que* mapeadas a partir da análise realizada, que estariam ligados como recurso argumentativo, descrito por Hirata-Vale (2012).

Quadro 4 – Papéis discursivos de *supondo que*.

Valor Discursivo	Funções Comunicativas Associadas	Explicação
Hipótese/Suposição	- Introduzir um cenário possível, com consequências e/ou simulando espaços mentais alternativos.	<i>Supondo que</i> ativa um cenário hipotético para explorar suas implicações. Ex. “ <i>Supondo que o Galo ganhe o próximo jogo... Seria melhor os Phalsos empatarem ou ganhar?</i> ” → projeta uma decisão futura.
Especulação argumentativa	- Sustentar raciocínios lógicos, explorando alternativas e fundamentando decisões	Usado em discussões racionais, matemáticas ou financeiras, ou outras. Ex. “ <i>Supondo que haja 733 monges no mundo, será que há</i>

		<i>algum dia...?</i> ”→ sustenta um cálculo probabilístico.
Crítica indireta / Ironia leve	- Questionar afirmações alheias, expressando descrença, ou como forma de atenuar o sarcasmo	Aparece com tom irônico ou provocativo. Ex. “ <i>Supondo que Jesus vai voltar, vocês acreditam mesmo que ele seria politicamente de DIREITA? KKKKK</i> ”→ critica indiretamente questões relacionadas à política

Queremos frisar que esses valores discursivos não são estáticos. O que ocorre, na verdade, é uma questão de saliência: um pode estar mais proeminente do que outro, mas ambos se encontram e se entrecruzam. Note-se que em *supondo que* o valor mais recorrente é o de hipótese/suposição (como indicado pelos resultados quantitativos, subseção 5.2), ou seja, mesmo em contextos de ironia, por exemplo, haverá traços de suposição. No entanto, a ironia se faz presente e desempenha papel relevante no funcionamento discursivo da construção [Supondo que X], razão pela qual foi considerada como saliente neste caso.

A seguir, apresentamos um diagrama, Figura 11, referente ao *supondo que* a partir da análise efetuada.

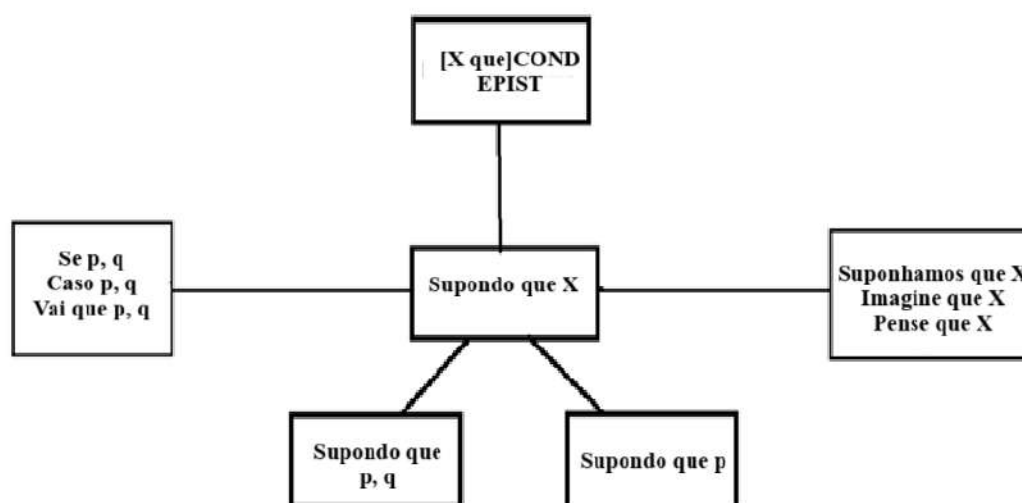


Figura 11 – Representação do sentido de *supondo que*

Fonte: autora

A figura acima sugere que *supondo que* introduz uma hipótese (p) que, normalmente leva a uma consequência (q), funcionando prospectivamente ao abrir espaço para um novo evento. Além disso, a estrutura indica que essa construção atua como gatilho para a abertura temática de uma suposição condicional epistêmica, culminando em uma relação de causa e consequência. Isso reforça a ideia de que *supondo que* pode ser usada tanto para estabelecer cenários hipotéticos quanto para inferências baseadas em conhecimento ou crença. O diagrama, portanto, contribui para a compreensão do funcionamento pragmático e argumentativo dessa expressão na língua.

Outra representação, Figura 12, que propomos é a das relações que *supondo que* estabelece entre outras construções.

**Figura 12** – Rede construcional de *supondo que*

Fonte: autora

O diagrama apresenta uma representação construcional de [*supondo que X*], conectando-a a duas outras construções por links semânticos: as condicionais e as epistêmicas cognitivas. De um lado, [*supondo que X*] se relaciona com as construções condicionais, que incluem expressões como *se*, *caso* e *vai que*, indicando uma relação hipotética ou condicional. Esse vínculo reforça a ideia de que *supondo que* funciona como um operador condicional, projetando um cenário possível, neste caso, de suposição. Por outro lado, também se aproxima

de construções epistêmicas cognitivas, como *suponhamos que*, *imagine que* e *pense que*, que enfatizam a construção mental de um cenário hipotético (Tota, 2024). O esquema evidencia, assim, a dupla natureza da construção: ora alinhada a estruturas condicionais, reforçando a ideia de possibilidade e projeção de cenários futuros, ora aproximando-se de marcadores epistêmicos, enfatizando seu caráter cognitivo e discursivo.

5.1.3 *Vai que* e *Supondo que*

Pensando em traços comparativos de *vai que* e *supondo que*, selecionamos ocorrências em contextos em que ambas as construções mais se aproximam, apesar de as considerarmos duas construções completamente distintas e não-sinônimas:

(35) @Vilton88352822 @AnaPaul62699899 @GeovaniGSo @RetornoPapai Isso tá mais do que claro! **Supondo que** o PT volte e faça perseguições ferrenhas. Isso será possível graças ao sistema totalitário criado pelo governo “conservador”. O Conectus e a identidade única permitem o controle. O crédito social foi imposto já. Lutemos pela liberdade! 😊 (Twitter, 2022).

(36) Só vou pegar emprestado!!! Ah! E também estou querendo umas obras de arte prá decorar a minha sala (juro que não é para fins comerciais), por isso vou passar em uma galeria e tomar alguns quadros emprestados! **Vai que** entre ladrão em a minha casa e os leve sem pagar!!! Vai tudo prá conta de o Abreu, antes ele de o que eu!!! Há há há!!! (Corpus do português, 2022).

Nas ocorrências acima, tem-se contextos semelhantes, porque são orações que aparecem sintaticamente mais independentes, possuem vínculo semântico com às cláusulas anteriores e levam o verbo no modo subjuntivo (volte e entre). Além disso, tanto *supondo que* quanto *vai que* introduzem cenários hipotéticos no discurso, projetando possibilidades futuras. Em (35), *supondo que o PT volte e faça perseguições ferrenhas* apresenta uma hipótese condicional sobre um evento futuro, enquanto, em (36), *vai que entre ladrão na minha casa e os leve sem pagar* constrói um cenário hipotético com tom irônico para justificar a ideia de “pegar emprestado”. Também, ambas as expressões funcionam como estratégias discursivas para persuadir o interlocutor. No primeiro caso, *supondo que* é empregado para construir um argumento político, antecipando um possível evento negativo e reforçando a preocupação do falante. Já em (36),

vai que assume um tom irônico, evidenciando o absurdo da situação narrada como forma de crítica humorística. A função pragmática de ambos os casos é engajar o leitor na argumentação.

Outros contextos em que ambas as construções apresentam-se em contexto semelhantes, mas que, conforme o princípio da não-sinonímia, não seriam intercambiáveis:

(37) E o River Plate que flertou com Luizito Suarez e contratou Miguel Borja? Se é o Marcos Braz que faz isso nego vai lá na câmara dos vereadores pegar ele (**supondo que** ele vá à câmara). (Twitter, 2022).

(38) Sem necessidade de resoluções ou ameaças. Combinado? 1º fato invisível: Quem faz o parto é a mulher Lindo cartaz feito por a designer Thalita Dol Essinger para a Marcha para Humanização do Parto. A protagonista do parto é a mulher. Que fique claro: a gestante (sei lá, **vai que** entendem que é a doula ou a parteira!). O papel da equipe – incluindo do médico – é permitir que a mulher “« faça “» o parto: dilatando, se abrindo, expulsando o bebê e depois a placenta. (*Corpus* do português, 2022).

Apesar de as ocorrências estarem em contextos semelhantes, isto é, em forma de comentário, ao serem substituídas uma pela outra há perda de valores semântico-pragmáticos. Nos exemplos (37) e (38), *supondo que* e *vai que* continuam operando como marcadores de hipoteticidade, mas com nuances discursivas distintas. Em (37), *supondo que ele vá à câmara* introduz um cenário hipotético e condicional, funcionando como uma ressalva dentro da argumentação principal. O falante antecipa a possibilidade de Marcos Braz ir à câmara e, a partir disso, projeta um desdobramento hipotético. Já em (38), *vai que entendem que é a doula ou a parteira!* expressa uma suposição repentina e inesperada, funcionando como uma estratégia discursiva de ênfase e reforço argumentativo. Vejamos como ficaria a substituição de ambas:

(37') E o River Plate que flertou com Luizito Suarez e contratou Miguel Borja? Se é o Marcos Braz que faz isso nego vai lá na câmara dos vereadores pegar ele (**vai que** ele vá à câmara). (Twitter, 2022).

(38') Sem necessidade de resoluções ou ameaças. Combinado? 1º fato invisível: Quem faz o parto é a mulher Lindo cartaz feito por a designer Thalita Dol Essinger para a Marcha para Humanização do Parto. A protagonista do parto é a mulher. Que fique claro: a gestante (sei lá, **supondo que** entendem que é a doula ou a parteira!). O papel

da equipe – incluindo do médico – é permitir que a mulher “« faça “» o parto: dilatando, se abrindo, expulsando o bebê e depois a placenta. (*Corpus* do português, 2022).

Conforme os exemplos analisados, do ponto de vista sintático, a substituição entre as duas construções mostra-se perfeitamente possível, havendo ainda aproximação semântica, já que ambas projetam possibilidades no âmbito da interação discursiva, contribuindo para a organização da argumentação e para a orientação interpretativa do interlocutor. Entretanto, a troca de uma pela outra implica a perda de valores discursivos e de nuances semânticas, o que evidencia que, além do contexto, a intenção do falante desempenha papel decisivo na escolha entre *supondo que* e *vai que*. Nos dados observados, *supondo que* tende a ser empregado quando o falante pretende formular uma hipótese, ao passo que *vai que* expressa uma possibilidade de caráter avaliativo, frequentemente marcada por tom especulativo ou irônico.

Abaixo, apresentamos o Quadro 1, elaborado com o objetivo de demarcar as principais diferenças entre ambas as construções, após a análise dos dados durante todo o período de pesquisa para esta tese.

Quadro 5 – Diferenças entre *Vai que* e *Supondo que*

CARACTERÍSTICA	VAI QUE	SUPONDO QUE
FORMALIDADE	Informal, mais utilizado em interações orais e coloquiais.	Mais formal e comum em contextos cálculo e científicos.
TIPO DE HIPÓTESE	Hipótese mais incerta, inesperada, imprevisível ou até improvável.	Hipótese racional e controlada, usada para explorar possibilidades lógicas.
MODALIDADE	Epistêmica quase-asseverativa. Contudo, expressa possibilidades avaliativas, geralmente marcadas por incerteza, surpresa ou ironia.	Epistêmica quase-asseverativa. No entanto, expressa suposição/ hipótese mais estruturada, frequentemente relacionada à argumentação ou raciocínio lógico.
COMPROMETIMENTO	Elemento surpresa; evento inesperado.	Normalmente, não afirma nem nega a hipótese; explora um cenário possível.

TOM DISCURSIVO	Mais intersubjetivo – já que envolve mais a interação falante-ouvinte – e especulativo, com tom de dúvida ou surpresa	Neutro, analítico, com foco em construir uma inferência lógica
FUNÇÕES COMUNICATIVAS	Projetar uma hipótese marcada por uma situação inesperada ou imprevisível e avaliação negativa do falante sobre o evento anterior. É mais interacional, ligado à negociação de expectativas, crenças e atitudes, com forte valor pragmático (expressa posturas, avaliações, estratégias de convencimento).	Introduzir uma hipótese de modo mais formal, lógico e neutro, geralmente sem carga avaliativa explícita. É mais expositivo e argumentativo, típico de contextos acadêmicos, técnicos ou discursivamente mais controlados.
PAPÉIS DISCURSIVOS RECORRENTES	Alerta → “Atenção, pode acontecer algo indesejado” (ex.: <i>não esquece o guarda-chuva, vai que chove</i>). Precaução → “Melhor evitar um risco” (ex.: <i>não fala isso, vai que ele escuta</i>). Ironia → “Marcar o improvável de forma avaliativa” (ex.: <i>ela estudou tanto que vai que passa em primeiro!</i>).	Hipótese condicional → cenário que permite dedução ou inferência lógica (ex.: <i>supondo que todos compareçam, teremos quórum</i>). Exploração argumentativa → abrir espaço para raciocínios, cálculos, análises.
COMPOSICIONALIDADE	Menos composicional, já que está completamente deslocada da função do verbo ir como ordem	Mais composicional, visto que o significado de suposição ainda permanece por causa da base verbal com esse significado, mesmo sendo utilizado como conectivo.

Fonte: autora

Sobre o domínio condicional, especificamente, podemos afirmar que é possível estabelecer um *continuum* de condicionalidade entre as construções, em que a maior proximidade de *vai que* e *supondo que* ao domínio condicional segue a estrutura tradicional de *Se p, então q* – que pode estar na ordem inversa –, sendo esse, portanto, o critério 01 (um) de verificação. O critério 02 (dois) refere-se aos casos em que a construção ainda apresenta *então q*, mas também possui relação com o segmento anterior ao conector. E, o critério 03 (três), referente às construções que mais se desviam, leva o apagamento e/ou inexistência de *então q*, representado por *Conect p* apenas, tornando-se mais independente as quais parecerem estarem mais próximas dos modalizadores epistêmicos. Além disso, as construções devem preencher os critérios semânticos e cognitivos estabelecidos por Dancyngier, contudo não da mesma forma, já que *vai que* trabalha mais com moldura aberta ao interlocutor enquanto *supondo que* oferece normalmente a informação completa ao ouvinte, por exemplo.

De acordo os critérios explicitados, argumentamos que a prototipicidade do domínio condicional está em *se >>>> supondo que >>>>>> vai que <<<<< pode ser que*, em que esta última está mais na periferia da condicionalidade, embora faça parte. Além disso, estabelece relações com outras construções modais epistêmicas, como *pode ser que*. Abaixo, apresentamos a Figura 13 para ilustração:

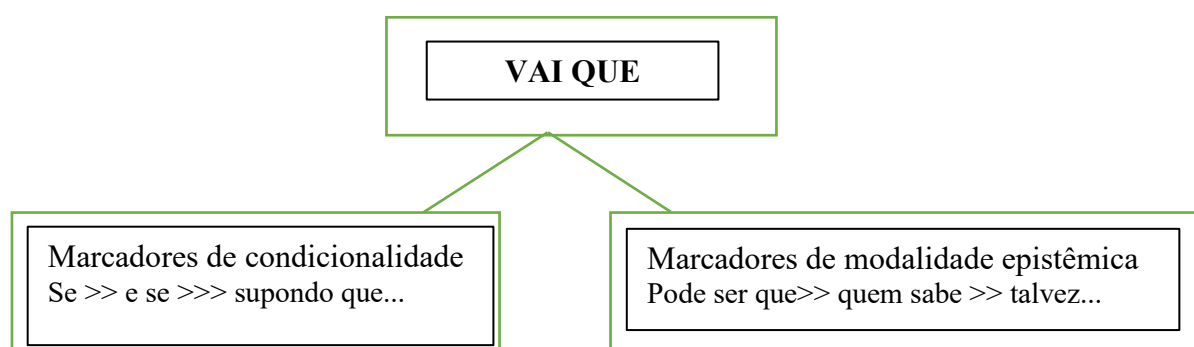


Figura 13 – *Vai que* e suas relações

Fonte: autora

Interessante pontuar que na amostra dos dados de *vai que* é possível estabelecer construções mais próximas à protitipia, como em: “Pipocas podem trazer problemas para os outros e para ele, **vai que** ele passe mal, eu aviso quem?”, em que se consegue interpretar uma estrutura condicional do tipo “Se ele passar mal, então eu aviso quem?”; seguido de estruturas que se relacionam tanto com o segmento *q*, quanto com o anterior: “Porém, espero que o bom

rendimento seja só na seleção, em o Barcelona tomara que ele dê uma maneirada, porque **vai que** ele joga contra a gente, aí complica..”; e outras mais desgarradas da prototipia, como em: “[Os líderes] estão esperando sair a lista, estão com medo de botar alguém em o conselho que esteja nela. Eu acho que o Rodrigo Maia [presidente de a Câmara] está segurando por causa disso, porque **vai que** entra alguém em o conselho que está na lista? Vai ser um desgaste”, que ainda cumpre com os critérios estabelecidos por Dancynghier, mas já está à margem da condicionalidade porque apresenta maior desvio em relação à prototipicidade das construções.

Quanto ao *supondo que* também verificamos usos mais prototípicos e outros mais afastados da prototipia condicional. Abaixo, Figura 14.

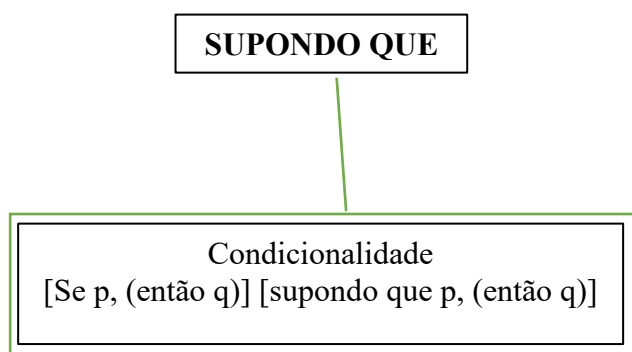


Figura 14 – Relações de *supondo que*

Fonte: autora

O diagrama ilustra o vínculo extremamente robusto da construção *supondo que* no domínio da condicionalidade. *Supondo que* mantém uma relação condicional explícita, ancorada em um quadro lógico e hipotético, onde o falante projeta um cenário possível para explorar suas consequências, sustentar um raciocínio ou testar uma decisão futura. Esse padrão é evidente tanto na forma quanto na função: morfossintaticamente, a construção preserva traços de sua origem como oração subordinada adverbial condicional; pragmaticamente, opera como um marcador de simulação cognitiva, ativando um espaço mental hipotético que serve de base para avaliações racionais, planejamentos estratégicos ou críticas indiretas.

A partir das premissas qualitativas estabelecidas, passemos aos resultados quantitativos, os quais corroboram para a discussão feita nesta subseção.

5.2 Análise quantitativa

Nesta seção, discutimos os resultados a partir dos fatores controlados que se mostraram estatisticamente relevantes. De forma organizada, apresentamos a análise de cada fator, ilustrada com exemplos das construções *vai que* e *supondo que*, e, em seguida, expomos os resultados quantitativos acompanhados da interpretação dos gráficos correspondentes.

5.2.1 Integração de oração

O primeiro fator controlado foi o tipo de oração de que se integra à *vai que* e *supondo que*, sendo os seguintes vínculos estabelecidos: (i) hipotaxe (ii) parataxe e (iii) insubordinação. Dessa forma, hipotaxe corresponde às relações de maior dependência e encaixamento, isto é, aquelas em que uma oração depende sintaticamente de outra. Parataxe, por sua vez, está associada às orações menos dependentes, mas ainda sim encaixadas, tendo maior autonomia estrutural em relação à oração vizinha (Hopper e Traugott, 1993). Já a insubordinação diz respeito a enunciados que não estabelecem vínculo sintático, pois são independentes (Evans, 2007). Nesse último caso, respeitamos a pontuação empregada pelo autor, ainda que, do ponto de vista semântico, haja relação com outra oração.

Abaixo, apresentamos ocorrências com cada tipo de oração.

[Hipotaxe]

- (39) Trouxeram para a São Silvestre o modelo de segurança já usado em o exterior, como em a maratona de Nova York. " Pipocas podem trazer problemas para os outros e para ele, **vai que** ele passe mal, eu aviso quem? (Twitter, 2023).
- (40)[...] Exemplo: marido e mulher trabalham e têm casa alugada por R\$ 3.000. Em esse caso, não precisarão pagar o carnê-leão porque cada um terá direito a R\$ 1.500 (valor isento). Cada um declara a própria renda e os R\$ 18 mil de o aluguel. **Supondo que** cada um recebeu mais R\$ 32 mil em o emprego, a renda anual é de R\$ 50 mil. Em o modelo simplificado, cada um deduz R\$ 10 mil, resultando em R\$ 2.659,53 de imposto devido (juntos, pagarão R\$ 5.319,06). (Twitter, 2023).

[Parataxe]

- (41) Vou fazer minha cnh D e tentar a sorte, **vai que** da tudo certo e consigo o trampo dos sonhos (Twitter, 2023).

(42)kkkk ia falar coisa aqui do que meu pai fez mas **vai que** chamam a policia 🤪.
(Twitter, 2023).

[Insubordinada]

(43)[22/07/2022 13:30:45] Igor Irmão: Tá bom

[22/07/2022 13:30:52] Igor Irmão: Deve ter esgotado tudo

[22/07/2022 13:33:07] Igor Irmão: Deixa pra lá isso

[22/07/2022 13:33:25] Igor Irmão: **Vai que** é um sinal

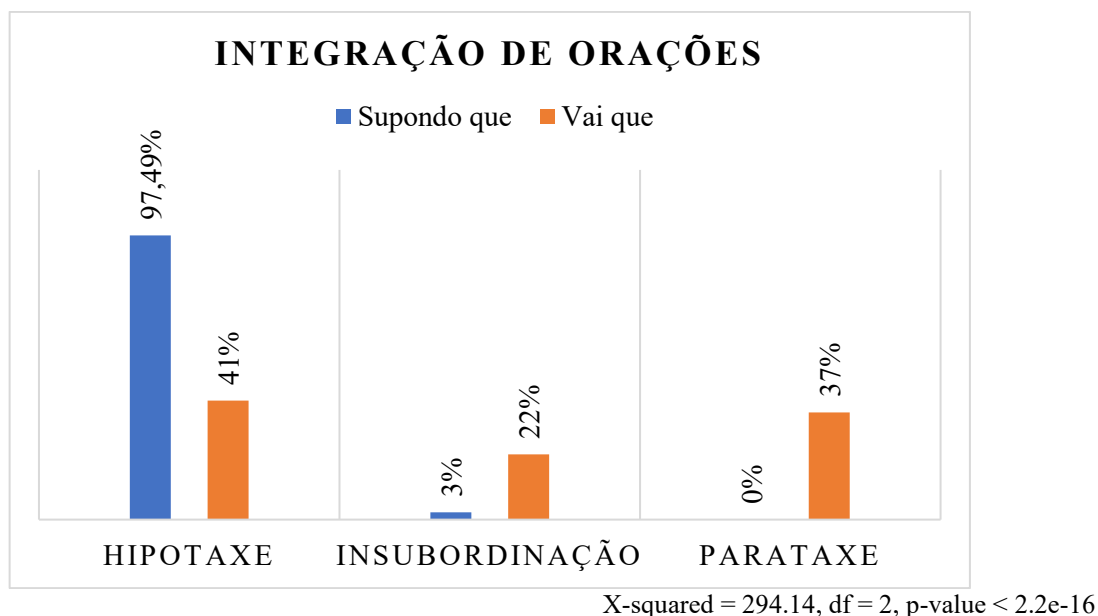
Ficou tristao pq n consegui compra um ingresso pra ele 😞

(44)@brasil247 Ronda com mulher e filhos. Mas, **supondo que** isso fosse verdade. O cara faz ronda numa festa particular AUTORIZADA?... 🤪 (Twitter, 2023).

A partir dos exemplos apresentados, lembramos que nossa hipótese inicial era a de que *vai que* demonstraria maior independência sintática, aproximando-se de construções insubordinadas, o que refletiria nuances pragmáticas específicas, como sua alta carga intersubjetiva e multifuncionalidade discursiva. Como aponta Bejár (2022), esse tipo de oração faz com que consequências possíveis sejam previsíveis e/ou esperada, não sendo necessária expressá-las nas apódoses. Para *supondo que*, supúnhamos que, por estar mais ligada às orações tradicionalmente consideradas adverbiais, estaria mais levaria maior integração de hipotaxe.

Abaixo, apresentamos a Gráfico 1, com o gráfico quantitativo relativo a esse fator:

Gráfico 1 – Integração de orações



As distribuições de *vai que* e *supondo que* quanto à integração oracional revelam padrões distintos, indicando associação significativa entre as variáveis. Como mostra o gráfico, a construção *supondo que* apresenta quase 100% de ocorrências em contexto de hipotaxe, enquanto *vai que* se distribui entre hipotaxe (41%), insubordinação (22%) e parataxe (37%), o que corrobora com a afirmação de Longhin-Thomazi (2010) sobre a integração de orações para a construção *vai que*.

Nossa hipótese é que esse comportamento decorre do fato de *vai que*, além de atuar como conector, também desempenha a função de marcador discursivo modalizador, o que o aproxima de contextos de insubordinação e parataxe. Assim, argumentamos que a maior independência sintática observada está associada a diferenças pragmáticas relevantes, sugerindo que essas construções podem estar em processo de reanálise, cada vez mais insubordinadas e, portanto, em processo de construcionalização (Goldberg, 1995; Traugott & Trousdale, 2010; Bejar, 2022).

Entendemos, portanto, que as construções que se afastam dos padrões sintáticos tradicionais se constituem por uma combinatória particular de elementos, a qual lhes confere sentidos específicos e contextualmente situados.

5.2.2 Tipo de frase

O segundo fator controlado foi o Tipo de frase da oração com *vai que* e *supondo que*, que se dividem em: (i) comentário, (ii) declarativa, (iii) exclamativa, (iv) interrogativa e (v) reportado. Abaixo exibimos cada um dos tipos verificados:

[Comentário]

(45) Eu ficaria assim, muito, mas muito feliz se eu ganhasse uma pasta de amendoim com avelã de aniversário hen

(**Vai que** eu colho maduro né). (Twitter, 2023).

(46) Se eu lançasse um álbum inteiro, vocês escutariam? (**Supondo que** o gênero fosse pop e um pouquinho de cada coisa menos funk). (Twitter, 2023).

[Declarativa]

(47) O ideal é começar a lavar as roupas de o bebê a partir de o sétimo mês de gravidez, para evitar surpresas, **vai que** a criança nasce e ainda não está tudo arrumadinho. (Twitter, 2023).

(48) **Supondo que** determinado cidadão seja responsável por a segurança de estrangeiros em visita a o Brasil e necessite de porte de arma, a concessão de a respectiva autorização será de competência de o ministro de a Justiça. (Twitter, 2023).

[Exclamativa]

(49) O que o seu hálito diz sobre você? Os odores exalados por a boca podem indicar problemas Quem nunca deu uma conferida em o hálito antes de falar com alguém?

Vai que o cheirinho não está muito agradável! (Twitter, 2023).

(50) Supondo que essa pesquisa seja o real cenário! Eu digo! O blindado sem freio tá chegando. (Twitter, 2023).

[Interrogativa]

(51) Bom, como agora vcs são formadoras de opinião, melhor eu NÃO ler o post todo. Não vi o filme, **vai que** vc influência a minha opinião sobre o filme ou sobre o tema de o post? rs... (Twitter, 2023).

(52) **supondo que** eu queira aprender a tocar baixo, alguém sabe algum pra recomendar pra iniciante?? (Twitter, 2023).

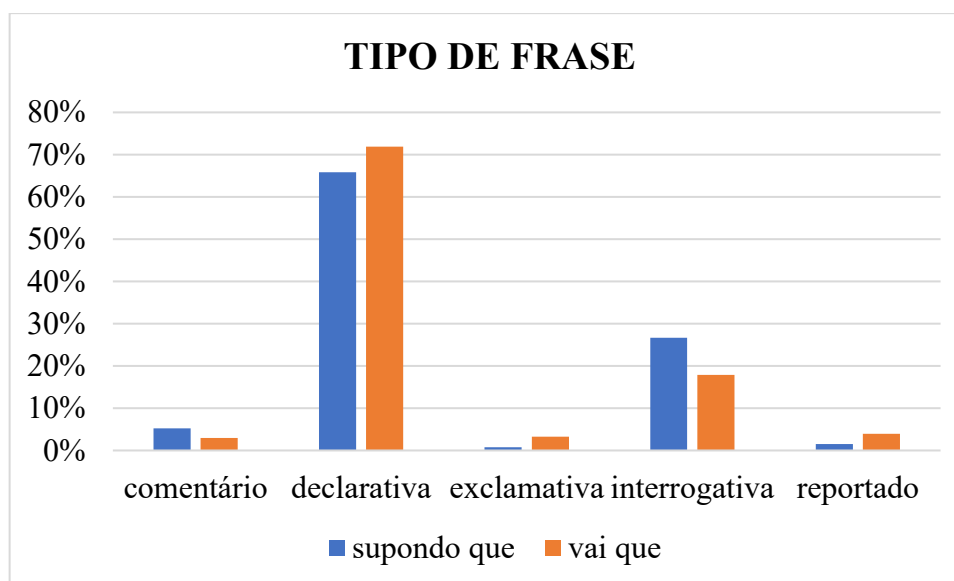
[Reportado]

(53) Mãe pegou um brinco de flor aleatório pra não fechar meu furo direito né
 Aí ela "vamos tentar no esquerdo tbm **vai que** tá aberto".
 Detalhe meu furo esquerdo é meio estranho pq foi feito errado. (Twitter, 2023).

(54) | Steve Kerr sobre os erros da equipe: "**Supondo que** cheguemos [aos #NBAPlayoffs], nós teríamos que jogar muito melhor do que jogamos nesta noite." (Twitter, 2023).

Para esse fator, nossa hipótese inicial previa maior incidência em frases declarativas, mas também esperávamos registros em interrogativas e exclamativas, sobretudo no caso de *vai que* devido à sua natureza mais coloquial e interativa. Os resultados, conforme Gráfico 2, obtidos foram:

Gráfico 2 – Tipo frasal nas construções *vai que* e *supondo que*



p-value = 0.0002452.

A distribuição geral entre as categorias de tipo de frase varia de forma estatisticamente consistente, criando um padrão para cada construção. Ambas ocorrem majoritariamente em contextos declarativos, visto que é o não-marcado e, portanto, o mais frequente nas línguas (Givón, 1990, 1995). Todavia, as construções ocorrem também em outros contextos, marcando sua flexibilidade de usos. Para *vai que* esperávamos que houvesse mais ocorrências

relacionadas a sentenças exclamativas e interrogativas, dado seu caráter avaliativo e intersubjetivo; enquanto *supondo que* ficamos surpresos com a incidência de contextos interrogativos, mas, conforme nossa análise qualitativa dos dados para esse fator, ela ocorre porque a construção é utilizada para hipotetizar cenários mais lógicos (relação de causa-consequência) em que se propõe uma suposição ao interlocutor-leitor, por exemplo: “Olá Matos, **Supondo que** dois sócios trabalham em a empresa e um de eles tem, além de funções técnicas como o outro, mas também faz sozinho a administração, o financeiro, comercial e gestão de pessoal (contratação, demissão, escolha de benéficos, etc), é justo que suas remunerações sejam iguais?”.

5.2.3 Posição frásica

O terceiro fator controlado foi a Posição frásica de *vai que* e *supondo que*, que se divide em: (i) interfrásica e (ii) intrafrásica. Para exemplificação de ambos os tipos, observemos:

[Interfrásica]

(55) [...] Ele é muito verdadeiro. Quando ele está aqui é uma alegria só. Por outro lado torço pra ele fazer sucesso em Maringá. Aí **vai que** ele traz mais dinheiro pra gastar aqui em o meu bar, né? (risos) E olha que ele gasta com força, viu? Com Aloísio não tem frescura. Estou torcendo pra esses três meses passarem logo. (Corpus do português, 2023).

(56) **Supondo que** você está dentro de um avião, aí Sérgio moro entra, o que você faria?
-A) Segue viagem -B) Desce do avião -C) Senta-se ao lado do Moro. (Twitter, 2023).

[Intrafrásica]

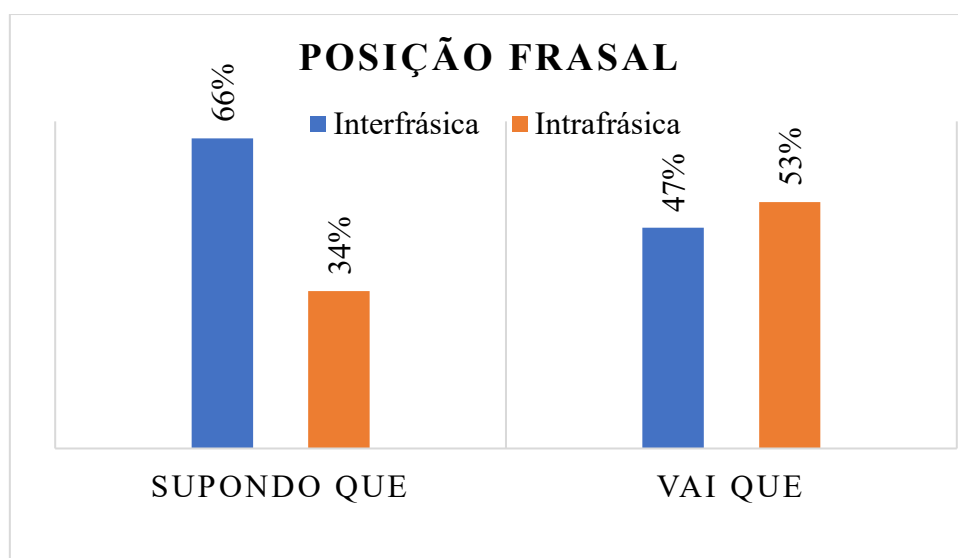
(57) Vou parar de me jogar na faixa de pedestres pra atravessar a rua, **vai que** o cara é doido msm. (Twitter, 2023).

(58) A discussão (**supondo que** ela exista) sobre a pobreza e a questão social está tão viciada, que um sujeito indignado não pode acusar as mazelas sem ser acusado de comunista. É esse o legado dessa dicotomia boboca esquerda/direita. (Twitter, 2023).

Como se observa nas ocorrências acima, as construções *vai que* e *supondo que* podem tanto iniciar períodos quanto ocorrer em posição intrafrásica. Nossa hipótese para esse fator era de que *vai que* estaria mais fortemente associado a contextos intrafrásicos, enquanto *supondo que* tenderia a aparecer em contextos interfrásicos, em função do modo como cada construção contribui para a abertura e o fechamento de eventos e/ou da argumentação do locutor-escritor (Figuras 8 e 11, conforme análise qualitativa).

Como resultado, portanto, obtivemos:

Gráfico 3 – resultados da posição frasal de *vai que* e *supondo que*



X-squared = 28.98, df = 1, p-value = 7.313e-08, odds ratio = 2.196316

Como mostra o gráfico, *vai que* ocorre com maior frequência em contextos intrafrásicos (53% dos dados), apresentando presença ligeiramente menor — embora ainda expressiva — em contextos interfrásicos (47%). *Supondo que*, por sua vez, manifesta-se predominantemente em contextos interfrásicos (66%), uma vez que, enquanto chamada discursiva, tende a abrir um espaço mental destinado à introdução de uma suposição que funciona, em geral, como comentário, não assumindo o papel de tópico da sentença nem o de fechamento discursivo. A construção é menos recorrente em contextos intrafrásicos (34%), mas ainda assim apresenta representatividade. Este resultado confirma nossa hipótese inicial: esperava-se que *vai que* ocorresse majoritariamente em contextos intrafrásicos devido ao seu caráter disruptivo, que tende a intervir no encadeamento do discurso, suspendendo o fluxo precedente e, muitas vezes, funcionando como mecanismo de fechamento do segmento discursivo anterior.

Importante observar o resultado para *p-valor*, extremamente baixo, que indica diferença muito forte e consistente na distribuição de *vai que* e *supondo que* entre as posições interfrásica e intrafrásica. O valor do *odds ratio* (OR = 2,20) indica que a probabilidade de ocorrência em posição interfrásica é aproximadamente 2,2 vezes maior do que em posição intrafrásica. Em outras palavras, a distribuição das construções não é aleatória: ambas revelam padrões distintos de ocorrência. Assim, consideramos que nossa hipótese foi confirmada.

Para melhor visualização, apresentamos uma tabela (Tabela 1) com os resultados dos valores brutos totais.

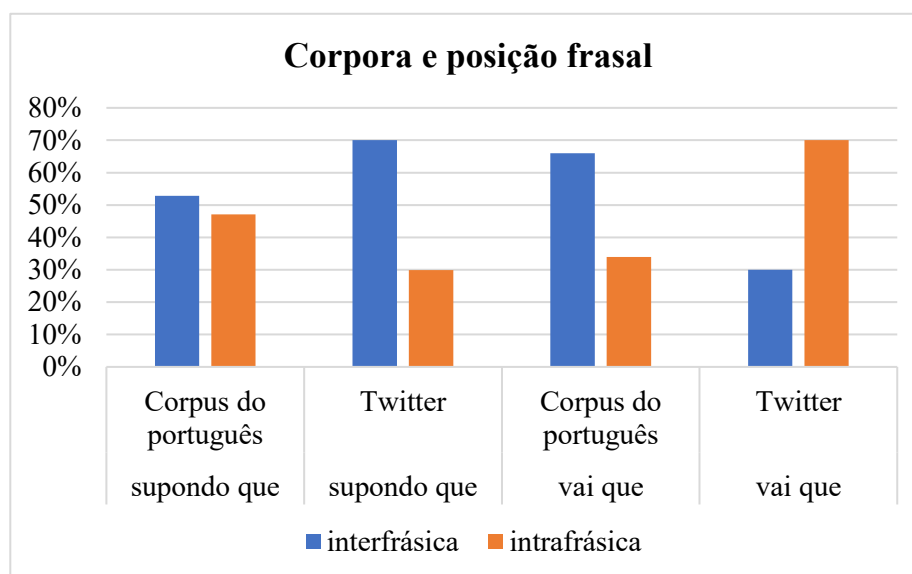
Tabela 1 – posição frásica das construções.

	INTERFRÁSICA	INTRAFRÁSICA	TOTAL
SUPONDO QUE	267 (66%)	135 (34%)	402
VAI QUE	190 (47%)	212 (53%)	402

Portanto, de forma comparativa, a distribuição das construções evidencia diferenças relevantes. *Supondo que* apresenta predominância marcada em contextos interfrásicos (266 ocorrências, contra 135 em contextos intrafrásicos), o que reforça seu alinhamento à estrutura condicional prototípica e ao papel discursivo de comentário — mais associado à projeção de cenários possíveis do que à introdução de novos tópicos. Em contraste, *vai que* apresenta distribuição mais equilibrada (190 interfrásicas e 212 intrafrásicas), indicando maior flexibilidade sintática e discursiva. Tal comportamento sugere que a construção pode atuar tanto na abertura quanto no interior das frases, introduzindo hipóteses ou eventualidades de forma mais fluida, coerente com seu caráter coloquial, interacional e frequentemente parentético.

Ainda quanto a esse fator, estávamos curiosos quanto à relação sobre a posição frásica e o tipo de *corpus*, visto que os corpora apresentam gêneros textuais e de informalidade diferentes, podendo representar distinções, portanto. Neste sentido, cruzamos os fatores, tanto para a construção *vai que* quanto para *supondo que*. Primeiramente, apresentamos o cruzamento realizado, Gráfico 4.

Gráfico 4 – Corpora e posição frasal



Vai que: X-squared = 51.376, df = 1, p-value = 7.625e-13
 Supondo que: X-squared = 8.2611, df = 1, p-value = 0.00405⁵⁷

Esses resultados evidenciam padrões relevantes no uso da construção *vai que*. Observa-se um comportamento inverso nos dois corpora analisados. No *corpus* do português, composto por gêneros menos informais, como blogs e entrevistas jornalísticas, *vai que* ocorre majoritariamente em posição interfrásica (65,8%), em contraste com apenas 30% no Twitter. Esse padrão sugere um uso mais periférico e modalizador, relacionado à introdução de um quadro hipotético, como no exemplo: “*Temos que ficar amigos dele, né... Vai que um dia a gente precise de proteção?*.” Nesses contextos, a construção tende a funcionar como marcador discursivo, separado da oração principal.

Por outro lado, no *Twitter* — gênero de natureza conversacional e informal —, *vai que* aparece predominantemente em posição intrafrásica (70,4%), indicando um uso mais integrado à estrutura sintática da frase, como em: “*vou desenhar, vai que assim entende*”. Esse padrão pode sinalizar processo de construcionalização, no qual a construção se fixa como parte de uma estrutura verbal complexa.

Por outro lado, no caso de *supondo que*, a posição interfrásica é predominante em ambos os gêneros, sobretudo no Twitter (90%), razão pela qual não houve significância quantitativa no cruzamento realizado. Esse resultado aponta para uma forte tendência da construção a introduzir o enunciado subsequente, organizando-o como uma projeção condicional que possui

⁵⁷ Importante que, apesar de ambos os valores serem estatisticamente relevantes, a associação entre corpora e posição frasal em *vai que* é mais forte e robusta que em *supondo que*.

relação de causa-consequência ou inferencial, o que se coaduna com sua natureza conectiva, pondo a construção em posição mais central dentro da categoria condicional. Diferentemente de *vai que*, que varia de padrão conforme o gênero, *supondo que* mantém um comportamento mais estável e central na categoria da condicionalidade.

5.2.4 Marcação de negação

O quarto fator analisado foi a Marcação de negação, categorizada em (i) ausência de marcação e (ii) presença de marcação. Esse fator foi observado tanto na construção [*vai que X*] e [*supondo que X*] quanto na oração a elas ligada, que denominamos C2.

[Ausência de negação [Vai que X] [Supondo que X]]

(59) Vou deixar esse bazar aqui no Twitter, **vai que** viraliza e a gente consegue vender essas coisinhas que faltaram 🤖💎 <https://t.co/9VymEVTuPH> (Twitter, 2023).

(60) @LulaOficial Leu?

OK... **Supondo que** você saiba ler e interpretar textos, o que eu acho difícil de acreditar, a fonte de informação é o Paulo Freire?

No que depender de vocês, o Brasil está lascado...A171 (Twitter, 2023).

[Ausência de negação C2]

(61) Antes de gastarem essa fortuna em o Produto, creio que seria uma boa opção para termos adquirido conhecimento em cascos resistente para Subnuc. Porque a planta propulsora já dominamos. Porém já investiram essa grana, não vale nem imaginar essa possibilidade rsrs. Realmente dá medo de pensar nisso, **vai que** alguém da MB ou MD lê e resolve desistir de o SNBR por uma solução de " oportunidade " rsrs. (Twitter, 2023).

(62) @pedutra_ @edudutra94 @brunoformiga **Supondo que** a legislação brasileira funcione, supondo que a sociedade brasileira "funcione", tu acha justo como prosseguiu tudo? Esperei uns dias pra ver como iria prosseguir o caso. (Twitter, 2023).

[Presença em *[vai que X]* e *[supondo que X]*]

(63) Vou voltar a dormi **vai que** eu **não** dormi o suficiente é isso ainda é um sonho

(64) Mas, existe um CNPJ? Se existe, a empresa está em nome de alguém e existe também um contrato social definindo os direitos. Supondo que **não** existe, então os bens são de a pessoa que comprou, mas o dinheiro é de quem trabalhou, devendo sua esposa compensar a outra parte por o uso de os bens. Entendeu? (Twitter, 2023).

[Presença de negação C2]

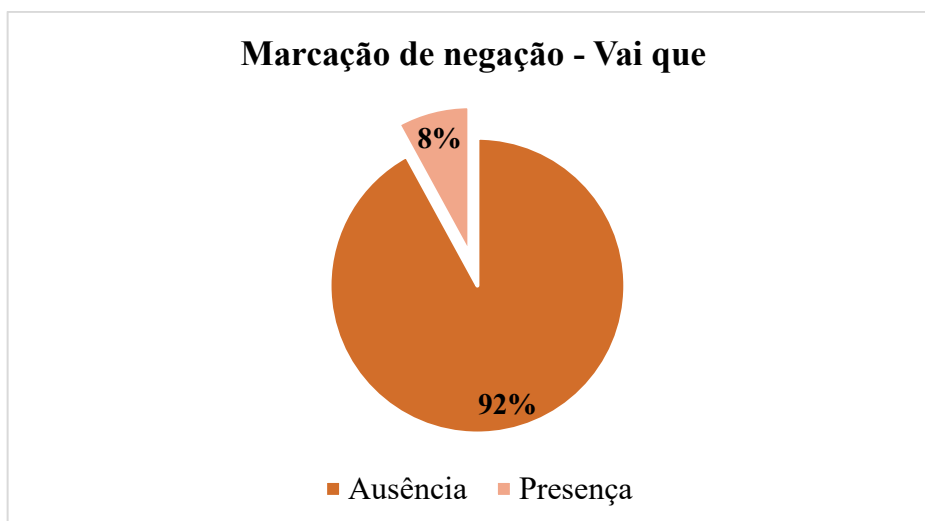
(65) Pelo jeito vou ir amanhã msm Lauana prado sem qm é **não**, mais **vai que** canta bem

(66) **Supondo que** sua casa seja seu único refúgio e que todos os seus vizinhos se transformaram em zumbis, você terá que dar um jeito de **não** passar fome e se alimentar com coisas que você tiver em sua casa. (Twitter, 2023).

A inclusão desse fator no modelo justifica-se, sobretudo, pelo comportamento da construção *vai que*, que assumimos ser disruptiva e frequentemente associada a uma carga semântica negativa. Nosso objetivo foi verificar se essa negatividade decorre exclusivamente do contexto discursivo ou se também se manifesta por meio de marcas explícitas de negação — seja na própria oração contendo a construção (*vai que X*), seja na oração imediatamente vinculada a ela (C2), isto é, aquela que precede a construção (*X vai que*). Esse fator, portanto, relaciona-se diretamente à avaliação do falante sobre o evento A associado a *vai que*, o qual consideramos ser predominantemente negativo (ver subseção 5.2.9).

Abaixo, no Gráfico 5, os resultados para *vai que*.

Gráfico 5 – Marcação de negação da construção [*vai que X*]



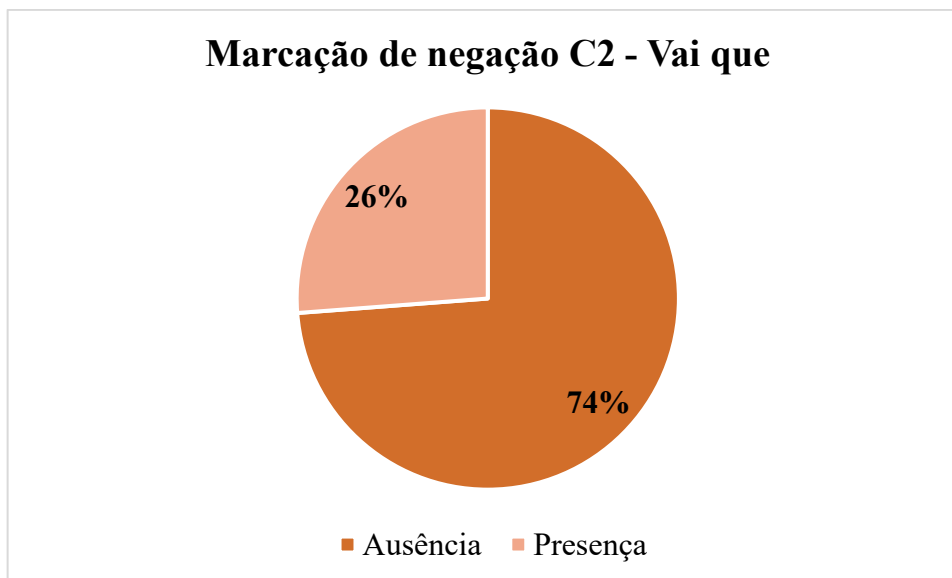
p-value < 2.2e-16

Como era de se esperar, observa-se a predominância da ausência de marcas explícitas de negação (92%). Esse resultado é coerente com a interpretação de que a oração introduzida por *vai que*, em estruturas do tipo [*vai que X*], não se ancora, em geral, em expressões negativas. Antes, ela projeta uma expectativa plausível dentro do espaço mental criado, ainda que seja uma situação inesperada ou improvável, e se associa, frequentemente, à postura epistêmica de possibilidade aceitável/plausível por parte do falante (postura epistêmica aceita).

Para C2, que é a oração vinculada à *vai que*, normalmente anterior à [**X** *vai que X*], obtivemos os seguintes resultados, Gráfico 6.

Gráfico 6 – Marcação de negação C2⁵⁸

⁵⁸ Ao cruzar ambos os fatores, não obtivemos relevância quantitativa, o que quer dizer que presença de negação em C1 não está associada à presença de negação em C2. A distribuição que você observou pode ter ocorrido por acaso.

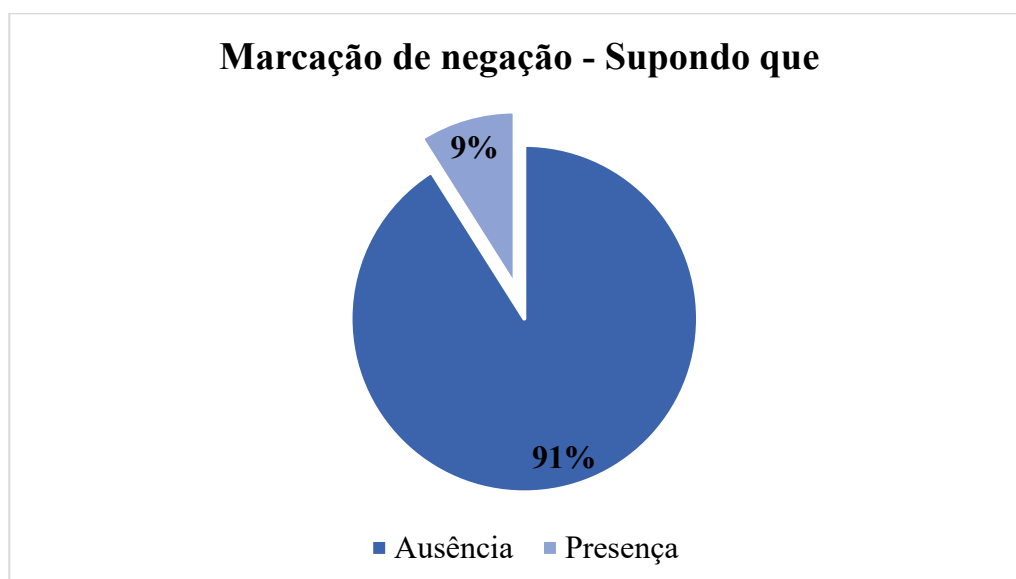


p-value < 2.2e-16

É interessante notar que, embora haja predominância da ausência de marcadores de negação (74%), a presença em 26% dos casos é significativa diante da hipótese levantada. Esse dado reforça a ideia de que o contexto em que *vai que* se insere está, de fato, associado a um viés negativo, o que justifica, inclusive, determinados papéis discursivos assumidos pela construção, como os de precaução e alerta (ver subseção 5.2.7).

Da mesma forma, contemplamos o fator para a construção *supondo que*, exibidos na Gráfico 7. Os resultados foram:

Gráfico 7 – Marcação de negação da construção *supondo que*

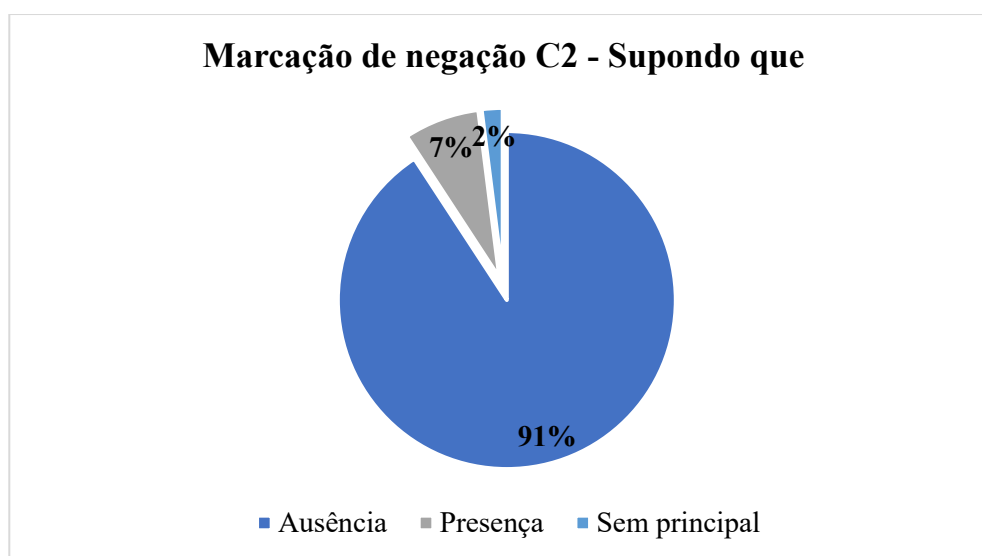


p-value < 2.2e-16.

Conforme mostra o gráfico, há predominância da ausência de marcadores de negação em [*supondo que X*], resultado esperado, já que a ausência de negação constitui a forma menos marcada e corresponde ao padrão prototípico das construções condicionais. Dessa forma, apresentamos aqui os resultados não apenas por sua relevância quantitativa, mas também porque permitem um comparativo interessante ao *vai que*, mostrando mais uma das particularidades de ambas as construções.

Seguem os resultados, no Gráfico 8, sobre marcação de negação da C2, correspondente à oração principal em [*supondo que X, X*].

Gráfico 8 – Marcação de negação C2 para *supondo que*



p-value < 2.2e-16.

No caso de *supondo que*, observa-se uma predominância ainda mais forte da ausência de marcas explícitas de negação, tanto em *supondo que* OR (91%) quanto na oração principal C2 (91%). A presença de elementos negativos é bastante reduzida (2% e 7% respectivamente), o que sugere que essa construção não se ancora diretamente em cenários avaliados como negativos. Pelo contrário, sua função está mais ligada à formulação de hipóteses estruturas condicionais mais prototípicas. Assim, diferentemente de *vai que*, cuja carga pragmática tende a projetar avaliações negativas ou de alerta, *supondo que* opera de modo mais neutro, inserindo-se em contextos de relação causa-consequência e favorecendo inferências condicionais menos marcadas avaliativamente.

5.2.5 Modo

O quinto fator controlado foi Modo da oração de *vai que* e *supondo que*, que se divide em: (i) indicativo e (ii) subjuntivo. Abaixo, exibimos exemplos para cada modo:

[Indicativo]

- (67) liguei pra pai [preto] pra dizer que ele podia ficar com minha bike. a preocupação dele foi logo a de eu enviar a nota de compra pelo zap. "vai que os homens me param, veem que eu tô numa bicicletona e me pedem a nota fiscal." (Twitter, 2023).
- (68) Cada um declara a própria renda e os R\$ 18 mil de o aluguel. Supondo que cada um recebeu mais R\$ 32 mil em o emprego, a renda anual é de R\$ 50 mil. Em o modelo simplificado, cada um deduz R\$ 10 mil, resultando em R\$ 2.659,53 de imposto devido (juntos, pagarão R\$ 5.319,06). (Twitter, 2023).

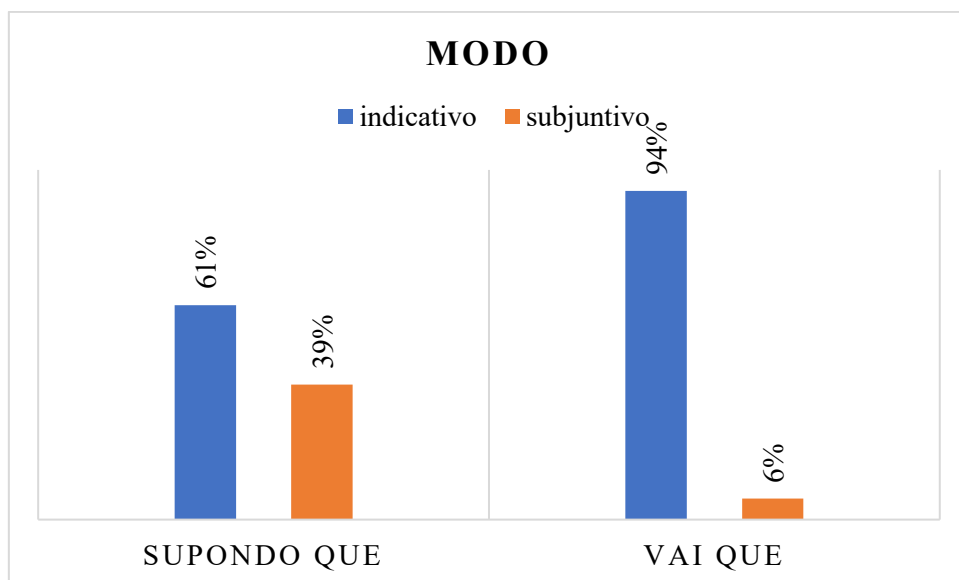
[Subjuntivo]

- (69) vou comer aquele biscoito alikkk **vai que** eu morra amanhã nee nunca se sabe. (Twitter, 2023).
- (70) **supondo que** eu queira aprender a tocar baixo, alguém sabe algum pra recomendar pra iniciante?? (Twitter, 2023).

Nossa hipótese era de que o modo indicativo fosse o mais recorrente em ambas as construções (porque é o modo não-marcado), com maior incidência do subjuntivo em *supondo que*, dada a natureza hipotética mais neutra dessa construção.

A seguir, Gráfico 9, os resultados para as construções *vai que* e *supondo que*.

Gráfico 9 – Modo das orações em [*vai que X*] e [*supondo que X*]



X-squared = 121.91, df = 1, p-value < 2.2e-16.

Os resultados indicam que ambas as construções são usadas em orações com verbos no modo indicativo. Contudo, a alta recorrência do subjuntivo nas orações introduzidas por *supondo que* pode indicar que a construção ainda preserva traços de sua origem como [*supondo*] + oração completiva. Além disso, por veicular uma suposição incerta, *supondo que* tende naturalmente a acionar o modo da incerteza — o subjuntivo. Conforme observa Hirata-Vale (2012, p. 98), o uso do subjuntivo permanece amplamente produtivo no português, contribuindo para conferir à proposição uma modalização epistêmica hipotética. Para a autora, o estatuto mais plenamente conectivo de *supondo que* é favorecido justamente quando o verbo ocorre no modo indicativo. Por outro lado, *vai que* se apresenta quase categoricamente (94%) em orações no indicativo, também devido a sua origem (oração explicativa com verbos no indicativo) e pelo fato de expressar, muitas vezes, uma eventualidade que o falante se projeta efetivamente na situação ou que construa uma realidade possível para seu interlocutor — ainda que o evento seja imprevisível ou surpreendente.

5.2.6 Conteúdo informacional

Neste critério, avaliamos se a informação de *vai que* e *supondo que* se referia ao conteúdo *dado* (informação pressuposta) ou *novo* (asserção). Controlamos esse fator porque a estrutura da informação está diretamente ligada às construções condicionais. Além disso, acreditávamos que uma das características que mais diferenciam *vai que* de outras estruturas

condicionais, como *supondo que*, por exemplo, é justamente o conteúdo informacional, sendo, portanto, este um dos fatores que a torna tão singular.

Abaixo, exibimos ocorrências com conteúdo informacional dado e novo.

[Dado]

- (71) Também não gosto de a escuridão de o início de o inverno! Beeeijo Gisa, aqui em a Suíça: se você não limpar a neve acumulada em a sua calçada e por azar alguém cair por causa de ela (por exemplo o carteiro) e se machucar, quebrar um braço, torcer o tornozelo e etc... VOCÊ será a responsável e deverá arcar com todos os custos que isso causar. Por isso muita gente tem seguro contra terceiros, porque **vai que** não deu tempo de limpar a neve e alguém cai... (Corpus do português, 2023).
- (72) Por exemplo, a o realizarmos uma pesquisa em o Google com a palavra-chave "« Cestas de café da manhã "» (sem aspas) temos em o final de a página de pesquisa as sugestões de o Google de "« Pesquisas relacionadas "» a palavra / frase pesquisada. Em o exemplo de cestas de café da manhã vamos encontrar ao menos oito sugestões de pesquisas relacionadas, por exemplo: como montar cestas de café da manhã, cestas de café da manhã SP, cestas de café da manhã rj e etc. **Supondo que** a palavra-chave escolhida seja "« Cestas de café da manhã "» mas o internauta não use exatamente estes termos, digitando por exemplo "« cesta café de a manha "» ou "« cestas de café "» a resposta de a página de resultados de a pesquisa será diferente de a pesquisa para "« cestas de café da manhã " e terá em as sugestões de "« Pesquisa relacionada "» ao menos seis sugestões, desta vez focando também em produtos, por exemplo: cestas de café da manhã em são paulo, café da manhã dia de as mães, café da manhã light, café da manhã diet. (Corpus do português, 2023).

[Novo]

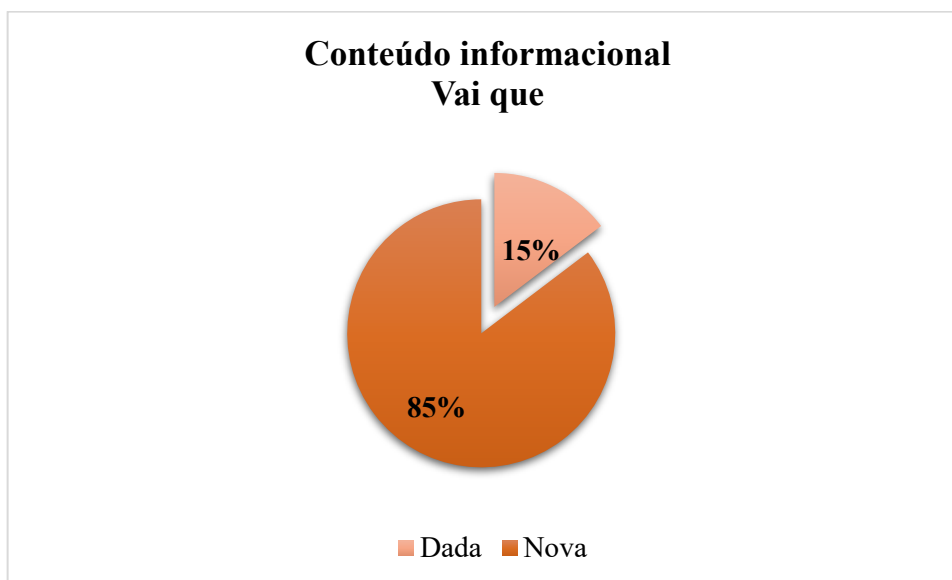
- (73) Um primo de a vítima, Roberto Silva Júnior contou que o rapaz era honesto e trabalhador, mas que era 'namorador' e comentou que essa poderia ter sido a motivação de o crime. " Ele namorava tudo quanto é mulher, **vai que** namorou com mulher casada ", explica. (Corpus do português, 2023).
- (74) Veja o exemplo: Um fundo X, de categoria multicarteira, avisa em seu regulamento que será cobrada taxa de performance de 20 % sobre o que exceder o CDI. **Supondo**

que o rendimento tenha sido de R\$ 1.000 e R\$ 300 seja o equivalente a o CDI, os 20 % de a performance incidirão sobre os R\$ 700 restantes. (Corpus do português, 2023).

Nossa hipótese inicial era a de que *vai que* e *supondo que* apresentariam diferenças significativas. Especificamente, esperávamos que *vai que* se afastasse do padrão típico das construções condicionais, que normalmente veiculam informação pressuposta. Nesse caso, o caráter de *vai que* estaria justamente em introduzir uma informação nova, conferindo-lhe os traços de eventos imprevisíveis, inesperados e disruptivos.

Como resultado quantitativo obtivemos:

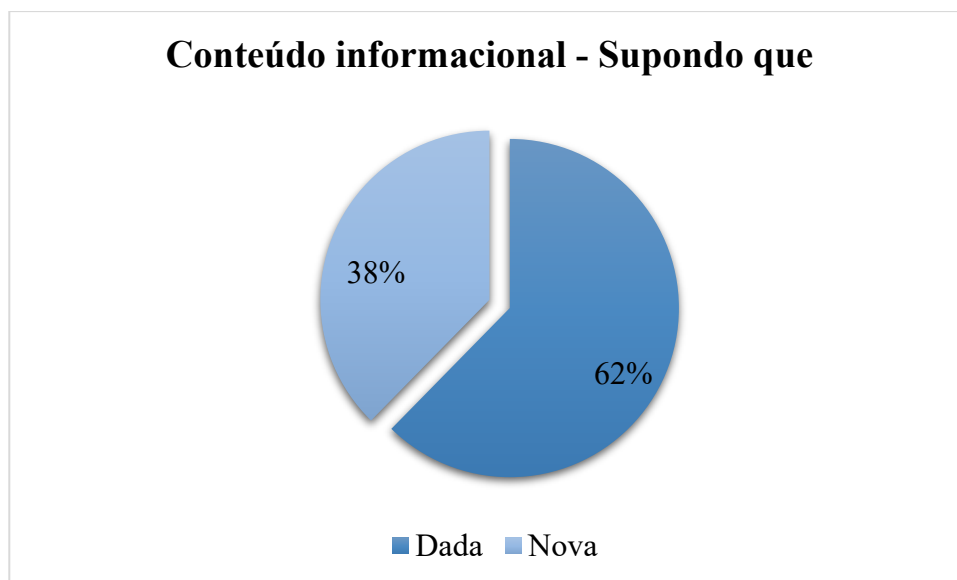
Gráfico 10 – Conteúdo informacional de *vai que*



X-squared = 200.64, df = 1, p-value < 2.2e-16.

Na perspectiva da Estrutura da Informação, a construção oracional com *vai que* desempenha um papel interessante na organização da informação e na maneira como o falante estrutura a relação entre pressuposição e asserção. Vemos que a oração em [*vai que X*] expressa majoritariamente informação nova (85%), se afastando da prototipicidade da categoria condicional do PB. Neste caso, a expressão *vai que* parece atuar como um mecanismo de preparação do interlocutor para o processamento de uma informação nova, levando-o, inclusive, a reavaliar o que foi enunciado previamente, uma vez que introduz uma ruptura em relação ao curso esperado do discurso.

Com referência à construção *supondo que*, no Gráfico 11, os resultados gerais obtidos foram:

Gráfico 11 – Conteúdo informacional de *supondo que*

X-squared = 24.441, df = 1, p-value = 7.66e-07

O gráfico demonstra que 62% dos dados com *supondo que* trazem informação dada, resultado similar ao que esperávamos, porque, normalmente, as construções condicionais carregam mais informação dada do que nova. Contudo, 38% de informação nova é um valor significativo, sendo a explicação para esses resultados está na diferença de suporte. Na plataforma *Twitter*, por exemplo, a construção muitas vezes surge no início da informação, sem um contexto discursivo anterior explícito. Ainda assim, em determinados casos, trata-se de informação dada, uma vez que se percebe estar sendo compartilhada: se não fosse previamente compartilhada, não haveria possibilidade de compreensão do que está sendo comunicado, como em: “**Supondo que** todos os rumores sejam verdade e tenhamos um revival daquele momento "every dream has come true" do PlayStation na E3 2015, existem chances do remake de Silent Hill ser um jogo melhor que o remake de SH2”. (Twitter, 2023). Nos casos de informação nova, identificamos uso significativo de primeira pessoa do singular, como em: “gente, papo sério aqui **supondo que** uma marca tenha usado a minha cara numa montagem sem autorização em uma campanha, oq eu faço legalmente falando?????” (Twitter, 2023).

5.2.7 Papel pragmático-discursivo

O sétimo fator controlado foi o Papel pragmático-discursivo de cada construção. Apesar de o fator em si ser o mesmo, suas categorias diferem, refletindo as especificidades e nuances semântico-pragmáticas próprias de cada construção. Neste sentido, para *vai que* controlamos

os papéis de (i) alerta, (ii) comentário (iii) contraste (iv) dúvida/suposição (v) expectativa positiva e (vi) ironia; e para *supondo que* (i) comentário (ii) contraste (iii) suposição e (iv) especulação argumentativa. Alguns dos fatores são apenas aplicáveis à *vai que* e outros à *supondo que*, o que reforça a ideia de que ambas as construções possuem particularidades, mas transitam por papéis pragmáticos compartilhados, formando um *continuum* discursivo.

[Alerta]

(75) Se forem 4 pessoas custará US\$ 25 para cada uma, que é muito barato. NUNCA pague o táxi antecipadamente. Por quê? **Vai que** o motorista resolve ir embora e te deixar em a mão? É algo improvável, mas é bom se prevenir. (Corpus do português, 2023).

(76) Vai inventar de tirar a "« casquinha "» de a sua tatto, vai. **Vai que** surge uma coceira e infecção de a pele porque ela esta desprotegida. Os tatuadores que falam, não eu! Melhor seguir o conselho, vai que... né? (Corpus do português, 2023).

[Comentário]

(77) Então, depois que tive meu primeiro filho fiquei com tanto medo que ele fosse filho único por alguma razão (sei lá, **vai que** esperar mais me desanimasse pra ter outro, como já ouvi vários casos) que resolvi emendar um segundo. (Corpus do português, 2023).

(78) De as medidas feitas obtemos 2 parâmetros principais que são o período e K e com eles determinamos os demais parâmetros (**supondo que** a massa de a estrela é bem menor do que a de o planeta e $M + m$ M). (Corpus do português, 2023).

[Contraste]

(79) foto minha de óculos sem filtro e sem maquiagem e eu tô pensando em postar mas **vai que** dps eu fico mal apago e choro a noite toda por isso n quero isso..... (Twitter, 2023).

(80) Tecnicamente, o termo inclui tanto os recursos de o fundador ou dono de a empresa quanto os de os investidores que aportam capital posteriormente em troca de participação. Mas **supondo que** você se refira a os recursos de o sócio inicial, o

dono: a principal vantagem é que ele tem controle total de o negócio, tem autonomia para tomar decisões. (Corpus do português, 2023).

[Dúvida/Suposição]

- (81) Bom, como agora vcs são formadoras de opinião, melhor eu NÃO ler o post todo. Não vi o filme, **vai que** vc influência a minha opinião sobre o filme ou sobre o tema de o post? Rs.... bom, mas quanto a o `saber' quando acaba... (Corpus do português, 2023).
- (82) **supondo que** eu PINTASSE O CABELO... qual COR eu deveria pintar? (Não respondeu é mal caráter

[Expectativa positiva]

- (83) queria tornar meu quarto o mais aconchegante e arrumado possível, hoje comprei uma sapateira na shopee só pra tentar organizar meus pisantes e tirar a sensação de amontoado que estou sentindo
- **vai que** ajuda né (Twitter, 2023).
- (84) Mas acho bem válida essa escolha – acho que mais mulheres deveriam, pelo menos, testar o uso de esse tipo de fralda. **Vai que** pegam gosto, né? * rs Beijão. (Corpus do português, 2023).

[Ironia]

- (85) Sem falar que ficou meio apertado em a dona Vânia, né? Eu vi assim também em a Ivete, **vai que** é tendência agora posar com um pneu pra fora, tou desligada de o mundinho de a moda mesmo. (Corpus do português, 2023).
- (86) @SomenteOrestes **Supondo que** é verdade que a população foi obrigada a ouvir. (Kkkkk) O critério pra dizer se é bom ou ruim é só isso?

[Precaução]

(87)Que legal falar sobre isso. É muito importante e é super interessante saber os sinais, **vai que** uma pessoa sofre e nem sabe? Porque tem pessoas que tem esses sintomas mas acha que é normal de o dia a dia que, às vezes, não é. (Corpus do português, 2023).

(88)E que minha reflexão pessoal tenha servido também para lhe ajudar em algo, por isso sempre gosto de compartilhar o que penso, **vai que** alguém está em a mesma situação e acabamos nos ajudando uns a os outros né! (Corpus do português, 2023).

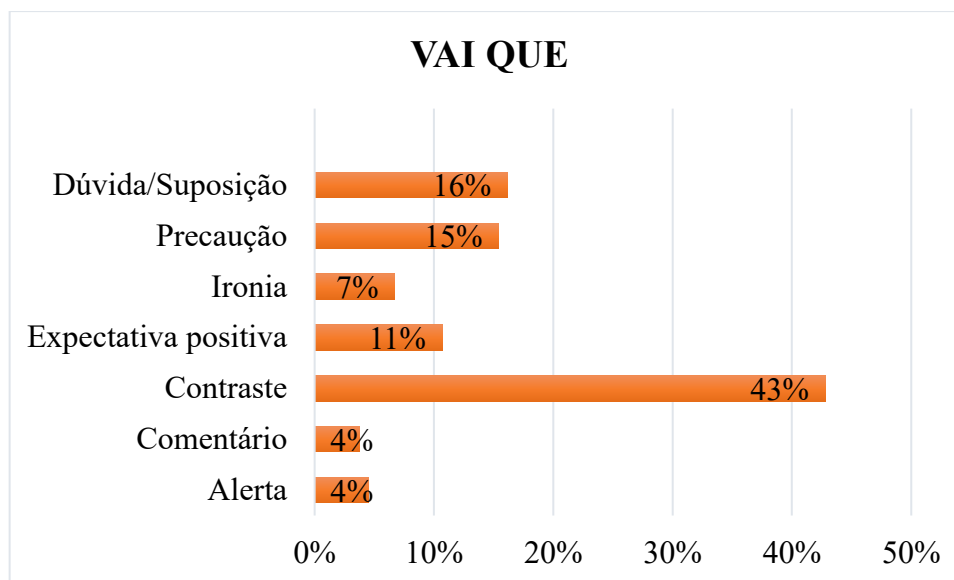
[Especulação argumentativa]

(89)[...] Cada um declara a própria renda e os R\$ 18 mil de o aluguel. **Supondo que** cada um recebeu mais R\$ 32 mil em o emprego, a renda anual é de R\$ 50 mil. Em o modelo simplificado, cada um deduz R\$ 10 mil, resultando em R\$ 2.659,53 de imposto devido (juntos, pagarão R\$ 5.319,06).

(90)Essa alteração em o toxoplasma poderia ser feita mas não afetaria o 1/4 que já está feito contaminada com o toxoplasma. Entretanto, isso também pode ser solucionado. **Supondo que** encontre uma substância química que altere o toxoplasma, como chegaria a o parasita?

Nossa hipótese era a de que o papel pragmático-discursivo constitui um fator decisivo para compreender o funcionamento das construções *vai que* e *supondo que*, uma vez que cada uma ativa diferente nuance de sentido em interação. Esperávamos que *vai que* apresentasse maior distribuição em papéis relacionados à intersubjetividade, como alerta, comentário ou expectativa positiva, nos quais o falante mobiliza diretamente o interlocutor. Já *supondo que*, por sua vez, tenderia a concentrar-se em papéis mais voltados a cenários hipotéticos e a especulações, que seriam mais lógicas. Dessa forma, a análise contrastiva desses papéis permite evidenciar que, embora compartilhem o mesmo fator, as construções perspectivizam de maneira distinta as situações discursivas em que são empregadas.

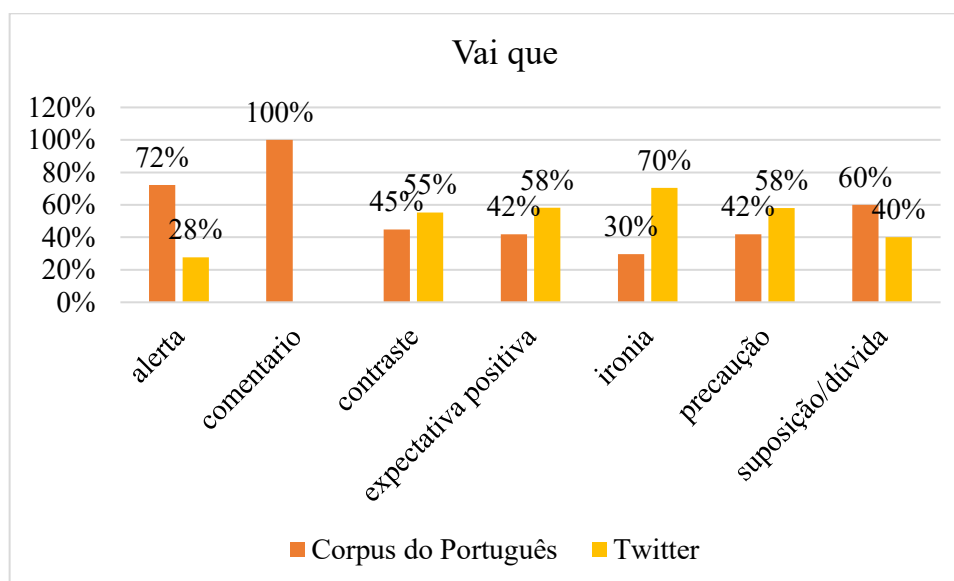
Abaixo, exibimos o gráfico (Gráfico 12) com os resultados gerais do papel discursivo para a construção *vai que*:

Gráfico 12 – Papéis discursivo-pragmáticos de [*vai que X*]

X-squared = 308.1, df = 6, p-value < 2.2e-16.

Alguns papéis discursivos apresentam proximidade semântica — como *alerta* e *precaução* — ou podem se desdobrar em mais de uma função. Nesses casos, optamos por classificar o dado segundo o papel que se mostrou mais recorrente ou predominante no contexto. Importa destacar que o sentido de justificativa perpassa os diferentes papéis aqui apresentados, ainda que não esteja delimitado como uma categoria independente, funcionando como uma dimensão que se distribui entre eles. Importante pontuar que a construção pode, também, exercer mais de um tipo de papel discursivo-pragmático, contudo, classificamos os papéis conforme maior saliência.

Dito isso, o gráfico evidencia que o valor discursivo de maior destaque para a construção *vai que* é o de contraste, responsável por 43% das ocorrências. Esse resultado indica que a expressão é fortemente empregada para introduzir enunciados que contrapõem expectativas, hipóteses ou situações anteriores. Em seguida, aparecem os papéis de dúvida/suposição (16%) e precaução (15%), que juntos também representam uma parcela significativa do uso. Já valores como expectativa positiva (11%), ironia (7%), comentário (4%) e alerta (4%) ocorrem de forma menos expressiva, mas contribuem para revelar a diversidade de funções discursivas da expressão. Tais usos podem fazer parte de contextos justificativos, como “É muito importante e é super interessante saber os sinais, **vai que** uma pessoa sofre e nem sabe?”, em que *vai que* é utilizado para justificar a argumentação do locutor-escritor sobre ser importante saber os sinais de determinada doença.

Gráfico 13 – Papéis discursivo-pragmáticos conforme *corpora*

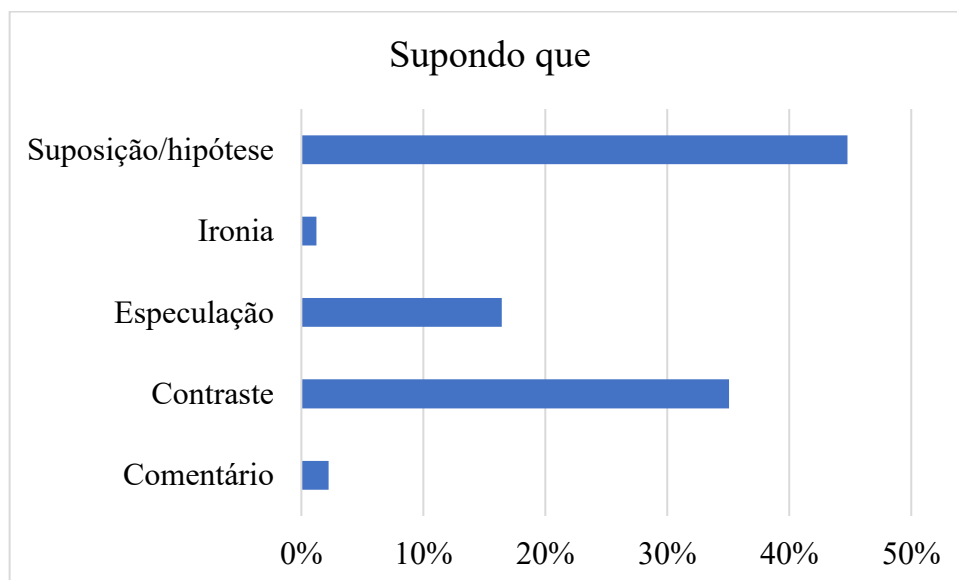
X-squared = 30.043, df = 6, p-value = 3.857e-05

O gráfico compara a distribuição dos papéis discursivos da expressão *vai que* em dois registros distintos: o *Corpus do Português* (em laranja) e o *Twitter* (em amarelo). Nota-se que alguns papéis se concentram fortemente em apenas um dos registros, enquanto outros se distribuem de forma mais equilibrada.

O papel de comentário aparece exclusivamente no *Corpus do Português* (100%), sugerindo que, nesse repertório, a construção tende a ser empregada em usos mais metalinguísticos ou avaliativos, pouco recorrentes em contextos de redes sociais. Já os valores de ironia (70% no Twitter contra 30% no Corpus) e precaução (58% no Twitter contra 42% no Corpus) têm predominância nas interações digitais, possivelmente em razão do caráter mais imediato, intersubjetivo e performativo das postagens.

Por outro lado, alerta se concentra mais no *Corpus* (72%) do que no Twitter (28%), o que pode indicar uma preferência do uso em contextos narrativos ou argumentativos mais formais. Os papéis de contraste (55% no Twitter, 45% no Corpus), expectativa positiva (58% no Twitter, 42% no Corpus) e suposição/dúvida (60% no Corpus, 40% no Twitter) apresentam distribuições mais próximas, embora ainda revelem diferenças entre os contextos. Todavia, isso demonstra que o registro apresenta-se como uma ferramenta importante para o entendimento e a descrição da construção.

Os resultados totais para a construção *supondo que* (Gráfico 14) foram:

Gráfico 14 – Papéis pragmático-discursivos de [*supondo que X*]

X-squared = 306.52, df = 4, p-value < 2.2e-16

O gráfico acima apresenta a distribuição dos papéis pragmático-discursivos desempenhados pela construção [*supondo que X*]. Observa-se que a função predominante é a de *suposição/hipótese*, que corresponde a quase metade das ocorrências, confirmando a centralidade desse valor semântico na construção. Em segundo lugar, destaca-se o papel de contraste, com cerca de 40% dos dados, revelando que *supondo que* se insere em contextos de contraposição, reforçados por outros conectivos como: *mas*, *porém* etc, assim como para *vai que*. Já a *especulação* aparece em aproximadamente 20% dos casos, funcionando como um espaço intermediário entre a formulação hipotética e a projeção de cenários mais abstratos, que podem estar ligados (ou não) a contextos mais matemáticos. Por fim, os papéis de *comentário* e *ironia* apresentam menor frequência (totalizando 3% dos dados), o que sugere usos periféricos e não convencionais da construção. Esses resultados apontam, portanto, para um comportamento semântico-pragmático mais neutro e lógico de *supondo que*, que se mantém menos associado a intersubjetividade em comparação com *vai que*, cuja função discursiva tende a ser mais interativa. Ressaltamos, ainda, que o cruzamento com o tipo de *corpora* não foi relevante quantitativamente para *supondo que*.

5.2.8 Postura Epistêmica⁵⁹

Quanto ao fator de Postura epistêmica, investigamos se as construções *vai que* e *supondo que* assumiriam postura: (i) aceita (ii) incerta ou (iv) não-aceita. Cabe lembrar que a postura fática (correspondente à postura positiva de Fillmore) não foi controlada, pois partimos do pressuposto de que, por se tratarem de construções hipotéticas, haverá sempre uma suposição ou eventualidade inerente ao conteúdo, o que não cabe a esse fator, já que ele corresponde à factualidade/veracidade da proposição.

Abaixo, apresentamos ocorrências com cada tipo de oração.

[Aceita]

(91) Vou na esteticista antes da dermato.

Vai que resolve com isso que eu comprei. (Twitter, 2023).

(92)@FBenídio Vinagre e **supondo que** porro cheira a alho, os temperos, lá para o Sul, estão pela hora da morte. <https://t.co/rCVDOBTh5g> (Twitter, 2023).

[Incerta]

(93)Acho que eu vou comprar uma capa de chuva. **Vai que** eu vá pro Lollapalooza ano que vêm. (Twitter, 2023).

(94)@jairbolsonaro Burro e mentiroso!

Explico: pessoa privada da liberdade, com direito a votar, É PRESO PROVISÓRIO, portanto, sem culpa formada ou condenação definitiva.

Supondo que o dado seja verdadeiro, destes votantes, quantos foram condenados?

Não sabe né, Pinóquio?! (Twitter, 2023).

[Não-aceita]

⁵⁹ A análise desse fator, assim como de outros, foi conduzida separadamente, pois, quando consideradas em conjunto, as construções tendem a se anular, o que dá a impressão de ausência de um padrão geral. No entanto, em cada construção isolada é possível identificar regularidades próprias, o que evidencia que se tratam de construções distintas, nem sempre passíveis de comparação direta.

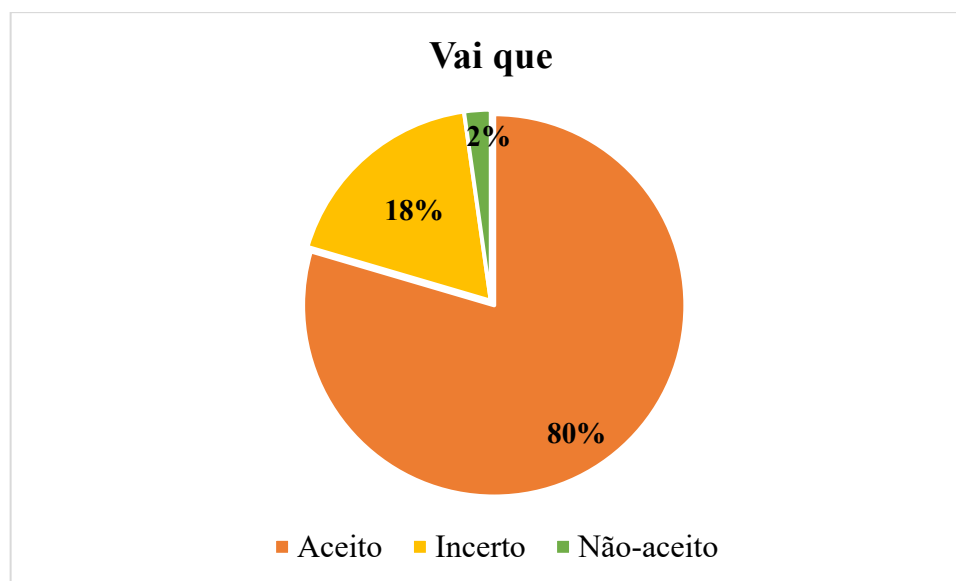
(95) Caramba! Vendi meu macbook pro 2013 de 15.. mas a bateria tava zerada.. putz deveria ter ficado com ele... **vai que** a bateria fosse para o saco e ganhasse um novo eheheh (Twitter, 2023).

(96) **Supondo que** eu fosse substituir meu vício em tabaco por maconha levando em conta que não fumo prensado VC ACHA MESMO QUE EU NAO IA GASTAR MAIS??? (Twitter, 2023).

A hipótese para o fator de postura epistêmica é que ambas as construções, *supondo que* e *vai que*, apresentariam prevalência de posturas aceitas. Entretanto, esperava-se que *supondo que* registre maior recorrência de incerteza neutra em comparação a *vai que*, em parte devido à frequência do modo subjuntivo nessa construção, que reforça o caráter hipotético ou condicional do enunciado – ou seja de postura incerta.

Abaixo, no Gráfico 15, apresentamos os resultados para ambas as construções:

Gráfico 15 – Postura epistêmica de [*vai que X*]



X-squared = 664.39, df = 3, p-value < 2.2e-16.

A análise da postura epistêmica⁶⁰ relacionada à construção *vai que* revela que, na maior parte dos casos, ela ocorre em contextos em que o conteúdo é aceito (80%). Isso significa que, mesmo marcada por hipóteses ou suposições, a expressão tende a introduzir enunciados

⁶⁰ Vale ressaltar que realizamos o cruzamento dos fatores “postura epistêmica e avaliação do falante sobre o evento anterior”, porém, este não se demonstrou estatisticamente relevante. Em todos os níveis de avaliação (negativa, neutra e positiva), a postura epistêmica predominante é “aceito”, seguida de “incerto”. Esse resultado sugere que, independentemente da avaliação, o falante tende a aceitar (postura aceita) o conteúdo introduzido por *vai que*.

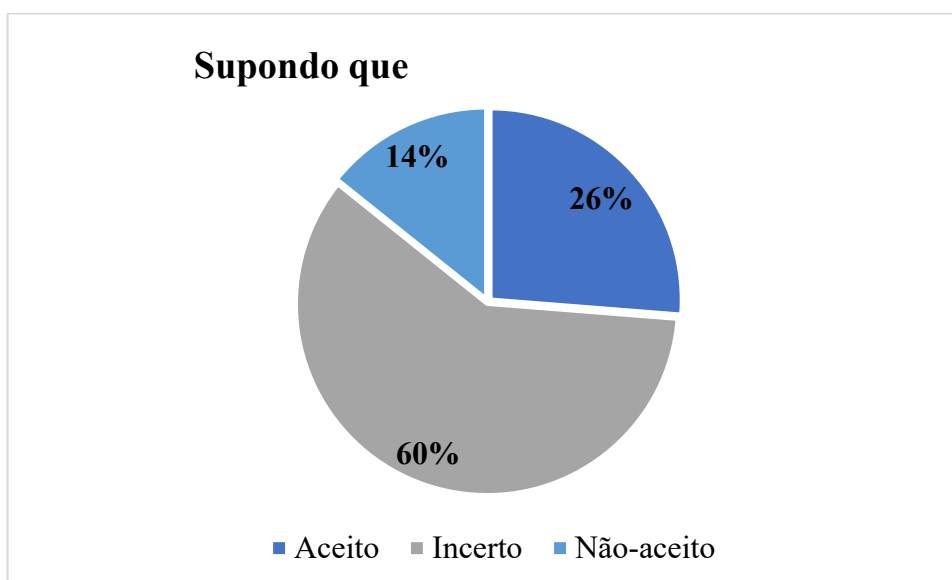
considerados plausíveis ou com validade reconhecida pelo locutor-escritor. O que, aparentemente, poderia soar contraditório, já que a construção ativa fortemente valores de imprevisibilidade e de contextos inesperados. No entanto, esse funcionamento evidencia que a imprevisibilidade não invalida o enunciado: ao contrário, ela é justamente o recurso discursivo que legitima a possibilidade, ainda que improvável. Assim, *vai que* opera no espaço da aceitabilidade do improvável, equilibrando a tensão entre a incerteza e a plausibilidade.

Em segundo lugar, aparece a postura incerta (18%), que aponta para usos nos quais o falante não assume integralmente a aceitabilidade do enunciado, projetando assim uma possibilidade mais incerta. Por fim, a categoria de postura não-aceita é bastante residual (2%), indicando que raramente *vai que* é utilizado para veicular proposições rejeitadas ou explicitamente descartadas.

Esses dados sugerem que *vai que* funciona como um marcador epistêmico de abertura à possibilidade, predominantemente ancorado no campo do aceitável e plausível, mas que também admite espaços de maior neutralidade e incerteza. O baixo índice da postura não-aceita reforça que a expressão dificilmente é empregada para negar ou refutar conteúdos, mas sim para explorar o potencial de diferentes cenários discursivos.

Quanto à construção *supondo que*, temos os seguintes resultados:

Gráfico 16 – Postura epistêmica de [*supondo que X*]



X-squared = 133.13, df = 2, p-value < 2.2e-16.

A construção *supondo que* apresenta uma distribuição distinta em relação à postura epistêmica. O maior percentual está na categoria aceita (60%), o que indica que, apesar de introduzir um cenário hipotético, ela frequentemente é usada para projetar condições

consideradas plausíveis dentro do espaço mental aberto pelo locutor-escritor. Em seguida, aparece a categoria de postura incerta (26%), que reforça o caráter condicional e mais neutro da construção, permitindo ao locutor explorar possibilidades cuja validade não é necessariamente considerada plausível. Já o valor de postura não-aceita (14%) é mais expressivo do que no caso de *vai que*, sugerindo que *supondo que* também serve para levantar hipóteses em contextos argumentativos explicitamente rejeitadas.

A comparação entre as duas construções confirma que ambas se inscrevem no mesmo domínio, isto é, da condicionalidade, mas mobilizam em determinados casos papéis pragmático-discursivos distintos, o que é esperado visto que são construções diferentes. A expressão *vai que* concentra-se majoritariamente na categoria *aceita* (80%), funcionando como um recurso que legitima o improvável ao enquadrá-lo no campo do plausível. Trata-se, portanto, de uma estratégia epistêmica situada em contextos imprevisíveis ou inesperados, mas que projeta um espaço mental hipotético de caráter disruptivo, no qual a possibilidade é concebida como aceitável e carregada de expectativa positiva sobre a plausibilidade do evento de fato acontecer.

Já *supondo que* apresenta uma distribuição mais equilibrada entre as categorias *incerta* (60%) e *aceita* (26%), além de admitir uma presença mais expressiva da categoria *não-aceita* (14%). Esse comportamento decorre de seu alinhamento mais estreito com estruturas condicionais prototípicas, frequentemente associadas ao modo subjuntivo (por exemplo, *supondo que ele chegue atrasado...*). Nesses contextos, a construção introduz um cenário hipotético que serve como base para projeções argumentativas ou inferenciais, sem a exigência de que tal cenário seja previamente legitimado como plausível. Esse vínculo mais direto com a condicionalidade formalizada explica a maior diversidade de posturas epistêmicas observada em *supondo que*, uma vez que a construção ativa explicitamente o espaço da suposição, abrindo margem para graus variados de comprometimento com o conteúdo hipotético — inclusive para hipóteses avaliadas como não-aceitas, isto é, negadas.

Assim, enquanto *vai que* atua de modo mais coloquial e pragmático, funcionando como um gatilho para inserir o improvável no horizonte do possível, *supondo que* ancora-se em um esquema condicional mais convencional, compatível com o uso do subjuntivo e com contextos argumentativos mais controlados. O contraste entre as duas construções revela, portanto, que *vai que* tende a reforçar a plausibilidade do improvável, ao passo que *supondo que* permite uma variação mais ampla de comprometimento epistêmico, incluindo hipóteses não legitimadas pelo falante.

5.2.9 Avaliação do falante sobre o evento anterior

O nono fator analisado foi a Avaliação do falante sobre o evento anterior às construções *vai que* e *supondo que*. Esse fator foi considerado por permitir investigar como o locutor-escritor posiciona-se em relação aos acontecimentos referidos. A avaliação foi caracterizada em três níveis: (i) avaliação negativa, (ii) avaliação neutra e (iii) avaliação positiva.

Abaixo, exibimos ocorrências para cada categoria.

[avaliação negativa]

(97) Antes de gastarem essa fortuna em o Produto, creio que seria uma boa opção para termos adquirido conhecimento em cascos resistente para Subnuc. Porque a planta propulsora já dominamos. Porém já investiram essa grana, não vale nem imaginar essa possibilidade rsrs. Realmente dá medo de pensar nisso, **vai que** alguém da MB ou MD lê e resolve desistir de o SNBR por uma solução de " oportunidade " rsrs. (Corpus do português, 2023).

(98) @juuh42dias Acho que não faz muito sentido comprar a vista. **Supondo que** o imóvel custe 500 mil. Se tu aplica esse dinheiro na renda fixa, recebe 5 mil por mês. Dá pra alugar um AP muito bom, sobra dinheiro e teus 500 mil continua disponível. (Twitter, 2023).

[avaliação neutra]

(99)tenho que começar a marcar o Master chef nas coisas, **vai que** eu ganho cupcake tbm. (Twitter, 2023).

(100) Para calcular basta usar a seguinte constante: Como exemplo prático podemos tentar estabelecer o ponto de congelamento de o Parque Nacional do Itatiaia em o Brasil. **Supondo que** estamos dormindo em o Abrigo Rebouças (isso se você tiver sorte de conseguir uma cama por lá... enfim...) e a temperatura ali é de 2.6°C. (Corpus do português, 2023).

[avaliação positiva]

(101) Essas perguntas me divertem, queria ter mais tempo pra me dedicar a isso
kkkkkkkkkkkkk **vai que** dá certo né. (Twitter, 2023).

(102) É um contrato alto, mas ser decrescente é muito bom.

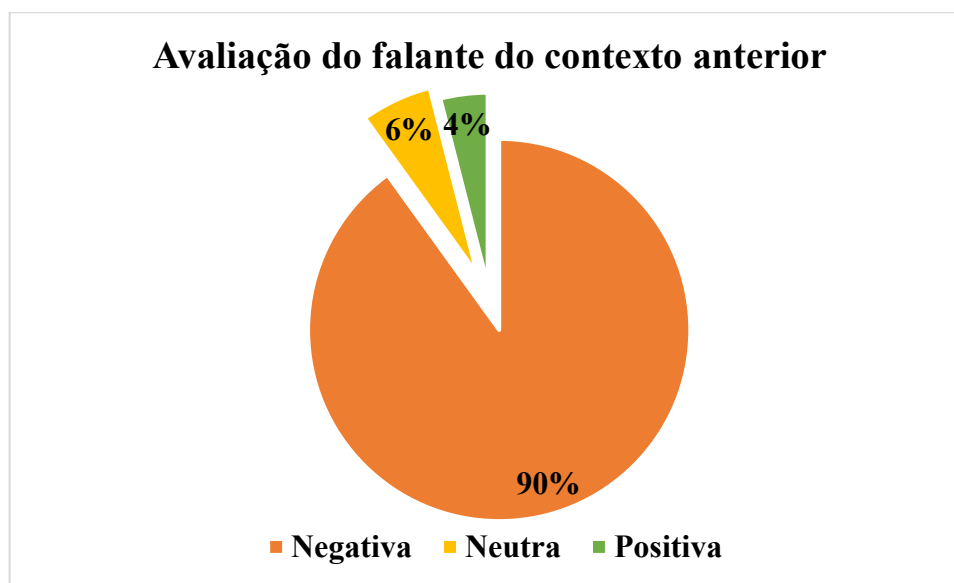
A % de ocupação no Cap vai diminuindo enquanto o Cap vai aumentando.

Como disse @TommyBeer: "**Supondo que** o teto salarial da liga suba acima de US\$ 130 milhões até 2024, Brunson responderá por menos de 19% do limite."
<https://t.co/ftKNGmgHhl> (Twitter, 2023).

Nossa hipótese inicial era de que *vai que* estaria mais fortemente ligado a contextos de avaliação negativos e *supondo que* neutros, por conta da semântica das construções: enquanto *vai que* projeta uma possibilidade marcada pela incerteza e pela expectativa do falante associada a cenários de risco ou ameaça, *supondo que* introduz um cenário hipotético mais neutro, voltado à construção lógica da argumentação.

Como resultados, obtivemos:

Gráfico 17 – Avaliação do falante sobre o contexto anterior de [*vai que X*]⁶¹



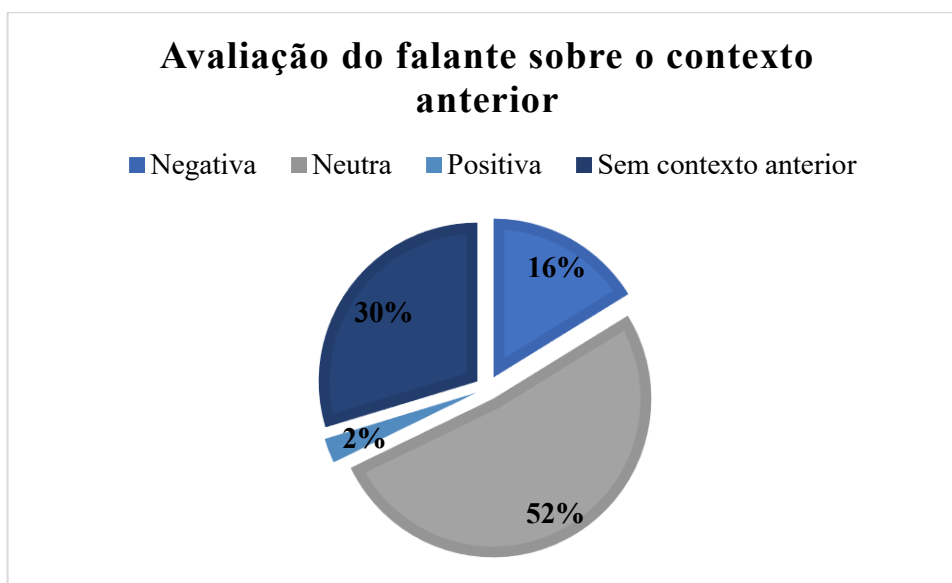
X-squared = 582.15, df = 2, p-value < 2.2e-16

⁶¹ Cruzamos esse fator com a marcação de negação na C2, mas não obtivemos relevância estatística. Isso indica que a avaliação negativa é predominante de modo geral, porém não se explica pela presença da negação em C2. O resultado é interessante porque, quando considerada isoladamente, a negação se mostra um fator relevante, embora não seja ela a responsável direta pela dominância das avaliações negativas.

A hipótese relativa à *vai que* foi confirmada, uma vez que, em 90% dos casos analisados, a construção ocorreu em contextos nos quais o locutor-escritor expressa avaliação negativa sobre a oração ou evento precedente. No padrão A, [*vai que X*], o evento A tende a ser interpretado como indesejado, arriscado ou ameaçador, funcionando como base para a projeção hipotética introduzida por *vai que*. De modo mais específico, esses cenários são marcados pelo inesperado e pelo imprevisível, nos quais o falante rompe com a expectativa ou previsibilidade da situação, atribuindo-lhe valor de risco, ameaça ou desconfiança. Essa correlação explica a emergência de diferentes papéis discursivos: de alerta, quando se chama atenção para uma possibilidade indesejada; de precaução, quando se sinaliza a necessidade de evitar consequências negativas; de ironia, quando se explora o contraste entre o esperado e o improvável; e de suposição, quando se projeta uma possibilidade de forma menos comprometida. Assim, a predominância da avaliação negativa sobre o evento A evidencia que o caráter semântico-pragmático de *vai que* é central para o modo como os falantes negociam expectativas, crenças e estratégias argumentativas na interação entre locutor e interlocutor.

Abaixo, Gráfico 18, os resultados para *supondo que*:

Gráfico 18 – Avaliação do falante sobre o contexto anterior de [*supondo que X*]



X-squared = 358.64, df = 4, p-value < 2.2e-16

No caso de *supondo que*, observa-se que a maioria das ocorrências está associada a uma avaliação neutra do contexto anterior (52%), seguida pelas ocorrências em que não há referência a um contexto prévio (30%). As avaliações negativas aparecem em menor proporção (16%) e

as positivas praticamente não se manifestam (2%). Esses dados sugerem que *supondo que* opera predominantemente como um recurso de caráter hipotético e especulativo, que projeta cenários sem envolver, de modo direto, um julgamento de valor por parte do locutor-escritor. Essa neutralidade permite que a construção seja empregada em registros mais formais ou monitorados, funcionando como uma estratégia de levantamento de hipóteses ou de organização argumentativa sem carga avaliativa explícita.

Esse comportamento contrasta de maneira significativa com o observado em *vai que*. Diferentemente de *supondo que*, que privilegia o neutro com função hipotética especulativa de raciocínio lógico, em *vai que* há predominância de avaliações negativas, ligadas à projeção de riscos, ameaças ou situações indesejáveis. Trata-se, portanto, de uma construção marcada por forte carga avaliativa e intersubjetiva (*vai que*), em comparação a outra que, embora também opere no domínio epistêmico, apresenta-se de modo mais subjetivo e neutro, sem avaliações explícitas sobre o conteúdo veiculado (*supondo que*).

As análises qualitativas e quantitativas, fundamentadas em múltiplos fatores de ordem formal e semântico-discursivo-pragmática, permitiram-nos apresentar de forma aprofundada o modo como as construções *vai que* e *supondo que* são empregadas no português brasileiro escrito contemporâneo. Os dados evidenciam que, embora compartilhem vínculos formais e funcionais que as aproximam no *constructicon* dos (inter)locutores envolvidos na interação, essas construções apresentam tendências de uso distintas, moduladas pelos contextos discursivos em que se realizam. Tais resultados corroboram os pressupostos da GCBU, segundo os quais cada construção deve ser considerada em sua especificidade, sendo justamente esse o esforço empreendido nesta tese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese buscou contribuir para o entendimento das construções *vai que* e *supondo que* no português brasileiro contemporâneo, explorando suas propriedades formais e funcionais à luz da Linguística Cognitiva e da Gramática de Construções Baseada no Uso. Desse modo, sugerimos que uma análise restrita ao domínio condicional ou à modalidade epistêmica não abarca toda a complexidade dessas construções. Defendemos, portanto, uma abordagem mais abrangente, que contemple suas nuances semântico-pragmáticas e sua multifuncionalidade discursiva.

Inicialmente, consideramos ambas as construções vinculadas ao domínio condicional, reconhecendo, porém, particularidades específicas de *vai que* e *supondo que*. *Vai que*, em especial, tem se tornado objeto de novas discussões, tanto em abordagens cognitivo-funcionais quanto formais. Autores como Ferreira e Rech (2024) argumentam que a construção não se relaciona ao domínio condicional, ao contrário do que ocorre com *supondo que*. Ainda assim, acreditamos ter apresentado dados consistentes em que a relação entre [*vai que* X] e a condicionalidade se mostra evidente. Nos casos em que não é possível recuperar um vínculo sintático-semântico claro, interpretamos o fenômeno como resultado de maior proximidade e proeminência com a modalidade epistêmica. Isso, entretanto, não invalida a constatação de que os usos da construção localizam-se também no âmbito condicional.

No que se refere a *supondo que*, observamos um comportamento mais estável, fortemente associado ao domínio condicional. Essa construção mantém, de modo geral, um vínculo explícito entre a oração encaixada (*p*) e a principal (*q*), funcionando como marcador de hipótese. Diferentemente de *vai que*, sua interpretação linkada à modalidade epistêmica é menos recorrente, sendo observada maior saliência para o uso condicional. Assim, *supondo que* mostra-se uma construção mais prototípica do domínio condicional, desempenhando funções argumentativas que pressupõem a constituição de cenários hipotéticos e a avaliação lógica de suas consequências.

De forma geral, julgamos que todos os objetivos da tese, apresentados na Introdução, foram alcançados, e que todas as questões de pesquisa foram respondidas, por meio das análises qualitativas e quantitativas. Neste sentido, os resultados permitem afirmar que as construções *vai que* e *supondo que*, embora partam do mesmo domínio semântico da condicionalidade, apresentam especializações distintas, tanto do ponto de vista formal quanto funcional. Enquanto *supondo que* tende a ser empregado em contextos argumentativos, hipotéticos ou de maior neutralidade avaliativa, *vai que* aparece com maior frequência em situações de caráter

interacional, marcado por intersubjetividade, incerteza ou até mesmo pela expressão de precaução ou cautela e de avaliação. Dessa forma, cada construção cumpre finalidades comunicativas específicas dentro do PB.

No que diz respeito à integração sintática, verificou-se que *supondo que* mantém vínculo estreito com a hipotaxe; já *vai que* distribui-se entre hipotaxe, insubordinação e parataxe, revelando maior flexibilidade estrutural. A análise nos permitiu chegar à conclusão de que a maior independência sintática observada se deve a diferenças pragmáticas relevantes, sugerindo que essas construções podem estar em diferentes estágios de insubordinação e gramaticalização. Quanto à posição frasal, identificou-se que *vai que* ocorre predominantemente no interior da frase, ao passo que *supondo que* tende a ocupar a posição inicial. Esse comportamento se relaciona diretamente ao fator de integração, uma vez que *supondo que* funciona, normalmente, como uma oração adverbial clássica, apresentando, de forma prototípica, prótase e apódose.

A análise do tipo de frase mostrou que as construções tem contextos preferidos: *supondo que* tende a estar em contextos declarativos não marcados; já *vai que*, embora também frequente em declarações, tem um comportamento mais expressivo e avaliativo. Ambas as construções também aparecem em contextos interrogativos, para *vai que* pode estar mais relacionado a uma questão de insubordinação e de prosódia, e para *supondo que* sobretudo em enunciados envolvendo cálculos ou raciocínios condicionais, como em “supondo que X vale Y, quanto daria o valor...?”.

A marcação de negação revelou que, apesar de ambas as construções não apresentam tantos marcadores, *vai que* ocorre predominantemente em contextos negativos, como evidenciado na avaliação do falante sobre o evento referido. Esse resultado é significativo porque mostra que o contexto em que *vai que* é introduzido tende a carregar uma avaliação negativa do falante, frequentemente associada à descrença. Ainda assim, o uso de *vai que* projeta a ideia de uma hipótese imprevisível, mas considerada possível. Com referência à *supondo que* houve predominância de ausência de marcação de negação, visto que já era esperado que *supondo que*, diferente de *vai que*, não teria relação com a semântica de negação.

Do ponto de vista do modo verbal, *supondo que* preserva a afinidade com o subjuntivo, que lhe confere modalização epistêmica hipotética, muito provavelmente porque ainda guarda muitos traços de sua origem como [supondo] + oração completiva. Essa construção ainda não concluiu o processo total de construcionalização, havendo ainda forte composicionalidade e analisabilidade (Traugott e Trousdale, 2013). Por outro lado, *vai que* se apresenta quase categoricamente (94%) em orações no indicativo, também devido a sua origem (oração

explicativa com verbos no indicativo) e pelo fato de expressar, muitas vezes, uma projeção de eventos com postura epistêmica de fato aceito, passível de concretização, apesar de, muitas vezes, ser considerada improvável de acontecer.

Na perspectiva do estatuto da informação, a análise demonstrou que *vai que* tende a apresentar informação nova, enquanto *supondo que* majoritariamente informação dada. Em *supondo que* houve predominância de informação dada, se aproximando mais da estrutura de condicionais prototípicos que, normalmente, realizam uma hipótese a partir de uma informação pressuposta. Esses resultados são interessantes pois mostram uma diferença significativa entre *vai que* e *supondo que*.

O papel discursivo-pragmático das construções *vai que* e *supondo que* também revelaram distinções de sentido importantes para as construções. *Supondo que* possui valor mais forte de suposição/hipótese, seguido de papéis contrastivo e mais especulativo. Já *vai que* é utilizado mais predominantemente em contextos de contrastes, dúvida/suposição e precaução, que podem estar ligados à contextos de justificação, o que reforça seu caráter avaliativo e intersubjetivo. O cruzamento entre plano discursivo e corpora para esta última construção nos permitiu verificar que o papel de comentário aparece exclusivamente no *Corpus do Português*, sugerindo que a expressão tende a ser empregada em usos mais metalinguísticos ou avaliativos, pouco recorrentes em contextos da web (corpus do português). Já os valores de ironia e precaução têm predominância nas interações digitais, muito provavelmente devido ao caráter mais imediato, subjetivo e performativo das postagens.

No que diz respeito à postura epistêmica, a investigação revelou que ambas as construções tendem a expressar a postura aceita, em grande parte devido à predominância do modo indicativo, já que esses fatores estão diretamente relacionados. Em termos comparativos, *supondo que* apresentou maior incidência da postura incerta, o que evidencia seu caráter hipotético e neutro; já *vai que* destacou-se pela expressão de uma possibilidade factual hipotética.

Por fim, os resultados sobre a avaliação do falante sobre o evento anterior, já comentados anteriormente, mostram uma diferença significativa entre *vai que* e *supondo que*, correspondente a neutralidade de *supondo que* e a negatividade que dá suporte ao uso de *vai que*.

A partir dos resultados obtidos e pensando num resumo comparativo entre ambas as construções, elaboramos o Quadro 6, abaixo:

Quadro 6 – [*vai que X*] e [*supondo que X*]

Nível	<i>Vai que</i>	<i>Supondo que</i>
Sintático	Pode ocorrer em orações hipotáticas, paratáticas ou insubordinadas. Admite usos isolados, em estruturas insubordinadas (<i>Vai que cola!</i>). -	Ocorre preferencialmente em orações hipotáticas, introduzindo oração subordinada condicional. Menor ocorrência de usos insubordinados.
Semântico-pragmático	Associa-se à modalidade epistêmica quase-asseverativa: projeção de hipóteses baseadas em crença ou expectativa, que tem ligação com o inesperado e/ou imprevisível. Valor condicional menos prototípico, aproximando-se de marcadores epistêmicos.	Mais próximo do domínio da condicionalidade prototípica, indicando pressuposição de hipótese. Valores epistêmicos são secundários, derivados da noção de suposição.
Pragmático-Discursivo	Funciona como estratégia argumentativa: flexibiliza o grau de comprometimento do falante. Atua na preservação de face, atenuando responsabilidades sobre a proposição. Apresenta papéis de alerta, precaução, justificação, contraste, ironia e suposição.	Atua como conector, introduzindo cenário hipotético a ser explorado na interação. Menor carga de preservação de face, mais ligada à estrutura lógica da argumentação.

Fonte: autora

Pensando num *continuum* teríamos, portanto:

Or. + hipotática	+	insubordinada
+ condicional		+ epistêmica
- intersubjetividade		+ intersubjetividade

em que *vai que* estaria situado mais fortemente à direita do *continuum*, enquanto *supondo que* mais à esquerda. Assim, com base no conceito de prototipicidade, ao tomarmos o domínio condicional como prototípico, podemos dizer que *vai que* se posiciona na periferia – sendo considerado membro periférico –, enquanto *supondo que* se aproxima mais do centro dessa categoria radial – sendo o membro central a conjunção *se*.

A análise comparativa confirmou a principal hipótese inicial de que as duas construções, embora inscritas no domínio da condicionalidade, apresentam tendências de usos diferentes: *supondo que* ancora-se em usos mais formais, estruturados e neutros, reforçando seu vínculo com a condicionalidade prototípica; *vai que*, por sua vez, caracteriza-se pela flexibilidade sintática e pragmática, pelo traço avaliativo negativo e pela expressividade, configurando-se como recurso interativo importante. Dessa forma, é possível que ambas as construções, embora

apresentem traços distintos, compartilhem uma mesma base — a condicionalidade (em primeiro plano) e a modalidade epistêmica, dispostas em um continuum, em que ora há afastamento de um domínio, ora de outro. Isso porque mantêm relação em determinado nível, criando um espaço mental hipotético alternativo. Ainda assim, servem a objetivos comunicativos distintos, em que condicionalidade e modalidade configuram-se como fenômenos de saliência e sobreposição, vinculados à perspectivização do próprio falante.

Assim, o estudo não apenas confirma a relevância da abordagem construcional para a descrição da gramática do português, mas também contribui para compreender como construções próximas semanticamente se especializam e se diferenciam em função de fatores sintáticos, discursivos e pragmáticos.

Espera-se que os resultados desta investigação não apenas ampliem o conhecimento teórico sobre o fenômeno, mas também ofereçam subsídios práticos para áreas como o ensino de língua portuguesa, tradução, processamento de linguagem natural e políticas linguísticas. Assim, espera-se que este estudo inspire futuras pesquisas sobre construções multifuncionais e seus papéis na dinâmica da linguagem humana.

Referências

- ALMEIDA, M. L. L. Processo de Mesclagem em Anguladores no Português do Brasil. Veredas, Juiz de Fora, v. 3, n.1, p. 129-142, 2009.
- ANDRADE, M. A. da S. **A Gramaticalização do verbo Ir**. In: Ana Santana Souza; Neide Medeiros Maciel; Tereza Cristina Bernardo da Câmara. (Org.). Cadernos de Formação Docente. -ed. João Pessoa: Ideia, 2009, v. U, p. 01-183.
- ANDRADE, M. A. da S. Aspectos semântico-discursivos das construções vai que e vai lá. In: SILVA, J. R.; GOMES, D. M. (org.). **Análise linguística em perspectiva funcional**. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2019. p. 134-162.
- ANDRADE, M. A. da S. **Construções Gramaticais com Ir no Português Brasileiro Contemporâneo**. Natal: Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, 2017, p.1-118.
- ANDRADE, M. A. da S. O uso das construções vai ver e vai que no discurso. In: Jornada Nacional Do Grupo De Estudos Linguísticos Do Nordeste, 14., 2012, Natal. **Anais [...]**. Natal: GELNE/UFRN, 2012.
- ANDRADE, M. A. da S. Gramaticalização: (inter)subjativização e modalização nas estruturas vai ver e vai que. In: Congresso Internacional Asociación De Lingüística Y Filología De América Latina, 17., 2014, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: ALFAL, 2014.
- ANSCOMBRE, J.C. DUCROT, O. Argumentativity and Informativity. In: Meyer, M. (eds) **From Metaphysics to Rhetoric**. Synthese Library, v. 202. Springer: Dordrecht. 1989. https://doi.org/10.1007/978-94-009-2593-9_6.
- APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A.(org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84.
- ATHANASIADOU, A. DIRVEN, R. **On conditionals again**. Philadelphia: Amsterdam, 1997.
- AUSTIN, J. L. Performative Utterances. In: Philosophical. **Papers**. London: Oxford University Press, 1970.
- BARBOSA, L. de A. **O uso de verbos cognitivos em construções parentéticas epistêmicas: uma abordagem do ponto de vista da gramaticalização**. Dissertação (Mestrado: Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS 2019.
- BARCZEWSKA, S. Conceptualizing Evolution Education. A Corpus-Based Analysis of US Press Discourse. **Newcastle upon Tyne**: Cambridge Scholars Publishing, 2017.
- BARLOW, M.; KEMMER, S. **Usage Based Models of Language**. Stanford: CSLI Publications, 2000.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BÉJAR, V. P. Las construcciones suspendidas en la estructura del discurso oral. *Anuari de Filologia. Estudis De Lingüística* (Anu.Filol.Est.Lingüíst.), p. 189-218. 2022. ISSN: 2014-1408. DOI: 10.1344/AFEL2022.12.9.

BOAS, H. C. Construction grammar and frame semantics. In: **The Routledge handbook of cognitive linguistics**. Routledge, 2021. p. 43-77.

BRINTON, L. J. **Comment Clause in English**. Cambridge: Cambridge University Press. 2008. ISBN-13: 9780521886734.

BRINTON, L. J. **Pragmatic markers in English**: Grammaticalization and discourse functions. Berlin e New York: Mouton de Gruyter. 1996.

BUENO, A. F. **O conector Supondo Que no Português**. Três Lagoas: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2015 (113 p.). Dissertação de mestrado. (Orientação: OLIVEIRA, T. P.).

BYBEE, J. From usage to grammar: The mind's response to repetition. **Language**, 82, p. 711-733. 2008.

BYBEE, J. L. **Usage-based theory and exemplar representations of constructions**. 2013.

BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

BYBEE, J. PERKINS, R; PAGLIUCA, W. **The Evolution of Grammar**: Tense, Aspect and Modality in the Languages of the World. Chicago: University of Chicago Press. 1994.

BYBEE, J. The emergent lexicon. **The Panels**. Chicago: Chicago Linguistic Society. 1998. p. 421-435.

BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. **Modality in Grammar and Discourse**. Amsterdam: Benjamins, 1995.

CARRASCOSSI, C. N. S. **Gramaticalização e (inter)subjativização na modalização em português: um estudo de pode ser**. 170 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2011.

CEZARIO, M. M. C; SILVA, T. S; SANTOS, M. Formação da construção [Xque]CONNECT no português. **Revista do Curso de Letras (UNIABEU)**, Nilópolis, v. 6, n. 3, set./dez. 2015.

CEZARIO, M. M; FURTADO DA CUNHA, M. A. Conhecimento, criatividade e produtividade sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Alfa**, São Paulo, v.67, e15041, 2023.

CHAFE, W. Humor as a disabling mechanism. **American Behavioral Scientist**, v. 30, n. 3, p. 16-25, 1987.

CHAFE, W.; DANIELEWICZ, J. Properties of speaking and written language. In: HOROWITZ, R.; SAMUELS, S. J. (Eds.). **Comprehending oral and written Language**. New York: Academic Press, 1987, p. 83-113.

CORADINI, M. C; HIRATA-VALE, F. B de M. Os estágios de insubordinação em construções condicionais com a conjunção ‘se’ no português: evidências históricas. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 22, n. 2., 2021.

CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press on Demand, 2001.

CUYCKENS, H; SHANK, C. A diachronic perspective on the grammaticalization of zero complement clauses: The case of think, feel, and realize. In: STEF SLEMBROUCK, MIRIAM TAVERNIERS & MIEKE VAN HERREWEGHE (eds.), **From will to well: Studies in Linguistics offered to Anne-Marie Simon-Vandenberghe**, 117-134. Ghent: Academia Press. 2009.

DANCYGIER, B. **Conditionals and predication** (Cambridge Studies in Linguistics). Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

DANCYGIER, B. **Conditionals and Prediction Time, Knowledge and Causation in Conditional Constructions**. Vancouver: Cambridge University Press. Online ISBN: 9780511486463. DOI: <https://doi.org/10.1017>. 1999.

DANCYGIER, B. SWEETSER, E. **Mental Spaces in Grammar**: Conditional Constructions. (Cambridge Studies in Linguistics 108), Cambridge: Cambridge University Press. ISBN: 100521844681(hb). 2005.

DANCYGIER, B. SWEETSER, E. **Viewpoint in Language**: A Multimodal Perspective. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. DOI: 10.1017/CBO9781139084727. ISBN: 9781107569300.

DE MELO, R. V; JÚNIOR, I. C. L. Manutenção de frotas de veículos e seu impacto na sustentabilidade: uma revisão bibliográfica. **Revista Valore**, v. 3, p. 85-102, 2018.

DECAT, M. B. N. A função focalizadora de estruturas “desgarradas” no português falado e escrito: um estudo funcionalista de orações em sua ocorrência como enunciado independente. In: Simpósio mundial de estudos de língua portuguesa, 2, 2009, Évora. **Anais**. Évora, 2009. p.114-134.

DECAT, M. B. N. Estruturas “desgarradas” em foco: a função focalizadora de orações em sua ocorrência sem a oração-matriz, no português falado e escrito. In: **Congresso internacional da ABRALIN**, 6., 2009, Campinas. Anais [...]. Campinas, 2009. p. 2141-2151. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009/PDF/Maria%20Beatriz%20Nascimento%20Decat.pdf . Acesso em: 10 abr. 2023.

DECAT, M. B. N. **Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

DECLERCK, R. The inferential it is that-construction and its congeners. **Journal of Pragmatics**. v. 87, ed. 3, p. 203-230. 1992.

DECLERCK, R.; REED, S. **Conditionals: A comprehensive empirical analysis**. Walter de Gruyter, 2012.

DECLERCK, R; REED, S. **Conditionals: A Comprehensive Empirical Analysis**. Berlin e New York: Mouton de Gruyter. 2001. DOI: 10.1515/9783110851748.

DIESSEL, H. Demonstratives, frames of reference, and semantic universals of space. *Lang. Linguist. Compass* 8, 2014, p.116–132. DOI: 10.1111/lnc3.12066.

DIESSEL, H. **The grammar network: how linguistic structure is shaped by language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

DIESSEL, H. Usage-based linguistics. In: Mark Aronoff (ed.), **Oxford Research Encyclopedia of Linguistics**. Nova York: Oxford University Press, 2017.

DIEWALD, M. Unitary social science for causal understanding: Experiences and prospects of life course research. **Canadian Studies in Population [ARCHIVES]**, p. 219-248, 2001.

DOWNING, J. Twenty-five years with OBS sensors: The good, the bad, and the ugly. **Continental Shelf Research**, v. 26, n. 17-18, p. 2299-2318, 2006.

ELY, L. CEZARIO, M. M. Vai que e a modalidade: uma análise baseada no uso sobre o domínio condicional. **Soletras**, Revista do Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística – PPGLIN, Rio de Janeiro, n.45, 2023b, p.152-168. DOI: <https://doi.org/10.12957/soletras.2023.73443>.

ELY, L.; CEZARIO, M. M. [Vai que] e a condicionalidade: uma análise baseada no uso. **Entrepalavras**, Fortaleza, v.13, n.1, e.2579, 2023a, p.245-264. 2023. DOI: 10.22168/2237-6321-12579.

EVANS, N. Insubordination and its uses. In: NIKOLAEVA, I. (ed.). **Finiteness: theoretical and empirical foundations**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 366-431.

EVANS, V. **A Glossary of Cognitive Linguistics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

EVANS, V; GREEN, M. **Cognitive Linguistics: An Introduction**. Nova York: Routledge, 2006.

FAIRLIE, D.; NUYTS, J. Neutral and charged quommutators with and without symmetries. **Zeitschrift für Physik C Particles and Fields**, v. 56, n. 2, p. 237-243, 1992.

FAUCONNIER, G. TURNER, M. Conceptual integration networks. **Cognitive Science**, 22(2), 133–187, 1998. [https://doi.org/10.1016/S0364-0213\(99\)80038-X](https://doi.org/10.1016/S0364-0213(99)80038-X).

FAUCONNIER, G. TURNER, M. **The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities**. New York, Basic Books, 2002.

FERRARI, L. V. Gramática de Construções. In: FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 129-145.

FERREIRA, F. L. RECH, F. N. The modal construction ‘vai que’ in Brazilian Portuguese. **Revista Linguística**. Rio de Janeiro, v.20, n.3, 2024, p.70-103. Set-Dez./2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2024.v20n3a65263>

FILLMORE, C. J. The case for case. In: BACH, E.; HARMS, R. T. (Eds.), **Universals in Linguistic Theory**, 1-88. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.

FILLMORE, C. J. Epistemic stance and grammatical form in English conditional sentences. In: **Chicago Linguistic Society**. 1990. p. 137-62.

FILLMORE, C. J., KAY, P; O’CONNOR, C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of let alone. **Language** 64, 501–538, 1988.

FINTEL, K. V; HEIM, I. **Intensional Semantics**. Massachusetts: Spring, 2011.

FRAWLEY, W. **Linguistic Semantics**. Nova York: Routledge, 2013 [1992].

FREITAS JUNIOR, R. de; CEZARIO, M. M. da C. Linguística Funcional Centrada no Uso e interfaces. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 6-15, 2020.

FORD. C.E. **Grammar in Interaction**. Cambridge: Cambridge University Press. 2000.

GARDENFÖRS, P. Evolutionary and Developmental Aspects of Intersubjectivity. **Consciousness Transitions**, p. 281-305, 2007.

GEERAERTS, D. **Wat Er In Een Woord Zit Facetten van de lexicale semantiek**. Peeters Leuven. 1989.

GERSTENKORN, A. **"Das "Modal" System im heutigen Deutsch**. Berlin: Munchen, 1976.
GIVÓN, T. Bio-linguistics: the Santa Barbara lectures. **Journal of Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2002.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GLĂVEANU, V. P. Rewriting the Language of Creativity: The Five A’s Framework. **Review of General Psychology**, 17(1), 69-81, 2013.

GOLDBERG, A. **Constructions at work: The nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. Constructions: A new theoretical approach to language. **Trends in Cognitive Sciences** 7 (5): p. 219–224, 2003.

GOLDBERG, A. E. **Explain me this: creativity, competition, and the partial productivity of constructions**. Princeton: Princeton University Press, 2019.

GOMES, G. Three types of conditionals and their verb forms in English and Portuguese. **Cognitive Linguistics**, v. 19, n. 2, p. 219-240, 2008.

GOMES, G.; MONKEN, P. M. Postura epistêmica e parafraseabilidade diferencial em condicionais. **Rev. Est. Ling.** Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 127-140, jul./dez. 2011.

HEINE, B. **Cognitive foundations of grammar**. Oxford University Press, 1997.

HERBST, T; HOFFMANN, T. **A Construction Grammar of the English Language: CASA: a Constructionist Approach to Syntactic Analysis**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2024. ISBN: 9789027246769.

HILPERT, M. **Construction Grammar and Its Application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press. 2014.

HIRATA-VALE, F. B. de M. O conectivo complexo “supondo que”: história e uso. In: Débora de Carvalho Figueiredo; Adair Bonini; Maria Marta Furlanetto; Maria Ester Moritz (org.). **Sociedade, cognição e linguagem**. 1ed. Florianópolis: Editora Insular: 381-402.2012. 2012.

HIRATA-VALE, F. B. de M. **A expressão da condicionalidade no português escrito do Brasil: contínuo semântico-pragmático**. Tese (Doutorado em Letras). Pós-graduação Linguística e Língua Portuguesa – FCLAR, Araraquara: UNESP, 2005.

HIRATA-VALE, F. B. de M. Construções condicionais insubordinadas no português: usos metatextuais. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 83-97, 2017.

HOFFMANN, T. **Construction Grammar: The Structure of English**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

HOFFMANN, T. Constructionist approaches to creativity. **Yearbook of the German Cognitive Linguistics Association**, v. 10, n. 1, p. 259-284, 2022.

HOFFMANN, R. On the Zero Anaphora of Arguments in the Dative Case. **Recent Trends and Findings in Latin Linguistics: Volume I: Syntax, Semantics and Pragmatics. Volume II: Semantics and Lexicography. Discourse and Dialogue**, p. 45, 2024

HOPPER, P. J. TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: University Press, 1993.

JÚNIOR, D. F.; CLEMENTE, C. G. da C. A emergência da microconstrução considerando que na rede dos conectivos condicionais. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 29. e-ISSN 1982-291X. ISSN 2317-3475 Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFES, 2020, p. 49-64.

KEMMER, S.; BARLOW, M. Introduction: A usage-based conception of language. **Usage-based models of language**, p. 7-28, 2000.

LAKOFF, G. **Women, Fire, and Dangerous Things**. Chicago, IL: Chicago University Press, 1987.

LAMBRECHT, K. **Information structure and sentence form**: Topic, focus, and the mental representations of discourse referents. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar**: A Basic Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEINO, J. Information Structure. In: HOFFMAN, T.; TROUSDALE, G. **The Oxford handbook of construction grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

LEPADAD, C. (Inter)subjectivity and information structure: The pragmatics of left and right peripheries in spoken Mandarin. **Journal of Pragmatics**, v. 241, p. 61-80, 2025.

LEYLA, E.; CEZARIO, M.M. **[Vai que] e a expressão de modalidade: um comparativo com outras construções**. Apresentação feita no SILF, Belo Horizonte, 2024.

LOMBARDI VALLAURI, E. From the knowledge of language to the knowledge of the brain. **Reti, saperi, linguaggi** (Italian Journal of Cognitive Sciences). p. 131-162, 2014. ISSN: 2279-7777.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. 'Vai que eu engravidado de novo?': gramaticalização, condicionalidade e subjetividade. **Lusorama**, São Paulo, v. 81-82, 2010.

LOPES, M. G. Emergência do conector "fora que" no português. **Revista Do GEL**, 19(3), 85–109, 2023. <https://doi.org/10.21165/gel.v19i3.3403>

LYONS, J. **Introduction to Theoretical Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press. 1968.

LYONS, J. **Semantics**. v. 2. Cambridge: Cambridge University Press. 1977.

MANCINAS-CHÁVEZ, R. Fundamentos teóricos de Estructura de la Información. **Sociedad Latina de Comunicación Social** – edición no venal – La Laguna (Tenerife), 2016.

NARROG, H. Insubordination in Japanese diachronically. In: **Insubordination**. John Benjamins Publishing Company, 2016. p. 247-282.

NARROG, H. **Modality, Subjectivity, and Semantic Change: A Cross-Linguistic Perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

NARROG, H. On defining modality again. **Language sciences**, v. 27, n. 2, p. 165-192, 2005.

NARROG, H. Polysemy and Indeterminacy in Modal Markers – The Case of Japanese beshi. **Journal of East Asian Linguistics** 11, 123–167. 2002. DOI: 10.1023/A:1014948516744.

NASCIMENTO, E. P. do.; SILVA, J. M. da. O fenômeno da modalização: estratégia semântico-argumentativa e pragmática. In: NASCIMENTO, E. P. do (org.). **Argumentação na Redação Comercial e Oficial: estratégias semântico-discursivas em gêneros formulaicos**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. p. 10-29.

NEVES, M. H. M. As construções concessivas. In: NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do português falado: novos estudos**. v. VII. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999. p. 545.

NEVES, M. M. H. **Gramática de usos do português**. 2ed. São Paulo. Editora: UNESP, 2011.

NUNBERG, G, et al. Idioms. **Language**, v. 70, n. 3, 1994, p. 491-538. Project MUSE, <https://dx.doi.org/10.1353/lan.1994.0007>.

NUYTS, J. **Epistemic modality, language, and conceptualization**. John Benjamins Publishing Company. 2001.

NUYTS, J. Subjectivity as an evidential dimension in epistemic modal expressions. **Journal of pragmatics**, v. 33, n. 3, p. 383-400, 2001.

OLIVEIRA, M. R.; TEIXEIRA, A. C. M. (2015). Construções locativas de base verbal. In: M. A. Furtado da Cunha (Ed.) **A gramática da oração: Diferentes olhares** (pp.167-192). Editora da UFRN.

OLIVEIRA, T. P. A construção [supondo_que]CON. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), 48(1), 370–383. 2019. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v48i1.2372>.

OLIVEIRA, T. P. Conjunções adverbiais no português. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 45-66, jan./jun. 2014.

PALANDER-COLLIN, M. A medieval case of grammaticalization, methinks. In: RISSANEN, M. et al. (Org.) **Grammaticalization at work**. Berlin e New York: Mouton de Gruyter. 1997.

PALMER, F. R. **Mood and modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PALMER, F. R. Mood and modality: basic principles. In: Brown, K., Miller, J. (ed.). **Concise Encyclopedia of Grammatical Categories**. Oxford: Elsevier, 1998. p. 229-235.

PASCUAL, E. Los espacios mentales y la integración conceptual. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, I. & VALENZUELA, J. (org.) **Lingüística Cognitiva**. Barcelona: Anthropos, p. 147-166, 2012.

PEREK, F. **Argument Structure in Usage-Based Construction Grammar: Experimental and Corpus-Based Perspectives**. Amsterdam: John Benjamins. 2015.

QUIRK ET AL. QUIRK, R; GREENBAUM, S; LEECH, G; SVARTIVIK, J. **A Grammar of Contemporary English**. London: Longman, 1985.

QUIRK, C.; MOONEY, R.; GALLEY, M. Language to code: Learning semantic parsers for if-this-then-that recipes. In: Proceedings of the 53rd Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics and the 7th International Joint Conference on Natural Language Processing (**Volume 1: Long Papers**). 2015. p. 878-888.

ROCHA LIMA, C, H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympo, 2011.

RODRIGUES, V. V. Cláusulas desgarradas e seus usos. In: RODRIGUES, V. V. Desgarramento de cláusulas em português: usos e descrição. São Paulo: Blucher, 2019. p.113-142.

RODRIGUES, V. V.; BARONI, G. do C. Cláusulas desgarradas e insubordinadas no português brasileiro. **Letras Escreve**, Macapá, v. 11, n.1. jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>.

RODRIGUES, V. V.; FONSECA, P. R. S. S. da. Desgarramento de cláusulas hipotáticas circunstanciais no Facebook. In: RODRIGUES, V. V. **Desgarramento de cláusulas em português: usos e descrição**. São Paulo: Blucher, 2019. p. 143-170.

SCHIFFRIN, D. **Discourse markers**. Cambridge University Press, 1987.

SCHWENTER, S. Viewpoints and polysemy: linking adversative and causal meanings of discourse markers. In: COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B; (eds.). **Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter; 2000.p. 257-281.

SIMONTON, D. K. Taking the U.S. Patent Office Criteria Seriously: A Quantitative Three-Criterion Creativity Definition and Its Implications. **Creativity Research Journal**, 24(2-3), 97-106. 2012. <https://doi.org/10.1080/10400419.2012.676974>.

SOARES DA SILVA, A. (Inter)subjetivação na linguagem e na mente. **Revista Portuguesa de Humanidades | Estudos Linguísticos**, v.15-, p. 93-110, 2011.

SOARES DA SILVA, A. Integrando a variação social e métodos quantitativos na investigação sobre linguagem e cognição: para uma sociolinguística cognitiva do português europeu e brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 16, n. 1, p. 49-81, 2008.

SOARES DA SILVA, Augusto Soares. The polysemy of discourse markers: The case of pronto in Portuguese. **Journal of Pragmatics**, v. 38, n. 12, p. 2188-2205, 2006.

SWEETSER, E. **From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TANTUCCI, V. **Language and Social Minds: The semantics and Pragmatics of Intersubjectivity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

TAYLOR, J. R. **The Mental Lexicon: How Language Is Represented in the Mind**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

TEIXEIRA, A. C. M. **A Construção Verbal Marcadora Discursiva Vlocmd: Uma Análise Funcional Centrada No Uso**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras. p. 298. 2015.

THOMPSON, S. A; MULAC, A. The discourse conditions for the use of the complementizer that in conversational English. **Journal of Pragmatics**, v. 15, ed. 3, p. 237-251, 1991.

TOMASELLO, M. **Constructing a Language: A Usage-Based Approach**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

TOMASELLO, M.; CARPENTER, M.; HOBSON, R. P. The emergence of social cognition in three young chimpanzees. **Monographs of the Society for Research in Child development**, p. i-152, 2005.

TRAUGOTT, E. Grammaticalization. In: JUCKER, A. H; TAAVITSAINEN, I (Org.), **Historical Pragmatics**. Berlim e New York: De Gruyter Mouton. 2010.

TRAUGOTT, E. The Role Of The Development Of Discourse Markers In A Theory Of Grammaticalization. **ICHL XII**, Manchester, 1995.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, G. (eds.), **The Oxford Handbook of Construction Grammar**, 49-69. Oxford: Oxford University Press. 2013.

VAN BOGAERT, A. F. Toward a conceptual understanding of asexuality. **Review of General Psychology**, v. 10, n. 3, p. 241-250, 2006.

VERHAGEN, A. Construal and perspectivization. In: GEERAERTS, D; CUYCKENS, H. (eds.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**, 48–81. Oxford: Oxford University Press, 2007.

VION, R. La modalisation. Un mode paradoxal de prise en charge. In: **La prise en charge énonciative**. De Boeck Supérieur, 2011. p. 75-91.

VISCONTI, J. Conditionals and subjectification: Implications for a theory of semantic change. In: **Up and down the cline—the nature of grammaticalization**. John Benjamins Publishing Company, 2008. p. 169-192.

WULFF, S. **Rethinking Idiomaticity: A Usage-Based Approach**. London: Continuum, 2008.